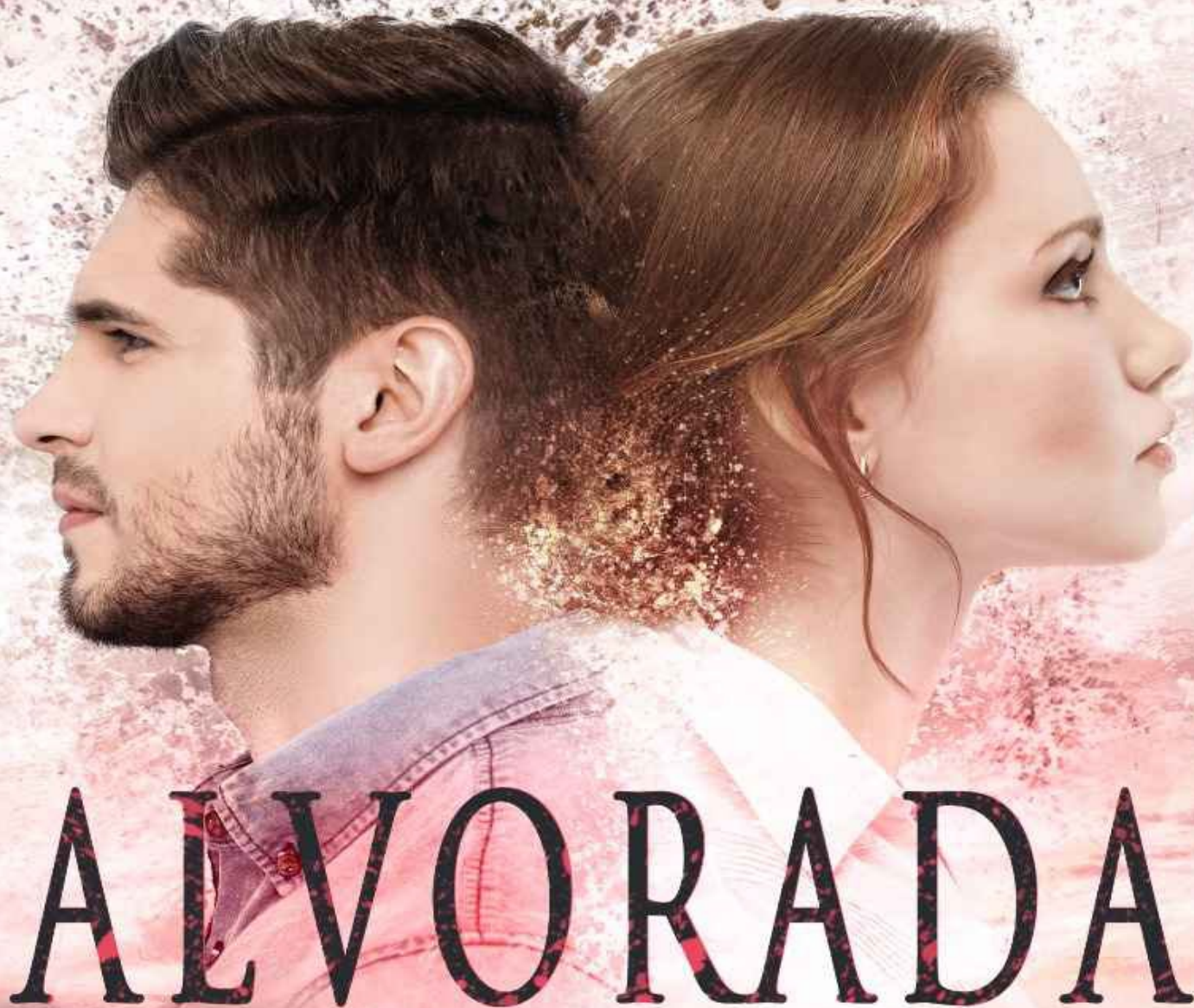


BIA CARVALHO

autora do livro Horas Noturnas



ÀS VEZES, SOBREVIVER É A ÚNICA ALTERNATIVA





BIA CARVALHO

ALVORADA

ÀS VEZES, SOBREVIVER É A ÚNICA ALTERNATIVA

1ª Edição

Santa Catarina - 2017



Copyright © 2017 Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte deste livro, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Editora Executiva: Simone Fraga

Editora Assistente: Júlia Caldato Malichieski

Revisão Editorial: Qualis Editora

Revisão Ortográfica: Vanessa Riccetti Pugliesi

Design de Capa: André Siqueira

Projeto Gráfico: Qualis Editora

Diagramação de e-book: Cristiane Saavedra

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C257a

Carvalho, Bia, 1986 -

Alvorada/ Bia Carvalho. - [1. ed.] -

Florianópolis, SC: Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda, 2017.

274 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-68839-53-9

1. Literatura brasileira 2. Romance brasileiro I. Título

CDD - B869.3
CDU - 821.134.3(81)

1ª edição - 2017



Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda
Caixa Postal 6540
Florianópolis - Santa Catarina - SC - Cep.88036-972
www.qualiseditora.com
www.facebook.com/qualiseditora
@qualiseditora - @divasdaqualis

*E se um dia hei-de ser pó,
cinza e nada
que seja a minha noite uma alvorada,
que me saiba perder...
para me encontrar....*

Florabela Espanca

*Divas
da Quarta*

A decorative graphic element consisting of a yellow ribbon tied in a bow, with a red rose attached to it. The ribbon and rose are positioned to the right of the text, partially overlapping it.

Para Lorena, com quem tenho minhas melhores conversas sobre
livros e que gosta de histórias de partir o coração.
Aí está uma feita especialmente para você.

SUMÁRIO

CAPA

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

PRÓLOGO

CONTRA A CORRENTE

CECÍLIA

IMENSIDÃO DE SEGREDOS

CECÍLIA

RODRIGO

ALMAS DO OCEANO

CECÍLIA

CECÍLIA

PEGADAS NA AREIA

CECÍLIA

RODRIGO

RODRIGO

SOMBRAS DA NOITE

RODRIGO

CECÍLIA

INEVITÁVEL

RODRIGO

CECÍLIA

RODRIGO

RODRIGO

A DANÇA DAS ONDAS

RODRIGO

CECÍLIA

VENTO NO LITORAL

RODRIGO

RODRIGO

RODRIGO

QUEBRA-MAR

CECÍLIA

CECÍLIA

SANGUE E MAREIA

CECÍLIA

RODRIGO

CECÍLIA

RODRIGO

HORIZONTES INFINITOS

RODRIGO

CECÍLIA

AMALDIÇOANDO ESTRELAS

RODRIGO

CECÍLIA

MAR REVOLTO

RODRIGO

CECÍLIA

RODRIGO

ROCHEDOS

CECÍLIA

CECÍLIA

RODRIGO

RODRIGO

AURORA BOREAL

RODRIGO

CECÍLIA

REVOADA

CECÍLIA

CECÍLIA

RODRIGO

CECÍLIA

RODRIGO

ÁGUAS TURVAS

CECÍLIA

RODRIGO

RODRIGO

ESCOLHAS

CECÍLIA

RODRIGO

RODRIGO

RODRIGO
NAS PROFUNDEZAS
RODRIGO
CECÍLIA
RODRIGO
SILÊNCIO
RODRIGO
CECÍLIA
CECÍLIA
RODRIGO
EPÍLOGO
CECÍLIA
AGRADECIMENTOS
NOTA DA AUTORA



PRÓLOGO



Janeiro de 2013

— *Está escuro aqui...*

Eu a ouvi, mas estava com sono demais para dar atenção.

— Escuro... muito escuro!

Sobressaltado, finalmente acordei com a voz falando na minha cabeça, como quem é importunado por um despertador inconveniente em plena madrugada. Por falar em relógio, virei o corpo em direção ao criado-mudo e chequei as horas. Passava um pouco das duas da manhã.

Olhei ao meu redor e percebi que o quarto estava vazio. A parca luz da varanda no andar de baixo, que sempre ficava acesa, era a única fonte de iluminação que me permitia enxergar qualquer coisa, principalmente meus pertences espalhados pelo chão; uns que haviam caído da minha mochila de viagem na pressa para me jogar na cama e dormir. Tinha chegado naquela mesma noite de uma competição na qual fui campeão. O que já era um costume, modéstia à parte. O único barulho que escutava era o das cortinas que dançavam levemente ao ritmo da brisa que soprava lá fora.

— *Está frio. Estou me sentindo tão sozinha...* — Ouvi Andreia falar de novo, soando chorosa e trêmula.

— *Pelo amor de Deus, Andreia! O que você está fazendo na piscina a uma hora dessas? Está bêbada?* — mentalizei, levantando-me da cama e conversando com a minha irmã sem emitir nenhuma palavra, como costumávamos fazer sempre. Era a forma como melhor conseguíamos nos comunicar.

O silêncio do outro lado foi perturbador. Todas as vezes em que Andreia usava aquele tipo de comunicação era porque tinha algo importante ou íntimo a dizer. O silêncio era bem incomum vindo dela. Porém, também era incomum que ela me chamasse àquela hora.

Intrigado, desci as escadas da casa e fui até o quintal onde ficava a piscina. Para a minha surpresa, não havia ninguém lá.

— *Andreia, onde você está?*

— *Frio...* — foi tudo o que ela disse.

— *Andreia, me diga onde você está que vou te buscar.* — Inseri um pouco de autoridade na voz, como se ela fosse uma criança desobediente. Porém, estava mais preocupado do que queria admitir.

— *Não vai dar. Não vou aguentar por muito tempo.*

— *Aguentar? Do que está falando?*

Enquanto me comunicava com ela, peguei as chaves do carro e comecei a correr para o lado de fora da casa.

— *Andreia, fala comigo! Onde você está?*

— *Não posso mais... Não posso!*

Novamente veio o silêncio. Daquela vez, de alguma forma, eu soube que ela não voltaria.

Dentro do carro, sem nem ter chance de dar a partida para começar a procurá-la, senti uma terrível agonia, como se parte do meu coração estivesse sendo arrancado do peito, dilacerando minha alma. Compreendia, bem lá no fundo, que o elo fora quebrado definitivamente.

Algo havia mudado para sempre.



I

CONTRA A CORRENTE



Junho de 2016
Solário – RJ

CECÍLIA

Não havia nada além de mar, areia e silêncio naquela manhã. Talvez houvesse também um pouco de mim, perdida na cena quase poética do amanhecer; um pedaço esquecido, misturado à melancolia que sentia, embora minha outra metade teimasse em não querer deixar para trás.

Deveria ser considerado uma blasfêmia, ou uma heresia, pensar em coisas tão negativas ou me sentir vazia com uma paisagem tão linda à minha frente.

Eu tinha um futuro todo delineado, passo a passo, e ele era brilhante, ao menos na minha mente. Terminaria a faculdade, seria efetivada no estágio, na empresa onde adorava trabalhar, e promovida ao menos uma vez por ano, porque — é claro — me empenharia para isso. Conheceria o homem da minha vida aos vinte e oito, me casaria aos trinta e começaria a formar uma família aos trinta e dois. Queria um menino e uma menina, que seriam a razão da minha felicidade, mas jamais abandonaria a carreira por eles, principalmente porque teriam uma excelente babá que cuidaria de tudo em minha ausência. Em momentos de folga, eu seria uma mãe exemplar, dona de uma vida perfeita.

Não havia nada de errado com meus planos, e eles foram seguindo muito bem até que tudo aconteceu. Infelizmente, faltou apenas que alguém me avisasse que planejar o futuro dessa maneira é o mesmo que conjurar uma maldição.

Havia um horizonte inteiro à minha frente. Uma linha reta que cruzava o mundo de ponta a ponta, com uma extensão infinita. Mas nem mesmo algo deste tamanho era capaz de me preencher; não quando o vazio do meu peito parecia um abismo no qual eu desejava apenas me jogar.

Aquela era a primeira manhã da minha nova vida. Uma completamente diferente da que teria escolhido para mim como segunda opção, já que o plano A não deu certo, mas a única que me restara. Não havia alternativa além de aceitá-la de braços abertos.

Era um domingo. O dia amanhecia lentamente, colorindo o céu de dourado. Eram apenas seis e meia da manhã. Resolvi acordar cedo para

aproveitar o nascer do sol na praia, o que, sem dúvida, proporcionou uma sensação cálida no meu peito.

Acordar em uma cama diferente daquela onde dormi nos últimos dois anos foi a prova definitiva de que tudo fora real, de que meu sonho cor-de-rosa de futuro não passava de um devaneio infantil, já que a realidade era completamente diferente. Não apenas se desdobrava em novas possibilidades ou novas escolhas, ela pisoteava e zombava de minhas esperanças como um vilão caricato de uma história em quadrinhos.

Eu não estava naquela cidade em busca de novos caminhos ou de um recomeço. Era minha única rota de fuga das lembranças que se materializavam em cada detalhe, palavra ou ação. Era minha válvula de escape, meu refúgio. O problema era que eu estava fugindo de mim mesma, uma perseguidora que jamais me abandonaria.

Já fazia três dias que havia chegado em Solário, mas era a primeira vez que saía de casa; sinal de que estava na hora de arrumar alguma coisa para fazer, embora minha avó insistisse que eu deveria descansar por mais algum tempo.

Contudo, decidi que seria melhor deixar a praia de lado, ao menos por aquela manhã, e voltar para casa, pois meu organismo já começava a entrar em abstinência pela falta de café. Minha avó morava em uma rua perpendicular à belíssima Praia da Fortuna, uma das principais de Solário, e eu estava exatamente sentada na areia branquinha, observando as águas cristalinas e o prelúdio do que prometia ser um dia maravilhoso, apesar de estarmos no inverno.

Com esse pensamento em mente, levantei-me, sacudi a areia do meu short jeans e dei uma olhada no mar. Foi quando o vi. A praia não estava vazia; havia algumas poucas pessoas espalhadas, mas, por algum motivo quase sobrenatural, meus olhos foram parar exatamente nele.

Em um primeiro momento, não consegui adivinhar o que tanto atraiu minha atenção, mas logo concluí que fora algo na forma como caminhava. Cheio de melancolia, como se não tivesse pressa de chegar a lugar algum. Como se não *quisesse* chegar. Olhava para o horizonte, procurando por alguma coisa, mas, ao mesmo tempo, não se interessando por nada ao redor, apenas pelo cachorro enorme que o seguia com adoração.

O sol batia em seu corpo, iluminando-o, e comecei a analisá-lo com mais cuidado. Possuía um cabelo bem curto, castanho claro, quase militar, um queixo quadrado, sombreado por uma camada espessa de barba, pescoço alongado, torso másculo e músculos proeminentes em uma altura imponente. Eram características marcantes, que teriam despertado o interesse de qualquer mulher que não fosse um vaso quebrado como eu. Para mim, ele não passava de uma alma aparentemente tão melancólica quanto a minha. Por mais que tivesse que me esforçar para enxergar suas feições com clareza, levando em consideração a curta distância que havia entre nós, uma coleção de sentimentos destacava-se em seu rosto, todos em conflito, tornando-o uma bagunça de emoções à flor da pele. Isso se evidenciava em seus movimentos e pela forma como andava, deixando uma trilha de pegadas na areia. Contudo, depois de alguns passos, parou subitamente.

Seus pés tocaram o mar e, ao sentir a água em contato com a pele, o rapaz fechou os olhos, absorvendo a sensação. Testemunhei quando respirou profundamente, movimentando seu peito para cima e para baixo, provando que lá estava a tristeza que eu tanto conhecia, porque a sentia também em mim.

O cachorro era um contraste naquela cena, pois, completamente insciente do que acontecia ao seu redor, fazia bagunça, jogando água e areia para todos os lados, brincando e correndo, sem nunca se distanciar muito de seu dono. De alguma forma, não consegui afastar meus olhos dos dois, homem e animal, até que meu olhar cruzou com o do rapaz por alguns segundos.

Nenhum dos dois recuou, mesmo eu estando levemente envergonhada por bisbilhotar um momento tão íntimo. Sentia como se um tipo de magnetismo nos atraísse, e eu sabia exatamente o que era: almas partidas se reconhecem mesmo quando os corpos por elas habitados são estranhos um ao outro. É como se fizéssemos parte de uma comunidade, uma sociedade anônima, onde tudo que nos resta é oferecer nosso pesar, mesmo de longe. Mesmo em silêncio.

Foi um contato breve, pois ele logo desviou o olhar e retomou sua caminhada, afastando-se cada vez mais até que eu o perdesse de vista. O último sinal de que realmente passara por mim, de que não se tratava apenas

de uma assombração, era o cachorro que, latindo saltitante, peregrinava em seu encalço.

Permaneci inerte por algum tempo, enquanto a imagem do triste desconhecido pulsava em minha mente. Não demorou muito, porém, para que finalmente se tornasse apenas um leve borrão. Foi quando me senti pronta para partir. Recolhi minhas coisas, peguei meus chinelos de dedo nas mãos e segui, calçando-os quando alcancei o calçadão.

Caminhei por cerca de cinco minutos e cheguei àquela que seria minha casa dali em diante. Abri a porta, e um barulho na cozinha me fez perceber que alguém já havia acordado. Deixei meus chinelos sujos de areia sobre o capacho e fui direto à cozinha, seguindo o cheiro do café como se estivesse hipnotizada.

Assim que entrei no cômodo, deparei-me com algo que me fez sorrir. Lá estava Pauline, minha prima, que também morava naquela casa, com um enorme fone de ouvido cor-de-rosa, rebolando ao som de alguma música que tocava em seu iPod. Cruzei os braços, apoiando-me no batente da porta, assistindo ao espetáculo. Quando seus olhos passaram por mim, ela levou um susto, colocando a mão no peito, ofegante, e tirou os fones.

— Caramba, Cecília! Que susto você me deu! — Recompondo-se, Pauline ajeitou os cabelos e a roupa, tentando recuperar sua dignidade depois do espetáculo impagável.

— Me desculpa. Vim atrás de café — apontei para a cafeteira, onde a maravilhosa bebida dos deuses fumegava.

— Ah, está quase pronto. Pode deixar que eu te sirvo. Vá se sentar.

Ela abriu o armário sobre a pia e pegou duas xícaras, não de café, mas aquelas maiores, de chá, o que me fez quase suspirar de satisfação ao imaginar que Pauline devia ser tão apaixonada pela bebida quanto eu, embora não pudesse afirmar, já que nunca tivemos muito contato.

A verdade era que nossas mães eram irmãs, mas, por algum motivo que eu desconhecia, tinham brigado e nunca mais voltaram a se falar, nem mesmo quando uma delas ficou à beira da morte. A discussão se dera há muitos anos, o que prejudicou nossa relação de primas. Não fazia ideia do que aconteceria

conosco dali em diante, mas esperava que pudéssemos nos tornar amigas, já que moraríamos juntas.

Obedecendo-a, sentei-me à mesa da cozinha e esperei que ela se juntasse a mim. Além do delicioso aroma do café sendo passado, também reconheci o inconfundível cheiro de misto quente, que eu adorava, embora não andasse com muito apetite nos últimos tempos.

Pauline, então, entregou-me uma bela xícara de café, e a primeira golada desceu pela minha garganta como um néctar dos deuses. Fui recuperando os cinco sentidos aos poucos, lentamente voltando à consciência; e foi quando me dei conta de que minha prima me chamava.

— Cecília?

— Me desculpe. Estava apreciando o momento. Seu café é muito bom. — Suspirei, e ela abriu um sorriso.

— Obrigada. Que bom que gostou. Se quiser, posso preparar um misto para você também.

— Não, obrigada. Não estou com fome.

— Vovó me disse que você não comeu quase nada desde que chegou — ela falou, com o cenho franzido, sentando-se à mesa.

Já era de suspeitar que elas falassem sobre mim quando eu não estava por perto, mas a última coisa que queria era que se preocupassem.

— Sei que passou por algo bem barra pesada, embora não queira nos contar o que foi, só que precisa se fortalecer. Nunca tivemos muito contato, mas você me parece uma garota forte — ela prosseguiu —, então, sei que vai superar o que quer que tenha acontecido. Só que precisa recarregar as energias para poder seguir em frente.

Era a primeira vez que uma delas abordava o assunto. Desde que cheguei, minha avó lidava comigo como se eu fosse uma boneca de porcelana — exatamente o que eu não queria, mesmo que ela tivesse a melhor das intenções. Nenhuma das duas sabia o que tinha acontecido, mas não precisava ser um observador muito atento para perceber que eu estava dilacerada por dentro.

— Vai ficar tudo bem. Só preciso de um tempo.

— Ah, sim. Tempo é sempre um bom remédio — ela concordou, enquanto bebericava um gole do café. — Mas conversar também pode ser. Confiar, desabafar... Na hora certa, é claro.

Havia uma mensagem muito clara nas entrelinhas do que Pauline dizia. Ela estava me oferecendo um ombro amigo caso eu decidisse contar para alguém sobre o meu trauma. Era uma oferta generosa e, sem dúvida, tentadora. Contudo, não me considerava preparada para falar. Não porque quisesse manter segredo, mas simplesmente porque não queria forçar minha memória a reviver todos aqueles momentos para poder verbalizar a história. Não queria e não *podia*.

— Um dia vou estar pronta para falar. Por enquanto...

— Ninguém está te pressionando. — Ela me interrompeu quando me enrolei com as palavras antes mesmo de começar a explicar. Diante de sua resposta, tudo o que consegui fazer foi balançar a cabeça em concordância e voltar a tomar meu café em silêncio.

Aquela breve conversa me surpreendeu, especialmente porque eu sabia muito pouco sobre Pauline, por mais que tivesse feito muitas perguntas sobre ela para a minha avó. Contudo, sempre que minha prima era mencionada, era descrita como calma, séria e ajuizada, o total oposto de mim, que sempre fui agitada, inquieta, levemente rebelde, ainda que também fosse responsável. Agora que a tinha na minha frente, em carne e osso, percebia que, talvez, pudéssemos ter outras coisas em comum.

Comíamos em silêncio quando minha avó entrou na cozinha, cantarolando. Assim que me viu sobressaltou-se, exatamente como tinha acontecido com a minha prima, mas por motivos diferentes.

— Querida, que bom que veio tomar café com a gente! — Sem cerimônias, ela se aproximou de mim e depositou um beijo no alto da minha cabeça. Em seguida, fez o mesmo com Pauline e foi se servir.

Mal teve tempo de tocar em seu café, pois a campainha tocou. Apressou-se em atender, e eu percebi que Pauline não estava nem um pouco surpresa ou curiosa, uma vez que já devia saber de quem se tratava. Quando vovó retornou, trazia consigo um senhor bem apessoado, mais ou menos da idade dela, que parecia muito constrangido.

— Será que cheguei em má hora? — com uma voz grave de tenor, ele perguntou, coçando a cabeça de fartos e lisos cabelos brancos, que um dia deviam ter sido bem claros. Talvez loiros.

— Claro que não, querido.

Querido?

Antes que eu pudesse começar a conjecturar ou formar teorias na minha cabeça, ela passou um braço ao redor da cintura dele e o apresentou.

— Cecília, este é Omar, meu namorado.

Uau! Aquela era uma surpresa e tanto. Cheguei a ficar zozza com a rapidez com que absorvi a informação. Era uma surpresa boa, é claro. E também... *inusitada*.

Completamente sem jeito, Omar estendeu a mão enorme na minha direção, como se não soubesse se aquela era a forma certa de agir. Eu o cumprimentei, tentando demonstrar o máximo de simpatia possível, embora meu sorriso andasse tão sem vida quanto um céu nublado de inverno.

— Seja bem-vinda, Cecília! — Ele também tentou sorrir, e foi naquele exato momento que me dei conta de que era um de nós, um membro da sociedade anônima das almas partidas.

— Obrigada. — Retribuí seu aperto de mão firme.

Assim que nos afastamos, Pauline apontou para a cadeira vazia da pequena mesa da cozinha, dizendo:

— Sente-se, Omar. Acabei de passar um café. — Ele sorriu diante do convite e acabou aceitando, ainda um pouco hesitante em relação a mim. Não porque fosse antipático, só parecia bastante tímido, como se não soubesse lidar com pessoas novas. De alguma forma, aquele homem já me despertava empatia, afinal, o sorriso no rosto da minha avó dizia que ele a fazia feliz, o que bastava para mim.

Omar sentou-se ao meu lado esquerdo, e minha avó o serviu.

— Cecília, você ainda se lembra de alguma coisa da época em que morava aqui em Solário? — Pauline novamente puxou assunto.

— Bem, eu era muito pequena. Apesar de ainda me lembrar de algumas coisas, sei que muitas devem ter mudado.

— Ah, claro — Pauline respondeu despreocupadamente, esforçando-se ao máximo para que a conversa fluísse com naturalidade. — Mas ainda deve ter muita gente da sua época. Não é, vovó?

— Sim, querida. Você ainda se lembra dos amiguinhos daqui, Cecília?

— Alguns. Sei que tinha uma menina que estudava comigo e que era minha melhor amiga. Chamava-se Karine. Aliás, ela me mandou um e-mail há algum tempo. Acho que tem uns dois anos. Confesso que estranhei, porque não tínhamos mais contato. Ainda mora aqui?

De súbito, uma nuvem negra se instalou sobre nossas cabeças. Minha avó virou a cabeça na direção de Omar, que ficou inerte, congelado. Ele parecia desconfortável em relação àquele assunto.

Foi então que eu soube. Encontrei nos olhos de minha avó aquele brilho fúnebre de quem precisa compartilhar uma má notícia e hesita por pura falta de coragem. Quase repeti a pergunta, já certa de que não receberia uma resposta agradável, mas não foi necessário.

— Karine faleceu, querida. — Apesar de ter sido direta, a resposta veio com cautela, em um tom de voz baixo, calmo, soando como uma cantiga de ninar.

Antes mesmo de a notícia ter sido dada efetivamente, as expressões ao meu redor já me levaram a crer que haveria morte envolvida. Afinal, não é ela que encerra tudo, que é irreversível e implacável?

— Faleceu? Mas... como?

— Sofreu um acidente de barco. Já faz dois anos.

— Não estava sozinha, aliás — mais uma vez, Omar manifestou-se. Pude perceber que havia dor em seus olhos... uma pura dor emocional que escapava por meio de seus gestos e pela forma como se remexia na cadeira. — Pode contar tudo para ela, Zuleika.

— Mas essa história te machuca.

— E vai continuar machucando pelo resto da vida. Falar não vai piorar nem melhorar nada. As lembranças estão aqui — ele bateu com o dedo indicador na própria cabeça —, nunca vão se apagar.

Eu entendia muito bem sobre lembranças ruins, que pareciam se costurar ao cérebro em retalhos, formando uma colcha desigual. Exatamente por isso, imaginava que trazer aquelas memórias à tona não seria nada fácil. Minha vontade, portanto, sem nem mesmo conhecê-lo, foi segurar sua mão e apoiá-lo, em uma corrente silenciosa.

— Tem certeza, querido? — Zuleika insistiu.

— Ela vai acabar sabendo, de uma forma ou de outra. É melhor que seja por você, que vai contar a história sem mentiras, como deve ser contada.

Apesar de ter concordado, Omar levantou-se e começou a se afastar, tentando esconder e preservar um pouco de suas emoções. Aquele era o poder das tragédias; elas chegavam sem avisar, de forma rápida, súbita e devastadora, mas traziam consequências eternas. Eram tão cruéis que podiam abater qualquer um, como uma tempestade poderosa e invencível estragando um lindo dia de sol.

Minha avó engoliu em seco e respirou fundo. Olhou para Pauline, como se buscasse apoio, e começou a falar assim que minha prima balançou a cabeça, incentivando-a:

— Karine e uma amiga saíram de barco até uma festa na Ilha Vermelha. Até hoje não sabemos exatamente o que aconteceu, só que elas atingiram uma pedra e acabaram batendo com a cabeça com o impacto. Karine morreu na hora, e Andreia sobreviveu, mas ficou muito tempo submersa até receber ajuda. Acabou sofrendo terríveis sequelas. — No momento em que a segunda moça foi mencionada, ouvi a pesada respiração de Omar e o vi inclinar o corpanzil para apoiar-se no batente da porta da cozinha, como se não conseguisse sustentar-se sozinho. Não demorei a concluir que a moça devia ter alguma ligação com ele, o que logo foi explicado por minha avó, ao perceber que eu o observava. — Andreia é neta de Omar.

Novamente, voltei meus olhos na direção dele e o vi encurvado, como se a tragédia ainda pesasse em suas costas. E não era para menos. As pessoas sofriam com a morte, mas sabiam lidar com ela. Contudo, um acidente como aquele era o tipo de coisa que uma cidade como Solário, com menos de trinta mil habitantes, comentava por anos. Ao pensar nisso, compreendi exatamente toda a relutância de Omar em tocar no assunto.

— É uma ironia. — Ele riu de forma sarcástica. Seu tom de voz funcionou como uma lâmina afiada cortando o breve silêncio que se formou. — Andreia era uma exímia nadadora. Competia, amava o mar, mas acabou assim... como um vegetal. Pobre menina.

— Eu lamento muito — foi tudo o que consegui dizer. Provavelmente poderia ter falado muito mais, porém temi soar ofensiva mesmo sem querer.

A notícia me abalou de tal forma que comecei a me recordar melhor de Karine. Embora a maioria dos detalhes ainda estivesse muito distante, eu sabia que fomos boas amigas, como duas crianças podiam ser. Sempre que uma imagem surgia em minha mente, um pouco embaçada pela neblina do tempo, eu associava nosso convívio a pores do sol, limonada, risadas e bonecas descabeladas jogadas na areia da praia. Jamais esperei voltar a vê-la algum dia. Por mais que tenhamos feito uma promessa de mantermos o contato, entre choros remelentos de criança, nunca a cumprimos.

Até ela me mandar aquele e-mail. Lembro-me de tê-la respondido, mas não recebi nenhuma outra mensagem em seguida. Não estranhei na época, mas naquele momento fazia sentido. Ela morrera pouco depois. O quão mórbido era isso? Eu nem sequer me recordava de suas palavras. Precisaria relê-las o quanto antes.

Era estranho ter a constatação de que nunca mais a veria e que tudo que teria dela seriam aquelas lembranças envelhecidas.

Pensar nisso fez meu coração se revirar dolorosamente dentro do peito.

— Eu tinha fotos com Karine, não tinha? Será que ainda você ainda guardou alguma, vó? — Fiz um esforço para que minha voz não soasse embargada por conta do quão emocionada fiquei com a notícia.

Ela pensou um pouco, diante da minha pergunta, e virou-se para Pauline.

— Há pouco tempo você remexeu naquela caixa de fotos, não foi? — Minha prima assentiu. — Tinha alguma de Cecília com Karine?

— Mais de uma. Vou pegá-las. — Pauline fez menção de se levantar, mas minha avó segurou seu braço, impedindo-a.

— Não sei se é uma boa ideia. Cecília já está abalada o suficiente. Ela não deveria estar recebendo esse tipo de notícia. Veio para cá para tentar superar o que aconteceu.

— Eu estou bem, vó. De verdade. Queria muito ver uma foto de Karine.

As duas se entreolharam, mas Pauline acabou decidindo, por si só, fazer o que pedi. Quando retornou, minutos depois de se afastar, trazia nas mãos três fotografias, que foram entregues a mim logo que se aproximou.

Assim que ajeitei-as nas mãos, colocando-as na posição correta, uma coleção de recordações me atingiu como um furacão descontrolado. Como pude permitir que aqueles cabelos cacheados e muito negros, os olhos castanhos claros, o sorriso fácil, as bochechas rosadas e o nariz arrebitado fossem deixados perdidos em uma zona morta dos meus pensamentos? Ela devia ter sido inesquecível, não apenas mais uma amizade como tantas outras que vamos deixando pelo caminho, enquanto nossa memória vai nos pregando peças.

Lágrimas discretas começaram a molhar meus olhos e meu rosto. Não chorava apenas pela morte que acabara de descobrir. A morte não era a única vilã, embora sempre fosse a mais cruel antagonista em todas as histórias. Ali, o vilão era o *tempo*.

Olhando para aquele retrato, observando a criança sonhadora que fui um dia, comecei a me perguntar o porquê de Karine ter se lembrado de mim tão pouco antes de partir. Ainda mais de uma morte acidental, algo que não pudera prever.

— Como está a mãe dela? — A memória voltou com toda força a partir dos retratos que tinha em mãos, então, não pude deixar de me lembrar que a mãe de Karine a criava sozinha e que, provavelmente, não tivera ninguém para ampará-la depois da tragédia.

— Dizem que não está muito bem da cabeça.

— Pauline! — minha avó alterou a voz para um tom de repreensão. — Não fale assim da mulher!

— Mas é a mais pura verdade! Todo mundo sabe disso.

— E quem poderia julgá-la? — Omar tomou a palavra para si. — Eu mesmo quase perdi a sanidade quando me deparei com minha Andreia no estado em que ficou. Meu filho, pobre coitado, também não reagiu de uma forma muito lúcida.

— Eu gostaria de visitá-la.

— Quem? A louca? — Pauline falou, quase que por impulso, chegando a se engasgar com o café que ainda bebia. O meu permanecia praticamente intocado, com exceção de algumas goladas desanimadas. Sob o olhar de censura de nossa avó, minha prima pigarreou e se corrigiu, em tom de desculpa: — Ou melhor... Solange? Tem certeza, Cecília? Não sei se é uma boa ideia.

— Me sinto no dever de fazer isso. Claro que ela nem deve se lembrar de mim, eu só tinha sete anos quando fui embora. Mesmo assim, queria dizer que lamento muito.

Todos os três, novamente, se entreolharam, e me senti como se fosse uma interna em um hospício, precisando da autorização dos médicos para passear pelo jardim sem supervisão.

— Solange pode estar um pouco desequilibrada, mas é inofensiva. Nunca faria mal a ninguém — Omar afirmou, e minha avó, contrariada, bufou.

— Vou te dar o endereço, Cecília, mas ainda não sei se é uma boa ideia.

— Não vou demorar — garanti, e todos acabaram concordando.

Pauline me explicou mais ou menos o caminho, enquanto vovó anotava para mim o nome da rua. Ambas afirmaram que não levaria muito mais do que quinze minutos de caminhada. Como a temperatura estava agradável, decidi aproveitar a jornada para relaxar um pouco.

Terminamos de tomar nosso café da forma mais harmônica possível, e antes que alguém mudasse de ideia, eu logo rumei para meu quarto a fim de tomar um banho e vestir algo que não fosse um pijama. Assim que fiz as duas coisas, saí sem me despedir de ninguém, levando no bolso da calça jeans o papel com o endereço que minha avó me passara.

Tentei afastar todos os pensamentos mais mórbidos da minha mente e decidi focar no presente, nas pessoas bonitas e bronzeadas que passavam por mim, nas gargalhadas que ouvia ao meu redor, no cheiro de maresia que me cercava e nas paisagens que aquela cidade tinha para oferecer. Naquele momento, eu estava vivendo em um lugar que era considerado paradisíaco, no coração da Região dos Lagos. Ainda que fosse a cidade menos badalada dos arredores, como Arraial do Cabo e Búzios, era comparada a elas por suas belezas naturais.

Exatamente como Pauline me dissera, a jornada foi curta e prazerosa. Contudo, as boas sensações que acumulei pelo caminho desapareceram no momento em que me vi diante da porta da casa que um dia fora de Karine. Eu me lembrava dela, apesar de estar bem mais mal tratada. Todas as vezes em que batia àquela porta, aos sete anos, era recebida com sorrisos por pessoas felizes e por uma criança radiante, pronta para brincar. Naquele instante, o que aconteceria? Por conta da dúvida, hesitei.

Mas já tinha chegado até ali, não tinha? Era hora de engolir os medos e oferecer meus sentimentos.

Quando dei por mim, já estava sendo atendida por uma mulher de olhar desconfiado e rosto estranhamente familiar.

— Tia Solange? — perguntei com certa cautela. Reconhecia a mulher à minha frente, assim como a casa, ainda que ambas estivessem bem mais envelhecidas, mas preferi esperar pela confirmação para não cometer uma gafe.

— Sou eu. E você, quem é? — respondeu com rispidez.

— Não sei se a senhora vai se lembrar de mim. Meu nome é Cecília Rangel, sou neta de Zuleika e era amiga de...

— Já me lembro de você. — Ela me interrompeu. — Só não sei o que está fazendo aqui depois de tanto tempo. Além disso, se veio me dar os pêsames está dois anos atrasada.

Não que eu esperasse ser recebida com abraços e palavras de carinho, mas não contava que seria alvejada por sete pedras.

— Só soube hoje. Lamento muito. Gostaria de ter estado por perto para ajudar... de alguma forma. — As três últimas palavras soaram como um sussurro, como se eu pedisse desculpas, por mais que nem eu mesma entendesse o motivo. Qual era a minha culpa no acidente? Estava a quilômetros de distância quando aconteceu. — Posso entrar?

— Para quê?

Hesitei novamente antes de responder, porque precisei pegar fôlego.

— Eu já perdi coisas demais nos últimos tempos, aguentei mais porradas do que a senhora pode imaginar sem despencar. Talvez não entenda sua dor,

porque nunca tive um filho, mas acho que tenho o direito de me despedir de uma amiga e saber o que aconteceu. Ela me mandou um e-mail pouco tempo antes de morrer.

— Mandou? — Sua expressão se transfigurou em um misto de dúvida e surpresa.

— Sim. Na época imaginei que quisesse retomar a amizade, mas nunca me respondeu. Agora sei o porquê. E a senhora não faz ideia do quanto estou triste por isso.

Talvez minhas palavras tenham sido suficientes... Ou talvez tenha sido a forma como foram ditas, cheias de pesar e estranguladas, pois a mulher abriu caminho para que eu passasse. Em seguida, apontou uma poltrona rasgada, como se me convidasse para sentar. A mobília era apenas um detalhe esfarrapado no meio daquela confusão de cinza, poeira e sombras. Era apenas mais uma representação tangível de um sofrimento que não se contentava em habitar somente o interior de uma pessoa, mas que transbordava para o cenário, como uma enchente de um temporal castigador.

— O que ela disse no e-mail? — Solange pareceu verdadeiramente interessada.

— Eu não me lembro e...

— Como não se lembra? Ela não era sua amiga?

— Me desculpe. Como já disse, passei por alguns problemas e acho que minha cabeça está um pouco confusa em relação a tudo. Eu só queria saber o que aconteceu com Karine. *Como* aconteceu, na verdade. Ainda estou em choque e...

— Você quer *mesmo* saber? — Solange me interrompeu. Havia um estranho sorriso sarcástico em seu rosto.

— Quero. Quero, sim.

— Um acidente? É o que eles dizem, não é? — ela riu com desdém, enquanto acendia um cigarro. Não me lembrava de vê-la fumando durante a minha infância. — Estão todos errados. Cegos por não quererem ver. Minha filha não sofreu uma porcaria de um acidente. Ela foi assassinada.



II

IMENSIDÃO DE SEGREDOS



CECÍLIA

Se a vida fosse uma figura geométrica, sem dúvida seria um círculo. Não importa o quão longo seja o caminho percorrido, quantas escolhas diferentes fazemos, acabamos voltando para o mesmo lugar. Sempre. De uma forma ou de outra.

A palavra “assassinada” não era nova em meu vocabulário. E a sensação de ouvi-la sendo relacionada a alguém próximo a mim também não era inédita em minha vida. Era como se a morte estivesse me perseguindo.

A informação me atingiu com tanta força, com tanta violência, que tive a certeza de que teria cambaleado se estivesse de pé. Precisei buscar fôlego e fazer com que meu cérebro ordenasse meus pulmões a voltarem a respirar.

— A-assassinada? — gaguejei.

— Acho que você deve conhecer o significado dessa palavra, não conhece?

Solange cuspiu grosserias sem remorso, mas eu me sentia chocada demais para julgá-la. Se analisasse com cautela, não poderia jamais condenar o comportamento ríspido de uma mãe que perdeu uma filha daquela forma. A verdade era que, apesar da rudeza com que estava me tratando, tudo o que eu mais queria era confortá-la.

Entretanto, embora estivesse comovida com sua dor, comecei a pensar que a hipótese de assassinato me soava fantasiosa demais, um produto de uma mente perturbada.

— O que faz a senhora acreditar na hipótese de que alguém matou Karine? — indaguei depois de ter absorvido a ideia e ponderado tudo com cuidado.

— Hipótese? — Indignada, Solange deu mais um trago no cigarro, demonstrando total impaciência. — Não é uma hipótese. É uma *certeza*. Karine vinha agindo de forma estranha pouco antes de morrer. Como se escondesse um segredo.

— Mas às vezes as pessoas realmente guardam segredos. Não é uma coisa assim tão anormal.

Mais uma vez, a mulher me olhou com desconfiança. Suas sobrancelhas arqueadas e os olhos semicerrados demonstravam que a cada movimento, a cada frase daquela conversa tão peculiar, ela me avaliava. Era uma sensação incômoda. Eu não fazia parte da história, era apenas uma expectadora imparcial. Apesar disso, era de uma vida que estávamos falando. Assassinato ou acidente, Karine tinha morrido, e nada mudaria isso. No entanto, saber a verdade poderia fazer a diferença. Ainda mais se houvesse mesmo um culpado à solta.

— Há muitas coisas mal contadas nessa história, garota — ela comentou em tom de confissão.

— Por exemplo?

— Por exemplo? — Solange riu com escárnio. — Karine e Andreia estavam sem se falar na época do acidente.

— E por quê? A senhora sabe?

— Não faço ideia. Mas há algo de muito estranho nos gêmeos da família Fernandes. Algo de sobrenatural. — A forma como ela arregalou os olhos me fez inclinar o corpo um pouco para trás, assustada.

— Como assim?

— Tanto Andreia quanto Rodrigo são campeões de apneia. Ambos têm recordes absurdos. Ela podia ficar mais de quinze minutos na água; ele, mais de vinte. E isso era o que mostravam em público. Talvez conseguissem muito mais.

— Vinte minutos? Mas isso é humanamente impossível.

— Não falei que tem algo de sobrenatural neles? — Solange abriu um sorriso de satisfação por pensar que eu também estava achando tudo aquilo muito absurdo.

Eu realmente estava, mas não conseguia — ao menos ainda — acreditar em tudo o que ela dizia, porque nada fazia muito sentido. Poderes sobrenaturais? Parecia mais um roteiro de filme do que a vida real. Se aquela história me tivesse sido contada alguns meses atrás, seria desacreditada por completo e interpretada como pura loucura, mas, naquele momento, me deixei levar. Claro que a teoria de dons especiais estava um pouco difícil de engolir, mas quem seria capaz afirmar que algumas vidas não poderiam se

parecer com um roteiro de quinta categoria, com um final completamente imprevisível?

— Você não está acreditando, está? — O sorriso desapareceu de seu rosto, dando lugar a uma expressão decepcionada. — Isso não me surpreende. Você é igual a eles... Igual a todos dessa cidade; os amigos de Karine, a polícia... Estão todos contra mim! — exclamou em um tom de voz alterado, colocando-se de pé e apagando o cigarro em um cinzeiro. — Todos acham que sou louca, e talvez eu seja mesmo, mas prefiro manter minha loucura e não ser enganada por mentiras. Sou a única que aceita a verdade.

Deixei que ela fizesse seu breve discurso e a ouvi em silêncio. Até porque, o que eu poderia dizer? Solange realmente conseguira me deixar confusa. Suas palavras e seu tom de voz denunciavam que estava realmente perturbada, precisando de um tratamento. Contudo, algo em seus olhos gritava; era como se houvesse um monstro dentro deles, suplicando que alguém enxergasse a verdade que precisava ser descoberta e que ninguém mais conhecia.

Toda aquela situação começava a me deixar agoniada. Não apenas por todo o infortúnio da vida daquela mulher — que já seria motivo suficiente —, nem pelo fato de envolver uma amiga querida do meu passado, mas por trazer à tona também os *meus* demônios.

Talvez ainda não estivesse preparada para ouvir uma história tão obscura, tendo sofrido um trauma recente. No entanto, eu havia sobrevivido sem cicatrizes mais profundas, embora ainda sofresse em uma intensidade imensurável. A mulher à minha frente perdera muito mais do que apenas sua alegria de viver e uma pessoa amada; tinha perdido a lucidez.

Pensando em tudo isso, fiz algo que provavelmente não teria feito se não estivesse com o coração dolorosamente partido: levantei-me de onde estava sentada e me aproximei de Solange, colocando os braços ao redor dela para abraçá-la, inesperadamente.

Por um momento, ela não esboçou nenhuma reação. Simplesmente não soube o que fazer, já que vivia tão sozinha, sendo considerada como insana por todos os lados. Deveria ter esquecido qual era a sensação de ser tocada daquela forma.

A loucura era uma espécie de morte também. Era uma forma de esquecer-se de si mesmo, de perder-se em uma realidade abstrata e absurda, deixando a alma de luto. Atirar-se na escuridão do profundo e eterno abismo da insanidade era a maneira mais cruel de se perder a vida. Sabendo disso, senti meu peito contrair de tanta compaixão. Tentei demonstrar todo esse sentimento por meio daquele abraço.

Solange, por sua vez, depois de alguns minutos imóvel, mantendo os braços quase presos ao lado do corpo, passou-os ao redor da minha cintura e agarrou-se a mim como se eu fosse seu último fio de esperança. Não dissemos nada, porque não havia mais nada a ser dito.

Quando se esgotou a cota de lágrimas a serem derramadas naquele dia, ela se afastou, enxugando o rosto e virando-se de costas para que eu não testemunhasse ainda mais sua vulnerabilidade.

— Vá embora, Cecília. Você não tem mais nada a fazer aqui.

Ela estava certa. Eu realmente não tinha mais desculpas para permanecer naquela casa, tão carregada de memórias mórbidas e sentimentos confusos. Também não queria mais ficar ali. Precisava respirar ar puro e acalmar minha inquietude. Já tinha recebido as informações que fora buscar.

Sem dizer nada, saí porta afora e segui meu caminho. Mais do que qualquer outra coisa, queria encontrar aquele e-mail. Precisava reler o que Karine tanto desejara me dizer depois de tanto tempo afastadas.

Então, antes de tentar descansar, acessei o aplicativo do Gmail do próprio celular e busquei a mensagem. Estava lá, guardada... minha última recordação da minha amiga.

Oi, Cecília.

Saiba que estou me sentindo uma boboca mandando este e-mail para você, já que imagino que nem deva se lembrar de mim. Mas eu me lembro. Nunca me esqueci daquela que, provavelmente, foi a única amiga sincera que tive.

Éramos inseparáveis quando crianças, e hoje me arrependo muito de não ter mantido contato com você. Estou sentindo falta de alguém para conversar. Tem muitas coisas acontecendo comigo neste momento; coisas sobre as quais não posso conversar com minha mãe, mas queria ter um ombro amigo para desabafar. Alguém que não esteja mais em Solário, que seja imparcial e que não conheça as pessoas daqui.

Busquei você no Facebook. Procurei nos amigos da Pauline e te achei. Consequentemente, encontrei seu e-mail. Não quis enviar uma solicitação de amizade, porque imaginei que você poderia não me aceitar e nem me reconhecer. Achei que assim seria uma boa forma de retormarmos o contato.

Espero que me responda.

*Grande beijo,
Karine.*

Claro que me lembrei dela. Na mesma hora. Fiz questão de dizer isso na resposta. Também demonstrei toda a minha alegria em retomar aquela amizade que fora igualmente importante para mim. Deixei bem claro que ela poderia me adicionar no Facebook e me mandar mensagem sempre que quisesse, e que poderia fazer o mesmo pelo Whatsapp, do qual lhe passei o número, só que nunca recebi outro contato.

Na época não achei estranho e, mesmo se tivesse achado, minha vida era agitada demais para perceber. Tanto que nem me dei conta, por sua mensagem melancólica, que aquela garota talvez precisasse da minha ajuda.

Minha mente, naquele momento, tinha apenas dúvidas... teria ela sido realmente assassinada?



RODRIGO

Diziam que o pôr do sol parecia chegar cada dia mais cedo, como se o mundo estivesse com pressa, em contagem regressiva. Para mim, em contrapartida, era como se a vida caminhasse em câmera lenta. Exatamente do jeito que eu gostava. Apreciava os momentos, como se cada um deles pudesse se tornar uma lembrança. Como se não passassem de um fragmento efêmero de esperança.

Tinha à minha frente tudo o que mais amava: o mar, o sol se pondo no horizonte e meus pensamentos. Não que minha mente vivesse em harmonia, como acontecia com o espetáculo da natureza que assistia, mas a vida me ensinou, a duras penas, que deveria agradecer mais do que reclamar.

Como poderia ser capaz de criticar minha existência quando tinha o privilégio de presenciar, todos os dias, uma imagem como aquela? O momento exato em que o sol mergulhava no mar era o instante em que me sentia mais próximo ao astro-rei.

Sentado na areia, me mantinha imóvel, enquanto o céu lentamente se pintava de dourado. Em horas como aquela, eu travava diálogos imaginários e telepáticos com ele. Embora nunca recebesse respostas, isso fazia com que me sentisse menos só.

Nunca gostei da solidão. Sempre fui adepto a casas cheias, risadas preenchendo o ambiente, roda de amigos, festa e alegria. Desde que tudo aconteceu, passei a preferi-la. Comecei a valorizar os momentos que passava apenas comigo mesmo, buscando poesia no silêncio e reparando em coisas nas quais nem sequer prestava atenção antes. Por tudo isso, eu poderia dizer com segurança que não queria outra companhia naquele entardecer além do mar e do pôr do sol, mas o destino conspirou para que não fosse assim.

Mesmo estando de costas, consegui perceber que alguém se aproximava. Olhei em sua direção e precisei piscar algumas vezes para tentar reconhecer a figura que se aproximava, a passos desesperados e trôpegos, apressada e olhando para todos os lados como se estivesse sendo perseguida.

Conforme a mulher foi se aproximando, consegui enxergar Solange Vieira naquela criatura descomposta. Eu a conhecia há muito tempo, mas agora parecia completamente diferente da pessoa equilibrada e gentil que me foi

apresentada. Na época, não possuía cabelos tão curtos e não era tão magra ao ponto de suas roupas parecerem emprestadas de alguém com o dobro de seu peso. Ela me assustava um pouco, principalmente porque me lembrava muito bem da última conversa que tivemos e que em nada me agradou.

Levantei-me apressadamente, limpei a areia impregnada na minha bermuda e a esperei.

Quando ela chegou bem perto, levemente ofegante, nem sequer me cumprimentou, foi logo atropelando as palavras.

— Fui até à casa do seu avô, e ele me disse que poderia te encontrar aqui. Podemos conversar? Por... favor? — Seu tom era de súplica.

Eu conhecia a fama que ela tinha adquirido depois da morte da filha. Era a louca da cidade, e muitos eram os boatos a respeito de seu comportamento. Sendo assim, o que poderia querer comigo? Intrigado, respondi:

— Tudo bem.

Ultimamente, eu não andava muito aberto a conversas, a não ser aquelas que era obrigado a ter por conta do meu trabalho. Sentia-me estragado em um nível mais pessoal, sempre me esquivando quando o assunto atingia um nível mais íntimo. O que me levava a concluir que aquela mulher estava prestes a me tirar da minha zona de conforto.

— Uma garota foi na minha casa hoje fazendo perguntas sobre Karine. Disse que recebeu um e-mail dela há dois anos, pouco antes de sua morte. Você sabe que eu tenho me mantido calada por muito tempo, já que ninguém acredita em mim, mas também sabe qual é minha opinião sobre o acidente que matou minha filha e que deixou sua irmã naquele estado.

Sim, eu me lembrava muito bem de suas teorias de assassinato, exatamente o tema de nossa última conversa, quando ela foi ao hospital onde Andreia estivera internada para encher minha cabeça e a do meu pai com ideias conspiratórias.

— Eu conheço seus pensamentos a respeito do acidente, Solange, mas você também conhece os meus. Ainda não mudei de ideia. — Cruzei os braços contra o peito, impaciente.

— Sei que todos pensam que estou louca, mas tenho certeza de que minha filha foi assassinada e que Andreia ficou do jeito que está por culpa de

alguém. Uma pessoa que segue impune e que pode cometer outro crime se não for presa! — ela começou a alterar a voz e a ficar transtornada. Naquele estado, realmente adquiria uma aparência insana, com os olhos arregalados e os lábios trêmulos de quem estava prestes a chorar. — E eu sei, Rodrigo... sei que na época você chegou a cogitar. Também teve suas dúvidas.

Ela estava dizendo a verdade. Eu realmente fiquei com a pulga atrás da orelha no início, mas naquele momento já não sabia de mais nada. Provavelmente não valeria a pena remexer o assunto.

— Já faz muito tempo, Solange... — Nem sei por que disse isso, já que não fazia muito sentido e nem mudaria a opinião dela, mas foi exatamente o que me surgiu na hora.

— Sim, faz. Dois malditos anos. Acho que já fiquei calada por tempo demais. A visita daquela moça me abriu os olhos. Está na hora de buscar a verdade. Pode passar o tempo que for, a dor *nunca* vai diminuir. Mas se eu encontrar o culpado, ao menos vou dormir com a consciência um pouco mais tranquila, sabendo que a morte da minha filha foi vingada; que a justiça foi feita.

Ela chorava, mas não era para menos. Eu sofria por ver minha irmã gêmea amaldiçoada a viver para sempre sem se movimentar, sem poder conversar com outras pessoas, em uma cruel existência pela metade, mas não podia nem supor o que aquela mulher tinha passado ao perder sua única filha.

Sendo assim, não pude permanecer completamente indiferente.

— Ouça... — Com certa hesitação, coloquei as mãos em seus ombros, querendo lhe passar alguma confiança. Ela se encolheu com o toque, a princípio, mas depois relaxou ao perceber que eu só queria ser gentil. — Vá para casa e descanse. Prometo pensar no assunto.

— Conversei com Cecília, que pareceu acreditar em mim. E tem a droga do e-mail. Ela não se lembrava do conteúdo, mas pode ter alguma importância.

— Eu não sei quem é Cecília.

— É a ruiva. Eu a vi ainda agora caminhando aqui pela praia. Talvez vocês se encontrem.

Claro! Mencionar um assassinato seria uma excelente forma de puxar papo com uma garota desconhecida.

— Vamos ver o que posso fazer. — Ao me ouvir dizendo isso, seus olhos brilharam, o que muito me preocupou. Para não acender falsas esperanças, acrescentei: — Mas não posso prometer nada, tudo bem?

Solange balançou a cabeça positivamente, acreditando em minhas palavras sem contestar. Assim que a soltei, ela me deu as costas e começou a se afastar, voltando para o lugar de onde tinha vindo.

Enquanto a observava caminhar daquele jeito desesperado, tive a nítida sensação de que eu havia acabado de assinar um pacto com o diabo, principalmente porque já me sentia contaminado, acreditando que talvez fosse uma boa ideia dar uma remexida no passado, ao menos para provar que fora mesmo um acidente.

Se fosse sincero comigo mesmo, admitiria que alguns detalhes do caso sempre me deixaram com a pulga atrás da orelha. Principalmente o fato de nunca ter sido muito bem explicado, nem mesmo por uma das pessoas envolvidas. Sim, porque Andreia podia estar em silêncio para todos, menos para mim. Apenas para mim ela ainda era a mesma garota de sempre. Talvez minha irmã pudesse me esclarecer algumas coisas, uma vez que já haviam se passado dois anos. Estava mais do que na hora de ela começar a falar.

O mar ainda estava ali, à minha frente, como sempre estaria. Talvez ele fosse a única coisa constante na minha vida nos últimos anos. Parecia me esperar, como se me chamasse. Tudo que eu precisava fazer era imitar o sol e submergir naquelas águas para reencontrá-la.

Assim que a água gelada tocou meus pés, senti uma onda de energia pulsar dentro do meu corpo. Por mais que fosse um ritual praticamente diário, ainda conseguia sentir algo novo todas as vezes em que entrava em contato com o oceano.

Bem devagar, aproveitando cada segundo, fui andando até a água cobrir meu corpo na altura do peito. Então, mergulhei por inteiro, ficando completamente submerso.

A escuridão e o silêncio preencheram a minha alma, e eu absorvi essa sensação por um momento, antes de chamá-la.

— *Andreia, está aí?*

Ela não respondeu em um primeiro momento, mas era sempre assim, especialmente depois do acidente, talvez por sua condição especial.

— *Ei, cara de formiga! Dá para atender ao telefone?* — brinquei.

— *Cara de formiga uma ova! Por que você continua me chamando assim?*

— *Porque te deixa irritada e faz com que me atenda.*

Aqueles breves instantes eram, ao mesmo tempo, abençoados e torturantes para mim. Uma estranha magia sobrenatural permitia que eu ainda tivesse um pedaço de minha irmã — da minha *antiga* irmã. Mas, ao mesmo tempo, conversar, ouvir claramente sua voz doce dentro da minha mente apenas atiçava minha tristeza em pensar que ela jamais poderia fazer coisas que uma garota de sua idade seria capaz de fazer sem qualquer esforço: dançar, sair com um namorado, ir ao cinema, maquiar-se e comprar roupas. Estava presa naquela maldição para sempre. Era irônico pensar que ambos éramos capazes de coisas inexplicáveis, mas que Andreia não conseguia... *viver*.

— *O que você quer, Tubarão?*

— *Você tem noção de que esse apelido não me ofende, não é? Muito pelo contrário.*

— *Cala a boca e fala logo o porquê de ter me interrompido!*

— *Interrompido? Não é como se você estivesse em um encontro...*

Era um acordo entre nós — nunca fazer com que a sua condição soasse como um drama. Era muito mais fácil lidar com a situação usando uma boa dose de humor negro, e isso fora um pedido dela. Por mais que eu sentisse um aperto no peito todas as vezes que fazíamos uma piadinha de mau gosto como aquela, mantínhamos o pacto sempre de pé.

— *Como você pode saber? Nos meus pensamentos eu estava na cama com Brad Pitt e posso garantir que não estávamos conversando.*

— *Sem detalhes. Você é minha irmãzinha, e sexo imaginário ainda é sexo.*

— *Babacão!*

Não consegui conter um sorriso. Aquela era a verdadeira Andreia, uma que muitos não teriam a oportunidade de conhecer. Exatamente por esse

motivo, se Solange estivesse certa e realmente houvesse um culpado, eu teria que descobrir, pois esfolaria o filho da puta com minhas próprias mãos.

— *Andreia, sei que você não gosta de voltar nesse assunto, mas acabei de ter uma conversa estranha com a mãe de Karine* — comecei. Esperava que ela dissesse algo em retorno, que perguntasse o que Solange tinha me falado, mas ficou em silêncio. — *Ainda está aí?*

— *Estou* — a resposta foi seca, direta e curta.

— *Ela conversou comigo sobre a possibilidade de vocês terem sido vítimas de uma tentativa de assassinato. Sei que já falamos sobre isso várias vezes, mas não custa perguntar novamente. Você se lembrou de mais alguma coisa daquela noite?*

Mais uma vez, recebi apenas silêncio como resposta.

— *Andreia? Isso é sério. Pode ser que ajude em alguma coisa e...*

— *Não vou responder porque não estamos mais sozinhos.*

— *Como assim?*

— *Tem alguém no mar.*

Essa frase foi suficiente para que Andreia cortasse nossa conexão. Sabia disso, porque sentia um vazio insuportável sempre que ela partia. Aquela era uma particularidade de nosso dom que eu não compartilhava com Andreia; ela podia ouvir, sentir e até ver outras pessoas quando estavam debaixo d'água, ou quando apenas tocavam o mar. Sua ligação com o oceano era muito mais profunda do que a minha, e eu quase podia dizer que ela me emprestava seu poder para que pudéssemos nos comunicar. Sentia-me como um grão de areia na imensidão, enquanto ela era uma onda perfeita, uma sereia.

Mas havia outra coisa que eu sabia também: Andreia encontrara um subterfúgio para não me dizer o que sabia. Por mais que houvesse alguém por perto, entrando no mar, não teria um dom como o nosso, então, não poderia nos ouvir.

Claro que havia outras pessoas na praia. Não muitas, porque era inverno e, apesar de um sol tímido ter dado as caras o dia inteiro, a água estava gleada,

o que, definitivamente, não me incomodava. Mas o mar estava vazio quando mergulhei, e assim continuava, com exceção de mim e de uma garota.

Ela caminhava bem na beirada, deixando que as ondas, já transformadas em marolas, tocassem seus pés. As escassas estrelas que começavam a surgir em comunhão com a noite pareciam guiá-la, enquanto ela dava um passo de cada vez, ora olhando para a areia, ora fitando o céu. A brisa gelada que soprava bagunçava seus cabelos, deixando-os um pouco selvagens, embora fossem muito lisos. A verdade era que tinham uma linda cor de cobre, muito similar ao tom do pôr do sol em um dia de verão. Segurava um par de sandálias na mão e usava um short amarelo, blusa branca e uma jaqueta jeans por conta do frio.

Pela cor de seu cabelo, imaginei que era a tal Cecília de quem Solange falara. E eu me lembrava dela. Fora a garota que vi naquele mesmo dia, pela manhã, e que me deixou tão curioso. Involuntariamente, pensei que uma moça tão bonita não deveria parecer tão triste, mas lá estava ela novamente melancólica, quase desenhada em uma paisagem paradisíaca.

Saí da água com um pouco mais de pressa do que gostaria e fui caminhando em sua direção. Por mais que não tivesse a intenção, acabei assustando-a, uma vez que estava tão distraída.

Quando ela olhou para mim com a mão no peito, pude jurar que tudo o que ela via era um cara desconhecido, parecendo completamente patético e estúpido, com intenção de lhe passar uma cantada barata. Não era de se admirar que fechasse a cara. Porém, essa não foi sua única reação. A garota ficou completamente pálida, como se estivesse olhando para uma assombração.

Por mais que fizesse muito tempo que não me sentia verdadeiramente vivo, até onde eu sabia ainda não tinha me tornado um fantasma.

— Desculpa. Eu não queria te assustar — falei, enquanto estendia a mão molhada em rendição para demonstrar que estava ali em missão de paz.

— Para quem não tinha essa intenção você fez tudo direitinho. — O fato de ela ter respondido de forma sarcástica não diminuiu o pânico em seus olhos. — O que você quer? — indagou com certa aspereza, e eu quase recuei, mas precisava insistir naquela conversa por Andreia.

— Você é a Cecília, não é?

No exato momento em que fiz a pergunta, me arrependi, pois ela deu um salto para trás e só não saiu correndo por puro milagre. Tudo bem que aquela garota parecia um pouco mais assustada do que o normal, mas eu também não estava ajudando. Onde tinham ido parar minhas habilidades sociais?

— Deixa eu explicar. Você conhece Solange Vieira, mãe de Karine, não conhece? — A garota respondeu com cautela, apenas balançando a cabeça em um movimento afirmativo. — Ela acabou de conversar comigo e mencionou que vocês duas falaram sobre Karine mais cedo.

— Como você sabe que Solange estava falando sobre mim? — ainda desconfiada, ela perguntou.

— Olha, se não foi de você que ela falou, eu peço desculpas, mas seria muita coincidência se houvesse outra ruiva caminhando aqui na praia a essa hora, no inverno.

Ela pareceu suavizar sua expressão um pouco, mas não o suficiente para que desfranzisse o cenho.

— E o que você tem a ver com Karine?

— Não sei se você sabe, mas a Karine não estava sozinha quando sofreu o acidente.

— Eu sei disso.

— Ela estava com a minha irmã gêmea.

A informação fez com que Cecília ficasse completamente em silêncio, quase atordoada. Também não era a minha intenção fazê-la sentir pena de mim, mas eu precisava contar a verdade para que, ao menos, me ouvisse.

— Você é irmão de Andreia, neto de Omar?

— Conhece meu avô?

— Mais ou menos. Fomos apresentados hoje de manhã. Sou neta de Zuleika. Pelo que entendi, eles são... — ela hesitou — namorados.

A forma como mencionou a palavra chegou a me fazer rir. Por mais que adorasse a ideia de ver meu avô feliz, também tive um pouco de dificuldade

de imaginá-lo, tão sisudo, fechado e sério, vivendo um romance na terceira idade.

— Sei que o fato de ter conhecido meu avó não me torna menos estranho para você, mas realmente gostaria de conversar. Posso te acompanhar na caminhada?

Cecília novamente hesitou, mas não percebi mais em seus olhos aquele brilho de insegurança nem o medo de antes. Ela provavelmente só não queria companhia, e eu estava agindo como o chato que insistia em interrompê-la.

Mas não demorou muito para que suspirasse, resignada, e assentisse:

— Poder, pode, mas não tenho certeza se vou conseguir te ajudar em relação a Solange. Nossa conversa foi bem curta.

Começamos a caminhar involuntariamente, seguindo o mesmo ritmo, e eu preferi iniciar logo o assunto.

— Posso estar errado, mas acho que você é nova na cidade, não é? — Ela assentiu. — Então, como conheceu Karine?

— Morei aqui até os sete. Nós éramos muito próximas. Confesso que praticamente a esqueci no período em que vivi afastada de Solário, mas ela me mandou um e-mail há dois anos. Lembrei disso e comentei com a minha avó, que me contou sobre o acidente — lamentou.

— Eu ia te perguntar se conheceu Andreia, mas acho que chegamos na cidade depois de você ir embora.

— Tenho vinte e um anos. Fui morar no Rio em 2002 — esclareceu.

— É, acho que foi um desencontro. — Sorri. — Nós nos mudamos para cá em 2005. Eu tinha quatorze anos. — Fiquei feliz por ela ter devolvido a expressão simpática. Empolgado com sua reação favorável, perguntei: — Por que foi embora de Solário?

Cecília respirou fundo, e eu achei que ela não responderia. Adiou a explicação o máximo que pôde, passando a mão pelos cabelos para tentar domá-los e lançando um olhar perdido em direção a um casal que jogava frescobol. Estava disposto a lhe conceder o tempo que fosse necessário, e também compreenderia se ela não quisesse falar sobre o assunto — que parecia não agradá-la muito —, pois sabia que estava sendo indiscreto.

Quando eu já estava pronto para retirar a pergunta, ela decidiu falar:

— Eu morava aqui com a minha avó, enquanto minha mãe trabalhava no Rio. Quando conseguiu certa estabilidade, veio me buscar. — Foi uma explicação sucinta e superficial, que deixava muitas entrelinhas em aberto, mas, pelo pouco que expressou, consegui perceber que sua relação com a mãe não era das melhores. Esse detalhe não me passou despercebido pela forma indiferente com que se referiu a ela e pelo semblante fechado que adquiriu, em contraste com o sorriso de antes que, mesmo tímido, conseguiu iluminar seu rosto.

Não disse nada em relação à sua explicação, apenas balancei a cabeça em concordância para que percebesse que eu estava atento.

— Solange me falou que Karine e sua irmã não eram lá muito amigas, que tinham brigado antes do acidente — Cecília comentou, demonstrando interesse no assunto pela primeira vez.

— Elas costumavam ser próximas, viviam juntas. Tiveram uma discussão séria e não voltaram mais a se falar.

Cheguei a pensar que ela faria perguntas sobre a briga, mas logo compreendi que não era tão intrometida quanto eu. Contudo, acabou deixando um questionamento no ar, algo bastante pertinente.

— Elas tinham reatado a amizade antes de irem à festa?

— Não que eu saiba.

— E isso nunca te intrigou?

— Claro que sim, mas não ao ponto de inventar mil teorias conspiratórias. Sempre pensei no mais simples, que elas tinham feito as pazes, mas que Andreia não me contou por falta de oportunidade. Fiquei uma semana longe de Solário em uma competição. No dia em que voltei, foi quando tudo aconteceu.

Cecília assentiu com pesar, mas não pareceu comprar a minha ideia sobre o retorno da amizade das duas. Até mesmo eu, analisando a situação de forma mais fria, precisava concordar que estava forçando a barra para que tudo se encaixasse.

— É estranho, porque Andreia não era do tipo que guardava segredos — confessei, quase em um devaneio.

Imediatamente, meus pensamentos começaram a se encher de veneno, mas daquela vez foi Cecília quem teve o *timing* de mudar de assunto.

— Não fale de Andreia no passado. Não sei como é o estado dela, mas sua irmã ainda está lá, por mais difícil que seja lidar com a situação.

Era a primeira vez que uma pessoa de fora da família não falava de Andreia usando um tom penalizado. Mesmo sem conhecê-la, Cecília a tratava com mais respeito do que muitas pessoas que se diziam amigos, mas que tinham simplesmente esquecido de sua existência. Alguns fizeram-lhe escassas visitas no hospital e pouquíssimos foram à nossa casa para vê-la. A maioria foi desaparecendo com o tempo, chegando a me evitar quando me encontravam na rua.

Eram um bando de covardes, filhos da puta.

Antes do acidente de Andreia, eu era estúpido o suficiente para acreditar que receberia o apoio daqueles que julgava serem meus amigos, porém, aprendi que as pessoas temem a tristeza alheia. Tratam-na como uma doença contagiosa, como se pudessem ser infectados pela dor e condenados a suportá-la também em seus ombros. A verdade é que, quem sofre, não deseja as lágrimas de terceiros como conforto. Queremos sorrisos, palavras de esperança e companhia para aplacar a solidão que o vazio da perda — seja ela qual for — deixa. Mas todas essas coisas eles guardam para si mesmos, como se fossem recursos limitados que devem ser racionados e mantidos dentro de um cofre trancado à chave.

Era uma forma um pouco amarga de se encarar a realidade, mas ela me poupava de decepções. Por isso, tinha me afastado das pessoas, porque simplesmente achava que não valiam a pena a falsidade e a hipocrisia. Apesar disso, era bom saber que ainda havia alguém com sensibilidade o suficiente para lembrar que existia uma alma dentro do corpo que todos viam como um fardo.

— Cecília, você tem o costume de olhar com atenção para o mar?

A pergunta pareceu pegá-la desprevenida, pois ela franziu o cenho demonstrando confusão. Provavelmente não esperava uma mudança tão

repentina de assunto, porém, eu não pretendia trocar tanto assim o rumo da conversa; sabia onde queria chegar.

— Sim, claro. O mar sempre tem a minha atenção aonde quer que eu vá.

Antes de começar a falar, foquei meus olhos no belo oceano que eu tanto amava e que estava à minha frente.

— A maioria das pessoas considera o mar traiçoeiro, perigoso. Eu o considero uma vastidão de segredos. É como se cada onda contasse uma história, como se cada movimento trouxesse uma nova promessa, um recomeço. Andreia o via da mesma forma, era tão amiga dele quanto eu. É estranho e até difícil pensar que tenha sido traída por ele.

Foi um desabafo. Do tipo que fazemos a uma pessoa estranha sem nem sabermos o porquê. Cecília pareceu compreender, e eu me senti satisfeito por ter decidido ir atrás dela naquele entardecer. Era uma boa ouvinte.

— Já que Andreia tinha tanta habilidade no mar, você acha que Solange pode estar certa sobre não ter sido um acidente?

— Não sei. Todos dizem que ela é louca, mas e se for a única sã entre nós? — Subitamente parei de andar, como se meus pés não mais acompanhassem o ritmo de meus pensamentos. Cecília percebeu, mas continuou avançando com um pouco mais de lentidão. — Você não acha que quando a verdade parece muito absurda, nós preferimos acreditar em mentiras? — Ao ouvir essa frase, ela também parou, ficando a uma pequena distância. Foi como se eu tivesse cutucado sua ferida. Exatamente por isso, ela se virou para mim. Naquele exato momento, eu senti que a perdi.

Ficou um tempo me observando, enquanto um leve e remanescente raio de sol a iluminava durante o processo que transformava o dia em noite no céu. Seus cabelos acobreados revoavam, coroando sua cabeça com uma auréola de fogo. Eles a representavam muito bem. Suspeitava que havia uma alma em chamas presa em um corpo ferido por alguma desventura do destino, responsável por extinguir as labaredas do coração daquela garota. Agora não restava nada mais do que cinzas.

— Me desculpe, Rodrigo, mas eu não quero me envolver em nada disso. Não posso te ajudar, infelizmente.

Cecília virou-se de costas, começando a se afastar. Nem precisava dizer que não queria que eu a seguisse, pois estava bem claro na forma como reagiu. Entretanto, dei uma corrida para alcançá-la e a chamei, sabendo que se a segurasse, de alguma forma, acabaria por repeli-la ainda mais.

— Cecília, espere...

Ela se virou para mim outra vez, mesmo contra vontade, e eu fiquei alguns minutos pensando no que poderia lhe dizer para que não fosse embora com aquela impressão errada de que eu só queria conversar com ela sobre o acidente.

— Eu te vi hoje de manhã e quis me aproximar, mas não encontrei oportunidade. Te achei tão triste ali, sozinha, observando o mar com um olhar perdido, que quis te dizer alguma palavra de consolo. Só que — envergonhado, abri um sorriso tímido e cocei a cabeça — faz tanto tempo que não falo com uma garota, sem ser assunto de trabalho, que achei que iria me atropelar todo. E foi mais ou menos isso o que aconteceu agora há pouco. Tentei aproveitar o motivo mais estúpido possível. Claro que tinha esperanças de que você ainda mantivesse contato com Karine antes de ela morrer e pudesse me dar alguma luz, mas era uma chance em cem. Não estava contando com isso quando me aproximei.

— Ela me mandou um e-mail pouco antes de morrer.

— Sério? — fingi surpresa, embora Solange tivesse mencionado a mesma coisa.

— Sim. Ela parecia querer desabafar sobre algum problema, mas não disse qual era e também nunca mais mandou nada.

— Pobre Karine. Talvez nunca saibamos o que aconteceu. — Foi um ato muito covarde da minha parte, porque minha intenção era claramente acender a chama da dúvida no peito de Cecília, mas ela permaneceu imóvel. — Bem, Cecília, foi bom te conhecer. — Comecei a me afastar, andando de costas, ainda virado para ela. Era a hora certa de sair de cena antes que fizesse outra burrada. — Espero te ver por aí novamente.

Daquela vez, finalmente lhe dei as costas. Comecei a me distanciar sem olhar para trás, esperando que estivesse intrigada. Quem sabe não

pudéssemos unir forças para descobrir a verdade? Não seria nada desagradável tê-la por perto.



ALMAS DO OCEANO



CECÍLIA

Um dia estranho, sem dúvidas, mas que finalmente chegava ao fim. Ao menos era o que eu pensava. O plano era simples: fugir da minha família e me refugiar no quarto com um pote de sorvete. Esperava que a dose de glicose comprada na padaria entorpecesse minha cabeça, adormecendo meus pensamentos, contudo, havia uma pedra no meio do caminho. Uma bem maior do que a que tanto inspirou Drummond.

Eu sabia que minha avó havia saído para jantar com Omar e esperava que Pauline também tivesse algo para fazer, embora fosse segunda-feira, mas ela estava bem na sala de estar quando cheguei, lendo um livro, no qual não parecia muito concentrada.

Assim que entrei e me deparei com ela, Pauline virou-se para mim com seus lindos cabelos escuros cacheados, no mesmo tom de sua pele negra, presos em um rabo de cavalo. Seus olhos jabuticaba me analisavam como se ela quisesse saber se eu estava bem, o que eu achei sensível de sua parte.

Cumprimentamo-nos com a cabeça, e eu segui para a cozinha estilo americano a fim de guardar o sorvete no freezer. Ficamos em silêncio, mas eu sabia que ela ainda estava me observando, o que me incomodava um pouco. Então, para cortar aquele clima estranho, virei-me em sua direção.

— Espero que goste de sorvete de flocos. — Era uma frase boba, mas foi a primeira coisa que surgiu na minha mente.

— Gosto. Só vamos tomar antes que vovó chegue ou ela vai encher o saco por estarmos comendo gelado no inverno.

— Mas o dia nem está tão frio.

— Você sabe como é a D. Zuleika, não sabe? — brincou, dando de ombros. — Por que não serve um pouco para cada uma de nós e vem sentar aqui comigo para conversarmos?

Ela *realmente* estava se esforçando. Sentia-me péssima por não fazer o mesmo, mas ainda teria tempo para compensar esse erro. E aquele era um momento tão bom quanto qualquer outro para começar. Por mais que

estivesse ansiosa para tomar um banho, tirar a areia dos pés e me enfiar em meu casulo, assenti e fiz o que ela me pediu.

Enquanto nos servia de uma porção bem generosa de sorvete, pensava em como era estranho ter aquela relação tão distante com a única filha da irmã da minha mãe e não compreendia o porquê de uma família tão pequena não ser unida.

Terminei minha tarefa e voltei para a sala equilibrando nas mãos duas taças de plástico, além do vidro de calda de chocolate, que também comprei, e ofereci uma das porções a Pauline, que logo avançou no doce. Sentei-me no mesmo sofá que ela, na outra ponta, tentando alguma proximidade, ainda que preservasse nossos espaços.

A televisão estava ligada, porém, eu não queria prestar atenção na novela que passava; suspeitava que Pauline também não, pois seus olhos pareciam perdidos, focados na tela, mas sem realmente vê-la. Não demorou muito para que quebrasse o silêncio, já que era bem mais falante do que eu.

— Como estava a praia? — ela perguntou, com certeza só para puxar assunto.

— Linda e calma, do jeito que eu gosto.

Pauline balançou a cabeça em afirmativa. Ainda tomando seu sorvete, sorriu, como se seus pensamentos fossem muito mais divertidos do que a nossa conversa.

— Do que está rindo?

— Se lembra da única vez em que vovó tentou nos juntar? Você ainda morava com ela, devia ter uns três anos, e eu vim passar alguns dias aqui. Nossas mães não sabiam, é claro. Deus, eu te achei a coisa mais fofinha do universo.

Claro que eu não me lembrava, o que me frustrava um pouco. Gostaria de ter convivido mais com ela.

— Infelizmente, eu não me lembro, mas vou gostar de ouvir o que aconteceu. — Remexi-me no sofá, buscando uma posição mais confortável para ficar de frente para ela e dedicar-lhe toda a minha atenção.

— Ah, nada de mais. Nós íamos à praia todos os dias, brincávamos juntas, e eu tentei te ensinar a nadar. O resultado foi que acabei quase te afogando. Uma coisa horrível.

— Disso eu me lembro! Tanto que até hoje não sei nadar por causa dessa história. Só não me lembrava que estava com você.

Pauline gargalhou.

— Claro que não se lembra, devo ter te traumatizado. Você passou o resto dos dias morrendo de medo de mim. E eu fiquei de castigo, é claro. Vovó quase infartou quando viu o salva-vidas te trazendo no colo, dizendo que foi por pouco. Fiquei apavorada. Era a prima mais velha, deveria ter cuidado de você.

— Não precisava se sentir culpada. Você era uma criança. Além do mais, ficou tudo bem no final.

— Sim, sim, eu sei. — O olhar de Pauline novamente se perdeu em algum ponto aleatório da sala, mas ela logo prosseguiu: — Como assim você ainda não sabe nadar? Já se passaram... o quê? Dezoito anos desde esse incidente?

— É, mas acho que ficou o trauma. Vai saber...

— Nunca é tarde para aprender. Se quiser, posso te ensinar.

— Deus me livre! — exclamei com tanta convicção que nós duas começamos a rir. — Tenho intenções de permanecer intacta.

— Ainda bem que não preciso fazer isso para viver, mas tem pessoas na cidade que sim. O neto de Omar, Rodrigo, tem uma escola de natação e fica pertinho da loja da vovó. Na verdade, eles não fazem só isso, também dão aulas de mergulho, surfe, alugam equipamentos...

— Legal — comentei sem muito entusiasmo, não porque a informação não fosse interessante, mas pelo fato de não querer demonstrar o quanto a menção a Rodrigo me incomodara, principalmente pela coincidência de tê-lo encontrado há tão pouco tempo. A melhor escolha, então, seria levar a conversa por outro lado, mudar de assunto, para que eu pudesse esquecer toda a parte mais sombria do meu dia. No entanto, uma curiosidade quase dolorosa fez minha língua coçar de vontade de encher Pauline de perguntas. Por mais intrigada que estivesse, tentei me controlar como pude. — Eu conheci esse neto do Omar na praia agora há pouco. Rodrigo, não é? — Foi

uma pergunta apenas para manter um disfarce. Claro que eu me lembrava muito bem do nome dele.

— Sim, Rodrigo. Como assim vocês se conheceram? Ele se aproximou? *Falou* com você? Ele nunca fala com ninguém, muito menos com desconhecidos. — Pauline demonstrou espanto.

— Sim, ele falou, mas é uma longa história. Fui ver Solange, tivemos uma conversa bem estranha e, pelo que entendi, ela comentou sobre mim para ele. Também disse que acha que Karine foi assassinada.

Minha prima suspirou, como se reprovasse aquela teoria de Solange, franziu o cenho e pousou sua taça, já vazia, sobre a mesinha de centro. Esfregou uma mão na outra para secá-las e voltou-se para mim.

— Solange ainda acredita nisso? A polícia investigou por muito tempo e a hipótese de acidente foi comprovada. Eu te falei que ela não estava muito bem da cabeça, não falei?

— Sim. Percebi isso também, mas não posso negar que é estranho. Ainda mais com toda essa história de que Rodrigo e a irmã têm uma ligação meio bizarra com o mar. — Joguei a dúvida no ar e esperei que ela a captasse. Para a minha sorte, Pauline, pelo que pude perceber, tinha uma quedinha por fofocas.

— Você usou a palavra certa. *Bizarra*. Eu mesma já fui em competições de apneia, das quais Rodrigo participou, e o vi, com meus próprios olhos, ficar debaixo d'água por mais de quinze minutos. Tem gente que já o viu ficar por mais tempo. Sabe qual o apelido dele por aqui? — Fiz que não com a cabeça. — Zero.

— E por quê?

— Começaram a chamá-lo assim depois de uma competição especial, em que o cronômetro era acionado em contagem regressiva, a partir de cinco minutos. Ganhava quem aguentasse mais tempo. Ele ficou dez. Foi a primeira vez que o viram competir. Nunca ninguém tinha ficado submerso até zerar a contagem. Daí o apelido.

Era realmente impressionante. Cheguei a pensar em algum tipo de sabotagem ou artifício que ele poderia usar para ficar tanto tempo sem respirar debaixo d'água, mas não era da minha conta.

— E Andreia? Ouvi dizer que ela tinha a mesma habilidade.

— Tinha mesmo. Talvez seja uma coisa de gêmeos, sei lá. Ela era uma boa garota. Educada, simpática, alegre, cheia de vida...

— Andreia podia ser tudo isso, mas fiquei sabendo tinha alguns problemas com Karine — novamente joguei no ar, esperando que Pauline tivesse alguma explicação.

— E não é que você está mesmo bem informada? — brincou. — Havia mesmo uma treta entre elas, só que ninguém nunca soube direito o motivo. Deve ter sido grave, porque elas ficaram anos sem se falar.

— E mesmo assim estavam juntas no dia do acidente — divaguei.

— Isso ninguém entendeu, mas não prova que houve um assassinato. Se alguma das duas tivesse saído ilesa, até poderia haver uma suspeita. Eu nem sei dizer qual delas teve o destino mais cruel.

Eu não concordava com Pauline. Na minha opinião, era fácil saber qual das duas terminou pior. Karine teve muito mais sorte do que Andreia, mas preferi não compartilhar meus pensamentos em voz alta, porque temia que fossem mal interpretados.

— Como foi o acidente? Quer dizer, eu sei que elas estavam indo para uma festa e que usavam um barco como transporte, mas o que aconteceu nesse caminho?

Pauline se remexeu, e eu senti que o assunto não era o seu preferido, o que era compreensível.

— Pelo que a polícia apurou, elas se perderam e acabaram batendo. As duas tiveram concussões na cabeça, e Karine morreu por conta de um traumatismo craniano, mas Andreia só ficou desacordada e submersa muito tempo, o que causou oxigenação do cérebro e as sequelas. Pobrezinha.

Provavelmente, as teorias de Solange já haviam me contaminado. Algo naquela história não me cheirava bem. O pior era que um problema daquele tamanho era a última coisa que eu desejava ter na minha cabeça.

Como não falei mais nada por algum tempo, Pauline decidiu acrescentar:

— Olha, Cecília, sei que não temos intimidade suficiente, mas posso te dar um conselho?

— Claro — respondi curiosa.

— Sei que Rodrigo é um cara charmoso, principalmente pela aura de mistério, e Deus sabe o quanto eu o acho gato, com todos aqueles músculos, mas tome muito cuidado. Seria a maior furada se você se apaixonasse por ele.

— E por quê? — a pergunta saiu por puro reflexo, porque minha curiosidade a respeito daquelas pessoas só aumentava.

— Não pense que não gosto dele. Eu o acho um cara bem legal, só que desde que Andreia se acidentou, Rodrigo fechou o coração para qualquer um. Afastou-se dos amigos, quase não fala com ninguém e já partiu alguns corações involuntariamente. Não deixe que parta o seu também.

— Não tenho nenhuma intenção de me apaixonar por ele, nem por ninguém. Ao menos não tão cedo.

Minha resposta dava margem para que minha prima começasse a ligar os pontos a respeito do pesadelo que me fizera correr para Solário como uma fugitiva. No entanto, ao invés de fazer qualquer pergunta, ela sorriu de uma forma que me fez acreditar que eu era muito tola.

— Você acha que os sentimentos têm botões de liga e desliga? Ou algum controle remoto cheio de opções para que possamos manipulá-los como bem entendermos? — Ela deu uma risadinha sarcástica. — Quem me dera que fosse assim tão simples, que, quando nos apaixonássemos pela pessoa errada, pudéssemos só mudar de canal e nos sintonizarmos em outra, sem machucar o coração. Mas não funciona dessa forma. Se você se apaixonar por Rodrigo, vai sofrer, simples assim.

Ficava difícil interpretar se ela estava me aconselhando ou me rogando uma praga, mas decidi apenas não ligar para o que dizia, afinal, não era o primeiro rapaz bonito, com seus belos olhos verdes, que me faria esquecer das coisas pelas quais passei.

Imaginei que Pauline não tinha mais nada para falar sobre Rodrigo, porque ficou em silêncio, e eu achei que era uma boa deixa para dar aquele assunto como encerrado. Na verdade, tudo o que eu queria era uma desculpa para desaparecer dali e ir para o meu quarto, e aquela apareceu de forma providencial. Meu celular tocou enquanto estávamos caladas. Remexi na bolsa e o peguei. Dei uma olhada no visor e me levantei, pedindo desculpas,

dizendo a Pauline que atenderia no meu quarto. Ela assentiu, compreensiva, voltando a ver televisão, e eu segui para o segundo andar da casa, enquanto o aparelho continuava tocando de maneira quase irritante.

Já no topo da escada, sabendo que Pauline não me veria, rejeitei a ligação. Era minha mãe. O dia já fora cheio o suficiente, e eu não precisava de mais um problema. Queria banho e cama. Só isso.



CECÍLIA

Não era um trabalho muito complexo, nem algo que daria sentido à minha vida. Definitivamente, nada tão filosófico a esse ponto, mas, sem dúvidas, era bem melhor estar trabalhando com planilhas não muito elaboradas do que ficar em casa alimentando pensamentos indesejados. Já fazia uma semana que começara meu serviço por ali, e chegava a ser relaxante.

Pauline não trabalhava na loja de nossa avó; tinha um pequeno escritório de contabilidade em sociedade com o noivo, bem pertinho dali, mas sempre que podia ia à loja dar uma força. Costumava ter outra funcionária, mas ela pedira demissão pouco antes de eu decidir me mudar. Dali em diante seria minha função ajudar no balcão, organizar estoque e listar mercadorias. Estava bem longe do que eu almejava como profissão, já que estudava História na faculdade, contudo, seria temporário.

A mercadoria vendida na loja consistia nos maravilhosos doces que minha avó produzia. Eram compotas e geleias dos mais variados sabores, todos feitos com capricho e deliciosos. Vovó exportava para outras cidades e até estados, pois seu maior diferencial eram as embalagens. Cada pote de geleia era armazenado dentro de um objeto que poderia ser presenteado. Havia brinquedos de madeira, porta-joias e muitos mais, todos com gosto de nostalgia, remetendo a presentes que se costumava dar nos anos oitenta, por exemplo.

Pauline também me contou que Omar, sendo carpinteiro, confeccionava todos os objetos de madeira. Fora assim que os dois acabaram se entendendo e se relacionando, entre uma encomenda e outra.

Naquele momento, estava empenhada em organizar a planilha de estoque, quando o mensageiro dos ventos na porta da loja anunciou a chegada de alguém. Imaginava que fosse um cliente comum e desconhecido, mas me deparei com Rodrigo.

No momento em que ergui meus olhos em sua direção, ele se encontrava parado bem na entrada da loja, como se a escolha de entrar ou ir embora fosse muito árdua. Não pude conter uma risadinha ao perceber sua relutância. Mais ainda quando, alegre como uma menina, minha avó se aproximou dele,

dando-lhe dois beijinhos no rosto e convidando-o a entrar, deixando-o sem alternativa.

— Que bom te ver aqui, querido! É tão raro nos encontrarmos... — ela continuou falando, enquanto praticamente o empurrava até o balcão. — Deixa eu te apresentar minha neta, Cecília. Ela chegou na cidade há...

— Nós já nos conhecemos, vó — decidi interrompê-la antes que explodisse de tanto falar.

— Ah, já? — Ela ficou confusa, franzindo o cenho e virando o rosto para mim e para ele, como se estivesse assistindo a uma partida de tênis. — Mas...

— Foi sem querer, D. Zuleika. Só nos esbarramos e começamos a conversar.

Pela forma como ele interrompeu minha avó, pude entender que aquela era a versão da história que deveríamos contar. Por mim tudo bem, também não estava disposta a dar explicações, principalmente as que tivessem relação com minha conversa com Solange, mas talvez fosse tarde demais, já que Pauline conhecia a verdade.

Falando nela, aliás, eu a vi abrir um sorriso levemente desanimado ao cumprimentar Rodrigo.

— E aí, Zero, tudo bem?

— Tudo certo, obrigado — respondeu muito sério, quase solene.

— Será que nós podemos te ajudar em alguma coisa? — minha avó perguntou, ainda tentando manter o sorriso alegre, mesmo com tantas surpresas.

— É, eu... — Quase gaguejando, ele coçou a cabeça. Suspeitei que estivesse procurando alguma coisa para dizer, uma desculpa para estar ali. Ou será que eu estava viajando? — Estou procurando um presente para Andreia. Não é aniversário dela nem nada, mas eu queria agradá-la de alguma forma.

— Claro, querido. Não é necessário esperar uma data específica para presentear alguém que amamos. — Vovó colocou a mão sobre o meu ombro. — Cecília vai te ajudar a encontrar algo ideal. Enquanto isso, Pauline, pode vir aqui no estoque me ajudar com umas numerações?

Mas que merda era aquela? Será que minha avó estava querendo me deixar sozinha com Rodrigo? Bem, se esse era o plano, deu certo, porque Pauline logo a obedeceu e desapareceu do meu lado.

Para a minha sorte, Rodrigo deveria ser um pouco lerdo para aquele tipo de coisa, pois agiu naturalmente. Tentei fazer o mesmo.

— Então... Um presente para a sua irmã... Tem algo em mente?

— Não, não tenho. Mas você sabe que isso foi só uma desculpa para eu poder vir aqui falar com você, não sabe? Não consegui tirar nossa conversa da cabeça desde aquele dia — Rodrigo sussurrou, embora não houvesse ninguém ao nosso redor. Como eu não respondi nada, ele prosseguiu: — Será que você poderia dar uma saída para almoçar comigo?

— Desculpa, mas por que eu faria isso? — Provavelmente tinha soado muito rude, bem mais do que eu gostaria. Foi uma resposta completamente impulsiva. — Olha, eu não quis ser grosseira e...

— Não, tudo bem — ele me interrompeu. — Eu é que estou agindo como um idiota. Andei pensando em algumas coisas sobre o acidente e queria conversar com alguém.

— E decidi escolher exatamente a pessoa que conheceu há uma semana? — falei com um tom de leve deboche e um sorrisinho.

— Já disse que estou agindo como um idiota? Pois é! Faz algum tempo que não converso com alguém que olha para mim como uma pessoa normal. Todos sempre parecem sentir pena. Sempre têm a necessidade de serem bonzinhos demais, uma vez que eu já sofri tanto. Um saco.

Fiquei calada, mas poderia muito bem ter dito que entendia tudo aquilo que ele estava descrevendo.

— Bem, vamos fazer o seguinte, já que vim até aqui, vou levar o presente de Andreia. Prometo que não vou mais te importunar.

Aquela era uma excelente ideia. Eu já tinha que lidar com meus próprios demônios e não precisava de outros para me atormentarem ainda mais. Minha nova cidade deveria me servir como um refúgio, um lugar onde eu me sentiria a salvo, e não ainda mais acuada; por isso, me envolver em um caso de possível assassinato não constava na minha lista de prioridades.

Mas aqueles olhos... Eu quase conseguia enxergar própria minha dor desenhada neles, como se houvesse um espelho na minha frente, refletindo apenas meus sentimentos. Sentia-me exposta ao vê-lo olhar para mim daquela maneira, porque não me pedia nada, apenas minha amizade. Algo tão simples, mas que eu não sabia se estava pronta para dar. Não naquele momento.

Envergonhada por minha própria covardia, comecei a passar os olhos e os dedos pelas estantes. Demorei o máximo que pude naquela tarefa, mesmo sem saber exatamente o que deveria escolher, já que eu não conhecia a pessoa que seria presenteada. Depois de avaliar todas as possibilidades, parei em uma caixinha de música artesanal, de madeira, com flores delicadas e coloridas, pintadas a mão. Ao abri-la, um vidrinho de geleia de amora era revelado, além de uma pequena bailarina que rodopiava ao som de “A Time for Us”, tema de Romeu e Julieta.

A escolha não era exatamente original, mas eu não via uma daquelas há muito tempo, então, achei que Andreia talvez pudesse gostar. Sendo assim, entreguei a caixinha a Rodrigo.

— Ela gosta de geleia de amora?

— Não. Odeia... — Quando fiz menção de pegar o objeto de volta, ele o afastou do meu alcance. — Em compensação, adora balé. De assistir, porque dançar não é o forte dela. É uma alma do oceano. — Por um breve minuto, Rodrigo se permitiu rir do que tinha dito, mas só até se dar conta de um detalhe. — Já se passaram dois anos e ainda não me acostumei a me referir a ela no passado.

— E nem precisa. Ela está viva. Já falamos sobre isso.

— Claro, claro. Eu sei — Rodrigo respondeu de cabeça baixa e logo mudou de assunto. — Será que você pode trocar a geleia de amora por doce de leite?

— Ela gosta?

— Na verdade, não. Eu é que sou louco pelo doce da sua avó.

Não pude conter um sorriso.

— O presente não era para Andreia?

— Ela fica com a caixinha, e eu, com o doce. Nada mais justo.

Ainda sorrindo, troquei os potinhos, exatamente como ele tinha pedido. Assim que fechei a caixinha, olhei para todos os lados e levei o dedo indicador aos lábios para lhe pedir silêncio, como se o que tinha acabado de fazer fosse altamente sigiloso.

— Quer que embrulhe?

— Não precisa. Ela não vai conseguir abrir.

Minha gafe me deixou constrangida.

— Me desculpe. Eu...

— Não tem problema. É normal se esquecer desses detalhes. Quanto fica?
— perguntou, tirando a carteira do bolso.

— Cinquenta e cinco — informei, depois de checar a planilha.

Ele pegou duas notas, me entregando o dinheiro trocado, e eu coloquei a caixinha dentro de uma bolsinha.

— É isso, então. Obrigado. — Rodrigo ergueu a sacola, para demonstrar que se referia ao presente, e se virou para ir embora.

Eu deveria tê-lo deixado passar por aquela porta e sair da minha vida para sempre. *Deveria...* mas não o fiz, pois sabia o quão terrível era se sentir sozinho. Sabia o que significava não ter ninguém que lhe entendesse, porque cada pessoa sofria por algo diferente. Cada tristeza tinha causas e consequências, e cada um lidava com as suas como podia.

Rodrigo parecia forte, mas quantos cacos de sua alma não deveriam ficar espalhados pelo chão, junto com suas pegadas, conforme andava?

— Rodrigo? — chamei antes que fosse embora. Sem dizer nada, ele se virou na minha direção. — Acho que posso almoçar com você, só vou avisar a minha avó.

Ele assentiu, e eu fui falar com vovó. Desde o princípio, suspeitei que ela não apenas me deixaria sair imediatamente quanto adoraria a ideia.

Dito e feito. Sendo assim, voltei para perto de Rodrigo, dei a volta no balcão e o segui.

— Você se importaria de comer um sanduíche? Gosto de almoçar na praia. Normalmente não tenho companhia, mas é sempre mais legal almoçar observando o mar do que olhando para as paredes mal pintadas de algum restaurante da área.

— Por mim, tudo bem.

E foi o que fizemos. Passamos em uma espécie de FastFood local e fomos em direção à areia, onde iríamos almoçar.

Eu estava prestes a me sentar ali mesmo, sem nenhum tecido que pudesse proteger a minha calça jeans, no entanto, Rodrigo me impediu sem dizer nada, apenas colocando a mão no meu braço. Em seguida, tirou a camisa de malha cinza e a estendeu sobre a areia para que eu pudesse usá-la como canga.

Claro que eu deveria agradecer, pois a atitude fora realmente uma gracinha, mas meus neurônios deram um nó no momento em que pousei os olhos em todos aqueles músculos. Imediatamente, me lembrei do que eu tinha dito a Pauline sobre não estar interessada em me apaixonar. Com certeza mantinha minha palavra, mas olhar não tirava pedaço.

Depois de nos acomodarmos, não dissemos nada por um momento. Fazia mais frio do que no dia em que nos conhecemos e havia ainda menos pessoas por ali, apenas umas poucas fazendo caminhada. Também constava uma placa de aviso de correnteza na área que escolhemos, então, estávamos praticamente sozinhos.

Rodrigo reservou alguns breves minutos para observar o oceano, reverenciando-o, me dando a impressão de que fazia uma oração. Era quase uma cena solene, e eu respeitei seu momento, deixando a função de iniciar a conversa a cargo dele.

— Andreia curtia vir à praia em dias assim. Não que não gostasse do sol ou do verão, mas ela adorava quando estava vazia. Costumava dizer que era quando o mundo ficava em silêncio para escutar a melodia das ondas.

Rodrigo fechou os olhos e respirou bem fundo, como se daquela forma pudesse ouvir melhor os sons ao seu redor: a tal melodia das ondas que Andreia dizia ouvir em meio ao silêncio da praia, os sussurros do vento e o

bater de asas dos pássaros que sobrevoavam nossas cabeças, quase ansiosos para participarem da nossa conversa.

— Você ainda a traz à praia? — perguntei quando percebi que ele tinha aberto os olhos.

— Não tenho coragem. Acho que ela sofreria muito. Era ainda mais ligada ao mar do que eu. Dizia que corria água salgada por suas veias ao invés de sangue. — Ele riu ante a lembrança.

Assenti, pensativa.

— Acha que ela tem noção de tudo isso? Que lembra de todas essas coisas? Que a memória e a consciência estão lá, preservadas?

— Estão — afirmou com convicção, embora eu não soubesse como poderia ter tanta certeza. Então, novamente voltando seus olhos perdidos na direção do horizonte, ele falou, sem me encarar: — Não conheço nada mais perigoso do que nossas memórias.

A frase foi jogada no ar, como se tivesse sido manipulada pelo vento, guiada até chegar aos meus ouvidos. Depois de dizê-la, Rodrigo voltou-se para mim, analisando minha reação. Retribuí o olhar, dando a entender que queria uma explicação, e esta veio logo em seguida:

— Quando se trata de lembranças boas, existem dois tipos: aquelas que se referem a coisas que poderemos recuperar e momentos que reviveremos em algum tempo futuro. Porém, existem outras que você sabe que nunca mais se repetirão, pessoas que perdemos, épocas da vida... Agora, imagine a agonia de se lembrar de toda a sua vida, de situações alegres, de conversas com pessoas e saber que nada nunca mais será igual?

— E como você sabe que é assim? Talvez ela viva em uma total escuridão, sem noção do passado e do que acontece ao redor.

— Não vive. Sei que não, porque eu... *sinto*.

Eu não fazia ideia do motivo, mas a resposta de Rodrigo simplesmente não me convenceu. Fosse como fosse, ele não me devia explicações.

— Não tem nenhuma chance de cura? — indaguei, curiosa.

— A princípio, não. Quem sabe algum dia, mas atualmente nenhum médico nos deu esperança. E confesso que nem quero ter. Não quero que

Andreia seja ainda mais decepcionada.

Era mais do que compreensível, é claro. Assim como as lembranças, a esperança poderia ser muito perigosa. Um caminho sem volta.

Visivelmente incomodado, Rodrigo pegou seu sanduíche e começou a comê-lo. Eu poderia fazer o mesmo, mas me sentia levemente nauseada.

— Você falou que queria conversar comigo...

Ele balançou a cabeça e terminou de mastigar para falar.

— Quero. — Limpou a boca em um guardanapo e prosseguiu: — Andei pensando tanto em nossa conversa daquele dia quanto no que Solange me falou.

— E a qual conclusão chegou?

Rodrigo respirou fundo e até parou de comer, dando a entender que aquele assunto era capaz de tirar sua fome.

— Não quero fechar os olhos para essa história. Se houver qualquer chance, por menor que seja, de alguém ter feito mal a Andreia, vou querer saber quem foi. Não posso deixar essa pessoa impune.

— O que te fez mudar de ideia?

— Para ser sincero, acho que essa é uma dúvida que sempre carreguei. A impressão de que havia muitas coisas mal contadas nessa história nunca me abandonou. O fato de a ajuda ter aparecido tão rápido me intriga até hoje.

— O que quer dizer com isso?

— Andreia e Karine, duas garotas que não se falavam há algum tempo, saem juntas de barco para uma festa, sofrem um acidente e caem no mar, desacordadas. Nenhuma das duas tinha avisado nada sobre o que iriam fazer, então, como foi que a guarda costeira chegou tão rápido? Pouco mais de meia hora depois do acidente.

— Alguém pode tê-las visto e alertou a polícia, não pode? — Fiz uma tentativa, mas talvez tenha sido um erro, porque eu sentia que Rodrigo estava ficando cada vez mais estressado.

— Então por que essa pessoa não foi ajudá-las? Por que diabos alguém vê duas garotas morrendo e liga para a polícia, sabendo que vão demorar bem

mais? Sei que existem pessoas assim, e só posso dizer que são uns merdas. Eu me admiro muito em ver que você cogitou a hipótese com tanta naturalidade — ele alterou o tom de voz, me fazendo sobressaltar.

Imediatamente me levantei, indignada.

— Ei, ei, o que foi? — E ele ainda tinha coragem de perguntar?

— Vou voltar para a loja.

Rapidamente, Rodrigo se levantou também, colocando-se de frente para mim.

— Mas, por quê?

— Eu te falei que não queria me envolver nesse tipo de coisa, mas aceitei ser um ombro amigo e te ouvir, só que não estou disposta a lidar com alterações de humor. — Comecei a limpar a areia do meu corpo e me virei para ir embora. Ele me segurou, me mantendo ali.

— Me desculpa! — exclamou com veemência. — Eu não tinha a intenção de ser grosseiro com você. O problema é que isso tudo mexe demais comigo. — Abaixei minha cabeça, porque não queria encará-lo. Sabia que se o fizesse, acabaria cedendo, pois parecia realmente arrependido. Contudo, não tive muita escolha, pois ele colocou a mão em meu queixo e o ergueu, obrigando-me a olhá-lo nos olhos. — Cecília, é sério, me desculpa. Eu realmente estou agindo como um babaca com a única pessoa que tem se dignado a me ouvir sem me olhar com pena. Por favor, não fique chateada comigo.

— Eu não posso me envolver nessa história. Estou toda destruída emocionalmente e não acho que cavar as circunstâncias da morte de uma amiga possa me fazer muito bem. Por mais que ela tenha me procurado antes de morrer, não muda o fato de que nada disso tem a ver comigo — falei mais do que deveria, especialmente sendo ele quase um desconhecido.

— Você não precisa se envolver, e eu nem quero isso. Se for mesmo um assassino, pode ser perigoso revirar o passado. Só queria poder conversar...

Levei uma das mãos às têmporas, massageando-as, sentindo uma dor de cabeça muito leve se aproximando.

— Tudo bem, mas eu quero voltar para a loja mesmo assim.

— Droga, Cecília, eu realmente te assustei, não foi? — Rodrigo colocou novamente a mão no meu braço, de forma quase automática. Rapidamente me desvencilhei, demonstrando que não queria aquele tipo de contato.

— Você não me assustou, nem antes e nem agora. É que aconteceram... — comecei a falar, mas interrompi a mim mesma, hesitando. Queria deixar tudo bem claro para que a nossa convivência fosse menos problemática. — Aconteceram algumas coisas comigo há pouco tempo; coisas que me fizeram mudar. Eu não era essa pessoa que você está conhecendo agora. Era mais alegre e espirituosa, menos presa. Por isso, me desculpe se eu parecer esquivada ou vulnerável demais.

— Eu entendo. E não quero, de forma alguma, invadir seu espaço. Se estiver fazendo isso, por favor, me avise.

Tentei abrir um sorriso, embora não estivesse muito disposta.

— Você está. — Diante da minha sinceridade, Rodrigo arregalou levemente os olhos, bastante surpreso. — De uma forma simpática, é claro.

Rodrigo também sorriu.

— Menos mal. Não que me deixe tranquilo saber que posso estar te incomodando e que talvez você seja legal demais para não me dar um fora. — Eu ia falar que não era esse o caso, só que ele não me deixou interrompê-lo. — Já que você quer voltar para a loja, posso, pelo menos, te acompanhar?

— Tudo bem.

Recolhemos nossas coisas, Rodrigo vestiu sua camisa e partimos. Eu não tinha sequer mordido meu sanduíche, provavelmente ele continuaria intocado mesmo quando chegasse à loja, já que meu apetite desaparecera.

Começamos a caminhar. Nenhum dos dois se empenhou em continuar a conversa, o que foi bom, porque tive algum tempo para refletir.

O que eu realmente sabia sobre Rodrigo? Por que estaria disposta a oferecer minha amizade a ele? Não o conhecia há muito tempo, mas sua companhia não me incomodava, por mais que continuasse insistindo em me envolver em suas recentes dúvidas sobre o acidente de Andreia. Talvez fosse a tal conexão que eu sabia que existia entre almas despedaçadas, e que senti logo que o vi, naquele primeiro dia. Ou talvez fosse qualquer coisa que ainda desconhecia. A empatia estava lá, era real, quase palpável. Até porque esse

tipo de coisa não tem explicação. Pelo que parecia, eu simplesmente tinha ido com a cara dele.

Apesar de sentir aquela leve simpatia em relação a ele, estava mesmo decidida a manter minha vida nos eixos. Porém, aquela merda de história parecia decidida a me perseguir, pois assim que chegamos em frente à Doces Lembranças — loja da minha avó —, vi Solange parada como uma estátua, com os braços cruzados e as costas curvadas, parecendo submissa, quase sombria.

— Ora, não é uma coincidência ver vocês dois juntos? A garota que semeou o caos outra vez na minha cabeça e o cego que não quer enxergar.

Rodrigo deu um passo à frente, praticamente se colocando diante de mim na intenção de me proteger daquela mulher, embora ela não fosse exatamente uma ameaça.

— Solange, só estávamos fazendo companhia um ao outro. Eu já vou voltar para a minha loja, se quiser me acompanhar, podemos ir conversando, só vamos deixar Cecília em paz, tudo bem? — ele falou com cautela, como se estivesse lidando com um psicopata prestes a nos atacar.

— Mas é com ela que eu quero falar! Você, Rodrigo, não se importa que todos acreditem nessa farsa, nem que um assassino esteja à solta. — Ela deu de ombros, parecendo muito perturbada. — Confesso que estava quase aceitando e me conformando, até que essa garota — apontou para mim, como se fosse um inquisidor acusando uma bruxa na época da Idade Média — apareceu, trazendo à tona todas essas lembranças, falando sobre aquele e-mail. Aliás, já o releu?

Cheguei a recuar, com a impressão de que ela realmente pularia no meu pescoço e tentaria me sufocar, mas seu semblante suavizou e uma lágrima escapou de seus olhos.

— Sim. Ela queria alguém para conversar. Alguém que fosse de fora de Solário. Parecia... *triste*.

— Está vendo? Isso é estranho. Karine nunca foi uma garota triste. Era esfuziante, bem-humorada. — Fez uma pausa e passou a mão pelos cabelos curtíssimos. — Fiquei com tanta raiva de você por ter aparecido na minha casa daquele jeito, por ter alimentado todas as minhas suspeitas... Mas depois

acabei sentindo raiva de mim mesma. Deixei passar muito tempo. Daqui a pouco ninguém mais vai se lembrar de Karine. A memória da minha única filha vai se tornar uma daquelas coisas velhas que se guarda dentro de um baú debaixo da cama. — Ela chorava de forma quase histérica. — Só que eu não vou deixar! Se ninguém me ajudar, vou descobrir tudo sozinha. Aí todos vão acreditar na maluca da cidade.

A última frase soou como um um gemido de dor.

Ela até poderia ser maluca, de acordo com o que a maioria pensava, mas disse algo muito verdadeiro. As pessoas realmente lamentam por seus mortos por um certo período de luto, como se houvesse um prazo de validade para a dor, como se a saudade fosse perecível. A premissa de que o tempo cura tudo faz com que guardemos nosso sofrimento dentro de uma caixinha trancada e a coloquemos bem no fundo do coração, para que não consigamos encontrá-la. A partir de então, lembrar passa a ser perigoso, evitado. Até o dia em que só sobra um rosto perdido, uma voz vazia e momentos esporádicos de nostalgia.

Não era apenas o sofrimento daquela mulher que me inquietava. Karine quisera a minha ajuda. De alguma forma, em um momento de desespero e tristeza, foi de mim que ela se lembrou.

Pensando eu tudo isso, deixei escapar uma frase involuntária que poderia me complicar dos pés à cabeça:

— Eu realmente não quero me envolver nisso, mas talvez possa ajudar de alguma forma. De longe... com alguma ideia. Não sei... — Ao ouvir o que eu disse, Rodrigo olhou para mim, bastante aturdido. Não o culpava. Até eu mesma estava desconcertada com minha atitude, ainda mais pelo que acabara de conversar com ele sobre não querer me envolver no assunto. Claro que poderia ser apenas uma estratégia para me livrar da mulher, mas a verdade era que, a partir daquele momento, senti como se estivesse selando o meu destino.

Vi Solange sorrir satisfeita por um momento, mas logo ficou séria novamente, num espaço curtíssimo de tempo.

— Acho que será bom mesmo, menina. Se foi realmente uma tentativa de assassinato, qualquer um pode ser a próxima vítima. Até mesmo você. Nunca

se sabe.

Depois de dizer aquilo, ela simplesmente se afastou, sem que eu soubesse se tinha me alertado ou ameaçado. Rodrigo olhou para mim, parecendo igualmente chocada. Na verdade, eu imaginava que ele deveria estar se sentindo da mesma forma que eu: preso em uma maldição.



PAGADAS NA AREIA



CECÍLIA

Por mais que eu tentasse expulsá-las, a imagem e as palavras de Solange ficaram gravadas em minha mente por um bom tempo, chegando a me impedir de dormir em algumas noites, como se tivessem sido pregadas a fortes marteladas. Imaginava que Rodrigo deveria estar se sentindo da mesma forma, pois se mostrara bastante abalado quando me deixou para voltar ao trabalho naquele dia, depois de nossa despedida desanimada. Também fiquei surpresa por ele não ter comentado nada a respeito de minha decisão de participar da busca por respostas.

Dias se passaram sem que eu recebesse qualquer notícia, tanto dele quanto de Solange. Não os vi, nem sequer de passagem.

Estávamos fechando a porta da loja, depois de um expediente bem cheio, quando avistei Omar chegando apressado. Depois de ele cumprimentar a todas nós com aquele seu jeito de poucas palavras, minha avó nos avisou que jantaria fora e perguntou se queríamos ir também. Pauline e eu recusamos prontamente, e tudo o que nos restou foi observar o casal se afastar, abraçados, parecendo muito felizes.

A cena não deixou de me comover. Não conhecia nada do passado de Omar, mas podia falar por minha avó. Sabia que tinha se casado com o primeiro e único namorado, que falecera em um acidente na fábrica onde trabalhava quando a filha caçula, minha mãe, tinha quinze anos. Não conheci meu avô e podia jurar que D. Zuleika não tivera outro homem em sua vida até Omar Fernandes. E era exatamente isso que fazia com que eu me perguntasse por que o universo permitia que pessoas tão boas levassem tanto tempo para serem felizes.

— Cecília, quer ir comigo à Praia das Amoras? Vamos fazer um luau. Seria uma ótima oportunidade para você conhecer o Juan, já que ainda não tive a oportunidade de apresentar vocês dois — Pauline indagou pouco depois da minha avó partir.

— Juan? — perguntei, me sentindo levemente perdida.

— Meu noivo. — Ela revirou os olhos. — Já te falei sobre ele.

— Ah, claro! — Tentei adiar a resposta para o convite ao máximo.

Eu me lembrava daquela praia. Era uma das mais bonitas da cidade, uma extensão da Praia da Fortuna, onde ficava a casa da minha avó. Deveríamos demorar uns quinze minutos para chegar à das Amoras, mas sei que poderia valer a pena. O lugar era lindo.

— E aí, vamos? Vai rolar um churrasquinho. Garanto que é uma opção bem melhor do que a lasanha de micro-ondas que te espera se você for para casa, já que a vovó vai chegar tarde.

Não que não gostasse da lasanha de micro-ondas, mas tinha quase certeza de que acabaria deixando-a de lado por pura preguiça. Também não estava muito animada para um luau, ainda mais no meio da semana, com pessoas completamente desconhecidas para mim. Apesar disso, ir para casa e ficar sozinha, sem nada para fazer, não era uma alternativa atraente, pois eu sabia muito bem o que poderia surgir com a solidão e se manifestar dentro da minha cabeça, caso eu permitisse. Conhecia cada estágio da escuridão e não a desejava.

Sendo assim, minha resposta a Pauline foi bem óbvia, e, quando dei por mim já estava entrando no carro dela e partindo para o local onde aconteceria o evento.

Chegamos à bela Praia das Amoras por volta das oito da noite. Pauline estacionou o carro e saltou, entregando algumas moedas a um flanelinha, a quem cumprimentou de forma entusiasmada, dando a entender que já o conhecia. Depois, abriu o bagageiro do carro e tirou de lá duas cangas, além de um isopor, que eu a ajudei a carregar por uns dois metros, até que um rapaz veio em nosso socorro.

— Porra, Pauline! Trouxe cerveja para quantas pessoas? — o rapaz comentou em tom de brincadeira enquanto carregava sozinho o isopor. — Isso aqui está pesado pra burro.

— Da última vez faltou, não quis correr o risco.

— Então você não foi a única a pensar assim. Todo mundo trouxe bastante cerveja. — Outro rapaz se aproximou, parando de fazer o churrasco para nos receber. Imaginei que se tratasse de Juan, pois beijou Pauline na boca.

— Que bom, já que temos mais uma convidada hoje. — Pauline apontou para mim com a cabeça. — Esta aqui é Cecília, espero que vocês a recebam no grupo de braços abertos.

— Ah, mas não seja por isso! — O rapaz que nos ajudou com o isopor veio em minha direção, literalmente com os braços abertos, e me abraçou de uma forma tão súbita que me vi completamente imóvel, congelada como uma estátua. Pauline deve ter percebido meu desconforto, pois aproximou-se, dando alguns leves toques no ombro do intruso, que finalmente me soltou.

— Vá com calma com ela, Kiko — minha prima alertou.

— O que foi? — Ele arregalou os olhos, muito surpreso. — Você que pediu que a recebêssemos de braços abertos. Só quis ser simpático.

— Claro. Você *adora* ser simpático com garotas, não é, seu babaca? — Juan deu um soco no braço de Kiko, fazendo-o praguejar e revidar. Como dois meninos de dez anos de idade, começaram uma brincadeira de luta na areia.

— Cecília, tudo bem com você? Desculpe pelo Kiko, ele é meio bobão, mas é um cara legal — Pauline tentou se explicar, enquanto eu ainda ria, observando os meninos se divertindo.

— Fica tranquila. Pode não parecer, mas não sou feita de cristal — também brinquei, abrindo um sorriso para que ela percebesse que estava realmente tudo bem.

— Bom, se é assim, deixa eu te apresentar ao resto do pessoal. — Ela pousou a mão nas minhas costas, me guiando até o ponto da areia onde outras pessoas estavam reunidas. — Galera, essa aqui é Cecília, minha prima; Cecília, estes são Júnior, Ísis, Ruth, Juan, meu noivo, e o Kiko você já conheceu.

— Deixei uma impressão e tanto, não deixei, gata?

Não pude deixar de rir e acenei timidamente para os outros, recebendo o mesmo cumprimento em retorno. Era estranho me sentir tão relutante em relação a receber pessoas novas em minha vida, sendo que costumava ser tão sociável. A sensação era sufocante e — precisava admitir — de pura paranoia. Minha mente recebia a imagem de cada novo rosto como uma possível ameaça, e eu simplesmente não conseguia agir com naturalidade.

Encarnava o papel da presa, do animal acuado vigiado pelo caçador minutos antes do abate.

Tinha plena consciência de que era um problema que precisava ser exorcizado. Sendo assim, sentei-me ao lado de uma das meninas e aceitei a cerveja que Juan me ofereceu, agradecendo-o. Não estava muito acostumada a beber, principalmente em um dia de semana, mas achei que era uma boa oportunidade para relaxar.

Dei a primeira golada e, com um sorriso, permiti que o líquido gelado descesse bem devagar pela minha garganta. O deleite foi tão grande que me perdi em um momento só meu. Enquanto os outros continuavam com suas conversas, eu aproveitava para contemplar a vista. A lua lançava feixes de luz verticais, que mais pareciam lâminas afiadas cortando o mar. Quase esperei que as ondas sangrassem, enquanto o som que emitiam, ao quebrar nas pedras, me remetia a batidas de um coração apaixonado. Tinha a nítida impressão de que o oceano queria contar uma história e deixava pequenas pistas do enredo na areia que o recebia como uma amante ansiosa. A paz que a natureza começava a me transmitir já bastou para limpar minha alma, ao menos naquele momento, e me senti pronta para socializar. O que foi bom, já que, instantes depois, as perguntas começaram a se dirigir a mim.

— O que você fazia no Rio? — uma das garotas, que me fora apresentada como Ruth, perguntou, tentando me enturmar.

— Eu fazia faculdade de História, na UFRJ — respondi de forma econômica, esperando que fossem apenas perguntas de praxe, desinteressadas, e que ninguém se aprofundasse na curiosidade.

— Ih, era nerd. Mas uma nerd gatinha — o comentário foi de Kiko, é claro. Tive que rir.

— Nem tanto. Escolhi História porque queria dar aulas.

— Queria? E por que não quer mais? — Júnior indagou, e eu percebi que todos estavam olhando para mim com atenção.

Por um instante, não soube o que responder. Ou melhor, eu não *queria* responder. E por que deveria? Acabara de conhecer aquelas pessoas, não queria abrir a porta da minha vida assim tão fácil.

Contudo, para a minha sorte, Pauline veio novamente em meu socorro.

— O que é isso, pessoal, um interrogatório? — ela repreendeu, mas em tom de brincadeira. — Por acaso a Cecília veio de Marte?

— Ah, Line, deixa de ser chata! Foi uma pergunta inocente. A gente só está querendo conhecer melhor a sua prima — Ísis falou, e eu me vi sem saída.

Analisando o que a garota tinha acabado de dizer, a pergunta realmente era inofensiva. E a resposta também poderia ser.

— Eu tranquei a faculdade e vim para Solário porque perdi uma grande amiga.

Não era uma mentira, embora fosse apenas um terço do que realmente acontecera. Para ser sincera, era a primeira verdade que falava a respeito daquele assunto em algum tempo. O efeito seria o mesmo se eu tivesse exorcizado um pequeno demônio, integrante do enorme grupo dos que viviam dentro de mim. Eles costumavam fazer Carnaval na minha cabeça, dançando e gritando palavras de ódio, que me provocavam uma terrível sensação de escuridão, como se o caminho à minha frente fosse pavimentado apenas por sombras.

O pensamento não demorou a fazer com que me sentisse mal, mas, corajosamente, respirei fundo e dei uma boa olhada no mar, o que foi me acalmando aos poucos.

Quando virei os olhos para as pessoas ao meu redor, percebi que todos estavam com suas atenções ainda voltadas para mim, com aquele olhar de pena que eu tanto evitava. Sabia que se contasse toda a história, aquelas expressões aflitas se multiplicariam, imediatamente me tornando algo que nunca me permiti ser: uma vítima.

— Sinto muito por ter insistido na resposta. Eu não sabia... — Ísis falou envergonhada. Esforcei-me ao máximo para sorrir, para que ela não se sentisse tão mal.

— Claro que não sabia. E não fez nada de errado em perguntar.

Assim que o desconforto passou, as pessoas voltaram aos seus interesses, praticamente ignorando o que tinha acabado de ser dito. Pauline, por sua vez, manteve seus olhos em mim por mais tempo, preocupada. Tentei tranquilizá-la com um sorriso.

Enquanto o grupo voltava a conversar sobre outras coisas, apurei meus ouvidos para que prestassem atenção a um som de dedilhar de violão que vinha de algum lugar daquela praia, não muito distante. Era uma melodia melancólica, bonita e suave; quase uma ode à tristeza.

Contaminada pela canção, levantei-me, deixando a cerveja afundada na areia, e me aproximei do mar, como se ele estivesse me chamando. Uma leve brisa bagunçou meus cabelos, proporcionando uma sensação de liberdade. Sobre minha cabeça, pequenas estrelas beijavam o céu, destacando-se no breu como pequenos diamantes; como olhos de anjos travessos, ansiosos para fofocarem sobre a vida na terra.

A paisagem diante de mim era como um poema, e eu achei que, se fechasse meus olhos naquele instante, poderia acreditar — por um segundo — que a vida tinha gosto de esperança e cheiro de maresia. Porém, a escuridão dos meus olhos fechados aguçou meus outros sentidos, e meus ouvidos foram novamente tomados pelo som do violão. Daquela vez reconheci a música. *A Time For Us* foi a resposta para a pergunta que não fiz a respeito de quem poderia estar tocando. Claro que era Rodrigo.

Voltei meus olhos na direção da música e o vi sentado na areia, de frente para o mar, com aquele semblante reflexivo que parecia sempre acompanhá-lo.

Pelo que parecia, aquele estranho magnetismo que nos perseguia continuava funcionando, porque ele se virou para mim. Por um momento, não interpretei a expressão desenhada em seu rosto, mas logo concluí que estava decepcionado, a julgar pelo cenho franzido que eu conseguia enxergar àquela distância. Também podia ver a sacola que lhe entregara alguns dias antes, com a caixinha de música, sinal de que ainda não havia presenteado a irmã, mesmo depois de tanto tempo, arruinando minha possível desculpa para me aproximar e puxar um assunto, perguntando se Andreia tinha gostado da escolha. Apesar disso, não deixei de cumprimentá-lo com um aceno e fui correspondida com um meneio de cabeça. Não foi a saudação mais simpática, contudo, decidi não me apegar a isso.

No entanto, alguém percebeu meu interesse nele e não deixou passar em branco.

— Olha, ele é um gato, já peguei, mas isso foi em outros tempos. Hoje em dia o Zero é outra pessoa, totalmente inacessível. Só não posso negar que ainda tenho um baita tesão nele. Beija que é um perigo.

Definitivamente, eu não esperava aquela sinceridade, muito menos uma confissão feita de forma tão natural, mas Ísis parecia ser uma garota sem papas na língua.

— Bem, acho que ele tem alguns motivos para ter mudado. Até onde eu sei, passou por umas coisas bem pesadas. — Aproximei-me novamente das pessoas que me faziam companhia.

— É verdade. Foi um baque atrás do outro. Primeiro a mãe, de câncer, depois de uns quatro anos, a irmã — Juan comentou. Não sabia da parte da mãe, o que me fez lamentar ainda mais, porém, preferi não dizer isso a ninguém.

— Então você já sabe da tragédia, Cecília? — Júnior se intrometeu. — Eu namorava Karine. Fiquei arrasado quando aconteceu.

Assenti, sem demonstrar muito da minha opinião, até porque ninguém precisava saber que meu contato com Rodrigo fora um pouco maior do que uma conversa em um balcão de loja. Porém, cada vez mais, conforme ruminava minhas recentes descobertas, chegava à conclusão de que Solange estava certa e algo parecia muito estranho. Ou talvez minha fértil imaginação tivesse decidido brincar de montanha-russa, colocando-se de cabeça para baixo, embaralhando fantasia e realidade. Por mais que não fosse o caso, sempre mantive a cética opinião de que nenhum destino se desenha sozinho, é apenas um reflexo de nossas escolhas. Eu tinha feito algumas muito erradas na vida, e o acaso se encarregara de me dar uma bela rasteira.

— Tá vendo, Ísis? É isso que acontece quando se fica com o cara errado. Se tivesse ficado comigo, teria valido mais a pena. — Kiko foi se inclinando na direção dela, pronto para lhe roubar um beijo, mas Ísis recuou.

— Sai fora, seu idiota! Eu não ficaria com você nem se fosse a última opção no mundo. Preferiria virar freira.

Todos riram, inclusive eu. Era difícil imaginar uma menina tão bonita quanto Ísis, com aquela aparência de Barbie, confinada em um convento e trocando aquele shortinho curto por um hábito.

— Andreia é uma gatinha também, mas sempre se fez de difícil. — O comentário de Kiko surgiu do nada, totalmente inesperado.

— Ah, então quer dizer que se uma menina não quer ficar com você é porque se faz de difícil? — Pauline zombou, revirando os olhos. Ainda acrescentou: — Babaca, machista.

— Nada disso. Não estou falando de mim. Ela nunca ficou com ninguém aqui de Solário.

— Claro! Por que ela pegaria os *losers* daqui, sendo que vivia viajando em competições de natação e apneia? — Ísis deu sua opinião. — Devia sair com uns meninos lindos e ainda por cima não caía na boca dos fofoqueiros daqui.

— Diferente de você, n ? Quem manda ser pegadora? — Júnior brincou, enquanto servia pedaços da carne que Juan estava preparando. Em retaliação, Ísis jogou uma latinha vazia nele.

— Olha — Ruth começou —, essa história de ela pegar uns meninos bonitos pode estar errada. De repente ela pegava meninas.

Aquela fofoca começou a me deixar nauseada. Se ela pegava meninos ou meninas era algo que dizia respeito s  a ela, mas será que as pessoas não podiam simplesmente deixar os mortos e os acidentados em paz? Ouvindo todas aquelas baboseiras, compreendi o motivo de Rodrigo ter se afastado de seus antigos “amigos”.

Ao pensar nele, meus olhos involuntariamente voaram em sua direção, e o vi caminhando pela areia, cabisbaixo, com o violão em uma mão e a sacola em outra, indo embora. Meu cora o se apertou ao ver a cena, e eu quase o segui para escapar daquela conversa, mas ele provavelmente não iria querer minha companhia.

— Ei, Cecília! Topa jogar Verdade ou Consequência? Pode deixar que vamos pegar leve com você — Kiko chamou.

Aquela era uma péssima ideia. Pior do que isso, era catastrófica. Eu facilmente poderia me ver encurralada contra a parede, sem escapatória, bombardeada por perguntas que não queria responder. Mas poderia mentir, não poderia? Claro que algumas lembranças seriam evocadas, nada que uma

boa cerveja não repelisse. Quem sabe um belo porre não me ajudasse a deixar tudo para trás?

Com certeza me arrependeria depois, mas a ideia se tornava mais e mais atraente a cada segundo que passava.

— Eu topo, só vou precisar de mais cerveja.

— Uhu! Essa é das minhas!

E foi então que o desastre começou.



RODRIGO

Meus pés estavam sujos de areia, por isso, levei algum tempo na varanda da casa limpando-os na camisa. Não que alguém andasse se importando com isso nos últimos tempos. Desde a morte de nossa mãe, era sempre Andreia quem reclamava das pegadas que eu deixava no piso claro da sala ou de quando eu me deitava em sua cama com o corpo cheio de sal do mar só para provocá-la. Contudo, o ato de fazer as coisas que ela me pedia se tornou um hábito, quase um ritual.

Era muito difícil voltar para casa. Tanto que tinha dias que adiava esse momento ao máximo. Aquele era um deles. O encontro com Solange mexera comigo, mais do que eu gostaria de admitir, e enfiara caraminholas na porra da minha cabeça. Não que aquelas dúvidas já não existissem. Elas sempre estiveram lá, hibernando, acendendo pequenas fagulhas esporádicas, que teimavam em me incomodar. Mas agora aquelas fagulhas tinham se tornado uma enorme fogueira, de proporções perigosas.

Fui recebido, ao abrir a porta, por um cachorro enorme, pulando sobre mim, fazendo festinha. Ao menos alguém estava feliz por me receber.

— Ei, Netuno, também senti sua falta, garotão.

Retribuí o carinho, até que ele pareceu se cansar, pois foi procurar outra coisa para fazer.

Depois que fui deixado sozinho, fui até o quarto de Andreia e dispensei a enfermeira. Em seguida, subi até o meu quarto para tomar um banho. Perdi alguns minutos no chuveiro, na intenção de que a água desse uma mexida no meu rosto e fizesse com que a carranca que tinha surgido ali desaparecesse, embora eu nem sequer soubesse a razão de estar tão contrariado.

Ou melhor, na verdade, eu conhecia o motivo. Tinha a ver com Cecília e o fato de ela estar naquela praia com *elas*.

Eu não tinha o direito de ficar decepcionado por vê-la com aquelas pessoas. Afinal de contas, ela não me devia lealdade, e nós não estávamos no ensino médio para que eu ficasse puto com alguém por “compactuar com o inimigo”. Não havia nenhum tipo de rivalidade naquela história, apenas pessoas que deixaram de fazer parte da minha vida. Pessoas que eu pensava

serem especiais, mas que tinham escolhido não compreender minha nova vida, me afastando lentamente de sua convivência.

A verdade era que Cecília não tinha culpa do meu mau humor.

Saí do chuveiro, me vesti e peguei o presente de Andreia, pronto para entregá-lo. Deveria tê-lo feito há algum tempo, mas acabei esquecendo com toda a confusão daqueles dias. Encontrei a caixinha dentro da minha gaveta do escritório, completamente esquecida, e decidi que estava na hora de ela seguir seu destino. Porém, antes de mais nada, a visão do meu pai, sentado à mesa de jantar, comendo sozinho, me fez parar. A mesa de oito lugares, que antes vivia cheia de jovens barulhentos e de comida, agora era nada mais do que uma coleção de cadeiras vazias. O homem ali sentado também parecia igualmente vazio. Já tinha até me esquecido de sua gargalhada, e muitas vezes me pegava sorrindo sozinho, recordando de suas piadas, para não perder a esperança de que algum dia o teria de volta. Naquele momento, ele era apenas uma casca, um resto de alma que não tinha mais razões para viver.

Não que eu o condenasse. E quem poderia? A vida andava nos tratando com luvas de pelica, como o mais imundo dos lixos, oferecendo situações de merda, uma atrás da outra. Primeiro minha mãe, cuja doença, longa e dolorosa, foi devastando cada um de nós aos poucos. Quem nos manteve de pé, depois de sua morte, foi Andreia, com seu jeito espirituoso e sua luz. Sabíamos que também sofrera, mas aguentara a barra com uma força que ninguém imaginaria que pudesse ter. Porém, toda aquela luz também se apagou, levando um pedaço de cada um, algo que meu pai simplesmente não conseguiu superar. Ele desabou.

Difícilmente saía de seu quarto, mal conversava, esperando o tempo passar. Isso acabou significando mais uma perda para mim, que me vi praticamente sozinho para lidar com o problema. Ao menos tinha meu avô para me ajudar, embora não morasse conosco. A decisão de ele se manter em sua própria casa foi minha, apesar de ele ter lutado muito contra, pois não queria que, com sua idade mais avançada, precisasse lidar com tanta tristeza todos os dias. Ainda bem que havia alguém como Zuleika para apoiá-lo em meio àquele caos.

Dei um primeiro passo hesitante na direção do meu pai, como se tentasse me aproximar de um animal selvagem no meio de um safári. Todas as vezes

em que o encontrava — que eram raras, já que ele passava boa parte dos dias dentro do quarto, de portas trancadas — tinha dificuldade para escolher as palavras certas a dizer, principalmente para iniciar um diálogo. Um contraste enorme com a parceria e cumplicidade que costumávamos ter antes.

— Oi, pai. Se soubesse que jantaria aqui embaixo, teria chegado mais cedo.

Eu me esforçava bastante para tentar manter as coisas como se nada tivesse acontecido, embora fosse uma ideia bastante estúpida. Nada mais seria como antes. A luta era em vão.

— Desculpe. Eu poderia ter avisado, mas decidi em cima da hora.

A voz do meu pai soava mais rouca do que eu me lembrava, e isso, provavelmente, se devia ao fato de que ele falava muito pouco desde que decidira viver em isolamento. A barba também quase não era feita, e o cabelo estava tão comprido que quase chegava à altura dos ombros. Mal lembrava a imagem do homem atraente e elegante que fora um dia.

— Não, tudo bem. — Sem nem ser convidado, sentei-me na cadeira ao lado da dele. — Fico feliz que tenha saído um pouco. Senti sua falta.

Nenhuma resposta. Meu pai apenas balançou a cabeça, como se nem estivesse prestando atenção ao que era dito.

— Hoje vai ter jogo do Mengão na TV. Podemos assistir juntos e...

— Não, estou com dor de cabeça, vou deitar cedo. — A recusa foi quase instantânea, como se a possibilidade fosse insuportável. Será que eu era assim tão repulsivo para ele? Minha companhia lhe fazia mal?

Várias vezes eu tinha aquela impressão. Sempre que tentava me aproximar, ele encontrava alguma desculpa e voltava a se trancar em sua depressão que nunca tinha fim. Era tão doloroso quanto exaustivo. Estava cansado de segurar todas as barras sozinho e de enfrentar os problemas por inteiro, sem poder compartilhá-los, o que seria mais do que justo.

Tendo isso em mente, tentei uma atitude desesperada. Sem nem pensar no que fazia, coloquei nossas mãos uma sobre a outra. Ele se sobressaltou. Provavelmente fazia um bom tempo desde que fora tocado por alguém pela última vez. Para a minha surpresa, no entanto, apertou-me com força, como se não quisesse nunca mais me soltar.

— Estou aqui, pai. Sabe que pode desabafar sempre que precisar. Não vamos superar nada se não estivermos juntos.

Sempre achei que, quanto menos trouxesse à tona a recordação, mais fácil seria esquecê-la. Por isso, tentei ser forte, vestindo as responsabilidades como se fossem um uniforme obrigatório, mas estava na hora de pedir ajuda também, de deixar de lado a capa de herói e me render.

— Eu também preciso de você. — Joguei todos os meus sentimentos naquela simples frase, como um tudo ou nada, esperando que ele sentisse meu desespero.

Ficamos nos observando por alguns minutos, buscando no fundo dos olhos um do outro uma explicação ou uma parte dos homens que fomos um dia, algo que nos permitisse reconhecer quem éramos dentro de nossos corações.

O contato durou apenas alguns instantes. Meu pai voltou a fitar o prato quase vazio e o garfo com o qual remexia a comida.

— Perdi a fome. Vou voltar para o meu quarto. — Ele se levantou, e não me restou alternativa além de permitir que se afastasse. Fiquei observando-o caminhar na direção das escadas, com a mão no corrimão. De repente, virou-se para mim sem me olhar nos olhos. Desta forma, acrescentou: — Me desculpe. Eu deveria, eu... deveria ser forte. Por nós dois. Só que não consigo. — Então, apressou-se em desaparecer para que eu não percebesse que ele estava chorando. Mas eu sabia.

Só não sabia quando teria uma chance como aquela outra vez.



RODRIGO

Era oficial: havia uma alma masoquista dentro do meu corpo. Era a única explicação para o que fiz logo depois da conversa com meu pai. Também pretendia jantar, mas perdi a fome. Sendo assim, apenas lavei os pratos que ele usara e parti para o quarto de Andreia.

Ela já estava arrumada na cama, de banho tomado, roupa limpa e com a sonda em ordem — como sempre, a enfermeira tinha feito um bom trabalho. Acordada, mantinha seus lindos e vagos olhos cor de mel vidrados, como se sua mente estivesse sempre concentrada em algo. Quando a via naquela situação, fora da cadeira de rodas, meu estômago chegava a revirar de raiva. Ela quase parecia uma garota normal, como a que costumava ser antes de toda a injustiça que se abatera sobre sua vida. Porém, tudo o que me restava era encarar a realidade.

Resignado, aproximei-me da cama, segurando o presente que pretendia lhe entregar, e afastei a cadeira de rodas do meu caminho. Tratava-se de uma cadeira especial, com encosto anatômico; cinto de segurança para que ela não tombasse para frente, uma vez que não tinha controle de seus movimentos; apoio de pés acolchoado, assim como o da cabeça, que era regulável na altura e na profundidade. Sempre que olhava para ela, me lembrava da primeira vez em que vi Andreia ali. Fiquei enfurecido, fora de mim, como se o objeto fosse culpado pela tragédia. Por muito tempo tive até dificuldade de tocá-lo, mas agora reconhecia que era o único meio de transportar minha irmã de forma segura e com mais facilidade, para que ela pudesse ver a vida lá fora.

Levantei-me, depois de observá-la por alguns minutos, e beijei-a no alto da cabeça, tocando seus cabelos muito longos, castanhos claros e levemente ondulados. Depois, retirei a caixinha de música da sacola e depusitei-a sobre o criado mudo, aberta, para que a bailarina pudesse rodopiar ao som da melodia.

— É para você, Cara de Formiga. Depois me diz se gostou. Te encontro já, já.

Saindo de lá, me dirigi ao quintal. Enquanto tirava minha camisa, dei uma olhada no céu. Era difícil não comparar minha família com uma constelação.

Parecia distanciar-se cada dia mais, até o ponto em que eu perderia todos. Acabaria, então, como uma estrela solitária em um dia de céu nublado.

Terminei de me despir, ficando apenas de sunga, dei alguns pulos para encarar a água gelada e mergulhei de cabeça. Dei algumas braçadas, de um lado para o outro, para me aquecer. Até que me senti pronto e submergi.

Nem precisei chamar muitas vezes para ouvir a voz dela soando na minha cabeça. A voz que eu tanto desejei ouvir minutos antes, pessoalmente.

— *Precisava ter deixado essa maldita musiquinha tocando? Posso estar vegetando, mas não estou surda!* — Era estranho pensar que ela via e ouvia tudo o que acontecia ao seu redor, mas simplesmente não podia interagir.

— *Você reclama demais, Cara de Formiga. Até quando te dou um presente. Nada do que eu faço tem valor* — brinquei, fingindo mágoa. Não pretendia lhe contar que demorei dias para entregar a caixinha, porque não queria dar muitas explicações.

— *Ah, não começa com o drama* — reclamou novamente. — *Eu adorei de verdade.*

— *Confesso que não foi escolha minha. Foi da neta da Zuleika.*

— *Ah, eu sabia que você já estava há tempo demais sem pegar ninguém. Mas... neta da Zuleika? A Pauline?*

— *Não, outra. Chegou a Solário há alguns dias. Só que eu não estou pegando ninguém. De onde tirou essa ideia?*

— *Desde o acidente você se tornou quase um eunuco. Já estava mais do que na hora de colocar esse pau para funcionar.*

— *Porra, Andreia! Não fala esse tipo de coisa. Você é minha irmãzinha.*

Andreia deixou escapar um som que parecia uma gargalhada. Eu daria tudo para vê-la rir daquela forma, não apenas em pensamento.

— *Mas me fala dessa garota. Como é o nome dela?*

— *Cecília.*

— *É bonita?*

Aquela pergunta, sem dúvidas, merecia um pouco mais de atenção. Claro que ela era bonita. Não de uma forma agressiva; era delicada, com um

daqueles rostos que não se esquece facilmente. Havia algo de muito natural em sua beleza. Não era fabricada nem forçada. E ainda havia aqueles cabelos ruivos que eram desesperadoramente sensuais.

— *Sim, ela é bem bonita.*

— *Espero que vá me mantendo informada sobre o avanço do relacionamento. Estou sentindo uma vibração diferente na forma como fala dela.*

— *Agora você virou vidente?* — brinquei, mas senti quando soltou um suspiro.

— *Não, Aquaman. As estrelas ainda não me contam nenhum segredo. Tenho em você os olhos e os ouvidos do meu mundo.* — Era verdade. E uma baita responsabilidade. Eu era a única pessoa com quem ela podia conversar, que sabia que a antiga Andreia ainda existia ali dentro. — *Estou exausta. Podemos continuar a conversar amanhã?*

A cada dia que passava, minha irmã se mostrava mais e mais cansada. Provavelmente de tantos dias e noites iguais, de um universo que parecia girar para todos, menos para ela. Não deveria ser nada fácil envelhecer, sentir a idade pesar em seus ombros, mas continuar enxergando tudo pelo mesmo ângulo. Ver a vida passando como um trem, em frente aos seus olhos, e pensar que ela seguia sem parar, enquanto sua existência resumia-se a um quarto, cujas paredes começariam a desgastar com o tempo, uma cama que já guardava o formato de seu corpo marcado no colchão e a paisagem do lado de fora da janela, que apenas lhe avisava sobre a mudança das estações.

— *Claro, gatinha...*

— *Agora não sou mais a “Cara de Formiga”?* — Ela deu uma risadinha desanimada.

— *Agora, não. Boa noite, irmãzinha. Vou passar aí para fechar a caixa de música.*

— *Não, deixa. Vai ser minha canção de ninar.*

Então eu a senti afastar-se para adormecer, e um enorme vazio me preencheu. Seria sempre assim se eu a perdesse. Restaria apenas um silêncio mortificante em meu coração. Quanto tempo mais ela suportaria?

Quanto tempo mais?



SOMBRAS DA NOITE



RODRIGO

Dormir nunca fora um problema para mim. E por que seria? Eu costumava ter uma vida perfeita — era o garoto de ouro da cidade, cheio de medalhas, com um negócio prosperando e não faltavam mulheres ansiosas para caírem na minha cama —, então, quando deitava minha cabeça no travesseiro, além de estar exausto por conta das várias atividades que realizava em vinte e quatro horas, também me via livre de preocupações. Meu maior problema era olhar pela janela ao amanhecer e perceber que o tempo estava nublado ou chegar à praia e perceber que não havia ondas para surfar. Ultimamente, dormir significava noites tumultuadas por pesadelos ou por insônia.

Por causa disso, passava várias madrugadas em claro, apenas maratonando séries na Netflix. Quando estava com sorte, acabava capotando no sofá e conseguia ter umas três ou quatro horas de sono, mas, na maioria das vezes, via o dia amanhecer. Já estava até me acostumando.

Aquela tinha tudo para ser uma daquelas noites, se levasse em consideração o dia agitado e a quantidade de pensamentos bagunçados que estavam se formando na minha mente. Sentia-me inquieto, mais do que o normal, e nem a TV parecia me acalmar. Cheguei à conclusão de que apenas o mar conseguiria tal feito. Não pretendia mergulhar, já que era quase meia-noite, mas o cheiro de maresia, o barulho das ondas e a textura da areia já me seriam suficientes.

A praia mais perto da minha casa, infelizmente, era a das Amoras, onde meus antigos amigos estavam fazendo seu luau. Não queria encontrá-los ali, ainda festejando, porque estava cansado de ser visto como o cara melancólico. No entanto, para a minha sorte, não havia mais ninguém lá.

Sozinho, como sempre, sentei-me na areia, estiquei as pernas, inclinei o tronco para trás, usando as mãos para me apoiar, e fiquei apreciando a vista. Estava frio, mas eu não me importava, afinal, estava acostumado a surfar muito cedo — ou muito tarde —, em dias ainda mais gelados do que aquele. O inverno parecia afastar as pessoas da praia, mesmo que fosse para caminhar ou namorar. Apesar disso, acabei percebendo que não estava tão sozinho assim.

Uma figura trôpega veio andando, pé ante pé, quase como se calculasse seus passos e cuidasse de cada um deles para que não pisasse em falso e acabasse caindo. Cambaleava para um lado e para o outro, como uma palmeira em dia de vendaval, o que me fazia crer que estava bêbada. Era uma mulher. Uma mulher que eu conhecia, aliás.

Foram os cabelos que me fizeram reconhecê-la, mesmo à distância. Aqueles cabelos cor de fogo, que brilhavam mesmo sob a luz de prata da lua. No exato momento em que me levantei para ir até ela, eu a vi cair para um dos lados e ficar estatelada na areia.

Como primeira reação, senti vontade de rir. Por mais insensível que fosse da minha parte, a cena era engraçada. Tudo bem que a conhecia há pouco tempo, mas a imagem que construí dela na minha cabeça com certeza não incluía bebedeiras daquele nível. Não que tivesse qualquer problema. Garotas deveriam fazer o que quisessem de suas vidas, sem que isso desse o direito de alguém julgá-las, mas esse meu pensamento não me impedia de imaginar o quanto era perigoso que andasse embriagada daquele jeito, estando sozinha. Por que os outros não ficaram cuidando dela ou não a levaram para casa?

Continuava me aproximando dela normalmente, até que me dei conta de que não tinha se levantado. Permanecia caída na mesma posição, sem se mexer. Preocupado, comecei a correr para alcançá-la mais rápido.

Praticamente me joguei na areia ao seu lado, virando-a de barriga para cima. Estava semi-consciente e chorava, emitindo sons que eu não conseguia discernir perfeitamente. Parecia pedir que alguém a deixasse em paz.

Mas quem?

— Cecília, é Rodrigo. Fique acordada, tudo bem? — pedi, mas ela não me ouvia. Estava praticamente em transe.

Olhei ao meu redor, sem saber o que fazer. Sendo assim, minha única solução foi pegá-la no colo e carregá-la até o mar. Eu sabia que estava gelado, que seria um pequeno choque, mas era uma tentativa para fazê-la voltar a si.

Entrei na água com cuidado, como sempre fazia, quase como se pedisse permissão, e fui baixando Cecília aos poucos, para que não sentisse o baque

de uma só vez. Mesmo assim, eu a ouvi resmungar e se movimentar, agarrando-se a mim, finalmente desperta.

— Por favor, não faça isso, eu não sei nadar — sussurrou, assustada.

— O que disse? Você não sabe nadar? — sorri. — Como pode? — perguntei em tom de brincadeira, mas ela não disse nada, apenas continuou agarrada a mim, como se eu fosse seu colete salva-vidas.

Com ela já consciente, saí do mar e a levei de volta para a areia, sentando-a lá.

— Cecília, você está bem? — indaguei, enquanto ela olhava para o nada e tentava ajeitar os cabelos, mesmo com suas mãos trêmulas, enquanto alguns fios caíam em seu rosto. Como pareciam incomodá-la, ajudei-a na tarefa, encontrando a desculpa perfeita para tocá-los e constatar se eram mesmo tão macios quanto eu imaginava. Mesmo molhados, pareceram seda entre os meus dedos.

Deixei que ela ficasse em silêncio por alguns minutos, até que levou as duas mãos ao rosto e desabou a chorar, soluçando. Toquei seu ombro e novamente fiquei quieto, apenas esperando que se recompusesse.

— Que vergonha, me desculpe.

— Pelo quê? Você nem vomitou em mim — tentei brincar para que ela se sentisse melhor.

— Faz muito tempo que não bebo tanto. Eu... eu... só precisava de um pouco de álcool para... *esquecer* — ela gaguejava, enquanto as lágrimas ainda deslizavam por seu rosto, deixando uma trilha que se confundia com a água salgada do mar.

Já imaginava que Cecília deveria ter uma história fodida para contar, pelos indícios que me dera e por seu comportamento arisco e desconfiado, no entanto, era a primeira vez que eu tinha um verdadeiro vislumbre do quanto sua alma deveria estar dilacerada. Mesmo sem saber do que se tratava, me senti um egoísta por encher a cabeça dela com todas as minhas merdas e não ter respeitado a sua dor. Não que ela fosse me contar alguma coisa, afinal, *eu* era o doido que desabafava com garotas quase desconhecidas que me davam atenção, mas poderia tê-la preservado.

O que estava feito, estava feito, não tinha volta. Só me restava retribuir o ombro amigo e ajudá-la.

— Fica calma. Ninguém está te julgando aqui. Eu também já tomei muitos porres para esquecer os problemas, mas... adivinha só... eles voltavam no dia seguinte.

— Os meus, pelo visto, decidiram nem esperar pela ressaca. Já estão aparecendo — ela falou em um tom divertido, e eu dei graças a Deus por estar perdendo um pouco da palidez e do pânico que demonstrara minutos atrás.

— Olha, eu moro na rua paralela à praia. Se quiser tomar um banho antes de voltar para casa, posso te emprestar uma roupa da minha irmã. Você come alguma coisa e depois eu te levo. — Juro que me senti um assassino estuprador quando ela me olhou cheia de cautela, como se meu convite fosse imoral ou perigoso. — Liga para a Pauline e avisa onde você vai estar. Toda a sua família me conhece, não vou te fazer mal. — Estendi o meu celular para ela, que, é claro, era à prova d'água, ou estaria arruinado.

Ela fez exatamente o que eu pedi, avisando com quem estava e o que faria. Contudo, não satisfeita, sua prima pediu para falar comigo. Afobada, ela me contou que todos resolveram ir para suas casas, mas que Cecília decidira ficar um pouco mais com Kiko. Ele foi comprar algo para ela comer, mas, quando voltou, não a encontrou — com certeza saíra caminhando sem rumo, até ser encontrada por mim. Pauline parecia aliviada, principalmente quando falei que cuidaria de Cecília.

Ela ainda me pediu também para avisar que colocaria a chave em um dos vasos de plantas da varanda e que deixaria o portão aberto, já que a prima tinha abandonado a bolsa na areia. Felizmente, Kiko a pegara.

— Meu Deus! Minha bolsa! — Cecília arregalou os olhos quando lhe dei o recado.

— Ainda bem que está com Kiko. Pauline vai avisá-lo que você está comigo. — Juro que tentei me controlar para não fazer a pergunta seguinte, mas foi mais forte do que eu. — Logo o Kiko? Não tinha um cara menos bobão para você escolher ficar? — Não queria repreendê-la, só que estava realmente surpreso.

— Eu não fiquei com ele! — ela exclamou com veemência, como se estivesse jurando sua inocência em um tribunal. — Na verdade, me lembro de pouca coisa das últimas horas. Ainda assim, acho que consigo entender a lógica da Cecília bêbada para escolher um cara como o Kiko.

— E tem alguma lógica? — Ri.

— Pior que tem. Além do fato de ser muito insistente, tenho a certeza de que nunca me apaixonaria por alguém como ele — falou sem me encarar, envergonhada.

— E você não quer se apaixonar?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Não, não quero.

A pergunta que veio logo em seguida foi feita sem querer. Simplesmente escapou.

— Foi ele que te machucou? O cara por quem você se apaixonou?

Cecília virou a cabeça na minha direção e me olhou como se perguntasse de que forma eu sabia que fora ferida por alguém. A verdade era que não tinha certeza de nada, apenas blefei. Não porque quisesse ser intrometido, mas porque, de alguma forma, queria compreendê-la, mesmo que soubesse que a resposta seria vaga.

Depois de passado o susto, Cecília ainda não respondeu. Apenas respirou fundo, flexionou as pernas, encolhendo-se e abraçando os joelhos, voltando os olhos para o oceano. Infelizmente, assim como as ondas não podiam levar embora os meus problemas, também não podiam livrá-la dos dela.

— Não — ela falou do nada, após passar minutos calada. — Ele me machucou porque *não* me apaixonei.

Havia raiva em sua fala, mas tentava manter certo distanciamento, provavelmente na intenção de não permitir que a lembrança a afetasse mais do que já deveria afetar. Admirava-a mais ainda, apesar de não conhecer o problema, exatamente como respeitava todas as mulheres agredidas, física e/ou emocionalmente. A breve afirmativa de Cecília foi suficiente para que eu comesse a encher minha cabeça de teorias, uma pior do que a outra. Por

isso, antes que tentasse descobrir mais alguma coisa e acabasse fazendo-a sofrer ainda mais, estendi a mão na sua direção e disse:

— E aí, vai comigo para a minha casa?

Ela hesitou, mas acabou aceitando meu toque.

— Vou. E obrigada. Ainda bem que você apareceu.

Sim. Ainda bem. Se ela achava que fora ajudada por mim, eu poderia dizer o mesmo. Por piores que fossem as circunstâncias, minha noite já não seria mais tão solitária.



CECÍLIA

Se eu estivesse em um carrossel em movimento, minha cabeça, certamente, não estaria girando tanto. Como pude ter sido tão burra para acreditar que todos os fantasmas que me rondavam desapareceriam com alguns goles de cerveja? Lá estava eu novamente sóbria — ou quase — e igualmente assombrada.

Tomei uma ducha bem gelada na suíte de Rodrigo, penteei os cabelos e vesti uma roupa que ele deixou para mim sobre a cama. Era um vestido de manga comprida, que ficou quase certo no meu corpo por ser bem larguinho, o que me fez acreditar que Andreia deveria ser bem mais magra do que eu.

Enquanto secava meus cabelos na toalha, dei uma observada no quarto onde estava, e a primeira coisa que percebi foi que era um tanto quanto bagunçado. Havia roupas jogadas pelo chão, outras empilhadas em uma cadeira e um montinho de meias, provavelmente sujas, sobre a cômoda. Pares de tênis encontravam-se espalhados por cada canto, mais pareciam casais brigados. No encosto da cama, várias medalhas penduradas, a maioria de ouro, e eu passei os dedos por elas, me lembrando do que Pauline tinha me falado sobre as habilidades de Rodrigo na água.

Saí do quarto e fui me encontrar com ele. Imediatamente, o aroma inconfundível e abençoado do café me invadiu, e quase senti vontade de abraçá-lo. Quantas vezes uma pessoa podia salvar outra em apenas uma noite? Qualquer um que preparasse café para mim, quando eu estava com uma dor de cabeça daquele tamanho, poderia ser considerado um herói.

Depois de dar um pouco de atenção ao seu simpático cachorro, encontrei-o na cozinha, já servindo o café em duas canecas. Também havia dois sanduíches separados em dois pratos, e cheguei a salivar só de olhar para eles, pois pareciam saborosos.

Rodrigo virou-se para mim, ao me ouvir entrar, e logo abriu um sorriso.

— Acho que Netuno gostou de você.

— Netuno? — Rodrigo fez que sim com a cabeça e apontou para baixo, para o cachorro fofo que estava me seguindo apaixonadamente.

Eu adorava cães, por isso me abaixei para dar mais atenção ao meu novo amigo.

— É um lindo nome. Qual a raça dele? — perguntei, afagando aqueles orelhões.

— Vira-lata. Adotei quando fui ao Rio para uma competição. Ele estava sendo cuidado por uma ONG chamada Paraíso dos Focinhos. O trabalho que fazem é incrível.

— Que legal. Vira-latas são os melhores.

Rodrigo concordou com a cabeça e seu sorriso se alargou.

Assim que me levantei do chão, deixando Netuno um pouco de lado, ele me entregou a caneca e o prato. Depois, pegou os dele e fomos até a sala, sentando-nos à mesa de jantar. Sem nenhuma cerimônia, dei a primeira mordida no sanduíche. Estava delicioso. Era de pasta de frango, com alface, tomate e azeite. Combinado com o café, era quase uma iguaria dos deuses naquele momento.

— Obrigada. Estava mesmo com fome — falei assim que esvaziei a boca depois da primeira mordida.

— Então você é das minhas. Sempre que me recupero de uma bebedeira fico esfomeado.

Apenas sorri e continuei a comer, mas parei quando senti que ele me observava.

— O que foi? — Eu estava um pouco incomodada.

— Nada, me desculpa. — Ele abaixou a cabeça, encabulado. — É que você é tão bonita... Juro que não é uma cantada nem nada, mas fico um pouco bobo quando vejo uma menina que continua linda assim, mesmo ao natural, sem maquiagem e com os cabelos molhados.

Eu podia jurar que devia estar parecendo o caos em pessoa, depois daquela sessão de bebedeira, mas era bom ouvir um elogio.

— Obrigada — respondi apenas isso, não tentando me desmerecer ou enaltecê-lo. Não queria, de forma alguma, que ele me interpretasse de forma errada. Por isso, mudei de assunto: — Por que você mal falou comigo lá na praia, mais cedo?

Rodrigo levou a mão a cabeça, coçando os cabelos curtos e castanhos.

— Ah, Cecília, não me leva a mal, mas eu tenho meus momentos ranzinza. Você estava lá, com aquelas pessoas, e eu não quis me aproximar.

Balancei a cabeça em afirmativa, demonstrando que compreendia completamente sua posição. Claro que não diria nada, mas a julgar pela forma desrespeitosa com que se referiram a Andreia, podia muito bem imaginar como deveria ter sido na época, a falta de apoio e a indiferença.

— Vou pegar um pouco mais de café — Rodrigo anunciou e se levantou, talvez para fugir do assunto, e eu decidi fingir não perceber para não deixá-lo ainda mais chateado.

— Estou acabando com sua noite de sono, não estou? — Amarrei meu cabelo em um coque, dando um nó, pois odiava a sensação dos fios molhados direto na minha pele.

— Que nada. Estava mesmo sem sono, por isso fui à praia.

— E acabou pescando uma bêbada.

— Não posso dizer que um pouco de emoção não deixou a minha noite mais interessante. — Ouvi seus passos, enquanto virava-se na minha direção, e uma pergunta veio logo em seguida: — Olha, você tem uma *tattoo*. O que significa?

Senti seus dedos quentes tocarem meu ombro, afastando um pouco o vestido, e imediatamente fiquei rígida. Rodrigo pareceu perceber, porque na mesma hora interrompeu o contato, mas não tinha nada a ver com ele. O problema era aquela porcaria de tatuagem. Sempre me esquecia dela e de que deveria ficar escondida. Queimava minha pele como uma letra escarlate, marcando e evidenciando meus pecados, me inundando de lembranças insuportáveis.

Rodrigo pareceu perceber que eu não queria falar sobre aquilo, tanto pela maneira como reagi quanto pela forma como soltei meu cabelo, fazendo-o cair novamente como uma cortina sobre o desenho maldito.

— Me desculpe, não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. Eu que peço desculpas por ter perguntado.

— Você não sabia.

Ele assentiu, e ficamos calados por momentos desconfortáveis. Com isso, me vi compelida a quebrar o clima pesado. Decidi engolir a onda de ansiedade que senti, por conta da memória que surgiu, e tentei falar algo mais agradável.

— E não é que você leva jeito na cozinha? A pasta estava uma delícia.

— Obrigado. Depois que minha mãe morreu, Andreia e eu tivemos que aprender a fazer um pouco de tudo. Tanto que, hoje em dia, eu cuido da casa. Só não sou muito caprichoso com o meu quarto, como você deve ter percebido.

— Um pouco de bagunça faz bem — brinquei. — Mas e o seu pai?

— É uma longa história. — Ele deu de ombros, quase me fazendo acreditar que não se importava, mas era apenas uma artimanha para me convencer de sua indiferença e iludir a si mesmo. — Depois do acidente, ele se fechou para tudo. Passa o dia inteiro no quarto, não sei fazendo o quê, e eu quase não o vejo mais.

— Ele não te ajuda com Andreia nem com a casa?

— Não. Eu pago uma enfermeira para cuidar dela. Ele quase nunca a vê. — Rodrigo fez uma pausa, provavelmente reparando o quanto eu estava surpresa. — Fico puto com isso, Cecília. Todos os dias tenho vontade de arrombar aquela porra de porta e voar em cima dele para que pare com a palhaçada e venha assumir as responsabilidades da vida, mas não consigo. Sinto pena. Cada um lida com a dor de uma forma diferente.

Sim, ele tinha razão, embora não conseguisse concordar com sua escolha de apenas deixar para lá. Contudo, assim como cada um lidava com a dor de forma diferente, cada um também lidava com sua família como achava melhor. A minha era bastante problemática, só que eu não tinha tanta paciência quanto Rodrigo.

Enquanto nos mantínhamos em silêncio, apenas finalizando nossos cafés, eu não conseguia deixar de pensar no quanto aquela história tinha afetado tantas vidas. Eram muitos corações partidos, muitas lágrimas vertidas e muita tristeza. Não podia esquecer minhas conversas com Solange e sua confiança em minha decisão de ajudá-la a buscar a verdade. Quanto mais pensava a respeito, mais chegava à conclusão de que já estava mais do que na hora de

alguém remexer naquele baú velho e tirar as traças daquele caso. Se tivesse que ser eu a fazê-lo, que fosse. Talvez o destino estivesse me dando alguns tapinhas no ombro, me obrigando a fazer algo de bom para alguém. Quem sabe isso não me ajudaria a encontrar a minha redenção?

— Tive uma reação diferente da dele, sabe? — Rodrigo soltou, em um tom de confissão. Fiquei calada, porque já imaginava que ele prosseguiria. — Enquanto meu pai se fechou, eu fiquei fora de mim. Nos primeiros meses, me afundei na bebida, quase não voltava para casa, mal queria olhar para Andreia, porque não conseguia suportar vê-la naquele estado.

— E o que te fez mudar de ideia? — Remexi-me na cadeira.

— Algumas coisas. — Finalmente sorriu, me fazendo perceber o quanto ele era bonito.

Não que eu não tivesse percebido antes, até porque não era cega, porém, foi a primeira vez que realmente o olhei com atenção. Havia algo nele que me remetia ao sol. Talvez fosse a pele bronzeada, os cabelos claros, ou aqueles olhos verdes e o sorriso muito branco. Talvez fosse sua ligação com o mar, mas ele tinha o verão nas mãos. A impressão era que Rodrigo possuía a capacidade de transmitir calor para qualquer um que o tocasse. Quase podia imaginar que, se sua vida não fosse tão difícil, ele transbordaria luz e energia por todos os póros e contagiaria a todos ao redor. Eu mesma me sentia bem na presença dele, embora fosse pouco mais do que um desconhecido.

— Uma delas foi um milagre — ele prosseguiu, sem dar muitas explicações, acrescentando: — A outra foi que tomei vergonha na cara e percebi que Andreia precisava de mim. Meu avô nos ajuda muito, mas não podia deixar tudo nas mãos dele. Cheguei até a conseguir convencê-lo a não ficar morando conosco, porque acho que precisa descansar.

— E o que ele fala sobre isso?

— Resmunga todos os dias. Não sei se você teve oportunidade de conhecê-lo direito. Não é um homem fácil. Às vezes me pergunto como uma mulher tão cheia de vida e alegre como Zuleika acabou se apaixonando por um velho sisudo como ele.

Não pude deixar de sorrir com o comentário e nem de me comover pelo amor que Rodrigo nutria pelo avô, que era visível em seus olhos.

Terminei de beber meu café, mas ainda fiquei ali, mexendo na xícara e olhando para o nada, enquanto pensava em milhares de coisas ao mesmo tempo.

— Fiquei sabendo que você competia. Também vi as medalhas.... Até me contaram seu apelido: Zero.

— Eu odeio esse apelido.

— Por quê?

— Porque ele surgiu de uma forma pejorativa. Foi dado pelas mesmas pessoas que me acusaram de usar algum tipo de *dopping* e de trapacear de outra forma.

— Imagino. Solange insinuou que você tem um poder sobrenatural — brinquei, mas ele não caiu na gargalhada, como esperei que faria diante de uma hipótese tão absurda. Na verdade, pareceu ficar até mais sério, o que era bem estranho.

Não tive tempo de remoer aquela reação, porque ouvimos um barulho estranho vindo da direção dos fundos da casa. Rodrigo levantou-se de um salto, muito preocupado e em alerta.

— Veio do quarto de Andreia.

Depois de dizer isso, ele começou a se dirigir em direção ao som que ouvimos. Mesmo sem saber se poderia segui-lo, acabei indo atrás dele.

Chegamos ao quarto de Andreia e logo nos deparamos com a garota deitada e dormindo serenamente na cama. Era a primeira vez que eu a via e quase fui iludida pensando que se tratava de uma jovem como outra qualquer, da minha idade, descansando depois de um dia comum. Ela parecia bonita em seu sono tranquilo, como uma princesa amaldiçoada a dormir por anos e anos. O maior problema era que não haveria nenhum príncipe para salvá-la.

— Está tudo bem? — perguntei e vi Rodrigo se virar para mim de forma abrupta, como se não se lembrasse de que eu estava ali.

— Parece que sim, mas estou tão atordoado que nem consegui analisar tudo com atenção. — Rodrigo se aproximou do criado-mudo, bem ao lado da cama de Andreia, e se abaixou, pegando algo do chão. Quando se levantou, vi

que em suas mãos estava a caixinha de música que tinha lhe vendido dias atrás.

— Deve ter sido isso o motivo do barulho — concluí, e ele balançou a cabeça em afirmativa.

— Sim, com certeza. O problema é saber quem a derrubou.

Ele estava certo. Se Andreia não podia se mexer, se não estava ventando tão forte ao ponto de fazer um objeto de madeira com um peso considerável se mover, como aquela caixinha fora parar no chão?

— Você acha que alguém entrou aqui? — indaguei com cuidado por saber o quão séria era aquela hipótese. Perturbadora, sem dúvidas.

— Tem alguma outra explicação? Além do mais, a janela está aberta, e eu a deixei fechada antes de sair. Nem deveria ter saído, mas achei que não teria problema, já que meu pai está em casa. — Não havia muita convicção em sua voz.

— Mas o barulho foi ouvido com você em casa. Sua saída não foi o que causou a invasão, se é que foi isso mesmo que aconteceu.

— Quem pode afirmar que a pessoa não entrou quando viu que eu saí e ficou até agora? Além do mais, você já pensou o que vai significar se realmente constatarmos que alguém esteve aqui?

— Não, não pensei — respondi de forma sincera.

— Essa pessoa veio buscar alguma coisa, você não acha? Algo que poderia incriminar alguém. — Rodrigo estava visivelmente transtornado, passando a mão pelo rosto, como se quisesse clarear a mente, enquanto andava de um lado para o outro.

— Calma, Rodrigo! Ainda não sabemos...

— Como não sabemos? É a explicação mais lógica! Por que alguém entraria no quarto da minha irmã e deixaria tudo intacto? Claro que a pessoa tinha um objetivo certo. — Ele alterou a voz, chegando a soar bastante rude.

— Será que não foi seu pai? — continuei tentando acalmá-lo, mas ele passou a mão pelo rosto novamente, depois pelo cabelo, completamente fora de si.

— Porra, Cecília! Por que meu pai fugiria pela janela?

Talvez ninguém tivesse fugido pela janela, mas preferi não fazer nenhum comentário, pois Rodrigo já estava gritando. Sem dizer mais nada, ele começou a procurar por algo que pudesse dar mais indícios da presença de uma pessoa estranha naquele quarto. Comecei a fazer a mesma coisa, tentando controlar minha vontade de sair porta afora depois do desaforo.

No final das contas, minha busca acabou resultando em algo, pois, dentro da suíte do quarto de Andreia, encontrei algo levemente suspeito e decidi chamar Rodrigo para averiguar.

— Foi você que deixou toda essa areia aqui? — apontei para o chão assim que ele se aproximou, mostrando um caminho de areia molhada no chão branco de porcelanato do banheiro.

— Não. Eu sempre me limpo antes de entrar aqui.

Ele seguiu a trilha de terra e percebeu que ela ia até a janela escancarada, que Rodrigo afirmou que tinha deixado fechada.

Ele apontou para o chão e olhou para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Ainda tem alguma dúvida de que alguém entrou aqui? Tenho quase certeza de que foi a mesma pessoa que causou o acidente da minha irmã. Agora não tenho mais dúvidas... tentaram assassiná-la.



VI

INEVITÁVEL



RODRIGO

Às vezes temos a impressão de que nossa alma passa longos momentos vivendo em uma profunda escuridão. Às vezes, esses momentos se prolongam por horas, dias, meses, anos... E em outras ocasiões, esse breu se torna eterno, mas é impressionante como um simples e pequeno acontecimento é capaz de acender uma luz no meio das sombras e trazer uma verdadeira revelação.

Naquele caso, não era exatamente uma conclusão surpreendente, pois eu sempre tive minhas dúvidas. No fundo, sempre soube que havia muitas incógnitas naquela história de acidente, mas, provavelmente, preferi manter os olhos fechados para que a tal escuridão continuasse a me rondar, porque ela era bem menos assustadora do que a verdade. Contudo, não havia mais como fugir do inevitável. Solange estava certa todo aquele tempo. Não era mais uma especulação, era um fato. Alguém tentara matar Andreia. E a porra do filho da puta estava à solta.

Sem nenhum controle das minhas ações, peguei um dos malditos bibelôs que Andreia tanto gostava, que ficavam dispostos sobre sua estante de livros, e o atirei na parede, espatifando-o para tentar aplacar a raiva. Vi Cecília, ao meu lado, pular para trás com a mão no coração. Merda! Eu não queria assustá-la, entretanto, não conseguia me controlar.

Nunca fui um homem nervoso, sempre fui adepto da paz, o cara que apartava as brigas e que seria capaz de vender um rim para não se envolver em confusão. Preferia fazer mais amigos do que inimigos, mas quando se tratava de Andreia, eu simplesmente não encontrava um meio-termo, era como se um lado selvagem e obscuro viesse à tona, me deixando fora de mim. E, infelizmente, Cecília era a plateia que assistia àquela mudança de humor.

Só que havia um agravante: Cecília não era uma garota comum. Tinha um passado problemático, que eu não fazia ideia de qual era. Naquele caso, a minha ignorância me tornava cego, por isso, quase me vi sem ar ao olhar para ela e vê-la completamente parada, com olhos arregalados, em pânico.

Eu era um babaca. Um completo e fodido idiota, que precisava urgente se redimir. Porém, quando dei um passo à frente, com o braço estendido para tentar pedir desculpas, fomos interrompidos. Pelo meu pai.

Era ou não era um dia de muitas surpresas?

— O que houve? Ouvi um barulho.

Era estranho vê-lo ali. Quase um intruso, por mais que estivesse em sua própria casa. Não pude deixar de reparar na forma como olhava para Andreia, como se o ato de observar a filha pudesse lhe transmitir alguma doença contagiosa. Aquilo, com certeza, teria me enfurecido ainda mais se não estivesse preocupado com Cecília. Não conseguia parar de olhá-la, por mais que parecesse estar se recompondo. Aquela garota era forte. Bem mais do que sua aparência demonstrava.

— Alguém entrou aqui, pai. Mexeram nas coisas de Andreia e...

— Mas que besteira! Quem faria uma coisa dessas? Deve ser impressão — ele falou com sua voz sonolenta, quase embriagada, letárgica. Minha raiva foi se assomando, e eu dei um passo à frente, com o dedo levantado, pronto para lhe dar algum tipo de sermão, mas senti a mão delicada de Cecília sobre meus ombros.

— Rodrigo, fique calmo, por favor — sussurrou, e, enquanto realmente me acalmava um pouco, pensava em como era irônico que ela, que parecia toda destrocada por dentro, estivesse funcionando como a voz da razão.

Eu deveria estar cuidando daquela garota, depois do que tinha lhe acontecido, deveria honrar as calças que vestia e levá-la para casa em segurança, mas tudo o que sentia no momento era raiva; e o alvo era meu próprio pai.

Quem sabe não estivesse na hora de ter aquela conversa que andava atrasada há dois anos? Eu não podia mais suportar toda a carga sem ele. Não podia fingir que o problema era apenas meu.

— Cecília, por favor, vá embora. Estou um pouco estressado e não quero que você tenha que testemunhar isso. Vou chamar um táxi e...

— Não precisa — ela me interrompeu, falando de um jeito apressado, visivelmente magoada. — Posso pegar um sozinha.

— Mas você está sem bolsa, sem dinheiro...

— Não tem problema. Pago quando chegar em casa. Obrigada pela ajuda.

— Ela olhou para mim e avançou em direção à porta. Ao passar por meu pai, cumprimentou-o com a cabeça e desapareceu.

— Cecília... — Eu ainda chamei, arrependido por tê-la tratado daquela forma, mas fui ignorado. Ela apenas partiu.

Foi por um triz, também, que meu pai não voltou para seu quarto sem dizer nada. Consegui chamá-lo antes que cruzasse a porta. Não podia permitir que se enfurnasse novamente sem uma conversa.

— Pai, se alguma coisa acontecesse com a Andreia... Eu... Eu... — Fiz uma pausa, acreditando que os pensamentos não estavam lógicos o suficiente. — Precisei sair e achei que poderia contar com você... — Ele nem sequer virou-se na minha direção, permaneceu parado, de cabeça baixa. — Acho que me enganei, não é? Você realmente escolheu o caminho mais fácil, se esconder e fingir que nada está acontecendo. Mas está. O mundo não para de ruir ao seu redor, não percebe?

— Rodrigo, não quero conversar agora. Estou cansado.

— Você sempre está. — Respirei fundo. Não adiantaria falar nada enquanto ele não quisesse ouvir. Eu estava alterado demais, a ponto de explodir, pronto para dizer todas as merdas presas na minha garganta há tanto tempo.

Sendo assim, deixei que ele escapasse novamente, permitindo que mais uma chance escorresse por entre meus dedos, como a água salgada do mar, que lavava minha alma quando tudo parecia insuportável demais.



CECÍLIA

Saí sem olhar para trás. Ainda ouvi Rodrigo chamar meu nome, mas não voltei. Não pude e não quis. Ele fora meu herói naquela noite, só para agir como um imbecil logo depois. E eu estava cansada de imbecis.

Andei um pouco, tentando me afastar da casa o máximo possível, e comecei a esperar por um táxi no local mais movimentado que encontrei — em frente a um barzinho. Permaneci ali por pouco mais de dez minutos, o que pareceu uma eternidade, já que estava sem celular para usar um aplicativo, até que finalmente um passou e parou, me levando para casa.

Esperava desesperadamente que todos estivessem dormindo, para que eu pudesse tentar fazer o mesmo. O café forte de Rodrigo, além do banho, tinham surtido efeito. Não havia mais um pinga de embriaguez em mim, mas a dor de cabeça veio forte e certa, atingindo-me como uma flecha envenenada.

O motorista parou diante da porta, e eu pedi que esperasse para que eu pudesse pegar o dinheiro. Assim que abri a porta, tanto minha prima quanto minha avó, acompanhada por Omar, vieram na minha direção, praticamente pulando de seus assentos, cheios de olhares e palavras acusatórias. Rapidamente, ergui a mão, pedindo que esperassem.

— Tem um táxi lá fora. Deixem, por favor, eu ir pegar o dinheiro para pagá-lo — pedi, mas Pauline se adiantou.

— Pode deixar que eu pago o motorista. — Eu ia protestar, mas ela saiu sem dizer mais nada, apenas batendo a porta da frente com força, demonstrando o quanto estava irritada.

Minha avó, por sua vez, não parecia muito diferente. Chispavam labaredas de fogo de seus olhos.

Foi Omar quem falou primeiro.

— Por que Rodrigo não te trouxe? — Demonstrando uma leve decepção com o neto, ele franziu o cenho, preocupado.

— Porque seu neto sabe ser um belo de um babaca quando quer — escapou. Sem querer. Tudo bem que também era meio escroto da minha parte

xingar o neto para o avô, mas não pude evitar. — Ele foi bem grosseiro comigo.

— Lamento muito, Cecília. Peço desculpas em nome do meu neto, mas você sabe se foi grave o que aconteceu? — Ele estava preocupado. E ficaria assim por um bom tempo se eu não contasse o que tinha acontecido. Não vi alternativa, portanto.

— Rodrigo acha que alguém invadiu o quarto de Andreia. Ficou transtornado com essa possibilidade e saiu distribuindo patadas para todos os lados.

Omar abaixou a cabeça, muito preocupado. Pobre homem. A vida não devia ser fácil, vendo a neta daquela forma e o filho como um zumbi. Enquanto Omar remoía o que eu tinha dito, Pauline retornou e foi a primeira a começar o sermão:

— Que porra de ideia foi aquela de...

— Não xingue, Pauline! — vovó repreendeu.

— Desculpa, vó. — Ela se virou para mim outra vez. — Mas onde você estava com a cabeça para beber daquele jeito e perambular pela praia que nem uma louca? Se não fosse pelo Rodrigo...

Mais uma vez Rodrigo era considerado o herói.

Antes de responder a Pauline, respirei bem fundo, caminhei até o sofá e me sentei. Buscando uma explicação coerente, coloquei a mão no rosto, meio que para esconder minhas emoções.

— Acho que quis fugir da burrada que estava prestes a fazer.

— Está falando do Kiko? — Pauline indagou, e eu balancei a cabeça em afirmativa. Antes de responder, ela se virou para o único homem da sala. — Com todo o respeito, Omar, me desculpe pelo que vou falar. — Então, voltou-se para mim mais uma vez. — Acho que se envolver com Kiko é menos perigoso do que com Rodrigo.

Omar não disse nada, apenas abaixou novamente a cabeça e se afastou, sabendo que, no final das contas, aquilo ainda poderia acabar sobrando para ele.

— Você não pensou no que poderia ter acontecido, minha filha? — Vovó levou a mão ao peito, e eu imediatamente me vi arrependida. Levar preocupação para ela era a última coisa que queria.

— Me desculpe, vó. Eu não estava muito consciente do que fazia. Só precisava... *esquecer*.

Eu não desejava pena. Não queria que seus olhos se voltassem para mim daquela forma, cintilando pequenas fagulhas de piedade. Nem que aliviassem a bronca que eu tanto merecia pela sucessão de burradas que cometi só porque — coitadinha — havia uma porcaria de trauma corroendo meus miolos e me fazendo agir como uma imprudente. Sendo assim, quando disse aquela frase sobre precisar esquecer, não tive a intenção de fazê-las se compadecerem e darem o assunto como encerrado. Falei apenas porque era a verdade, porque não havia nenhuma outra explicação.

— Não olhem para mim desse jeito, por favor! Não vou desmoronar, não sou frágil a esse ponto. Fiz uma coisa inconsequente e não vou usar o que aconteceu comigo para justificar meus erros.

Pauline e vovó se entreolharam, com certeza tentando avaliar o que eu tinha acabado de dizer.

— Fico feliz que não queira ser tratada como vítima, porque isso faz com que eu te admire bastante, mas concordo que não podemos fechar os olhos para o que você fez. Foi errado e nos deixou preocupados — Pauline falou de forma sensata, e eu senti que sua intenção era finalizar o assunto o mais rápido possível.

Quando ela terminou de falar, virei-me para a minha avó, como se lhe desse o direito de me passar um sermão. Porém, o coração de D. Zuleika era uma porta aberta, de onde escapavam enxames de amor que se espalhavam por toda a parte. E esse sentimento chegou até mim por intermédio de um toque carinhoso em meu ombro, confortador, além de um olhar terno e um meio sorriso que quase me fez esquecer de todos os problemas.

— Vá se deitar, querida. Você está em casa, isso é o que importa.

Sim, ela estava certa. Talvez, no final das contas, a única coisa que realmente importasse era estar em casa, segura. Não apenas depois daquela

noite, mas todos os dias. Estar entre as paredes conhecidas e aconchegantes de um lar era algo que não tinha preço.

Apesar de estar reflexiva enquanto me encaminhava para o meu quarto, no momento em que desabei na cama, meus pensamentos se voltaram para Andreia. Era impossível ficar indiferente, principalmente ao vê-la pela primeira vez. Sendo gêmea de Rodrigo, era quatro anos mais velha do que eu, mas tudo o que eu sabia sobre ela era o que as pessoas estavam me contando.

Também não podia deixar de imaginar que o dom de viver um dia após o outro não era assim tão miraculoso para ela. Devia ser, na verdade, um fardo. Se tinha mesmo algum tipo de consciência do que acontecia ao seu redor, com certeza cada alvorada lhe trazia a dor de precisar sobreviver mais vinte e quatro horas. Nada se comparava a isso; nenhum sofrimento era tão pesado quanto o dela.

Com aquela certeza em mente, senti que podia, sim, me curar. O tempo não era mais meu inimigo. Era meu aliado.



RODRIGO

Um homem de verdade teria ido atrás dela e a levado em segurança para casa. *Droga!* Além de ter agido como um grosso, ainda a tinha mandado embora. Pude ver em seus olhos, enquanto se afastava, o quanto estava magoada, e isso me deixou ainda mais puto do que já estava, mas daquela vez comigo mesmo. Bela noite eu estava vivendo.

Porém, pensando com cuidado, havia uma explicação para eu não ter ido atrás dela. Ou melhor, duas. A primeira, sem dúvida, tinha a ver com meu péssimo humor. Se chegasse lá fora e ela recusasse voltar comigo, acabaria jogando-a nos meus ombros e colocando-a dentro do carro. Agir como um homem das cavernas não podia ser a resposta para o problema e só a deixaria ainda mais decepcionada. A segunda explicação me parecia um pouco mais complicada e me deixava levemente preocupado. Eu estava me aproximando demais, começando a gostar de sua companhia, o que era muito perigoso. E ainda havia outro fato importante, que agravava as coisas mais ainda — ela era linda. Puta merda, ela era *muito* linda. Tão frágil e tão forte ao mesmo tempo, uma garota especial. Uma que fora ferida de forma profunda. Uma que não merecia um cara complicado como eu.

Sentado no chão do quarto de Andreia, com uma das pernas flexionadas, a outra esticada e a mão apoiando a cabeça, como se ela pudesse cair a qualquer momento, sentia-me como um sentinela. Já passava das quatro da manhã, mas eu ainda não tinha encontrado coragem para sair de perto da minha irmã. Acreditava que o invasor poderia retornar, e eu queria estar lá para recebê-lo e lhe dar as boas-vindas. Sentia-me pronto para tudo. Sem remorso.

As horas foram passando, e eu me dei conta de que não estava lidando com alguém tão descuidado. Fiquei ali como um bobo, velando o sono de Andreia até pouco antes das seis, quando desci para o quintal, onde tomei uma ducha rápida e me joguei na piscina.

Acordá-la tão cedo não era uma opção que me agradasse muito, afinal, eram as únicas horas do dia em que tinha paz. Só que, daquela vez, era realmente importante. Claro que a conversa poderia esperar, mas eu, não. Estava angustiado e inquieto, além de muito apreensivo.

— *Andreia?* — Repeti seu nome mais algumas vezes, até que ouvi um resmungo ininteligível e mal-humorado. — *Me desculpe por te acordar, mas é importante.*

— *Garanto que ainda nem amanheceu.*

— *Não. Ainda não são nem seis horas.*

— *Porra, Rodrigo! Nada é mais importante para mim do que dormir.*

— *Eu sei, mas preciso de uma resposta, e preciso que seja sincera.* — Não dei nem tempo para que ela falasse qualquer coisa, fui logo acrescentando: — *Alguém entrou no seu quarto esta noite?*

Silêncio.

Eu costumava odiar os silêncios dela. Eram sempre permeados por dúvidas e omissões. Andreia se mostrava muito misteriosa quando eu lhe fazia perguntas sobre o acidente, especialmente nos últimos dias.

— *Andreia?* — chamei outra vez. — *Responda à pergunta.*

— *Não entrou ninguém aqui.* — Ela estava mentindo.

Não era apenas uma paranoia da minha cabeça ou uma impressão. Eu conhecia a minha irmã. Éramos tão próximos quanto dois seres humanos podem ser; nós nos completávamos e tínhamos uma ligação que transcendia as leis naturais do universo. Já sabia de cor todas as nuances de sua voz, cada trejeito de sua fala. Ela era como uma parte de mim, como um órgão sobressalente que vivia fora do meu corpo e que, de alguma forma, também me transmitia vida.

— *Por que está fazendo isso, Andreia?* — perguntei, indignado e me sentindo traído.

— *Isso o quê?*

— *Por que está escondendo tantas coisas sobre o acidente? Por que tantas mentiras? Será que não confia mais em mim?*

— *Mentiras? De onde tirou isso, Rodrigo?*

— *Eu te conheço, merda!* — Alterei-me outra vez. — *Não adianta tentar me enganar. Além disso, se tem algum segredo nessa história, acho que mereço saber.*

Ela ficou calada outra vez. Mais uma prova de que não dizia a verdade.

— *Andreia, eu preciso saber se alguém entrou no seu quarto, assim como preciso saber se tem algo sobre o acidente que ainda não sei.*

— *PARE!!!* — ela berrou dentro da minha cabeça.

Senti como se uma bomba tivesse explodido bem ao meu lado e precisei emergir para me recompor. Respirei bem fundo para tentar me acalmar e afastar o zumbido que ainda incomodava meus ouvidos. Em seguida, mergulhei novamente. Não queria deixá-la escapar mais uma vez.

— *Não estou aqui como seu inimigo. Quero ajudar.*

— *Por favor, pare de me pressionar. Será que já não basta a vida que levo? Ou será que acha que não sofro só porque tento não transformar nossas conversas em um monólogo depressivo? Tudo o que eu queria era não existir. Queria desaparecer, acabar com essa vida de merda que eu levo.*

— *Não fale assim. Eu só quero saber a verdade. Se alguém foi responsável pelo acidente, você não acha que essa pessoa merece ser punida?* — minha pergunta soou quase como uma súplica.

— *E você acha que vai fazer alguma diferença para mim? Acha que colocar alguém na cadeia vai mudar minha situação?* — Ela não berrou, manteve um tom sereno, mas eu podia sentir toda a mágoa.

— *Andreia, eu...*

— *Você não entende. Sei que sofre, que sente minha falta... mas imagine esse sofrimento multiplicado por três? Como seria se estivesse confinado a uma cadeira de rodas, imóvel, sem poder mergulhar, sem poder tomar suas próprias decisões, dependendo vinte e quatro horas de outro ser humano? Imagine ver as pessoas ao seu redor seguindo em frente, e você preso ao nada, à mesmice de um quarto, de quatro paredes que parecem te sufocar? O que eu não preciso no momento é ter você, a única pessoa com quem posso conversar, me fazendo lembrar exatamente do acidente que me deixou assim.*

Ela estava chorando, e eu não suportava aquilo. Era a primeira vez que externava seus sentimentos de forma tão visceral, sem rodeios. Nunca dera a oportunidade para que eu perguntasse tudo o que passava por sua cabeça, e eu nunca insisti, porque imaginava que ela queria apenas conversar sobre outras coisas, fugindo da realidade tenebrosa que lhe restara.

Ouvindo seus soluços, sussurrei um pedido de desculpas e saí de debaixo d'água. Precisei de alguns minutos para me recompor antes de começar a me secar para entrar em casa. Apressei-me o máximo que pude, pois não queria que ela pensasse que a tinha abandonado ou que havia cortado nossa conexão só para fugir de seu choro e de seu desabafo. Não, não era nada disso. Eu só... precisava tocá-la, apertá-la contra mim e confortar a nós dois.

Foi exatamente o que eu fiz. Subi ao quarto dela e me adiantei até a cama, tomando-a nos meus braços e colocando-a em meu colo. Aninhei-a como um bebê, apertando-a contra mim, e a mantive ali, enquanto permitia que lágrimas caíssem dos meus olhos, como se fossem sentimentos derramados no chão. Seu coração batia contra o meu, ambos ritmados, sobreviventes de tempestades que tentaram inundá-los e afogá-los.

Aquela era uma prova de que ela estava lá, tão viva quanto eu, o que me deixava aliviado. Era um pensamento egoísta, mas era tudo o que preenchia minha mente enquanto permanecia ali com ela, conforme o dia ia raiando, se insinuando por entre nuvens de mais um dia nublado e frio de inverno, combinando perfeitamente com meu humor tristonho.



RODRIGO

Passei dois dias preso em casa. Não queria sair, não queria ver ninguém, não queria colocar minha cara ao sol e sentir a vida seguindo seu curso. Precisava ficar perto de Andreia, cuidar dela e me esconder de todo o resto. Concedi aquele tempo a mim mesmo, sem atender ao telefone, à campainha e sem ir trabalhar. No entanto, naquela manhã, acordei às seis da manhã, peguei o carro para ir trabalhar e deixei minha irmã aos cuidados da enfermeira, que — santa mulher — madrugava.

Ainda estava muito cedo para abrir a loja. Em dias assim, eu costumava passar algum tempo na academia, puxando um pouco de ferro para desestressar. Daquela vez, decidi me torturar um pouco mais. Comecei a dirigir meio sem propósito, tentando lutar contra meus desejos inconscientes. Acabei parando na porta da casa de Zuleika, embora não fosse ela quem eu queria ver.

Pensei em esperar Cecília sair e lhe oferecer uma carona até a loja só para ter a oportunidade de me desculpar. No entanto, me surpreendi ao enxergá-la por entre as grades do portão, deitada no balanço da varanda, adormecida. Havia um livro sobre a mesinha de vime ao seu lado e uma caneca de café fumegante, indicando que não deveria estar ali há muito tempo. Exausta, deveria ter pegado no sono deitada de mal jeito.

Desistindo, dei a partida no carro. Não era o momento certo para falar com ela. Qual direito eu tinha de impor minha presença quando imaginava que não ia querer me ver? Seria melhor chamá-la para sair, para podermos conversar, ou lhe enviar algumas flores... Enfim, qualquer coisa, menos aparecer na sua casa àquela hora da manhã, como um *stalker*.

Já estava preparado para sair dali, antes que ela acordasse e me visse. No último instante, reparei em um carro preto que me chamou a atenção. Era um Meriva, da Chevrolet, grande e robusto, com vidros escuros, também parado na calçada, um pouco atrás do meu, uma Saveiro Cross. Enxerguei-o pelo retrovisor e percebi que havia alguém atrás do volante, observando-a assim como eu. Entretanto, eu conhecia as minhas intenções; não podia dizer o mesmo daquela outra pessoa.

Não conseguia ver seu rosto. Era apenas uma silhueta indefinida, aparentemente masculina, mas pude discernir um boné por detrás do vidro fumê. Comecei a me sentir incomodado por imaginar que alguém poderia estar espreitando Cecília daquela forma. Era quase obsceno, perverso.

Dotado de um aguçado senso de proteção, acabei saltando do carro. Queria que o outro me visse, que compreendesse que eu estava zelando por ela de alguma maneira. Se tivesse qualquer ideia louca de fazer mais do que apenas observar, seria melhor desistir, porque eu não permitiria que se aproximasse. Fiquei na frente do carro, encostado na lataria, com os braços cruzados do jeito mais ameaçador possível, com os olhos voltados para ele. Minha atitude provavelmente o incomodou, porque foi suficiente para que fosse embora abaixando a cabeça, não querendo que eu o visse. O que me levou a especular que, se estava sendo tão cuidadoso, era porque queria esconder um rosto conhecido.

Mais um pensamento que atormentaria minha cabeça pelo resto do dia.

Antes de entrar novamente no carro, dei mais uma olhada em Cecília e senti uma imensa vontade de pular aquela grade e tirá-la dali, levando-a para algum lugar onde pudesse continuar a descansar sem ser alvo de olhares mal-intencionados. Porém, enquanto pensava melhor, percebi que seria muito fácil entrar naquela casa.

Por mais que eu não quisesse alimentar aquela ideia, cheguei à conclusão de que o invasor da minha casa e o observador de Cecília poderiam ser a mesma pessoa, já que tínhamos decidido investigar. Apenas Solange sabia dessa informação, mas ela poderia ter comentado com alguém, não poderia? Não havia muitas pessoas que lhe dessem ouvidos, contudo, aquele assunto acabaria interessando quem quer que estivesse envolvido nele, aguçando uma preocupação.

Enquanto plantava todas essas merdas na minha cabeça já perturbada, Cecília se remexeu no balanço, e decidi que era hora de partir. Não queria que ela me visse, muito menos quando eu realmente parecia um doido obcecado.

Saí com o carro, deixando a casa dela para trás, mas levando comigo uma porra de uma dor de cabeça que não desapareceria tão cedo.



VII

A DANÇA DAS ONDAS



RODRIGO

Trabalhar sempre proporcionava um pouco de conforto à minha rotina desanimadora, porém, naquele dia, nem mesmo isso parecia adiantar. Eu amava a minha loja, a *Sea Soul*, construída puramente por meus esforços e de Andreia, mas meu humor estava péssimo.

Estava com uma puta de uma dor de cabeça. Preocupado em relação a Andreia e a Cecília, sentia-me paranoico de que algum perigo pudesse rondá-las. Ou seja, tudo o que eu queria era que o mundo explodisse, mas ainda podia ficar pior. Dois dos meus funcionários tinham faltado, e eu estava no balcão, atendendo, coisa que não fazia há tempos. Minha função na loja passara a ser simplesmente administrativa. Cuidava da papelada e ficava no escritório dos fundos, sozinho, escondido. Com a falta de pessoal, eu não tinha escolha, não poderia abandonar meu sócio, deixando-o cuidar sozinho do balcão e do caixa.

Naquele momento, por exemplo, eu estava atendendo a uma loira que era toda sorrisos, ensinando-lhe o que seria necessário para um mergulho de batismo, já que ela era iniciante. Falava-lhe sobre a máscara, o snorkel, o cinto de lastro, o macacão e as nadadeiras, quando algo capturou minha atenção.

Podia contar nos dedos as vezes em que meu avô aparecera na minha loja. Não que não respeitasse meu negócio, pelo contrário, só acho que aquele lugar fazia com que se lembrasse demais de Andreia. O efeito era o mesmo em mim, porém, eu precisava estar ali, não tinha escolha. Exatamente por saber que ele não apareceria a troco de nada foi que compreendi que deveria ser sério.

Odiava não atender bem a uma cliente, especialmente uma tão entusiasmada. O negócio andava muito bem, entretanto, não podíamos negar ou negligenciar trabalho. Mesmo assim, abri um sorriso amarelo, que eu esperava que funcionasse como um pedido de desculpas, e peguei um folder, estendendo-o para ela. A mulher não gostou muito da minha atitude, já que flertava descaradamente comigo. Não me importei nem um pouco com isso. Família era sempre mais importante.

Aproximei-me do meu avô, não sabendo exatamente o que esperar. Logo fiquei com medo de que pudesse ter havido algum problema com Andreia ou com meu pai, mas percebi que não se tratava de apreensão. Ele estava puto.

— Vô? Tá tudo bem? — perguntei assim que ficamos frente a frente.

— Vamos lá fora para conversar?

— Me desculpa, mas hoje está complicado aqui. Dois funcionários faltaram e...

— Então quer que eu diga que você é um babaca na frente de todo mundo? — ele falou alto o bastante para que todos ao redor ouvissem, me deixando boquiaberto por alguns instantes.

— Podemos conversar lá nos fundos. — Tentei ser discreto depois do show fornecido.

Ele não disse nada, apenas balançou a cabeça, aceitando a proposta. Então, nos dirigimos ao escritório, onde teríamos um pouco de privacidade. Assim que chegamos lá, fechei a porta e me virei na direção dele, de braços cruzados, esperando pela continuação do sermão. E eu nem sabia o motivo.

— Sabe há quantos dias estou querendo falar com você? Tenho tentado ligar, fui até a sua casa...

— Eu precisava de um tempo.

— Porra nenhuma! Nem parece o neto que eu praticamente criei. Que história é essa de mandar a garota embora da sua casa e deixá-la voltar sozinha? Não foi assim que teu pai e eu te ensinamos a tratar uma mulher.

Ah, era sobre *aquilo* que ele queria conversar? Eu já me sentia mal o suficiente em relação ao que tinha feito, e era exatamente um dos motivos para estar com um humor tão péssimo.

— Eu sei exatamente o tamanho da merda que fiz e vou reparar o meu erro.

— Ainda bem que vai poder fazer isso e que a menina chegou em casa sã e salva. Era sua responsabilidade! Onde estava com a cabeça, garoto? E se tivesse sofrido um acidente ou batido de frente com um doido? Como ficaria sua consciência?

— Ela já está fodida o suficiente — respondi. — Não conseguia pensar em nada naquela noite. Não tem desculpa, eu sei, mas alguém invadiu o quarto de Andreia e...

— A Cecília me contou. — Ele me interrompeu. — Por que alguém faria isso?

— Porque, talvez, a teoria que Solange sempre levantou seja verdadeira. Acho que o acidente de Andreia e Karine foi provocado. Alguém queria matá-las.

Não era o tipo de notícia que eu gostaria de dar ao meu avô daquele jeito, mas simplesmente saiu. Arrependi-me na mesma hora, pois o vi levando a mão ao peito e desabando em uma cadeira, como se precisasse se sentar desesperadamente.

— Tentaram matá-la? Mas por que faziam isso? Quem poderia querer mal à minha garotinha?

Omar Fernandes era uma rocha. Eu me considerava um cara forte, encarava o que surgia pela frente, fosse o que fosse, diferente do meu pai, mas meu avô me superava em níveis astronômicos. Jamais desmoronava, então, vê-lo ali, jogado naquela cadeira, com a mão no peito e a voz embargada pelo choro, foi demais para mim. Segurei seu ombro, tentando lhe passar algum conforto, como tinha feito comigo tantas vezes.

— Vê, calma. Eu vou descobrir o culpado. Vamos colocar esse cara atrás das grades.

— Descobrir? Você? Ficou maluco, garoto? Isso é trabalho para a polícia. Não quero perder mais um neto! — Com essa explosão, ele parecia bem mais o Omar de sempre. Eu tinha herdado quase tudo dele. Os cabelos castanhos claros, os olhos, o porte físico e a altura imponentes, além da voz grave. De pé, daquela forma, ele poderia meter medo em qualquer um, mesmo com seus cabelos brancos, mas não em mim. Conhecia o coração mole por trás daquela carcaça toda.

— A polícia não fez nada da primeira vez. Eles apenas aceitaram o óbvio. Não vou deixar que cometam o mesmo erro.

Ele parecia bem mais calmo, embora ainda atordoado.

— Mas você tem certeza de que não foi um acidente? — perguntou, e eu podia sentir que estava torcendo para que a resposta fosse uma negativa.

— Tudo indica que sim. E não foi a coisa mais estranha que aconteceu desde ontem. Hoje cedo fui até a casa de Zuleika, porque estava disposto a pedir desculpas a Cecília. Quando cheguei, ela estava dormindo na varanda. Deve ter pegado no sono por um tempo, mas eu vi alguém a observando. Estava em um carro preto, parado bem em frente à casa, com os vidros escuros. Quando saltei, a pessoa desapareceu.

— Não conseguiu ver quem era?

— Não, por causa do vidro e porque a pessoa usava boné, mas decorei a placa. Acho que podemos tentar conseguir alguma coisa com ela.

— Claro. Anote-a para mim que vou tentar descobrir com o Luís. — Luís era um policial, filho de um amigo de infância do meu pai, que por acaso era irmão de Juan. Tínhamos um bom relacionamento com ele, especialmente meu avô, que não virara um antissocial depois do acidente, como aconteceu comigo. Como ele pediu, entreguei o papel com a placa anotada. Contudo, enquanto analisava o que tinha em mãos, pareceu confuso. — Mas me explica uma coisa: por que você ligou esse acontecimento de hoje ao de ontem?

Respirei fundo, pois sabia que ele não aprovaria a explicação.

— Cecília meio que está ajudando na investigação.

— E por que ela faria isso?

— Porque Karine mandou um e-mail para ela pouco tempo antes de morrer, embora não se falassem desde que eram crianças. Ela ficou intrigada, acha que poderia ser um pedido de ajuda.

— Isso é muito perigoso. Já não basta estar se colocando em perigo, quer levar a garota também? — Furioso, meu avô levantou-se, com o dedo erguido. — Está enfiando essa moça numa encrenca, Rodrigo. Até onde eu sei, ela passou por maus bocados e veio para Solário em busca de paz. Se quiser mesmo continuar com essa loucura, ao menos tenha colhões e a proteja.

— Farei isso, é claro.

— Então se esforce um pouco mais, porque a julgar pela noite em que a encontrou bêbada, está fazendo um trabalho de merda.

Meu avô simplesmente me deu as costas e saiu da sala, batendo a porta atrás de si, sem me dar a chance de me defender, mas eu sabia que não tinha defesa. Ele estava certo. Eu tinha agido como um babaca e precisava me redimir. Urgente.



CECÍLIA

As ondas dançavam diante dos meus olhos. Pareciam tentar me entreter, já que minha cara deveria estar péssima. O sol ainda não havia se posto, mas eu já não estava na loja, uma vez que chegara mais cedo ao trabalho. Por isso, decidi ir à praia e esperar pelo crepúsculo.

Minha alma precisava de solidão. Pauline e vovó pareciam ter feito um pacto para me animarem, falando sem parar. Eu sabia que estavam preocupadas, depois da minha bebedeira da noite anterior, acreditando que fora um sinal de descontrole. Na cabeça dramática de D. Zuleika, meu próximo passo seria uma tentativa de suicídio.

Talvez eu devesse explicar a ela que isso não passava pela minha cabeça. Não ousaria desistir daquela forma depois de ter lutado tanto para sobreviver, por mais que eu compreendesse muito bem quem chegava a esse extremo. Às vezes, quando a dor era absurdamente insuportável, eu ouvia a morte me chamar, sussurrar meu nome de forma sedutora, me fazendo promessas, afirmando que tudo seria mais simples e que o sofrimento teria fim. Todas as vezes que lhe dava um fora, rejeitando suas investidas, sentia que ficava ofendida e temia o dia em que me agarraria pelo braço e me tomaria à força, sem que eu tivesse tempo de me defender.

Porém, existir significava sobreviver um dia após o outro, uma pulsação após a outra. Eu ainda estava viva.

Assim como compreendia quem escolhia não sobreviver, também admirava a coragem de quem decidia enfrentar a vida de frente, mesmo quando ela parecia estar em carne viva. Ao pensar naquilo, não me referia a mim, mas a alguém que surgia diante dos meus olhos, tão fantasmagórica quanto a própria morte, tão triste quanto cinzas de uma flor em chamas.

Vinha andando apressada, tropeçando nos próprios pés — como se eles pertencessem a outra alma que não a sua —, sem qualquer direção específica. Talvez eu devesse aproveitar que ainda não tinha me visto para me afastar e fugir, mas fiquei bem ali, parada onde estava, observando-a. Quando me viu, foi inevitável que acabasse vindo em minha direção.

Não me mexi. Permaneci imóvel, apenas esperando que se aproximasse. Não podia negar um pouco de companhia àquela mulher. Uma alma partida

deveria oferecer alento a outra. Não era uma regra? Deveria ser.

— Oi, tia! — cumprimentei, assim que percebi sua presença ao meu lado. Ela simplesmente balançou a cabeça para responder e se sentou ao meu lado, sem pedir licença.

Parecia dispersa, apenas observando o horizonte. Acreditei que ficaríamos assim, caladas, mas ela logo falou:

— Você acha que Karine está olhando para nós, lá de cima? — indagou com um tom nostálgico.

— Você quer saber se ela está olhando *agora*? — Solange assentiu. — Bem, agora eu não sei. Se a Karine que eu conheci quando criança não mudou muito, deve estar é dando umas boas gargalhadas com São Pedro. — Foi uma brincadeira, mas por um momento temi que ela encarasse como uma falta de respeito.

No entanto, Solange abriu um sorriso. E, por um segundo, não vi nenhum traço de insanidade em seu rosto. Ao meu lado estava apenas uma mulher atormentada e ferida, que perdera tudo de uma hora para outra.

— É, você tem razão. Ela deve estar deixando todos loucos. — Apesar de ainda estar rindo, Solange deixou escapar uma lágrima. Apenas uma. Um triste lembrete de que a saudade era ainda mais poderosa do que as boas lembranças. — Cecília, você acredita em vida após a morte?

Nossa, era uma pergunta e tanto! Uma daquelas que exigiam discussões filosóficas intermináveis e que rendiam *posts* cheios de caracteres no Facebook. Claro que eu tinha minhas teorias, mas todas elas eram baseadas em crenças pessoais. Nada mais do que isso.

O que responder a uma mãe cuja filha morrera cedo demais?

— Acho que sim. Espero que haja, mas não sei. E a senhora?

— Eu também não sei. — Ela se encolheu um pouco, abraçando os joelhos. — Quero acreditar que sim, porque terei a esperança de um dia encontrar minha filha em outro lugar. Ao mesmo tempo, tenho medo de pensar nela sozinha, vivendo sem mim. Karine não sabia nem fritar um ovo!

Mães tendiam a ter aquele tipo de preocupação pelas coisas mais banais, sendo assim, não consegui conter o riso.

— Acho que ela não vai precisar fritar ovos onde está — respondi com carinho.

— Não, né? Mas será que está se cuidando bem? Fico preocupada.

Deus, aquilo era de cortar o coração. Precisei fazer um esforço sobre-humano para não acompanhá-la no choro.

— Fique calma, tia. Garanto que tem muita gente lá em cima cuidando dela. Karine era muito boa fazendo amigos e deve ter encontrado familiares.

Solange pareceu refletir com calma, ponderando meus comentários.

— Claro, querida. Faz todo o sentido. — Ela pegou a minha mão, novamente parecendo a mulher que conheci na infância e que fazia o melhor bolo de cenoura que já comi na vida. — Por várias vezes pensei em ir encontrá-la, mas acho que ela não deixou, sabe? Todas as vezes em que cogitei a hipótese, algo aconteceu. Um objeto caiu na cozinha, o telefone tocou ou um latido de cachorro me arrancou desses pensamentos mórbidos. Talvez ela tenha me feito ficar para falar com você e Rodrigo, para que me ajudassem a investigar.

Ela estava mesmo depositando todas as esperanças naquela promessa. Eu não era do tipo que quebrava as minhas, só que não estava ansiosa para voltar a trabalhar com Rodrigo, não depois do episódio da daquela noite. Principalmente porque ele não tinha sequer se dignado a pedir desculpas.

— Vamos descobrir a verdade, tia. Estamos decididos a isso. — Eu, pelo menos, estava. Sabia que Rodrigo também, especialmente depois da possível invasão ao quarto de Andreia, mas já não tinha certeza se iríamos investigar juntos.

Ela novamente balançou a cabeça, parecendo muito cansada.

— Você ainda se lembra bem dela?

— Cada dia uma nova lembrança aparece. — Sorri. — Infelizmente, não tenho tantas para recuperar. Convivemos por poucos anos.

— Mas vocês eram inseparáveis. Apesar de serem completamente diferentes fisicamente, todos perguntavam se eram irmãos. — Ela também sorriu. — E você era uma coisinha linda. Uma vez me falou que queria que eu fosse sua mãe. Nunca lhe disse isso, mas me senti muito honrada.

Assim que ela terminou de falar, a cena apareceu por completo na minha cabeça. Na época, Solange tentou me fazer acreditar que eu já era a filhinha de alguém que me amava muito. Fiquei um pouco desapontada, achando que também não me desejava, mas a verdade era que aquela mulher apenas não quisera se intrometer no meu relacionamento com minha mãe, que sempre foi péssimo.

Como pude me esquecer disso? Como pude não lembrar o quanto aquela mulher fora importante para mim e que supria tão bem um vazio que nunca fora preenchido?

A reação que tive em seguida foi quase impensada. Simplesmente a abracei. Bem forte. Pelo passado. Pelo presente. Por ela e por mim. Por Karine. E foi bom. Foi como abraçar o passado, como recuperar a criança dentro de mim, perdida em meio a escombros de decepções e medo. Pela forma como me apertou com força, eu compreendi que Solange precisava daquele carinho tanto quanto eu.

Quando se afastou, pegou meu rosto com ambas as mãos e disse:

— Minha menininha, que bom que voltou! Você fez falta. Todos nós sentimos quando foi embora. Karine fez greve de fome... — Eu ri com o comentário. — Ela não está mais aqui para te dar as boas-vindas, abraços e conselhos de amiga, mas eu estou. Serão os conselhos de uma louca, é claro.... Se não se incomodar.

— A senhora não é louca.

— Muitos pensam que sim — falou enquanto se levantava, limpando a areia da roupa. Também fiz o mesmo. — Bem, seja como for, vai ser bom te receber.

— Com bolo de cenoura?

Foi a vez dela de rir.

— Todos os que você quiser, querida. — Beijou minha testa e me deu as costas, começando a se afastar. Enquanto caminhava, percebi que parecia mais segura, forte e calma. Passo a passo, seguindo pela areia.

Abri um sorriso, feliz por tê-la de volta. Queria poder acreditar que tinha algo a ver com aquela mudança. Já faria meu dia ter valido a pena.

Permaneci na praia apenas por mais alguns minutos e voltei para a loja. Cheguei na metade de uma conversa onde minha avó e minha prima combinavam de irem ao cinema para verem o novo filme do The Rock. Seria um programa legal, em boas companhias, mas acabei recusando quando elas me convidaram para acompanhá-las. Não queria ser a chata reclusa, apenas estava cansada, andava dormindo muito mal e queria chegar cedo em casa.

Sendo assim, foi exatamente o que fiz. Ajudei-as a fechar a loja e voltei caminhando.

Já tinha anoitecido. Apesar de a rua estar movimentada, eu ainda ficava muito tensa quando precisava andar sozinha no escuro. Mesmo assim, tentei ficar calma, afinal, eram apenas algumas quadras. Mantive o mesmo ritmo, fazendo todo o esforço para não acelerar nem entrar em pânico. Manter a calma era primordial em uma situação como aquela. Não havia ninguém me perseguindo. Não havia ninguém atrás de mim a não ser minha própria sombra.

Contudo, uma sombra não podia chamar o meu nome. Podia?

— Cecília?

Senti meu corpo estremecer. A voz era familiar, pena que não consegui me lembrar a quem pertencia, de tão nervosa que estava. Tentei me acalmar, mas quando senti uma mão enorme e pesada sobre meu ombro, um pânico me preencheu por completo. Fechei os olhos e sobressaltei-me. Naquele momento, ouvi a voz outra vez:

— Cecília, sou eu. Rodrigo.

Demorei algum tempo para ter noção de que Rodrigo significava segurança. Assim que dei por mim, a primeira coisa que fiz foi lhe dar um soco no peito.

— Que ideia é essa de ficar me seguindo à noite? — Soquei-o mais uma vez, porém, tudo o que consegui foi machucar a minha mão, porque ele mais parecia uma rocha.

— Eu não estava te seguindo. Fui te ver na loja da sua avó, mas já estava fechada, então, fui até a sua casa, mas também não te encontrei. Deixei o carro estacionado em frente à sua porta e vim andando, esperando te encontrar pelo caminho. — Usou uma das mãos para segurar meu braço, e foi

então que percebi que carregava flores na outra. — Meu Deus, Cecília! Você está tremendo! — Apressadamente, ele começou a tirar sua jaqueta para colocá-la sobre meus ombros, passando o buquê de uma mão para a outra, equilibrando-o, embora eu já estivesse usando um casaco. — Está um pouco pálida também. Posso te levar em casa?

Não respondi. Primeiro porque eu tinha um problema muito maior com o qual lidar: precisava acalmar meu coração. Para isso, respirei bem fundo algumas vezes. Aos poucos fui me acalmando, um processo que durou segundos. Depois, me ocupei em olhar para Rodrigo outra vez. Se eu queria sua companhia para ir para casa? Não, obrigada. Ainda estava muito magoada.

Sendo assim, tirei a jaqueta dele dos meus ombros, devolvi-a e olhei-o bem nos olhos.

— Não precisa me acompanhar. Da mesma forma como cheguei sã e salva naquela noite, posso chegar hoje também. — Foi bem infantil da minha parte, mas nem me importei. Queria *mesmo* que ele percebesse que eu estava bem chateada.

Virei as costas, decidida a me afastar, mas ele segurou meu punho, me impedindo de sair dali.

— Por favor, Cecília, me dê uma chance de me redimir por ontem. Quero conversar e pedir desculpas.

Por mais que fosse bem maior e mais forte, e pudesse me manter ali pelo tempo que quisesse, não estava me prendendo. Com um mínimo de esforço, eu conseguiria me soltar para seguir meu caminho, mas simplesmente não me mexi. E ele também não. Continuava olhando para mim, com aqueles belos olhos suplicantes, segurando aquelas flores estúpidas, enquanto o mesmo braço sustentava a jaqueta que lhe fora devolvida.

Ah, céus, todo mundo merecia uma oportunidade, não merecia?

— Tudo bem, Rodrigo. Pode me acompanhar até em casa.

Com um sorriso agradecido, ele me entregou as flores antes de começarmos a caminhar.

— Me desculpa? Sei que vou precisar de muito mais do que alguns girassóis para compensar a burrada que fiz, mas estou apenas começando.

Eu também sorri.

— Está indo bem até agora. — Aquele era o primeiro sinal de paz, e ele pareceu apreciar, pois seu sorriso imediatamente se alargou. Satisfeita, voltei a caminhar, e Rodrigo passou a me seguir. Odiava admitir, mas sua presença fez com que eu me sentisse mais segura.

Ficamos algum tempo sem falar nada, até que Rodrigo se manifestou:

— Você não merecia a forma como te tratei naquele dia. Sei que não tem justificativa, mas fiquei transtornado em pensar que alguém poderia ter feito mal à minha irmã bem debaixo do meu nariz. Essa história mexeu tanto comigo que precisei de um tempo. Por isso não vim te pedir desculpas antes.

— Eu entendo. É um fardo muito pesado para se carregar sozinho.

— Não. Seria injusto se falasse que carrego sozinho. Tanto que meu avô agora está lá com Andreia para que eu possa ficar um pouco com você.

Chegamos à minha casa ao mesmo tempo em que ele disse aquilo.

— Você estava mesmo muito confiante de que eu te daria atenção — brinquei.

— Estou mais confiante ainda de que vai me deixar entrar e preparar um jantar para você.

Arregalei os olhos, porque não estava esperando por tanta audácia.

— Não acha que precisa pedir autorização da minha avó para isso? A casa é dela. — Tentei desafiá-lo.

— Já pedi. Meu avô falou com ela ao telefone há umas duas horas e intercedeu por mim. Na verdade, D. Zuleika foi bem enfática ao dizer que iria ao cinema com Pauline e que você ficaria em casa sozinha, sem companhia para jantar.

— Ela disse isso? Mas que traidora! — Ainda mantive o tom divertido, o que provava que não estava mais tão magoada.

— Fazer o quê? Sua avó é uma mulher santa. Além do mais, eu sou um cara charmoso. Ela não pôde resistir.

Segurei a vontade de concordar, para não dar a mão à palmatória, mas acabei sorrindo. Sem dizer nada, peguei a chave e, equilibrando o buquê no

braço, abri a porta. Acendi a luz e joguei a bolsa sobre a mesinha logo ao lado.

— Vou pegar um vaso. Fique à vontade.

Fiz exatamente o que disse que faria. Então, depois de posicionar as flores na mesa de jantar, virei-me para ele.

— Me responde uma coisa? — Eu o fiz olhar para mim. — Por que girassóis?

— Achei que rosas seriam muito óbvias. E você não é uma garota óbvia.

Boa resposta, garotão. Consegui me fazer corar. Mas ele parecia ter mais a dizer, pois se aproximou de mim, parecendo constrangido.

— Também não queria que você pensasse que era uma cantada ou algo assim...

— Ah! — Senti-me surpresa pelo meu próprio desapontamento. — Bem... se é assim... Que pena.

Precisei de um caminhar de coragem para não reprimir meus sentimentos e voltar a ser quem um dia eu fui, pelo menos por um breve instante. Queria ser aquela garota outra vez, a Cecília de antes, que dizia o que vinha à cabeça e fazia o que queria. Aquela antiga versão de mim mesma, aliás, estava muito atraída por Rodrigo.

Joguei a bomba e decidi me afastar, como se estivesse em uma zona de guerra e não quisesse ser atingida, mas Rodrigo não parecia disposto a se queimar sozinho, por isso, agarrou meu punho outra vez e me puxou para si antes que eu me afastasse ainda mais. Segurou meus dois braços, e eu quase lhe agradei, porque estávamos tão próximos que minhas pernas chegaram a bambear.

— O que você quis dizer com isso? — Ao invés de olhar em meus olhos, os dele estavam fixos em meus lábios. Permaneci em silêncio. Ele não arrancaria aquela resposta de mim de maneira alguma. Se realmente me quisesse, deveria ser ele a dar o próximo passo. — Fala, Cecília... — sussurrou com aqueles olhos suplicantes novamente. Deus, ele era sexy. — Por favor, não me deixe na dúvida.

Eu estava quase cedendo, mas decidi me soltar de suas mãos com calma, quase em câmera lenta. Não tencionava me fazer de difícil, afinal, meu recado fora dado. Se quisesa me beijar, tivera sua chance. Teria que encontrar outra para tentar de novo.

— Não importa o que eu disse. Acho que temos um jantar para preparar. — Daquela vez, eu realmente saí de perto dele e voltei para a cozinha. — Já tem em mente o que pretende cozinhar? — elevei a voz, para que Rodrigo pudesse me ouvir do outro cômodo, enquanto abria a geladeira.

Por um momento não obtive resposta, mas esperei. Torcia em silêncio para que o motivo de sua mudez fosse um leve atordoamento.

— An... Er... Bem... Acho que podemos improvisar um macarrão ao sugo, se você tiver os ingredientes. — Coçou a cabeça e encostou-se na parede. Não pude deixar de comemorar ao vê-lo realmente um pouco fora de si.

— Claro. — Abri um sorriso, fingindo que nada tinha acontecido, e continuei vasculhando a geladeira. Tirei de lá um tomate, duas cebolas e algumas cabeças de alho, levando-os para a enorme bancada.

Comecei minha tarefa normalmente, enquanto Rodrigo permanecia no mesmo lugar, parado. Não queria olhar para ele, para não parecer que o estava vigiando, mas de soslaio consegui perceber que tinha os olhos fixos em mim, muito sério.

Dissera a ele, há algumas noites, que não queria me apaixonar de forma alguma e mantinha minha convicção. Sabia que Rodrigo era perigoso, que podia facilmente ganhar um pedacinho do meu coração, mas eu realmente desejava que algo acontecesse entre a gente. Precisava ficar com um cara legal e bem quente para sentir meu corpo voltando à vida, para me libertar dos fantasmas que me perseguiam.

Acabara de picar o tomate quando o senti se aproximar. Sem dizer nada, tirou a faca da minha mão, jogando-a dentro da pia, e me puxou um pouco para o lado, me afastando dos ingredientes. Ainda calado, colocou as mãos na minha cintura e me ergueu do chão com uma baita facilidade, como se eu não pesasse quase nada, e me pôs sentada sobre a bancada, posicionando-se entre minhas pernas.

— Não vou deixar você fugir de novo, Cecília — sussurrou, e eu poderia ter desmoronado naquele segundo.

A cena em si já era sexy por si só, daquelas que você vê em filmes e suspira, sonhando que um dia possa acontecer com você, porém, Rodrigo fazia com que a emoção fosse triplicada pela forma como olhava para mim. Só queria que ele me beijasse. Rápido.

— Não vou fugir... — também falei bem baixinho, depois de engolir em seco, só para que entendesse que eu não resistiria mais. Estava ali para ele, para o que quisesse fazer.

E ele fez.

Primeiro, acariciou meu rosto com as duas mãos, enquanto eu fechava os olhos para receber o toque e senti-lo sem a intromissão de outro sentido. Depois, seu dedo polegar, áspero, veio parar em meus lábios, também alisando-os, quase preparando-os. Cada segundo de espera foi uma tortura. Ele era bom naquele negócio de sedução. Muito bom.

Ainda estava de olhos fechados quando uma de suas mãos foi parar em minhas costas, segurando-me com força. A outra foi posicionada na minha nuca, puxando-me ainda mais de encontro a seu corpo.

Quando nossos lábios se encontraram, tive a impressão de que explodiria. Se ele era bom na arte de seduzir, beijar era, sem dúvidas, uma de suas especialidades.

Brincava com meus lábios como se não tivesse pressa de nada, como se possuísse todo o tempo do mundo para explorá-los. Contudo, quando sua língua invadiu minha boca, em uma busca desesperada pela minha, deixei um gemido abafado escapar do fundo da garganta, pois fui tomada por uma sensação vertiginosa muito bem-vinda. Agarrei seus ombros largos e musculosos, precisando de tal contato para me sustentar na realidade, para me certificar de que ele estava mesmo ali, que era palpável e não parte de um sonho.

Foram alguns minutos de um delicioso contato, até que Rodrigo se afastou um pouco, ainda mantendo as mãos em mim.

— Uau! — ele exclamou com um sorriso. — Devia ter feito isso antes.

Concordei no mesmo instante, balançando a cabeça, ainda desconcertada demais para dizer qualquer coisa. No entanto, não tivemos tempo de prosseguir, pois o telefone fixo começou a tocar. Queria muito ignorar aquela maldita intervenção, principalmente porque tinha certeza de que Rodrigo me beijaria de novo, mas não podia. Se fosse minha avó e eu não atendesse, ela ficaria preocupada.

Pulei, então, da bancada, aproveitando que Rodrigo tinha me dado espaço. Antes de seguir na direção do telefone, apontei um dedo para ele e adverti:

— Fique aí. Vamos continuar de onde paramos.

Ele abriu um sorriso e bateu continência.

— Sim, senhora.

Sentindo-me uma boba, fui atender ao famigerado telefone. Só não contava em ouvir a voz de Solange ao atender.

— Cecília, querida? Que bom que você atendeu.

Ela fazia muito esforço para falar, com a voz embargada, respirando com dificuldade. Parecia sentir dor.

— Tia Solange, você está bem? — preocupei-me.

— Cecília, por favor. Não pare de investigar sobre Karine... eu... eu... — ela não terminou a frase, mas também não desligou o telefone. Tive a impressão de que havia desmaiado.

— Tia? O que houve? Me responda! — chamei-a repetidas vezes, passando de apreensiva a desesperada em questão de segundos.

— Cecília? — Rodrigo apareceu na sala. — O que foi?

Desliguei o telefone e já me adiantei até a porta.

— Acho que Solange fez alguma besteira. Preciso ir vê-la.

— Vou com você. — Ele veio atrás de mim, e ambos saímos porta afora.

Corremos até o carro e partimos. Ao chegarmos à casa dela, tocamos a campainha várias vezes, mas ninguém atendeu. Percebendo meu desespero, Rodrigo levou a mão à maçaneta, decidido a forçá-la. No fim das contas, nem foi preciso, uma vez que estava destrancada. De qualquer forma, acabamos entrando.

— Solange? — ele chamou. Não tivemos resposta. — Solange, está aí?

Acendi a luz e foi quando me dei conta de que o telefone com o qual ela provavelmente tinha falado comigo — um aparelho sem fio, da cor marfim — encontrava-se no chão, todo manchado de vermelho. Era sangue.

Sob ele, iniciava-se uma trilha da mesma cor, que seguia até um corredor.

— Rodrigo... — gemi, muito assustada, e ele se voltou para mim.

— Fique aqui — enfatizou, e eu obedeci, enquanto ele tomava a dianteira e seguia o rastro.

Esperei, esperei, até que não aguentei mais e fui procurá-lo. Assim que o alcancei, me arrependi, pois me deparei com uma cena que me encheu de lembranças terríveis. Rodrigo estava sentado no chão, coberto de sangue. Solange jazia em seus braços, enquanto ele checava sua pulsação.

— Rodrigo, ela... — Mal consegui terminar a frase, que saiu mais como um soluço do que como uma reunião de palavras coerentes. Ele olhou para mim, com uma triste expressão de pesar, e balançou a cabeça em negativa.

Estava morta.



VIII

VENTO NO LITORAL



RODRIGO

Havia o corpo de uma mulher morta em meus braços. A cada segundo que passava, aumentava a impressão de que Solange se tornava mais leve, como se seu espírito estivesse se desprendendo do corpo, dando adeus ao mundo. Por mais que fosse tarde e que não houvesse nenhuma maneira de voltar atrás para salvá-la, eu simplesmente não conseguia soltá-la.

Logo Cecília apareceu na porta do quarto, conectando-me novamente ao mundo dos vivos. Tive a impressão de que desmoronaria por completo, enquanto eu lhe pedia para que chamasse a polícia, mas ela apenas hesitou um pouco e retirou-se, deixando-me outra vez sozinho com o que restou daquela pobre mulher.

Não que duvidasse da força de Cecília. Na verdade, já havia compreendido que era uma garota e tanto, contudo, em uma situação como aquela, duvidava até mesmo da *minha* capacidade de aguentar uma barra tão pesada. Por saber que ela tinha passado por um grande trauma, imaginava que a cena de uma mulher morta, banhada em sangue, iria abalá-la de forma profunda. Por isso, soltei Solange com cuidado e fui até a sala.

Eu podia ouvir sua voz trêmula ao falar ao telefone, sentada no sofá. Ela gaguejava e talvez não estivesse sendo perfeitamente coerente, mas agia e transmitia as informações da melhor forma possível.

— T-tem uma mulher morta aqui... Os p-pulsos dela estão cortados... — Cecília fez uma pausa. — E-eu não sei se foi suicídio. Quando chegamos, ela já estava morta. É o que p-parece, mas... Sim, tudo bem... o endereço é...

Parei de prestar atenção enquanto Cecília passava as coordenadas para o atendente, esperando que eles fossem rápidos o bastante. Porém, enquanto aguardava desligar o telefone, algo que falou à polícia me deixou com a pulga atrás da orelha. Ela dissera que não tinha certeza se fora suicídio. Aparentemente era a explicação mais lógica, mas não era a única hipótese, era? Se Karine fora realmente assassinada, poderiam ter feito o mesmo com sua mãe.

Talvez não fosse um bom momento para especular algo tão sério. Eu precisava cuidar de Cecília.

Estava muito preocupado com ela, com o fato de ter ficado tão calada após encerrar a ligação e, principalmente, com seu olhar fixo no chão. Eu sabia que não estava bem, embora segurasse a onda da melhor forma que podia. Ao olhar para suas mãos, que ainda seguravam o celular, vi que tremiam discretamente.

— Cecília? — chamei com cuidado, esperando não assustá-la. Foi quando ela se voltou para mim, com os olhos cheios de lágrimas.

Ainda em silêncio, parecendo cada vez mais perdida, arfava, com seu peito subindo e descendo em um ritmo agonizante. Seus olhos, antes focados nos meus, transferiram-se para a minha camisa clara, que estava completamente vermelha, empapada de sangue.

— V-você está sangrando? — Cecília parecia um pouco fora de si.

Imediatamente, sem nem pensar muito no que fazia, tirei a camisa pela cabeça e a joguei no chão.

— Não, este sangue não é meu. É de Solange. Viu? — Abri os braços para mostrar que não havia nenhum ferimento em meu corpo, e Cecília balançou a cabeça em concordância, aliviada.

Queria me aproximar dela, mas ao mesmo tempo desejava lhe dar espaço. Não sabia o que era certo fazer. Não sabia como agir. Era desesperador pensar que a menina que eu tinha acabado de beijar estava bem ali na minha frente, desmoronando e despedaçando-se de tal forma que eu quase podia recolher seus cacos, um a um. Tudo o que eu desejava era pegá-la nos braços e arracá-la daquele sofá, carregando-a para bem longe dali, mas eu simplesmente não tinha coragem de fugir deixando Solange sozinha, por mais que estivesse morta. Sentia como se lhe devesse algo. Na verdade, a cidade inteira devia, por todas as vezes em que não a ouvimos e não a ajudamos. Fomos nós que a destruímos.

A polícia não tardou a chegar, e, para a minha sorte, Luís estava entre eles, o que eu esperava que facilitasse as coisas. Ele agiu com calma, profissionalismo e soube lidar com Cecília no estado em que ela estava sem pressioná-la. A verdade era que aquela garota era realmente especial. Por mais que devesse estar com todos os sentimentos fodidos, ainda assim, fez seu papel, dando um depoimento até mais coerente do que o meu, explicando

sobre o telefonema de Solange e o fato de andarem conversando sobre Karine, sem mencionar a pequena investigação que tínhamos nos comprometido a fazer.

Luís estava coordenando a equipe de perícia, que analisou a cena com cuidado, fazendo suas anotações, até que o corpo foi removido. Foi quando decidi me aproximar dele para tentar descobrir alguma coisa.

— E então? Você acha que foi suicídio? — Aproveitei que estávamos em um canto mais afastado, com certa privacidade.

Lentamente, Luís ergueu os olhos da prancheta que tinha em mãos e virou-se para mim com uma expressão de cansaço. Seu dedo indicador da mão direita, que segurava a caneta, foi até sua sobrancelha, coçando-a em um sinal de preocupação.

— Você sabe que eu não posso compartilhar informações oficiais.

— Mas pode dar sua opinião pessoal, não pode?

— Como civil, eu diria que o cenário está bem propício a isso. Principalmente se levarmos em consideração a condição mental dela.

— Solange não era louca! — A voz indignada de Cecília interrompeu nossa conversa. Tanto eu quanto Luís nos viramos em sua direção. Era a primeira vez que dizia alguma coisa por livre e espontânea vontade.

— Cecília... — Dei um passo para me aproximar dela, mas fui interrompido quando estendeu a mão, me impedindo.

— Fale para ele, Rodrigo! Fale que ela não era louca! Talvez fosse a mais sã de todos nós.

— Vocês sabem de alguma coisa que não estão nos contando? — Luís indagou, desconfiado.

Olhei para Cecília, tentando lhe incentivar, em silêncio, a contar para Luís o que quisesse. Ela tinha todo o direito. Não era algo que eu desejasse, já que a polícia não fizera nada a respeito na época, porém, quem sabe não fosse mais seguro deixar nas mãos deles?

Só que Cecília também hesitou, provavelmente chegando à mesma conclusão que eu. Devíamos aquela investigação a Solange.

— Não — ela respondeu, de cabeça baixa. Não era uma boa mentirosa. — É que nós nos encontramos hoje mais cedo.

— Sim, você nos disse que a encontrou na praia. Também falou que ela estava muito triste.

— Solange estava *sempre* triste. Mas tristeza não é sinal de loucura. Ela precisava se tratar de uma depressão profunda, apenas isso.

Ninguém teve coragem de dizer nada. Cecília estava certa. Merda, estava mais do que certa, e isso fazia com que eu me sentisse ainda pior. Era uma verdadeira injustiça. Uma tragédia. E o fato de nós dois a termos encontrado morta criava uma ligação ainda mais forte com toda a história. Claro que, para mim, tudo era muito mais intenso, porque envolvia também a minha irmã. Eu iria até o fim.

Naquele instante, porém, tudo que eu queria era levar Cecília embora. Para a *minha* casa. Não queria sair do seu lado, porque tinha certeza de que aquela noite seria péssima para nós dois. Exatamente por isso, quando fomos liberados, algumas horas depois, eu logo anunciei:

— Escolha qualquer lugar para ir agora, menos a casa da sua avó. Não vou te levar para lá.

Ela já estava sentada ao meu lado, no banco do passageiro, ainda muito calada. Assim que me ouviu falar, virou a cabeça para mim e indagou:

— Por que isso? Acha que não dou conta sozinha? — Não havia nenhum tipo de repreensão em sua fala, era realmente uma pergunta sem entrelinhas.

— Acho que você é a garota mais forte que conheço, mas precisamos um do outro, já que estamos nessa juntos.

Cecília suspirou. Estava cansada, muito abalada e com certeza tudo o que mais desejava era ir para casa, deitar em sua cama e tentar esquecer, mas eu queria acreditar que também precisava um pouquinho de mim.

— Eu quero ficar sozinha, Rodrigo. Provavelmente não vou ser uma boa companhia hoje — sua voz era pouco mais do que um sussurro, e eu precisei me esforçar para ouvi-la.

— Não diga isso. Não vou te deixar sozinha. Me peça qualquer outra coisa, por favor.

Então, ela voltou seus olhos para frente, observando novamente a casa onde tínhamos, sem dúvidas, passado alguns dos piores momentos das nossas vidas. Ela provavelmente vivera coisas piores, mas aquela seria mais uma lembrança obscura em sua cabeça.

— Me leva para a praia — ela simplesmente falou, e eu obedeci sem pestanejar, dando a partida no carro e seguindo. Não podia negar que também me sentiria bem melhor quando estivesse de frente para o mar. Aquela foi uma grande ideia.

Dirigi até a Praia das Amoras. Por alguns minutos, quase me arrependi, pensando que poderia ser uma péssima escolha, já que aquele lugar também não lhe trazia memórias muito agradáveis da bebedeira da outra noite. Cecília pareceu não se importar e foi logo saltando do carro, como se aquele espaço claustrofóbico a estivesse sufocando. Ficou me esperando, com os braços cruzados contra o peito, observando o mar que, naquela noite, parecia revoltado, como se também estivesse inquieto, sofrendo pela perda de Solange.

Os cabelos ruivos de Cecília dançavam ao vento, e eu tirei alguns minutos para contemplá-la. Estava linda. *Era* linda. Mais do que isso, havia uma puta coragem dentro de seu coração. Algo me dizia que ainda iria desmoronar — o que era totalmente justificável —, mas estava se mantendo de pé.

Ela ainda tinha os olhos fixos no oceano quando tomei a liberdade de pegar sua mão. Sabia que tínhamos nos beijado — que fora incrível, diga-se de passagem —, porém, não sabia quais limites poderia atravessar. Apesar disso, ela aceitou o contato e ainda entrelaçou os dedos aos meus, antes de seguirmos para a areia.

Eu tinha vestido outra camisa, que estava no porta-malas do meu carro, e jogado a ensanguentada no lixo. Então, assim que escolhemos um lugar para ficarmos, tirei a limpa que usava e a estendi na areia para que ela pudesse se sentar.

Não estávamos sozinhos por completo. Já passava das onze, mas, a alguns metros de distância, um homem solitário, deitado, contemplava o céu. Uma caixinha de som estava ao seu lado, daquelas com entrada USB, e tocava *Vento no Litoral*¹. Isso me fez crer que o cara devia estar curtindo uma fossa das brabas, mas a vida era assim, não era? Cada um com seus problemas. Ele lidava com um coração partido. Nós, com a morte.

— A música está meio deprê. Quer ir para outro lugar? — perguntei a Cecília, que balançou a cabeça em negativa.

Acreditando que ela precisava de espaço e silêncio, também voltei meus olhos para o mar, sentindo como se nós dois fôssemos navios fantasmas ancorados em um píer de sentimentos sombrios. Nenhum de nós dois guardava bons pensamentos naquele instante. Éramos apenas marionetes do destino, e eu simplesmente não entendia o porquê de ele nos ter escolhido para encontrarmos Solange morta. Ou melhor... compreendia, sim. Se não fôssemos nós, ela ficaria ali, esquecida, por vários dias. Se telefonasse para qualquer outra pessoa, seria ignorada, considerada louca, como sempre. Talvez algum vizinho sentisse o cheiro podre da decomposição e fosse até lá. Quanto tempo levaria? Era cruel, mas a pura verdade.

Talvez Cecília estivesse pensando na mesma coisa, porque, de repente, ouvi um soluço baixinho e um fungar ao meu lado. Virei-me para ela e vi as primeiras lágrimas caindo. Ah, merda! Era de partir o coração. Queria ter o poder de apagar mais aquele sofrimento de sua mente, porém, a única coisa que me restou foi pegá-la e erguê-la, colocando-a no meu colo para tentar confortá-la da melhor forma possível.

Seu choro começou discreto, mas assim que Cecília se viu em meus braços, seu pranto tornou-se mais pesado, como se aquelas lágrimas tivessem sido reprimidas por muito tempo. Deixei que ela derramasse toda a sua mágoa, todo o sofrimento, sobre mim. Já que não podia ajudá-la de outra forma, queria, ao menos, transmitir força e lhe oferecer um ombro amigo.

Perdi as contas de quanto tempo ficamos daquele jeito, até que a senti mais calma. Seus braços ainda estavam ao redor dos meus ombros, mas não havia mais soluços nem lágrimas. Ela estava imóvel em meu colo, e por um instante achei que tivesse adormecido. Afastei-a um pouco para checar e constatee que estava com os olhos fechados. No entanto, se remexeu e os abriu.

— Me desculpa. Não queria me entregar desse jeito — falou, com a voz ainda embargada.

— Não se desculpe. Só converse comigo. Quero ter a oportunidade de te ajudar. Não precisa me contar tudo, é claro, mas pode confiar em mim.

Cecília me ouviu com atenção, parecendo ponderar a oferta. Logo, tentou se desvencilhar dos meus braços. Minha reação instintiva foi segurá-la com um pouco mais de força.

— Fique aqui. A não ser que eu esteja invadindo demais o seu espaço.

— Não, não é isso. É que não quero ser um fardo. Você também deve estar sofrendo e...

— Exatamente por isso quero que fique onde está. Preciso de você — minha declaração foi tão sincera que Cecília chegou a levar a mão ao meu rosto e o acariciou. Eu realmente desejava que ela ficasse ali, para que pudesse senti-la. Apesar de o motivo principal ser a chance de confortá-la, também queria um ombro amigo. — Só fale comigo. Desabafe.

Ela suspirou, mas finalmente começou a falar:

— Uma amiga minha foi assassinada. Minha *melhor* amiga, na verdade.

Putá merda!

— Sinto muito. Sinto muito mesmo. Foi por isso que você veio para Solário? — perguntei, na intenção de mantê-la falando.

— Foi um dos motivos. — Fez uma pausa e mordeu o lábio inferior. Tinha mais a dizer, sem dúvidas. — Eu encontrei o corpo dela também. Morávamos juntas.

Putá merda *mesmo*! Sem saber o que dizer, apertei-a mais forte contra o peito.

— Quando vi todo aquele sangue hoje... — Começou novamente a tremer. Inferno! Eu queria poder fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. — Eu achei... achei... que estava vivendo aquele pesadelo outra vez. Achei que... — Cecília hesitou. Eu sabia que aquela seria a parte mais difícil do relato.

— Achou o quê, baby? Pode falar. — Depositei um beijo no topo de sua cabeça, tentando incentivá-la.

— Achei que *ele* tinha voltado, que tinha me encontrado e que nunca mais me deixaria em paz. Por mais que seja impossível...

Eu não fazia ideia de quem era *ele*, mas algumas teorias começavam a se formar na minha cabeça.

— Sei que foi uma associação absurda, porque uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas acho que foi meu subconsciente me pregando uma peça. Não estava preparada para ver tanto sangue assim, tão cedo. — Como ela ainda conseguia ser lógica em uma situação como aquela, com uma bagagem tão pesada nas costas? — Minha amiga morreu por minha causa. Jamais vou me perdoar por isso.

— Ei, ei, ei! Que história é essa? — repreendi, mas com toda a gentileza do mundo. — Você não tem culpa de nada, e eu nem preciso conhecer a história por completo para afirmar com convicção.

— Você não sabe como aconteceu, Rodrigo.

— Não, não sei, e entendo que não queira me contar, mas não respeito que se culpe e se martirize dessa forma. E também não precisa ter medo. Você está segura. Estou aqui agora e não vou deixar que nada te aconteça. — Era muito pretensioso da minha parte acreditar que podia ser o herói de uma garota que parecia plenamente capaz de se salvar sozinha. Cecília sobrevivera muito bem até ali sem mim, e eu tinha certeza de que permaneceria dessa forma mesmo se não tivesse me conhecido. Mesmo sabendo disso, eu queria poder cuidar dela, se assim me permitisse.

Foi então que olhou para mim, e eu quase perdi o fôlego. Era como se sua alma despedaçada tivesse pousado em seus olhos, refletindo milhares de palavras não ditas. De alguma forma, eu compreendi a mensagem. Ela me desejava tanto quanto eu a queria. Não havia mais nada entre aquela areia, sobre a qual estávamos sentados, e as estrelas que nos guardavam. Ou talvez houvesse somente o silêncio, já que as palavras simplesmente não se encaixavam, não eram necessárias. Sentia apenas o vento que vinha da maré para se desfazer em sussurros secretos, ao pé do meu ouvido. E ele dizia que eu era o filho da puta mais sortudo de todos por ter uma garota como aquela nos meus braços.

Queria beijá-la. Naquela louca fração de segundo, me parecia mais indispensável do que respirar. Precisava, porém, que ela me desse algum sinal. No entanto, não demorei a descobrir que aquela não era uma garota de dar sinais. Cecília tomava o que queria sem reservas, sem joguinhos. Por isso, colou seus lábios nos meus, desmoronando-se em mim por inteiro, sem entregas pela metade.

Ela beijava como se pudesse encontrar a cura na paixão que nos rondava e como se cada pequeno minuto daquele contato valesse por uma vida inteira. Eu, por minha vez, sentia-me perto do limite da sanidade, ansiando por devorá-la ali mesmo, arrancando suas roupas e tornando-a minha. *Porra, como eu queria isso!* Ainda mais quando a ouvi sussurrar meu nome, de encontro aos meus lábios, como se fosse uma súplica.

Deitei-a delicadamente na areia, posicionando-me sobre seu corpo, sabendo que não poderíamos ir muito mais longe, já que estávamos em um local público. Não queria fazer nada que ela não me permitisse, mas seus lábios me pertenciam naquele momento, e eram tão tentadores que eu não queria mais parar de beijá-la.

Apoiado em um dos cotovelos, para não machucá-la, deixei que a outra mão percorresse seu corpo, que parecia quente como puro fogo. Ela correspondia ao meu toque, arqueando as costas e deixando escapar gemidos roucos e sensuais que me enlouqueciam.

— Cecília... meu Deus! — precisei falar alguma coisa para externar um pouco o que sentia. Na verdade, tive que parar de beijá-la por um tempo só para tentar fazer com que o sangue retornasse à minha cabeça, antes que não conseguisse mais me controlar. Encostei minha testa na dela, de olhos fechados, respirando pesadamente, concedendo a mim mesmo alguns segundos.

— Eu sei... eu sei... vamos para casa? Quero terminar o que começamos.

Aquele era o tipo de convite que não se recusava de forma alguma, por isso, levantei-me de um pulo, agarrando-a pela cintura e puxando-a comigo. Peguei a blusa que estava no chão, segurei a mão de Cecília e saí apressado pela areia, seguindo até o carro. Não queria sequer olhar para trás. Não havia *nada* ali além daquela linda garota ao meu lado.



RODRIGO

Não demorei muito para constatar que o desejo teria que esperar um pouco. A mistura entorpecente do extremo cansaço, da música baixinha que tocava na rádio e do lento balançar do carro, fizeram Cecília adormecer como um bebê. Claro que fiquei um pouco desapontado, mas não estávamos com pressa, afinal. Tínhamos o tempo ao nosso favor.

Sorrindo como um bobo, virei-me na direção dela e fiquei observando-a por alguns minutos. Era uma visão das mais agradáveis, sem dúvida, mas não pude ignorar o aperto que senti no peito ao pensar no quão vulnerável parecia. Respirava serena, mas imaginava que não deveria estar tranquila de todo. Exatamente por isso, decidi que a deixaria dormir. Precisava daquele sono para reparar suas feridas e se revigorar.

Sendo assim, saltei do carro, dei a volta e a tirei de lá de dentro sem acordá-la. Com o movimento, ela se remexeu, mas não abriu os olhos. Tranquei o veículo e dei de cara com meu avô, que abriu a porta para nós. Não parecia nem um pouco satisfeito, ainda mais ao ver a cena à sua frente.

— Mas que diabos você fez com ela?

Era muito bom perceber que meu avô confiava plenamente em mim.

— Nada. Ela está dormindo. — Para confirmar minha afirmativa, Cecília abriu os olhos e resmungou, embora ainda estivesse zozza de sono.

— Rodrigo? — murmurou, parecendo um pouco confusa.

— Estou aqui, baby. Vou te levar para a cama.

Ao ouvir isso, ela simplesmente voltou a dormir, em uma plena demonstração de confiança. Entregava-se aos meus braços sem medo, o que me deixou secretamente satisfeito.

— Por que trouxe a garota para cá? Ela tem uma casa — afirmou com severidade, e eu logo entendi sua mensagem. Com certeza achava uma indecência que Cecília fosse dormir ali, mais precisamente na minha cama, se não estávamos nem namorando.

— Vô, posso levar a Cecília para o quarto? Ela precisa descansar. Prometo que depois explico tudo.

— Tudo bem. Vá logo.

Obedecendo-o, carreguei Cecília até o meu quarto. Depositei-a na cama, tentando ser o máximo gentil possível, tirando suas sandálias e cobrindo-a. Deixando um beijo em sua testa, voltei para a sala, pronto para encarar Seu Omar, que sem dúvidas me esperava com sete pedras nas mãos.

Juntei-me a ele no sofá, jogando-me ao seu lado.

— O senhor pode avisar a Zuleika que Cecília está aqui? — foi a primeira coisa que falei, afinal, era de extrema importância.

— Até posso avisar, mas não gosto da ideia de saber que essa menina está dormindo na sua cama. Também não sei se Zuleika vai concordar. — Ele manteve o cenho franzido enquanto falava. Não estava brigando comigo, apenas demonstrando seu ponto de vista. Um pouco antiquado, é claro, mas quem poderia julgar uma pessoa nascida na década de 40?

— Acabamos de encontrar Solange morta. A cena não foi nada bonita, e Cecília ficou um pouco abalada. Achei melhor trazê-la para cá, onde posso cuidar dela.

— Solange morreu? — Ele levou a mão à boca. — Mas... como?

— A polícia acha que foi suicídio. Estava com os pulsos cortados.

— Pobre mulher! No fundo, todos sabíamos que acabaria assim.

— Cecília acha que ela não era louca, e eu estou começando a concordar. Ainda não temos certeza se foi mesmo suicídio ou se alguém armou tudo para que parecesse um.

Ao me ouvir falar, meu avô estalou a língua, quase irritado.

— Rodrigo, você está entrando em uma zona perigosa com essas suas teorias da conspiração. Tudo bem acreditarem que Solange não era louca, e talvez realmente não fosse, pois suicidas também não são. São apenas pessoas sem esperança, que não têm mais razão de viver. Aquela mulher perdeu a dela quando a filha se foi.

— Sei de tudo isso, mas não tem nada a ver com uma *teoria da conspiração* — repeti a expressão que ele usou com um leve tom de desdém. — Só que acho muita coincidência ter acontecido dias depois do quarto de Andreia ter sido invadido.

— Coisa da qual você também não tem certeza. — Ele me interrompeu, e eu precisei controlar minha mágoa por meu próprio avô simplesmente não acreditar em mim.

— Vô, não vou contestar, porque não quero discutir com o senhor. Não hoje. Mas não estou imaginando coisas. Sei o que vi.

Meu avô respirou fundo, olhando fixamente para mim como se me analisasse. Ficamos assim por alguns momentos, em silêncio, até que ele simplesmente se levantou.

— Bem, eu vou embora, então. Pode deixar que ligo para Zuleika para avisar sobre Cecília, mas, pelo amor de Deus, cuide daquela garota melhor do que da última vez.

Precisei rir da forma como ele falou. Em seguida, também me levantei, pronto para acompanhá-lo até a porta. Porém, antes de cruzá-la, ele se virou novamente para mim e perguntou:

— Você gosta dela, Rodrigo? Da Cecília, quero dizer.

— Gosto. Bastante. — A resposta surpreendeu até mesmo a mim. Não que duvidasse daquele sentimento, uma vez que não seria difícil gostar de Cecília, ainda mais que ninguém ali estava mencionando emoções românticas. Ainda assim, fiquei pasmo pela rapidez com que as palavras escaparam da minha boca. De forma natural, como se ele tivesse me perguntado se o céu era azul.

— Espero que saiba, então, *gostar* dela. É uma boa garota. Tente ser o melhor homem possível, porque me parece que algum babaca já lhe partiu o coração. Não faça o mesmo.

Depois de dizer aquilo, ele simplesmente saiu da minha casa, batendo a porta atrás de si. Ninguém podia dizer que Omar Fernandes não sabia como fazer uma saída triunfal.



RODRIGO

Apesar de o dia estar frio, minha cabeça permanecia quente. Meu corpo também, é claro, depois dos beijos de Cecília e da promessa que acabou não se concretizando. Tudo o que eu deveria fazer era deitar para tentar dormir, mas ela ainda estava lá, tomando metade da minha cama e começando a também ocupar um pedaço do meu coração. Não sabia se conseguiria relaxar tendo-a tão perto, enquanto o desejo ainda me consumia.

A melhor ideia possível seria dar um mergulho.

Caí na piscina o mais rápido que pude e comecei a dar algumas braçadas, uma vez que a água estava fria. Não tencionava falar com Andreia, porque não queria acordá-la, mas ouvi meu nome sendo chamado bem baixinho dentro da minha cabeça.

— *Por que está acordada a uma hora dessas?* — indaguei em um tom divertido, como se estivesse falando com uma criança.

— *Não sei. Estou um pouco inquieta hoje. Se fosse boa de intuições, diria que é um mau presságio.*

— *Então acho que você se tornou vidente, Cara de Formiga. Solange, mãe de Karine, está morta.*

Andreia ficou em silêncio. O que não era de se estranhar, já que a morte tinha esse poder de calar o universo e transformar tudo em tristeza.

— *Andreia, você ainda está aí?*

— *Estou. O que aconteceu com ela?*

— *Ainda não sabemos ao certo, mas a polícia acha que foi suicídio.* — Tentei minimizar a história para não assustá-la.

Porém, se fosse sincero comigo mesmo, assumiria que Andreia estava bem menos comovida ou abalada do que imaginei que ficaria. Como ela permaneceu calada por muito tempo, precisei chamar a sua atenção.

— *Você não vai dizer nada?*

— *O que quer que eu diga?* — Andreia alterou-se, o que me surpreendeu. Não era de seu feitio perder a calma.

— *Achei que você ficaria triste pela pobre mulher.*

— *Por quê? Eu mal a conhecia.* — Ela parecia cada vez mais nervosa.

— *Porque era um ser humano. E eu sei que você sempre se compadeceu das pessoas. Sempre foi generosa e teve bom coração.*

— *Não tenho por que me compadecer. Te garanto que há coisas muito piores do que a morte, Rodrigo.*

Quase fiquei calado diante de seu comentário, principalmente porque a compreendia.

— *Me desculpe, Andreia, eu não queria te deixar ainda mais agitada falando sobre isso, mas é que Cecília e eu encontramos o corpo.*

— *O quê? Você e Cecília? A neta da Zuleika?* — ela pareceu surpresa.

— *Sim. Solange ligou para ela antes de morrer.*

— *Por quê? O que ela disse?* — O súbito interesse de Andreia me deixou ainda mais curioso e levemente preocupado. Talvez eu não devesse lhe contar a verdade, mas queria continuar acompanhando suas reações tão estranhas.

— *Pedi que não parássemos de investigar sobre o acidente, que descobríssemos se foi causado por alguém.*

— *Vocês estão mesmo investigando?* — soou indignada.

— *Estamos. Se alguém foi culpado pelo que aconteceu a você, quero que essa pessoa pague. Ainda acho que alguém entrou no seu quarto naquela noite, embora você tenha agido de forma estranha a respeito disso.*

— *Você está louco. Deixe o que aconteceu no passado...*

— *Por que, Andreia? Você não acha que seria justo...*

— *Justo? O que você sabe sobre justiça, Rodrigo? Quer saber mesmo o que eu acho justo? Parar de remexer nessa cova. Já não basta terem matado Solange e...?*

O que ela tinha acabado de dizer? *Terem matado Solange?* Eu tinha lhe afirmado que fora suicídio, não tinha? Como podia estar tão convicta a respeito de outra teoria?

Andreia parou subitamente de falar, como se tivesse percebido que revelara demais.

— *Andreia, o que você sabe que não está querendo me contar? Alguém matou Solange? E você sabe quem foi?*

Nenhuma resposta.

— *Andreia, fale comigo. Não foi suicídio, não é?* — Ela permaneceu calada. — *Porra, Andreia! Não faça isso! Você não pode esconder informações, ainda mais se houve mesmo um culpado.*

Mas já era tarde demais. Minha irmã já havia cortado nossa conexão inexplicável, e eu estava apenas falando sozinho.

Emergi apressado, saindo da piscina, sentindo-me completamente atordado e um pouco zozzo. Sentei-me em uma espreguiçadeira, levando ambas as mãos à cabeça, tentando usar esse gesto para acalmar meus pensamentos que pareciam ondas de um mar bravio em noite de tempestade.

Andreia sabia de alguma coisa. Deus, ela *sem dúvidas* sabia. Mais do que nunca, eu precisaria descobrir o que era, pois sentia que todos nós estávamos em perigo.

¹ Canção da banda Legião Urbana, composta por Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá e Renato Russo, lançada no álbum V, de 1991.



IX

QUEBRA-MAR



CECÍLIA

À noite, todos os demônios escapavam de seus esconderijos para perseguirem aqueles que temiam alguma coisa. Tudo parecia muito mais assustador sob o manto da escuridão, e, pela manhã, a maioria dos problemas se mostrava bem menor. Mas não daquela vez. Assim como também não acontecera meses atrás, quando minha melhor amiga fora assassinada. O fato de o sol estar raiando no céu não mudava o que tinha acontecido. Solange estava morta. E esse foi meu primeiro pensamento quando abri os olhos.

Assim que despertei, não consegui entender onde estava. Permaneci um pouco atordoada, analisei o ambiente ao redor, reconheci o quarto de Rodrigo e logo fiquei mais calma. Embora essa tranquilidade não tenha durado muito tempo, porque me lembrei de tudo o que havia acontecido entre nós. Droga, eu *realmente* me lembrava de tudo o que *não* acontecera.

Mas isso não vinha ao caso. Coisas bem mais importantes estavam em jogo. Tinha um relógio sobre o criado-mudo, e ele mostrava que não eram nem sete da manhã. Mesmo assim, decidi me levantar e procurar por Rodrigo. Fui direto para o quarto de Andreia, sabendo que ele estaria lá.

A cena, aliás, era de partir o coração. Rodrigo estava jogado em uma poltrona — parecendo bastante desconfortável por conta de seu tamanho —, completamente apagado. Roncava bem baixinho, parecendo muito cansado, e eu não pude conter um sorriso. Também não consegui impedir minhas mãos de seguirem até seu rosto e acariciá-lo bem de leve. Não tencionava acordá-lo, mas foram precisos alguns poucos movimentos para que ele abrisse os olhos abruptamente e agarrasse meu punho de forma quase violenta, como se tivesse sido arrancado de algum sonho igualmente perturbador.

No momento em que viu que era eu quem estava ali na sua frente, pareceu relaxar, mas não soltou meu braço, embora seu aperto tenha se tornado mais delicado.

— Bom dia — cumprimentei.

— Bom dia. Me desculpa, acho que levei um susto. — Rodrigo imediatamente me puxou, me derrubando em seu colo. Sem nem pensar no que fazia, comecei a gargalhar, mas logo levei a mão à boca, olhando para

Andreia. Até onde será que ela realmente conseguia perceber tudo ao redor? Será que nos ouvia, que poderia nos enxergar se abrisse os olhos?

Tentei afastar tal pensamento da minha cabeça e aproveitar aquele momento. Era bom ter alguém para me confortar depois de uma noite conturbada, depois de tanta solidão e tristeza. Além disso, era curioso o fato de eu me sentir tão à vontade em seus braços. Não era de se surpreender que nossas almas se entendessem tão bem, já que nós dois éramos membros da tal sociedade anônima dos corações partidos.

Embora abraçados, nossos lábios não se tocaram, e eu pude perceber uma ruga de preocupação na testa de Rodrigo.

— Você não dormiu nada...

— Dormi um pouco. A insônia não foi só pela morte de Solange. — Rodrigo fez uma pausa, e eu compreendi que estava ponderando se deveria ou não me falar o que tanto o afligia. Respirou fundo e me afastou de seu peito para olhar em meus olhos. — Se eu te contar uma coisa, sem maiores explicações, você promete que vai acreditar em mim?

Franzi o cenho, sentindo-me confusa. Era uma pergunta estranha. Decidi aceitar as regras para poder entrar no jogo.

— Prometo.

Ele permaneceu em silêncio por mais alguns segundos, olhando para mim como se analisasse exatamente o que deveria fazer. Parecia quase desesperado para desabafar.

Antes de dizer qualquer coisa, me retirou delicadamente de seu colo, levantando-se e pegando a minha mão, me guiando de volta para seu quarto. Fechou a porta e se sentou na cama, convidando-me a me sentar do seu lado.

— Eu tenho uma forma de me comunicar com a minha irmã.

Eu o ouvi, mas não fazia ideia de como responder, afinal, ele tinha me pedido para não fazer perguntas. Sendo assim, apenas me mantive impassível e tentei fazer com que continuasse a falar.

— Na noite passada, enquanto você dormia, falei com Andreia. Ela sem querer deixou escapar que alguém matou Solange.

— Rodrigo, você sabe que isso não está fazendo muito sentido para mim, não sabe? Posso acreditar porque me pediu, mas fica um pouco difícil sem que me explique do começo.

— Sei disso e vou entender se não quiser acreditar. Só preciso que saiba que talvez não seja uma boa ideia você continuar a investigar sobre o acidente.

— Acha que pode ser perigoso?

— Acho. Não apenas pelo que aconteceu com Solange — fez uma pausa, preparando-se para continuar a falar —, mas também porque vi alguém te observando ontem de manhã.

— Ontem? — Mas do que ele estava falando?

— Fui à casa da sua avó bem cedo, para te pedir desculpas por ter te tratado tão mal, e te vi dormindo no balanço da varanda. — Franzi o cenho, porque eu *realmente* tinha caído no sono naquela manhã, exatamente como ele estava descrevendo. — Logo atrás do meu carro tinha outro parado, com vidros escuros, e havia uma pessoa lá dentro. Não consegui ver se estava mesmo te observando, mas quando saltei e mostrei que o tinha percebido, ele foi embora.

— *Ele?*

— Não tenho certeza, mas pela silhueta, julguei que parecia um homem.

Não consegui ficar sentada por mais nem um minuto. A descrição da cena era muito familiar e provocou calafrios, além de péssimas lembranças para mim, porque fora exatamente assim que todo o pesadelo começara. Um profundo desespero me acometeu, atrapalhando a coerência dos meus pensamentos. Logo, já estava andando de um lado para o outro, como se uma mancha negra tomasse completamente conta da minha visão, me impedindo de enxergar qualquer coisa ao meu redor.

— Cecília, minha teoria é que esse observador tem ligação com a nossa investigação, mas você acha que pode também estar conectado ao seu passado? Porque, se estiver...

— Não, não tem! — Eu o interrompi bruscamente, enquanto me colocava de costas. Não queria que ele visse meu semblante desesperado.

— Mesmo se tiver, não quero que fique assustada. Você não está sozinha.

— Já disse que não! — Alterei o tom de voz, não porque queria soar grosseira, mas porque estava ficando cada vez mais nervosa, mais fora de controle. Minhas mãos tremiam sem parar e meu coração martelava no peito de tal forma que achei que abriria um buraco.

— Cecília, me desculpe por trazer esse assunto à tona, mas... — Rodrigo tocou em mim, e eu afastei sua mão com um tapa, virando-me na sua direção apenas para dizer:

— *Ele* não pode mais me perseguir, porque está morto. Eu o matei.

Sem qualquer noção do que tinha acabado de dizer, simplesmente me afastei apressada. Também não estava pensando muito no que fazia, queria apenas sair dali de dentro daquelas paredes que me enchiam de sentimentos claustrofóbicos. Contudo, antes que pudesse chegar à porta de saída, senti os braços de Rodrigo enlaçando minha cintura e me puxando para ele, enquanto me abraçava.

— Não vou deixar você ir embora assim outra vez. Muito menos assustada como está.

Eu não disse nada, nem sequer me mexi. Ao menos, não voluntariamente, porque tremia por inteiro, e claro que ele podia sentir.

— Me desculpa mais uma vez. Eu não queria ter te deixado assim, tão nervosa...

— Estou bem — foi tudo o que consegui dizer, conforme começava a sentir meu corpo respondendo de uma forma mais controlada.

Mesmo assim, ele continuou a me segurar com força. Isso me deixava admirada, pois, uma vez que sabia que estava lidando com uma assassina, era de se surpreender que ainda estivesse tão empenhado em me manter ao seu lado. Ou talvez não tivesse ouvido o que eu disse. Antes de falar qualquer coisa, Rodrigo me virou de frente para ele e depositou um beijo cálido em meus lábios.

— Sei que está bem. Só que isso não justifica meu comportamento e nem o fato de que estou sempre agindo como um idiota com você.

— Você não teve culpa dessa vez. Eu é que estou com a mente toda estragada, e qualquer coisa me assusta demais. — Ensaiei um sorriso para não soar dramática. Ele, por sua vez, tomou meu rosto entre as mãos e disse:

— Não tem nada estragado em você, baby. Não diga isso. Você se manteve sã e sobreviveu a uma coisa bem pesada. Embora eu não saiba o que foi, imagino que tenha sido algo capaz de foder com a cabeça de qualquer um.

Balancei a cabeça, concordando, mas acrescentei, depois de alguns segundos de silêncio:

— Não quero que me afaste da investigação por causa disso.

— É mais seguro. Vou te mantendo informada para que me ajude pensando em como podemos conseguir mais dados. Você será o cérebro, e eu, os músculos — brincou, e eu não pude deixar de rir.

— Tudo bem, posso aceitar isso, mas não acha que vai acabar sendo perigoso para você também?

— Acho — ele respondeu com sinceridade, mas deu de ombros, como se não fosse importante. — Só que eu sou um pouco menos vulnerável. Não estou dizendo que sou invencível ou que você é uma presa fácil. Só que... Bem, você entendeu.

— Entendi. E concordo. Só estou ainda muito confusa a respeito do que você disse sobre Andreia saber algo sobre a morte de Solange. Seja lá como for que vocês conseguem se falar, não seria uma boa ideia darmos uma olhada nas coisas dela?

— Você quer que eu invada a privacidade da minha irmã? — A expressão indignada de Rodrigo foi suficiente para que eu me arrependesse instantaneamente da pergunta.

— Me desculpe. Foi uma ideia muito ruim — afirmei de cabeça baixa, muito envergonhada.

— Não, a ideia não é ruim, mas eu não me sentiria bem fazendo isso. Prometo conversar com ela e tentar descobrir alguma coisa.

Aquela história de Rodrigo conseguir falar com Andreia ainda estava muito mal contada, mas eu tinha certeza de que devia pensar a mesma coisa a

respeito do meu problema, principalmente depois de minha confissão involuntária, sobre a qual ele estranhamente não fez nenhuma pergunta.

E ainda bem que não fez, porque eu não estava preparada para falar sobre aquilo mais do que já tinha falado. Ainda não me sentia pronta para abrir meu coração de tal forma. Não para ele. E muito provavelmente para ninguém. Ao menos por enquanto.



CECÍLIA

Céus azuis não combinavam com morte. Davam a impressão de que Deus zombava de nossas perdas e se divertia com o luto, enquanto nossos corações lidavam com suas tempestades e com as nuvens carregadas que nublavam emoções. Seria muito mais coerente enterrar os falecidos na melancolia dos tempos cinzentos. Porém, nem sempre era assim que acontecia.

O velório de Solange aconteceu dois dias depois, à tardinha, após a polícia ter dado o caso como encerrado, alegando suicídio e liberando o corpo. Não havia quase ninguém presente, com exceção de mim, minha avó, minha prima, Juan, Rodrigo e Omar. Nenhuma das pessoas que tanto infernizaram a vida daquela mulher compareceram. Será que não sentiam remorso? Será que a culpa não pesava em suas costas? Embora eu não acreditasse na hipótese de suicídio, era a explicação que todos tinham — a única —, e teriam que lidar com ela.

Minha pequena família estava do lado oposto à de Rodrigo, mas nossos olhares se cruzavam vez ou outra, em silêncio, como cúmplices. A verdade era que sabíamos muito mais do que todos os outros e, ao mesmo tempo, não sabíamos de nada.

Ouvi todo o sermão com uma terrível sensação de perda, como se Solange fizesse parte da minha família, e depois segui vovó e Pauline até a saída do cemitério. Caminhávamos em silêncio, e eu me sentia um pouco alheia a tudo ao meu redor, mas ouvi muito bem quando alguém se aproximou correndo.

— Cecília... — a voz de Rodrigo me chamou, e eu me virei para ele. — Você está bem?

Tínhamos nos visto naqueles últimos dois dias, muito rápido, com beijos e momentos roubados, mas não chegamos a parar para conversar por conta do movimento das lojas. Também foi bom dar aquele tempo, já que as coisas pareciam estar andando muito depressa entre nós.

— Estou. Na medida do possível — respondi, enquanto minha avó e Pauline se afastavam sutilmente para nos dar um pouco mais de privacidade.

— Você quer fazer alguma coisa para espairer? Pegar um cinema, sair...

O convite, sem dúvidas, era tentador, mas tudo o que eu precisava era me jogar na cama e dormir um pouco. Não deveria estar tão cansada, porque tive uma noite de sono razoavelmente boa, apesar dos pesares. Um emocional em frangalhos tinha o poder de destruir qualquer um fisicamente.

— Podemos nos ver um pouco mais tarde? Eu queria ir para casa agora.

Ele pareceu decepcionado, o que fez meu coração quase parar. Por muito pouco não mudei de ideia, porque tive a impressão de que, naquele momento, Rodrigo precisava mais de mim do que eu dele. Porém, ele balançou a cabeça em afirmativa, concordando e abrindo um sorriso.

— Claro. Acho que eu também estou precisando de um banho e cama. Ainda bem que um de nós é sensato.

Ri de sua colocação e estendi a mão para tocá-lo no rosto. Sem perder tempo, Rodrigo agarrou-a e me puxou para si, me dando um beijo nos lábios, não se importando que nossas famílias estivessem ao nosso redor ou que estivéssemos na saída de um velório. Não posso dizer que não gostei.

Foi um beijo rápido, apenas para que nos despedíssemos, e logo Rodrigo já estava se afastando de mim, seguindo para encontrar o avô.

Pauline não demorou para se aproximar, sozinha.

— Cadê os outros? — perguntei, virando a cabeça para olhar ao meu redor.

— Juan precisa voltar para o nosso escritório, e vovó vai com Omar. Pelo visto descobriram que Solange tinha uma irmã no Rio Grande do Sul, e eles dois se ofereceram para arrumar suas coisas e enviar tudo pelo correio.

Assenti, e nós duas, então, começamos a caminhar. Não demorou muito, porém, para que Pauline fizesse um comentário que eu já sabia que ela não deixaria passar.

— Foi um senhor beijo, hein? — Tudo o que consegui foi abrir um sorriso. Ela não fazia a menor ideia. Eu já tinha bastante ciência de que Rodrigo podia fazer *muito* melhor, mas claro que mantive esse comentário apenas para mim. — Que legal que vocês estão se entendendo.

Respirei fundo, enquanto entrávamos no carro que Pauline iria dirigir.

— Sei que você me alertou para não me envolver com Rodrigo, só que...
— comecei, enquanto colocava o cinto de segurança, mas a risadinha abafada da minha prima me interrompeu.

— E eu me lembro que disse também que ninguém manda no coração. Ou no tesão, vai saber o que vocês sentem um pelo outro. Só não precisa tentar se desculpar para mim, Cecília. Sou sua prima, quero o melhor para você. Se Rodrigo a faz feliz, fico feliz também. Mas se ele te magoar, pode me chamar para te ajudar a dar um belo chute naquela bunda gostosa que ele tem.

O que mais me restava a não ser gargalhar? E bem que eu estava precisando rir depois de tudo o que andava acontecendo. Sem nem pensar no que fazia, coloquei a mão sobre a de Pauline, enquanto ela segurava a marcha, saindo com o carro pelos portões do cemitério. Um sentimento de conforto se apossou do meu peito, um profundo amor por aquela prima que era pouco mais do que uma estranha para mim, mas que estava se tornando uma amiga muito especial.

— Que pena que não tivemos momentos assim antes — eu disse, ansiosa por expressar o que estava sentindo.

— É uma pena mesmo. Apesar disso, acho que podemos agradecer pelo que temos agora, não acha?

— Com certeza. — Que bom que ela parecia sempre ver o lado otimista de tudo.

Seguimos para casa, tentando esquecer o que estávamos deixando para trás. Quando chegamos, eu me propus a preparar algo para comermos. Ainda eram cinco da tarde, mas não tínhamos sequer almoçado, então, fiz dois bons sanduíches só para forrarmos o estômago até a hora do jantar.

Sentamo-nos no sofá, com a televisão ligada em um daqueles *siticom*s americanos, embora nenhuma das duas estivesse prestando muita atenção. Pauline trocava mensagens por Whatsapp, provavelmente com Juan, e eu não conseguia afastar meus pensamentos de toda aquela história envolvendo Karine e Solange.

— Pauline — chamei, tentando parecer despretensiosa, por mais que tivesse coisas em mente a perguntar.

— Hummm? — Ela nem tirou os olhos do telefone.

— Você foi àquela festa para a qual Karine e Andreia estavam indo no dia do acidente?

A pergunta pareceu pegá-la de surpresa, pois Pauline imediatamente voltou os olhos para mim, me dedicando toda a sua atenção.

— Não, não fui. Estava com muita cólica naquele dia. Fiquei muito frustrada, porque prometia ser a festa do ano, mas o acesso era apenas de barco ou por uma trilha bem pesada. Acho que eu não aguentaria chegar lá com tanta dor. — Pauline largou o celular em cima da mesinha de centro, ajeitou-se no sofá para se sentar de pernas cruzadas e voltou-se para mim. — Por que está perguntando isso?

— Porque essa história me intriga de tão mal contada que está. Como é que duas garotas que não se falavam podem ter decidido ir juntas a uma festa?

— É a mesma pergunta que todos nós nos fazemos.

— E nenhum de vocês nunca levou a sério as coisas que Solange dizia?

— Sobre o acidente ter sido provocado? — Pauline deu de ombros. — Olha, Cecília, a gente tem que confiar na polícia, não tem?

— Claro que tem, mas eles também podem se enganar. Se o assassino for um cara muito inteligente, faria parecer acidente e suicídio, respectivamente.

Minha prima arregalou os olhos.

— Você está insinuando que a morte de Solange também foi assassinato? Cecília, isso é muito sério — ela alertou, parecendo preocupada. Se com a minha sanidade ou com minha segurança, eu não saberia dizer.

— Não estou insinuando nada, só conversando. — Fiz uma pausa estratégica, enquanto começava a enrolar uma mecha de cabelo nos dedos.

— Quer saber outra coisa estranha do acidente? — ela começou a sussurrar, como se não estivéssemos completamente sozinhas em casa. Só por isso já concluí que devia mesmo ser algo muito bizarro.

— Claro.

— Não sei se você sabe, mas a loja do Rodrigo, a *SeaSoul*, aluga barcos também. Eles têm poucos, mas os que têm são bons. — Apenas assenti,

esperando que prosseguisse. — Pois é. Andreia e Karina estavam usando um barco de um concorrente.

— Mas... por quê?

— Essa é mais uma das coisas que nunca ficou explicada nesse acidente.

— E mesmo assim ninguém nunca desconfiou que poderia haver algo de errado?

— Não, porque isso não provava nada. O fato de Andreia ter usado um barco de um concorrente só pesou para o lado dela, que foi chamada de traíra. Teve gente até que falou que o que aconteceu foi um castigo, que se tivesse prestigiado a própria loja poderia ter se dado melhor.

— Como as pessoas são podres! — Fiquei indignada.

— Para você ver...

— E você sabe a qual loja pertencia o barco que ela alugou?

— Sei, sim. Era da *Extreme Beach*, que fica a algumas quadras de distância da loja do Rodrigo. O dono sempre competiu com ele. Foi quem lhe deu o apelido de Zero.

— Que ele odeia, aliás — comentei.

— E por que não odiaria? O sentido é completamente pejorativo. Confesso que o cara é um babaca, mas o apelido acabou pegando, porque não deixava de ser verdade. Além de ser sexy, você não acha?

— Nesse caso, não importa muito o que eu acho, já que ele não gosta de ser chamado assim.

Pauline deu de ombros novamente e suspirou, pronta para mudar de assunto.

— Bem, priminha, Juan me chamou para ver um filme. Se quiser ir com a gente e levar o Rodrigo, podemos fazer nosso primeiro encontro de casais.

— Não, obrigada. Vou ficar por aqui mesmo. Estou cansada.

— Tudo bem. Vou tomar um banho e me arrumar. Se mudar de ideia nesse meio tempo, é só falar.

Mas eu não pretendia mudar de ideia. No exato momento em que Pauline se retirou da sala, peguei meu celular e cacei o endereço exato da loja de

aluguel de barcos cujo nome ela mencionou. Tirei um print da tela do Google, guardando o endereço completo, e esperei que minha prima saísse de casa. Assim que ela o fez, eu também saí, pronta para descobrir algumas informações.

Precisava ser rápida antes que o estabelecimento fechasse. Não tencionava ligar para Rodrigo, porque a presença dele poderia intimidar as pessoas a falarem, já que estava diretamente envolvido no caso. Eu já achava bem difícil que contassem qualquer coisa para mim, mas teria que usar de jogo de cintura. Apesar disso, deixei um recado em seu Whatsapp, porque não era idiota ao ponto de ir a um lugar onde eu não conhecia ninguém, para fazer perguntas indiscretas, sem deixar algum amigo avisado.

Fui até a loja caminhando, porque não era lá muito longe da casa da minha avó, e quando cheguei, me deparei com um estabelecimento com uma baita cara de clandestino. Parecia mais com uma oficina mecânica, daquelas bem sujas. Lá dentro havia três rapazes; um mais velho e outros dois parecendo ter a mesma idade.

— Boa noite — cumprimentei.

Todos os três me olharam como se não compreendessem o que eu fazia ali, àquela hora, quando a loja devia estar prestes a fechar. Além disso, algo me dizia que eles não recebiam muitos fregueses nos últimos tempos, o que explicaria a falta de recursos para modernizar e cuidar melhor do estabelecimento.

— Boa noite? — repeti, pois não tinha tempo a perder.

— Boa noite, posso te ajudar em algo? — Um dos rapazes se levantou, arrumando as roupas e o boné, enquanto acendia um cigarro.

— Eu queria conversar com o dono daqui.

— Está falando com o próprio. — O rapaz abriu um sorriso. — Pode falar.

— Eu queria saber algumas informações sobre o barco que Andreia Fernandes alugou para ir à festa na Ilha Vermelha.

O cara arregalou os olhos, pois com certeza não estava esperando por aquilo. Ótimo! Pegá-lo de surpresa era um excelente sinal. O curioso foi ver os outros dois que estavam com ele se levantarem e saírem dali em debandada.

— Escuta aqui, garota, isso já faz dois anos. Como eu vou me lembrar de alguma coisa? Além disso, por que te diria algo? Não sei nem quem você é.

Aquele era o momento crucial. Saí tão rápido de casa que nem me dei tempo de pensar em alguma coisa que pudesse convencê-lo a falar. Precisaria contar com a sorte.

— Não quero saber nada que possa te prejudicar, mas é que Karine foi uma das minhas melhores amigas, e ela me enviou um e-mail pouco antes de morrer. Estou muito intrigada com a morte dela. — Ele ainda não pareceu convencido, então, decidi apelar. — Olha, fiquei sabendo que Rodrigo está decidido a investigar sobre o acidente da irmã e acho que pode chamar a polícia. O que você prefere? Falar comigo ou com as autoridades?

Ele começou a mastigar o lábio inferior, com o cenho franzido, visivelmente incomodado com meu discurso.

— Como vou saber se a polícia não vai aparecer do mesmo jeito? — Ele cruzou os braços em um gesto de desafio.

— Se eu descobrir tudo o que precisamos saber, posso compartilhar com Rodrigo, e ele não vai precisar pedir a ajuda de ninguém. — Era uma mentira, é claro, já que Rodrigo não tinha a menor intenção de envolver a polícia.

— Quer dizer então que o Zero mandou a namorada fazer o trabalho sujo para ele? Bem típico de alguém que só gosta de trapacear — ele afirmou com um sorriso de desdém. Estava apenas me provocando, no entanto, eu não cairia na pilha.

— Vai conversar comigo ou não?

— Claro, gatinha. Não vai nem doer. — Apontou para uma porta nos fundos da loja, querendo, provavelmente, que ficássemos mais à vontade.

— Estou bem aqui. — Pretendia ficar exatamente onde estava, bem à vista das pessoas que passavam na rua. Sendo assim, também cruzei meus braços contra o peito, demonstrando determinação.

Ele sorriu de canto, quase malicioso. Não perdi tempo e fiz as primeiras perguntas:

— Quem foi que alugou o barco? Quem pagou? Karine ou Andreia?

— Até onde eu sei, o dinheiro era da Andreia. — Ah, ele parecia muito satisfeito em responder àquela pergunta.

— Você não estranhou quando ela decidiu alugar um barco seu, podendo levar um da própria loja?

— Não estranhei nada, porque ninguém queria que ela fosse àquela festa, até onde eu sei. Nem o pai, nem o avô. Com certeza ela decidiu ir escondida de todos. Se pegasse um dos barcos da loja da família, eles logo saberiam o motivo.

Fazia muito sentido.

— E o barco que você alugou para ela estava em boas condições? — Fiz todo o esforço possível para que a pergunta se parecesse apenas com o que ela deveria ser: uma pergunta. Não queria que soasse com nada próximo de uma acusação.

— Mas que pergunta! — Ele gargalhou, cheio de sarcasmo. — Pensa bem, garota... A irmã do meu maior concorrente decide trair toda a família e escolher um barco *meu*. Não acha que isso seria uma puta publicidade para mim? Dei a ela o meu melhor produto. Só não contava que fosse sair tudo errado. Quando ela se acidentou, fodeu com meus negócios. Todo mundo começou a culpar o meu barco.

— Por quê? Não poderia ter sido um erro da própria Andreia?

— Da perfeitinha? Nunca. A garota era fera em tudo relacionado ao mar. Velejava, surfava, nadava e competia em apneia. Disseram que foi uma curva malfeita e que elas colidiram com uma pedra, mas quer saber? O barco estava quase intacto quando voltou para mim.

Aquela, *sim*, era uma informação que me interessava.

— Fiquei sabendo que ambas sofreram uma concussão na cabeça.

— Sim, e é verdade. A de Karine foi mais séria, e ela teve um traumatismo craniano. Só que eu acho que isso não aconteceria com uma batida, que só pode ter sido bem leve a julgar pelo estado do barco.

— Então você também acha que alguém pode ter feito alguma coisa a elas?

— Ei, eu não disse nada! Não ponha palavras na minha boca — ele exclamou com as mãos erguidas em rendição. — Mas tem mais coisas estranhas nessa história.

— Por exemplo...

Outro sorriso curvou seus lábios. Um que me proporcionava sentimentos muito sombrios. O cara estava se divertindo com aquela história, uma tragédia. Para ele, no entanto, não passava da ruína de uma família que desprezava.

— Eu poderia cobrar por essa informação — falou, dando uma tragada profunda no cigarro.

— É claro. Ou poderia ser obrigado a falar, mas não para mim, para a polícia.

— Eles não me obrigaram da primeira vez, por que obrigariam agora? — Deu de ombros.

— Eles chegaram a te interrogar?

— Fizeram uma inspeção no barco e viram que não tinha nada de errado com ele. Dei a entender que não sabia de nada, mas também não pareciam muito dispostos a mudarem de ideia de que foi um acidente.

Balancei a cabeça em afirmativa, mostrando que compreendia onde ele estava querendo chegar.

— Sei que você sabe mais do que está me contando. Vai me falar ou não?

— O que eu ganharia ajudando Rodrigo em alguma coisa? — respondeu, mais parecendo uma criança birrenta.

— Você não vai ajudar Rodrigo em nada. Ele não é mais seu rival, já que não compete mais.

O rapaz pareceu analisar a situação, mas logo balançou a cabeça em negativa, enquanto pousava o cigarro no cinzeiro.

— Olha, você é uma gatinha, e eu adoraria responder todas as suas perguntas, mas não quero encrenca para o meu lado. Se Rodrigo quiser vir aqui para saber sobre o acidente da irmãzinha dele, que venha... eu não tenho nada a ver com o que aqueles idiotas fizeram ou o que aconteceu com eles. Meu barco voltou inteiro, e é só isso que me importa.

Eles? No masculino?

— O que você disse? *Eles?* Não eram apenas Andreia e Karine no barco? Havia algum homem com elas?

— Puta merda! — ele exclamou, e foi suficiente para que eu compreendesse que ali estava a informação que não quisera compartilhar. Seu inconsciente o traíra. Ponto para mim. — Não! Você entendeu errado. Eu me confundi. Quis dizer “elas”, não “eles”.

Cruzei os braços contra o peito pela segunda vez e ergui uma sobrancelha com uma expressão muito cínica. Claro que eu não acreditava naquela desculpa esfarrapada.

— Quem era o homem do grupo? Agora é melhor falar, você não acha? Se eu descobrir, vou contar à polícia que você omitiu informações importantes — chantageei. Não sabia se faria diferença, mas ele já estava transtornado por conta da burrada, então, deduzi que acabaria soltando a língua.

— Ah, cara, eu não faço ideia. Só sei que era um homem. Quando Andreia ligou para cá, pedindo um barco, eu ouvi a voz de um cara ao fundo dando algumas instruções.

— Mas ele pode não ter ido com elas, não é?

— Olha, pela quantidade de cerveja que tomaram, com certeza havia mais uma pessoa. Andreia não bebia. Acho que Karine não daria conta das oito latinhas que deixaram no barco quando foi devolvido. — Ele ainda não tinha me convencido, e eu demonstrei esse sentimento no olhar. — Tá, tudo bem. Eu menti quando disse que foi Andreia que pagou. Parece que foi o cara. Ele entrou na linha para pedir minha conta bancária, mas fez um depósito na boca do caixa, não identificado. Além disso, Andreia pediu uma embarcação ondeoubessem três pessoas confortavelmente.

Será que mais alguém sabia daquilo? Será que *Rodrigo* sabia? Provavelmente, não. Quem seria aquele homem? Por que não fora encontrado com elas? Será que fugira no meio do acidente ou fora o responsável pelo que aconteceu?

Meu Deus! Aquela informação... mudava *tudo*.

Atordoada, nem sequer me despedi do meu informante, apenas saí da loja sem ter muita noção do que fazia, e comecei a caminhar no sentido da praia.

Estava frio, então, não havia quase ninguém por perto, o que eu achei muito bom. Queria muito ficar sozinha. Principalmente porque precisava me preparar para a conversa que teria com Rodrigo. Ele precisava saber de tudo, e não seria nada fácil.

Não restava mais nenhuma dúvida a respeito da possível tentativa de assassinato. Aquelas duas meninas foram vítimas de alguém. Alguém que ainda estava à solta, que decidira brincar de Deus e lançá-las à morte. Mas por quê? E quem poderia ter feito isso?

Perdi completamente a noção do tempo, tanto especulando o que tinha acabado de descobrir quanto tentando afastar os maus pensamentos que sempre insistiam em tomar minha mente de assalto quando eu menos esperava. O céu já estava completamente tomado pela noite, e o horizonte que eu enxergava era apenas uma linha pálida ao longe, coberta pelas trevas.

Chequei a hora no meu celular e percebi que já eram quase oito. Estava mais do que tarde para voltar para casa, principalmente se ainda pretendia sair com Rodrigo. Ou melhor, naquele instante, mais do que nunca, precisava me encontrar com ele. A notícia que tinha para lhe dar não era do tipo que poderia ser dada por telefone. Sendo assim, preparei-me para levantar-me da areia, até que senti que não estava mais sozinha.

Havia alguém logo atrás de mim.

Sem saber o que fazer, mas sentindo que a pessoa estava muito — muito — perto, tentei não fazer nenhum movimento brusco, enquanto pensava numa forma de escapar, de sair correndo dali para ter uma chance. Mal consegui contar até três antes de me colocar de pé, pois algo afiado foi encostado na minha garganta. Uma faca, um canivete... não vinha ao caso.

O fato era que quem quer que estivesse atrás de mim tinha minha vida por um fio. E algo me dizia que não se tratava de um mero assalto. Era um ataque. Eu poderia morrer a qualquer momento.



SANGUE E MAREZIA



CECÍLIA

Era como se eu conseguisse sentir o cheiro do meu próprio medo misturado à maresia. Tentei não me mexer — se é que era possível ficar imóvel enquanto todo o meu corpo não parava de tremer — e também não disse nada. Deveria perguntar o que aquela pessoa queria, mas preferi esperar que ditasse as regras.

Esperei, enquanto cada segundo se transformava lentamente em uma eternidade particular. O relógio caminhava a passos normais para todos os outros, menos para mim, cujo mundo começou a girar em câmera lenta.

— Você é a Cecília, não é?

Ele sabia meu nome. Não se tratava apenas de um assalto, era um ataque pessoal. Não que eu não tivesse imaginado isso desde o princípio, mas a certeza era algo bem mais visceral. Buscando recuperar a minha calma, uma vez que ela parecia ter me abandonado por completo, ergui minhas mãos em rendição, ainda tentando fazer com que o movimento não fosse brusco demais para que o canivete que estava em meu pescoço não me ferisse.

— O que você quer? Me roubar? — perguntei com a voz baixa, serena. A melhor alternativa seria fazê-lo continuar falando até que alguém surgisse para que eu pudesse pedir ajuda.

— Cê tem dinheiro?

— N-não — gaguejei, já no limite da minha coragem.

— Então, porque eu iria *querê* te *roubá*, porra? Tô aqui pra *deixá* um recado — enquanto sussurrava em meu ouvido, com uma voz fria e sibilante que eu não reconhecia, elevou o canivete até meu rosto, encostando-o em minha pele, mas sem feri-lo. Porém, só precisava de um pequeno gesto para que eu ficasse marcada para sempre.

Bem, não seria a primeira vez.

— Eu vô *deixá* um lembrete pra que não esqueça que *tamos* de olho. Para de se enfiar em coisas que não são da tua conta.

Deixar um lembrete? O que ele estava querendo dizer com isso?

Para dizer a verdade, era bem óbvio. Óbvio demais. Ele iria me machucar. Abriria um corte em meu rosto para que todas as vezes em que olhasse no espelho me lembrasse de ficar em silêncio, de não revirar o lixo que não me pertencia. Talvez fosse uma boa lição para que eu realmente deixasse de ser tão intrometida e começasse a me preocupar com minha própria vida, que já estava mais do que bagunçada. Contudo, não podia permitir. Não novamente. Não podia deixar que uma pessoa me fizesse de fantoche e controlasse meus atos.

Por isso, sem nem pensar no que fazia, flexionei meu cotovelo e, com toda a força que possuía, atingi o bandido bem no estômago, enquanto inclinava o rosto para o lado, para que o canivete não me acertasse. Acho que ele não esperava aquela atitude, e eu fui favorecida pelo elemento surpresa. Foi algo completamente insano, pois poderia ter significado a minha morte. Quando meu atacante caiu na areia, aproveitei para correr.

O problema foi que ele se recuperou rapidamente e veio para cima de mim, jogando-se, agarrando minhas pernas e me derrubando. Por mais que eu tenha caído direto na areia macia, a queda foi dolorosa, e o ar de meus pulmões foi drenado quase por completo. Queria gritar, mas não saía nenhum som da minha boca.

Ele agarrou meus tornozelos e começou a me puxar para si. Consegui ver seu rosto e tentei guardá-lo muito bem para um futuro reconhecimento, enquanto meus joelhos e cotovelos se esfolavam na areia, conforme tentava impedir aquela aproximação, me segurando como podia. Não era possível que ninguém nos visse, que ninguém viesse me ajudar. A praia ainda estava quase vazia, e os pouquíssimos passantes mal prestavam atenção no que acontecia.

Consegui lhe dar um soco no rosto. Não foi um golpe muito forte, porque defesa pessoal não era a minha especialidade, mas consegui arrancar sangue de seus lábios. Aproveitei para olhar para sua cicatriz, bem no queixo. Pequena, mas impossível de não reparar. Antes que ele pudesse se recuperar, dei outro no nariz e senti a cartilagem romper de leve contra meu punho cerrado.

Enquanto ele levava a mão ao rosto, ainda me prendendo no chão com suas pernas, consegui emitir um grito. Um que veio do fundo da minha

garganta, um pedido de socorro, que eu esperava que surtisse algum efeito.

E surtiu. Mas um efeito muito contrário ao que eu esperava. O rapaz, que não poderia ter muito mais de dezoito anos, ergueu o canivete e estava prestes a fincá-lo em algum ponto entre meu rosto e meu pescoço — o que poderia ser fatal —, mas eu fui mais rápida e consegui me desvencilhar o suficiente para erguer minha mão e receber um corte bem no meio da palma.

Depois disso, não posso dizer exatamente o que aconteceu. Perdi completamente a noção de tempo, espaço e realidade, pois o pânico que me acometeu foi tão grande que chegou a me cegar, além da dor. Estava consciente, mas o medo fazia com que meus meus olhos fossem tomados por uma mancha negra, que os obscureceu por longos minutos.

Durante esse tempo de vulnerabilidade, temi por minha vida. Não demorou muito para que eu sentisse o peso do corpo do meu agressor se afastando de mim. Também ouvi seus passos apressados pela areia, com certeza em uma fuga desesperada. Quando abri os olhos, algumas poucas pessoas me cercavam, a fim de me ajudar. Elas falavam comigo, tentavam me acalmar, mas as suas vozes pareciam abafadas, como se estivéssemos debaixo d'água. Alguém pegou minha mão, provavelmente empapada de sangue, e eu gemi de dor.

Ainda me sentia entorpecida de tudo, como se o pânico tivesse me prendido em uma redoma sufocante, à prova de som. Porém, a voz *dele* se sobrepôs a toda a dormência dos meus sentimentos e me arrancou daquele estado de transe. Rodrigo estava ali. Não sei como, não sei o porquê, mas ele tinha me encontrado. Tê-lo ao meu lado mudava tudo.

— Rodrigo... — murmurei seu nome, e este soou como um gemido, algo que odiei. Precisava ser forte.

Ele afastava as pessoas, alegando que me conhecia e que cuidaria de mim. Não foi preciso insistir muito, afinal, o pequeno círculo ao meu redor era composto mais por curiosos — sendo que um deles estava até filmando o ocorrido. Quando ficamos sozinhos, Rodrigo praticamente se jogou ao meu lado e pegou a minha mão. Mais uma vez, a dor correu por todas as minhas veias, enviando um choque às minhas terminações nervosas. Mordi o lábio, contendo um grito. Devia ser um corte profundo, pois eu mal conseguia mexer os músculos.

— Cecília, acabaram de me trazer um pouco de álcool aqui, vou precisar desinfetar o corte, tudo bem? — *Álcool?* Eu mal tinha percebido alguém se aproximando de nós. Será que estava tão demente assim? — Vai doer bastante, então, agarre-se em mim, vou tentar ser o mais delicado possível.

Escondi meu rosto em seu peito, preparando-me.

— Vai de uma vez, Rodrigo. Vamos fingir que é um band-aid. — Minha voz saiu abafada, pois falei ainda encostada em seu peito, sentindo seu cheiro de sabonete e de roupa limpa. O fato de ser ele ali comigo já me transmitia segurança, conforto e proteção. Apesar de não nos conhecermos há tanto tempo, me inspirava confiança.

Exatamente como eu pedi, Rodrigo foi rápido. Em apenas um segundo, senti o líquido sendo derramado por completo sobre o corte e ardendo como fogo. Se eu tivesse colocado a mão inteira em uma fogueira, teria doído muito menos.

Rodrigo ficou abraçado a mim, segurando-me firmemente pela cintura com um braço. Sua outra mão também sustentava a minha, da qual eu sentia o líquido vermelho, quente e espesso, deslizar. A ferida ardia, e eu sabia que deveria estar horrível, mas um pensamento fútil logo atingiu minha mente, o que me fez quase suspirar aliviada, apesar das circunstâncias: poderia ter sido o meu rosto.

— Baby, você está bem? Fala comigo? — A preocupação em sua voz me fez remexer, finalmente afastando a cabeça de seu peito e olhando-o nos olhos. Sentia-me destruída, tanto emocional quanto fisicamente.

— Estou. Você precisava ver o outro cara... — brinquei, embora meu desempenho como Ronda Rousey tivesse sido deplorável. Rodrigo riu, mas logo acrescentei: — Não foi um assalto. Ele queria me assustar para que eu desistisse de te ajudar na investigação do acidente. Estava prestes a me ferir no rosto, queria deixar uma cicatriz.

Rodrigo bufou, com o maxilar cerrado, e eu sabia que estava espumando de ódio. Seu próximo ato foi rasgar um pedaço da própria camisa e atar o tecido sobre o corte, estancando o sangue. Não era a melhor opção, mas com certeza a única que tínhamos naquele momento. Ele não disse nada a respeito

do meu comentário sobre a forma como se deu o ataque, mas pude perceber em seu semblante o quanto estava transtornado.

— Rodrigo? — chamei, enquanto ele ainda terminava o nó complexo da atadura improvisada.

— Diga, baby.

— Como chegou aqui? Como você pode estar sempre no lugar certo e na hora certa para me salvar de alguma forma?

Ele riu, envergonhado.

— Talvez eu tenha aquelas anteninhas do Chapolim Colorado — respondeu, divertido. — Ou bem que gostaria de ter... A verdade é que recebi a sua mensagem. Corri para a loja, mas já estavam fechando. Então, ouvi o grito bem na hora em que estava passando. Acho que foi pura sorte.

Balancei a cabeça, assentindo, até que Rodrigo terminou sua tarefa com minha mão, não deixando de depositar um beijo cálido nela.

— Preciso te levar para o hospital. — Ajudou-me a levantar, amparando-me. Foi então que todo o pavor do que poderia ter acontecido finalmente me fez dar conta do tamanho da situação da qual me livreí. Isso fez com que minhas pernas praticamente derretessem, tornando-se moles como cera de vela. O coração disparou dentro do peito, quase me deixando sem ar.

Por que o medo tinha que bater à minha porta novamente? Era como jogar pôquer com o diabo, sem saber as regras, mas, ainda assim, esperando ganhar. Sentia-me uma estúpida.

— Cecília? — ele chamou, percebendo que eu tinha ficado muito calada. — Você está muito assustada, quer que eu te carregue? Meu carro está logo ali. — Apontou em alguma direção, mas não prestei atenção.

Andar eu conseguia, é claro, mas no momento em que olhei para as minhas mãos, elas não paravam de tremer. Precisava me recompor e seguir Rodrigo até o hospital. Para isso, inspirei bem fundo, soltando o ar aos poucos. Depois, sentindo-me mais coerente, respondi que poderia caminhar, e ele passou o braço ao redor dos meus ombros, me guiando por todo o caminho, provavelmente até o seu carro.

Apesar de tudo, mais uma vez, eu tinha sobrevivido. Quantas vezes era possível enganar a morte?



RODRIGO

Nossa passagem pelo hospital não foi das mais longas. Ao menos não tão longa quanto eu pensei que seria, a julgar pela profundidade do corte. Cecília levou pontos e foi liberada com um curativo bem-feito. Nenhum tendão fora afetado, mas ela precisava cuidar para que os pontos não abrissem. O médico preparou um Boletim de Atendimento Médico, para ser apresentado na delegacia, caso Cecília concordasse em fazer um Registro de Ocorrência, mas eu não fazia ideia se ela queria.

Era pouco mais de dez horas quando entramos no meu carro, prontos para seguirmos para casa. Só que eu não queria me afastar dela. Poderia parecer um maldito grudento ou obcecado, mas só de pensar no que poderia ter acontecido já me tirava do sério. Ao mesmo tempo em que tinha vontade de sacudi-la e lhe passar um belo sermão por ter se arriscado sozinha, fazendo perguntas perigosas a pessoas que nem conhecia, queria apertá-la bem forte nos braços e acalmá-la. Precisava, também, levá-la à delegacia para que prestasse queixa, mas poderíamos fazer isso na manhã seguinte, depois que ela tomasse um bom banho quente e dormisse.

— Ainda está cedo. Quer que eu te leve para casa? — perguntei, ansiando que a resposta fosse não.

— Cedo? Já passa das dez! — Ela soltou uma risadinha, embora eu ainda conseguisse sentir o nervosismo em cada palavra.

Cocei a cabeça, tentando encontrar uma forma de fazê-la perceber qual era o meu verdadeiro desejo sem parecer um completo idiota. Merda! Não tinha jeito... e o que importava também? Se Cecília quisesse achar que eu estava mais do que ansioso para ter a presença dela comigo por mais alguns momentos, que fosse! Não era algo que eu precisasse esconder.

— Queria que ficasse comigo mais um pouco — disse em tom de confissão.

Por um momento, ela manteve a cabeça baixa, mas logo deixou escapar um suspiro, como se estivesse refletindo. Entendi que estava hesitando a respeito da minha proposta. Devia respeitar seu espaço, mas a espera me deixava ansioso.

— Não sei se vou ser uma boa companhia esta noite — respondeu em um tom de voz tão baixo que precisei me concentrar plenamente para ouvi-la.

— Não estou procurando por qualquer companhia aleatória, seja boa ou ruim. Quero você. Quero tudo o que envolve ter você comigo. Sejam lágrimas ou risadas, beijos ou silêncio. Quero que desabafe ou que apenas use meu peito para chorar. Tanto faz. Não importa.

Cecília finalmente olhou para mim, sem dizer nada. Não fazia ideia de como aquelas palavras poderiam afetá-la, se gostara delas ou se a tinham assustado. Nem sequer pensei quando as falei, simplesmente porque era o que queria dizer. Em um segundo, emoções começaram a se derramar no brilho de seus olhos, e eu sabia que não tardaria para que se tornassem lágrimas. Não queria isso. Não por minha causa.

— Não, baby, não chore. Por favor. — Pus as costas da minha mão em seu rosto lindo e a acariciei. Ainda calada, Cecília inclinou-se e colou seus lábios nos meus, misturando doçura ao gosto salgado das lágrimas que insistiram em cair.

Senti quando ela suspirou contra a minha boca. Não ousei aprofundar o beijo, pois não sabia quais eram suas intenções. Eu sentia um desejo profundo por ela, que se avolumava por todo o meu corpo, revirando meu estômago, além — é claro — de se manifestar em uma parte muito peculiar da minha anatomia. Apesar disso, não daria nenhum passo naquela noite. Realmente queria tê-la por perto, apenas isso.

Mas meu corpo agradeceu no momento em que ela simplesmente se afastou e disse, em um sussurro que — puta merda! — foi a coisa mais sensual que ouvi em anos:

— Me leve para a sua casa. Para a sua cama.

Precisei engolir em seco e pigarrear para clarear minhas ideias, porque meu sangue parecia estar correndo na direção contrária dentro das minhas veias, sendo bombeado para partes que eu nem sabia que existiam.

— T-tem certeza?

— Tenho.

— Mesmo depois de tudo o que aconteceu? Você está machucada. Não quero me aproveitar...

— Eu que estarei me aproveitando de você para esquecer do medo. Isso é o que quero.

Eu não disse nada. Tudo o que consegui fazer foi dar partida no carro e avançar para a minha casa. Nunca me senti tão atrapalhado como quando saltei do carro e dei a volta para abrir a porta do carona. Cheguei a tropeçar, dei uma topada no primeiro degrau da escada da varanda e deixei as chaves caírem, atrasando ainda mais nossos momentos juntos. Sabia que ainda precisaríamos lidar com a enfermeira, que estava fazendo hora extra naquela noite por um pedido meu, mas ela foi rápida em ir embora, principalmente quando viu que eu estava acompanhado.

A empolgação desastrada de Netuno também nos atrasou um pouco. Para meu alívio, ele rapidamente perdeu o interesse, focando em outro barulho, no qual nem sequer prestei atenção.

Segurando Cecília pela mão, subimos até o meu quarto. Preocupava-me o fato de ela não estar dizendo nada, por isso, quando entrei e fechei a porta, encostei-a na parede, segurando seu rosto.

— Ainda dá tempo de fugir. Tem certeza?

— Toda a certeza do mundo.

Então, eu não pude mais resistir. Ainda com as mãos em seu rosto, reivindiquei seus lábios, beijando-a com toda a paixão que estivera se acumulando desde que nos pegamos na praia. Muitas coisas horríveis vinham acontecendo conosco desde que começamos aquele relacionamento, mas eu podia dizer que, com seus cabelos de fogo e olhos melancólicos, aquela garota triste tinha incendiado a minha vida, transformado tudo o que era cinza e sem graça em uma nova história, cheia de cores e possibilidades.

Tudo estava acontecendo muito rápido, mas eu estava louco por ela. Queria provar isso. E por falar em provar... queria também prová-la inteira. Deus, como eu queria!

Só de pensar em tê-la sob o meu corpo, poder desfrutar de cada pedacinho dela, foi o suficiente para me enlouquecer, e eu comecei a beijá-la com ainda mais intensidade, enfiando a mão por debaixo de sua camisa, ansiando por sentir pele com pele.

Segurei-a com força pela cintura e a ergui do chão, colocando os braços sob suas coxas, encaixando-a em meu quadril e deixando-a presa em mim. Tendo-a assim, quase como parte do meu corpo, carreguei-a até a cômoda em frente à minha cama, onde a coloquei sentada. Afastei-me de seus lábios só pelo tempo suficiente para abrir sua blusa de botões, amaldiçoando cada um deles, principalmente porque ela continuou a me beijar em pontos extremamente sensíveis do meu pescoço.

Soltei um grunhido de impaciência e simplesmente decidi arrebentar a camisa com um puxão violento. Não podia mais esperar. Com a mesma pressa, arranquei a roupa pelos braços de Cecília, que me ajudou jogando-a longe, e eu precisei contemplá-la por um minuto, somente de sutiã — uma peça delicada preta, com detalhes em renda, muito sexy — e a calça jeans. Era tão linda que meu coração chegava a dar cambalhotas no peito.

— Tire — apontou para a minha camisa, e eu fiquei fascinado pelo tom de ordem que ela assumiu, desejando obedecê-la como se fosse uma rainha. Ao menos naquele quarto ela era uma. Era assim que eu desejava fazê-la se sentir.

Puxei a camisa pela cabeça rapidamente, e ela me olhou cheia de luxúria, o que me incendiou ainda mais. Cecília colocou as mãos delicadas em meu peito, passando a mão por ele como se me lesse em braile, estudando cada músculo, descendo até meu abdômen, até a linha de pelos que a guiariam para o ponto mais sensível do meu corpo.

— Você é perfeito. Esculpido. Tem o corpo de um deus — sussurrou com a voz rouca, repleta de desejo.

O que eu poderia dizer? Ah, para o inferno, eu não *queria* dizer nada. Queria devorá-la.

Minhas mãos foram parar em seus cabelos, agarrando-os e puxando-os com selvageria, deixando seu pescoço em evidência. Sentir a maciez daqueles fios que tanto me seduziam, enquanto saboreava o cheiro suave de pêssego que eles exalavam, serviu como um entorpecente para mim. Queria ser delicado, tratá-la com toda a gentileza, mas não era uma opção. Eu me sentia voraz, desesperado por senti-la, apertá-la e me colocar dentro dela.

Entrelacei suas pernas em minha cintura e a levei, finalmente, para a cama, derrubando-a da forma mais gentil que pude sobre o colchão, suspirando maravilhado quando aqueles cabelos de fogo se espalharam pelo lençol branco.

Abri seu sutiã, liberando seus belos e pequenos seios rosados, convidativos. Tomei um mamilo entre os dentes, mordendo-o de leve, ansioso por sua reação. Ela gemeu e arfou, arqueando o corpo. Estava exatamente como eu queria que estivesse: sensível. Fiz o mesmo com o outro e a deixei em expectativa, enquanto abria o fecho de sua calça jeans e a tirava, puxando-a por suas pernas. Depois, me ocupei da calcinha, deixando-a completamente nua.

Tencionando lhe proporcionar uma experiência sensorial, fechei seus olhos, vendando-a com uma de minhas mãos, e voltei a mergulhar os lábios em seus seios, enquanto a mão livre se ocupava de seu clitóris. Deliciei-me com sua maciez contra minha língua, e com os dedos penetrei-a, preparando-a para me receber. Ela estava molhada e quente, maravilhosa. Por isso, continuei investindo, fazendo-a gemer cada vez mais alto. Era música para meus ouvidos.

— Rodrigo... — gemeu meu nome, quase sem fôlego, e isso me fez intensificar os movimentos. Queria fazê-la chegar ao orgasmo, dar-lhe o máximo de prazer possível.

E ela o fez. Gritou meu nome mais uma vez e se desmanchou sobre a cama, enquanto seu corpo espasmava e estremecia. Retirei a mão de seus olhos só para poder olhar para eles e testemunhar o brilho de prazer que cintilava em cada uma de suas íris. Sua respiração estava entrecortada, e um punhado de lençol estava bem amassado, como se ela o tivesse agarrado enquanto chegava ao clímax.

Eu queria mais.

Rapidamente, também me despi da cintura para baixo, arrancando o cinto, a calça e a cueca boxer. Eu estava duro, preparado, por isso estendi a mão até o criado-mudo e peguei uma camisinha dentro da gaveta, colocando-a em meu pênis. Sem nem pensar duas vezes, me afundei dentro dela, começando bem devagar e paciente, sentindo, aos poucos, o quanto era apertada e deliciosa.

Conforme percebia que ela me recebia com mais facilidade, comecei a investir ritmadamente, entrando e saindo de seu corpo, como em uma dança. Sentia como se estivesse no céu, provando de uma sensação sublime.

— Puta merda, Cecília... — foi o que consegui dizer, enquanto intensificava os movimentos, querendo mais e mais, desejando perder-me e encontrar-me dentro de seu corpo.

Não foi preciso muito mais para que nós dois chegássemos ao orgasmo, e eu desabei sobre ela, arfando e sussurrando seu nome, tentando sustentar o peso do meu próprio corpo em um dos cotovelos para não machucá-la.

Ambos precisamos de alguns minutos para nos recuperarmos. Assim que voltei à plena consciência, subi em direção ao encosto da cama, para me deitar com a cabeça sobre o travesseiro, e levei-a comigo, sentindo seu corpo mole como se fosse uma boneca de pano. Uma *linda* boneca de pano.

— Durma um pouco. Se quiser, posso te levar para casa mais tarde.

Ela apenas balançou a cabeça, aninhando-se contra mim, enquanto eu puxava o edredom, dobrado aos pés da cama, para nos cobrir. Não estava com sono, mas a sensação de tê-la ali comigo era tão boa que acabei fechando os olhos e também apaguei.

Apesar dos pesares, meu corpo e minha mente se afogavam em uma sensação de paz e plenitude, como há muito tempo não sentia.



CECÍLIA

Imagens dispersas e ferozes preencheram meu subconsciente. Eram uma mistura de passado com presente, uma confusão de sons e cheiros, memórias reais e invenções... Algo assustador. Eu sabia que era um sonho, mas não conseguia me libertar. Corria pela praia e sabia que alguém me perseguia. Alguém que queria me matar.

Não se tratava de meu agressor daquele dia. O perigo daquela vez era muito maior. Tratava-se *dele*, daquele que aterrorizara muitos dos meus dias do passado e que me destruía. Ele berrava meu nome, alertando que jamais me deixaria livre, que me perseguiria para o resto da vida. E eu sabia que era verdade. Mesmo depois de morto, ele sempre daria um jeito de me assombrar.

Mãos gentis sacudiram meus ombros, me fazendo despertar, e eu ouvi a voz de Rodrigo me chamando. Arregalei os olhos, assustada, sentindo-me um pouco desorientada.

— Ei! Foi só um pesadelo. — Ele sorria para mim. Um sorriso tranquilizador naquele rosto que já me era tão querido.

Passei a mão pelo rosto, tentando clarear minhas ideias, e respirei bem fundo. Senti que ele continuava olhando fixo para mim.

— Você tem muitos como esse? — Rodrigo me puxou para seus braços, até que eu ficasse deitada sobre seu peito largo e musculoso, aninhada como uma gatinha. A sensação era maravilhosa. Sentia-me protegida e cuidada.

Claro que eu poderia mentir ou não responder; era um direito meu. Também não pretendia contar nada além do que ele já sabia, do que tinha descoberto durante aquele breve tempo em que nos conhecíamos, apenas desabafar um pouco a respeito dos meus sentimentos em relação a tudo.

— Eles tinham desaparecido desde que cheguei aqui em Solário. Acho que o que aconteceu mexeu comigo e trouxe tudo à tona.

— Sei que você ainda não está preparada para me contar tudo, e eu nunca vou te cobrar isso, mas faz quanto tempo?

Aquela era uma pergunta que eu poderia responder.

— Faz pouco mais de seis meses que tudo terminou.

Rodrigo se remexeu debaixo de mim.

— Eu não queria te passar um sermão, não por enquanto, porque sei que ainda está assustada, mas onde foi parar aquela nossa ideia de você ficar de fora da investigação? Por que diabos foi falar com aqueles caras?

— Porque eu queria descobrir alguma coisa. Pauline me disse que Andreia alugou o barco com eles, então achei que poderiam saber de algo.

— Mas a polícia os interrogou.

— Sim, e eles não contaram tudo.

A informação fez Rodrigo sobressaltar-se e voltar-se para mim, me olhando nos olhos.

— Eles te contaram o que esconderam? — Balancei a cabeça em afirmativa. — Porra, Cecília, não quero nem imaginar o que você falou para conseguir convencê-los.

Abri um sorrisinho vitorioso e cheio de malícia.

— Acho que eu fui bem convincente. E talvez tenha feito uma chantagem básica também — usei de um tom inocente para falar.

Rodrigo estava boquiaberto, mas parecia um pouco orgulhoso também. Para provar isso, girou nossos corpos e se colocou novamente sobre mim. Agarrou meus punhos e os segurou acima da minha cabeça, sem fazer força para não ferir a mão já machucada.

— O que eu faço com você, garota? — Ele me beijou longa e preguiçosamente, o que me deixou sem fôlego. Assim que se afastou, me soltou e indagou: — E então, o que eles disseram?

Hesitei por um segundo, sabendo que aquela notícia o afetaria profundamente, mas precisava compartilhá-la. Era parte da vida dele, e, por mais difícil que fosse, Rodrigo precisava saber.

— Havia uma terceira pessoa no barco com Karine e Andreia. Um homem.

Rodrigo ficou calado por alguns segundos, observando-me com aqueles olhos intensos e lindos. Por serem tão expressivos, eu reconhecia cada emoção que eles transmitiam: choque, descrença, atordoamento, ódio e, por fim, descrença novamente.

— Você tem certeza? — indagou com um tom de voz baixo e muito grave, o que me fez estremecer.

— Foi o que eles me disseram. Um rapaz fez o pagamento pelo barco e combinou tudo por telefone.

— Eles poderiam estar mentindo. — Sem dúvidas, era naquilo que ele queria acreditar.

— Poderiam, é claro. Só que pela forma como aconteceu, eu estou mais sujeita a acreditar. Ele me contou sem querer...

— Aquele cara não faz nada sem querer, Cecília. — Rodrigo abriu um meio sorriso desdenhoso. — Adora provocar, cutucar a ferida. Se está falando a verdade, deve saber exatamente quem era o tal cara que estava com as garotas no dia do acidente, e aposto um rim como não vai nunca nos contar. Ele quer o caos, quer me deixar com a pulga atrás da orelha.

— Faz sentido — balancei a cabeça em afirmativa —, mas considerando a hipótese de ser verdade...

— *Considerando isso...* esse é o nosso cara, Cecília. O cara que matou Karine e que deixou minha irmã do jeito que está. Ele provocou o acidente e saiu ileso.

— O que mais me assusta é que ele deve estar por aí... impune.

Rodrigo voltou a se colocar sobre mim, com seu corpo pesando sobre o meu, embora estivesse tomando todo o cuidado para não me machucar.

— Eu sei. E depois do que aconteceu hoje, estou preocupado com você. — Engoli em seco. Não saberia dizer se era pela possível ameaça ou se pela forma como ele me olhava, como se conseguisse ler poesia nos recantos mais profundos da minha alma. — Não quero que aconteça novamente. Não quero que mais ninguém encoste um dedo em você para te machucar. — Com as costas de uma das mãos, Rodrigo acariciou meu rosto gentilmente.

— Não estou com medo. — Talvez fosse uma simples mentira, para que ele não ficasse ainda mais preocupado, ou apenas uma forma de convencer a mim mesma de que nada daquilo me afetaria. Porém, a frase simplesmente saiu sem que eu a previsse ou a controlasse.

Essa mesma frase fez com que Rodrigo abrisse um sorriso que... — Meu Deus! — Seria capaz de fazer minhas pernas derreterem como gelo sobre asfalto quente. Não era apenas um sorriso sexy, mas também cheio de ternura, porque era esse exato sentimento que seus olhos exalavam, enquanto me observava, ainda deitada em sua cama, com seu corpo sobre o meu.

— É claro que não está. Você é a minha garota...

Minha. Em qualquer outra ocasião, aquele símbolo de possessividade poderia ter me assustado. Se tivesse vindo de outra pessoa, eu com certeza estremeceria, imaginando que o passado estava espelhado no presente e que minha vida voltaria a ser o inferno que me atormentara seis meses atrás. Contudo, de alguma forma, sabia que não havia nenhum resquício de obsessão na forma como Rodrigo me tratava. Estávamos na mesma vibe, curtindo, começando a desenvolver sentimentos um pelo outro.

— Olha, Cecília... sei que as coisas estão acontecendo muito rápido entre nós... mas o que acabamos de fazer aqui, sobre esta cama... — ele suspirou. — Uau! Foi tão incrível quanto especial.

Estava sensível naquele momento, então, nem consegui falar nada, apenas ouvi.

— Eu sei que alguém te machucou muito e que posso estar realmente te assustando, porque faz pouco tempo que nos conhecemos, mas juro que não vou te magoar. Juro que vou compensar cada lembrança horrível que aquele filho da puta te deixou. — Chorar não deveria ser uma opção. Infelizmente, lágrimas sempre surgiam sem autorização ou aviso prévio. Rodrigo capturou uma, enquanto ela deslizava pelo meu rosto. — Não chore, baby. Por favor, não era minha intenção te deixar assim.

— Vai passar. Sempre passa.

Com um sorriso, ele me beijou. Lento, sensual, fazendo meu corpo despertar novamente. Quando ele se afastou, entretanto, sua expressão era séria.

— Pode não ser a melhor hora para isso, mas está me consumindo. — Balancei a cabeça, esperando que ele tomasse o tempo necessário para dizer o que tinha a dizer. — Tem a ver com Andreia. Lembra que eu disse que podia me comunicar com ela?

— Lembro. Mas não consegui entender como.

Assim que eu terminei de falar, ele levantou-se da cama, pegou uma bermuda que estava jogada no chão e a vestiu. Depois, reuniu minhas roupas também e as estendeu para mim. Imittei-o, me levantando e me vestindo, até que ele pegou minha mão, começando a sair do quarto. Decidi não contestar e apenas segui-lo.

Netuno latia em algum canto da casa, mas Rodrigo o ignorou e apenas seguiu. Não demoramos muito a chegar à piscina. Eu não estava entendendo nada.

— Rodrigo, eu...

Ele parou diante de mim e levou um dedo até os meus lábios, me fazendo calar. Depois, me beijou rapidamente, apenas encostando a boca na minha, para dizer:

— Lembra quando você disse que Solange achava que Andreia e eu tínhamos algo de sobrenatural? — Assenti novamente. — É verdade.

— O quê?

— Tanto eu quanto ela podemos ficar debaixo d'água por tempo indefinido. Nunca contamos, na verdade, mas acho que há um limite, já que Andreia terminou com tantas sequelas. Além disso... — Ele hesitou, virando a cabeça na direção contrária, para não olhar para mim, provavelmente ponderando qual seria a melhor forma de começar o assunto. — Além disso, sempre que estou debaixo d'água consigo conversar com ela.

— O quê? — Franzi o cenho. — Mas como?

— Não sei... Acho que é algum tipo de telepatia, talvez por sermos gêmeos. Realmente, não sei.

Levei a mão à cabeça, sentindo-me muito atordoada com aquela informação sendo jogada em mim de forma tão repentina.

— Eu te trouxe aqui porque quero falar com Andreia e tentar descobrir alguma coisa sobre o tal homem que estava com elas no barco, no dia do acidente. Acho que...

— Rodrigo... espera — pedi com veemência. — Pelo amor de Deus, vai com calma, porque isso é muito perturbador. Você consegue falar com a sua

irmã quando está debaixo d'água? Meu Deus, isso é... é... eu não encontro nem palavras!

— Bem, você definiu certo. É *perturbador*. — Deu de ombros.

— Sim, é. Mas é também... *extraordinário*.

— Você não está duvidando de mim? Não acha que estou louco?

— Se fosse qualquer outra pessoa falando, possivelmente acharia. Não que eu te conheça assim tão bem, mas não consigo te imaginar mentindo sobre algo tão sério. Ainda mais tendo relação com a sua irmã.

— Que bom, porque não posso provar. Só quero que esteja aqui comigo quando eu conversar com ela.

— Tudo bem.

— Vou chamá-la, ok?

— Não acha que está muito tarde?

— Eu sei que está. Mas não posso esperar até amanhã de manhã para perguntar. Se havia alguém com ela, por que nunca me contou?

Balancei a cabeça em concordância e, depois de Rodrigo sorrir de forma desanimada para mim, ele mergulhou, deixando-me zozza com toda aquela ideia de sobrenatural, telepatia e mistérios.



RODRIGO

— *Andreia?* — chamei minha irmã, assim que me enfiei debaixo d'água. Não estava disposto a perder tempo, porém, não obtive resposta de imediato. Tentei mais uma vez: — *Andreia? Andreia?*

Ainda silêncio.

— *Andreia!!! Acorda! Preciso falar com você, é urgente.*

Nada.

Tentei mais várias vezes. E nada.

O que será que estava acontecendo? Eu precisava descobrir. Por isso, sentindo uma angústia desesperada no peito, emergi. Sem dizer nada, saí da piscina e entrei novamente na casa, com a intenção de ir ao quarto dela.

Cecília me seguiu.

— Rodrigo, o que houve? Conseguiu falar com ela?

Não respondi. Precisava ver Andreia. Precisava saber se estava bem antes de qualquer outra coisa.

Apressei o passo até chegar ao quarto dela e abrir a porta. Para minha surpresa, a cama estava bagunçada, desfeita, mas completamente vazia.



XI

HORIZONTES INFINITOS



RODRIGO

Meu mundo simplesmente parou de girar por um instante. Tudo pareceu ficar em silêncio, como se uma redoma tivesse se formado ao meu redor, abafando todos os outros sons, enquanto apenas meus pensamentos ecoavam em minha mente, repetindo a mesma cena: a imagem da cama de Andreia vazia, enquanto caminhava na direção do quarto do meu pai.

Meu cachorro veio ao meu encontro, muito alterado, o que era um sinal de que tinha visto algo de preocupante ou anormal. Cecília seguia atrás de mim, chamando meu nome e pedindo que eu mantivesse a calma, mas não tinha coragem de respondê-la.

Bati na porta com toda a força que foi possível. Se precisasse arrombá-la para que me atendesse, eu o faria. Estava no meu limite. Minha alma, dentro do meu corpo, devia ser uma mistura caótica de medo, raiva e confusão. Precisava extravazar todos aqueles sentimentos por um minuto, antes de começar a agir para encontrar minha irmã.

Elton Fernandes, aquele homem que eu praticamente desconhecia, embora fosse uma parte de minha existência inteira, atendeu a porta. A aparência era a mesma de sempre: os cabelos enormes, sem corte, desgrenhados e sujos; a barba grisalha por fazer, lembrando um lenhador, além da roupa amassada e desbotada. Normalmente, olhar para ele me proporcionava um sentimento de pena, mas, naquele momento, levando em consideração a forma como me sentia, conseguia odiá-lo ainda mais.

Completamente fora de controle, sem sequer pensar em minhas próprias ações, agarrei a gola do pijama velho do meu pai e comecei a arrastá-lo para fora do quarto, de onde ele raramente saía, a não ser para buscar suas refeições. Meus olhos pareciam injetados de sangue, vidrados, como se um lado meu completamente demoníaco estivesse à solta, governando meu corpo e me fazendo agir daquela forma.

— Onde está Andreia? — A pergunta não faria o menor sentido para ele, pois não sabia que a filha tinha desaparecido, mas foi o que escapou da minha boca, sem que eu nem ao menos me desse conta do que estava falando.

O desespero falava mais alto, e eu o sentia como se fosse algo tangível,

como se pudesse se instalar em meus ombros, pesando-os e provocando uma dor tão aguda que eu mal conseguia respirar.

— Como assim, onde está Andreia? Não está no quarto dela? — ele ficou tão assustado quanto eu.

— Não. Acabei de chamá-la na piscina, e ela não me atendeu. Quando fui ver o que tinha acontecido, encontrei o quarto vazio.

Foi naquele momento que me dei conta do quanto ele parecia desamparado. Na verdade, sua aparência era quase sempre aquela, de alguém que lutou uma enorme e perigosa batalha e que acabou saindo como derrotado no final. O que, provavelmente, era o que realmente acontecia. Meu pai estava em guerra. Lutava contra a vida de todas as formas, como se ela fosse uma inimiga impiedosa que constantemente o prendia em armadilhas e o perseguia como uma assombração incansável. Infelizmente, aquela era uma batalha sem vencedores. Dia após dia, meu pai morria um pouco mais, trancado em sua depressão, desistindo de tudo, principalmente de si mesmo. Eu era obrigado a assisti-lo definhando, como um expectador imparcial, temendo que chegasse a hora em que não suportaria mais e nos abandonaria.

Mas eu não poderia permitir ou me sentiria culpado para o resto da vida. Estava na hora de fazê-lo recuperar as rédeas de sua vida.

— Vista-se decentemente e vamos procurar Andreia. — Pela forma como me olhou, logo percebi que não estava nem um pouco pronto para aquilo. — Sua filha doente acabou de desaparecer de casa. Cecília e eu já vamos começar a procurá-la. Faça alguma coisa também!

Depois de deixar bem claro o que ele deveria fazer, saí, fechando a porta atrás de mim. Peguei a mão de Cecília e comecei a caminhar, levando-a comigo. Não sabia por onde começar, mas acreditava que ligar para a polícia poderia ser a melhor opção. No entanto, não tive tempo de fazer isso e nem precisei, pois o telefone da casa tocou minutos antes de eu tirá-lo do gancho. Apressei-me em atender à ligação, não fazendo ideia de quem poderia ser.

— Rodrigo? — No momento em que ouvi a voz do outro lado da linha, percebi que havia algo de errado, mesmo que apenas o meu nome tivesse sido pronunciado. Sentia-me conversando com a voz do Google, como se alguém

estivesse escrevendo um texto na lacuna do aplicativo de tradução e acionando o sistema de voz. Não pude ignorar o calafrio que atravessou minha coluna, pois não tive a menor dúvida de que estava falando com o assassino. — Tentei a sorte ligando para a sua casa, mas achei que, a uma hora dessas, você já estaria na rua, procurando pela sua irmã. Ou talvez você não se importe tanto assim com ela.

— Filho da puta maldito! O que você fez com Andreia? — explodi, e aquela minha reação fez com que Cecília se sobressaltasse. Levei a mão aos lábios, pedindo que fizesse silêncio, porque eu não queria que aquele louco ouvisse a voz dela ou soubesse que estava comigo.

— Nada — a voz metálica respondeu. — E nem pretendo fazer. Não agora. Só queria mostrar para vocês que não é uma boa ideia brincar comigo. Ainda mais que as garotas da sua vida são muito vulneráveis.

— Você vai se foder por isso! — gritei no exato momento em que meu pai também chegou, aproximando-se de mim com uma expressão inquiridora no rosto. — Por que não vem tirar satisfações comigo? Olho no olho, cara a cara. Não é homem o suficiente? Tem que machucar mulheres para se sentir poderoso?

A voz no telefone gargalhou.

— Seja menos clichê, Rodrigo! Essa sua mania de sempre querer ser o galã, o herói, já cansou. Está na hora de entender que há coisas que você não pode controlar. — A pessoa ficou em silêncio do outro lado da linha, e achei melhor esperar, pois sabia que prosseguiria. — Aviso que Andreia está bem. Estou com ela a algumas quadras da sua casa. Vou deixá-la aqui para que possa vir buscá-la.

— Por que a levou?

— Pela mesma razão que encomendei o ataque à sua namorada. Para que saibam que estou de olho. Não quero que aconteça a vocês o mesmo que aconteceu a Solange.

— Filho da puta! — xinguei outra vez, sem nem pensar no que fazia, uma vez que o cara estava com minha irmã em seu poder.

— Vamos lá, Rodrigo! Seja razoável, estou agindo como um amigo, um cavalheiro. Estou deixando sua irmã bem pertinho de você, mas se chamar a

polícia não serei tão generoso da próxima vez. — Ele fez uma pausa. — Apresse-se. Não queremos que a doce Andreia pegue sereno, não é mesmo?

E desligou.

Por uma fração de segundo, eu realmente não soube como agir. Não tinha certeza se era uma boa ideia fazer o que a voz misteriosa no telefone me ordenara, ou se era preferível ignorar suas instruções e chamar a polícia.

Assim que depusitei o telefone no gancho, levei a mão à cabeça e fiquei em silêncio, esperando que a resposta para as minhas dúvidas surgisse em um rompante de lucidez.

— Rodrigo, quem era? — meu pai indagou ao meu lado.

— Era *ele*. — Não precisava de explicações. Tanto Cecília quanto meu pai compreenderam exatamente de quem eu estava falando.

— Ele pediu algum resgate? — Cecília perguntou.

— Não — respondi, finalmente agindo e começando a pegar minhas coisas para sair. — Ele disse que vai deixá-la em algum lugar aqui por perto. Temos que procurá-la.

Saí porta afora, com Cecília em meu encalço. Meu pai estava prestes a também nos seguir, mas eu o impedi.

— Eu também quero ir. É minha filha! — exclamou com veemência, e eu precisei controlar o desejo de jogar em sua cara que nada disso teria acontecido se ele tivesse lembrado daquele detalhe antes e a tivesse protegido, mas guardei minha revolta para mim.

— É melhor que fique em casa. Esse cara está querendo nos pregar uma peça. Não duvidaria nada que voltasse e decidisse deixar Andreia na cama, como se nada tivesse acontecido. — Diante de minhas instruções, ele acabou concordando.

Apressei-me em sair, pois não tinha mais tempo a perder. Entrei no carro, dei a partida e comecei a vagar pelas ruas. Dirigia em uma velocidade bem moderada, checando tudo ao meu redor com a ajuda de Cecília. Àquela hora, as ruas estavam vazias, principalmente porque a noite estava fria. A todo instante, eu me perguntava quantos outros momentos terríveis como aqueles

ainda teríamos que viver naquela noite. Por quantas outras provações ainda passaríamos?

A cada novo metro, cada novo quarteirão, eu sentia a bile queimar meu fígado como um ácido corrosivo. Ela se assemelhava à minha raiva, fazendo com que eu agisse como uma máquina, ligado no sistema automático do meu corpo. Perdi as contas de por quantos minutos dirigi. Receava que tivéssemos seguido a direção errada ou que o assassino nos tivesse enganado, o que era muito provável, mas, em menos de meia hora, a resposta para todas aquelas perguntas surgiu:

— Rodrigo! — Cecília gritou de repente, me fazendo parar com brusquidão. — É ela! — Apressou-se em saltar do carro no exato momento em que parei.

Fiquei atordoado por um tempo. Temia aproximar-me de Andreia e encontrá-la morta. Temia não ser forte o suficiente para suportar a perda. Meu coração parecia falhar, sem ritmo, como uma melodia decrescente, cujos acordes começam a se tornar mais e mais suaves, como meros sussurros, até silenciarem por completo.

Foi a voz de Cecília que me devolveu a sanidade.

— Rodrigo, me ajude! — ela chamou, com um tom ofegante, como se estivesse fazendo muito esforço.

Saltei do carro em um sobressalto, como se tivesse sido arrancado de um devaneio.

Aproximei-me das duas e vi Cecília tentando, com todo esforço, erguer Andreia do chão, que ainda estava úmido. Minha irmã estava tão gelada do sereno que temi que acabasse adoecendo. Por isso, tirei-a dali o mais rápido que pude e a levei ao carro, onde a deitei no banco traseiro. Cecília sentou-se com ela, abraçando-a para tentar compartilhar um pouco de calor.

Dirigi completamente em silêncio, simplesmente porque não conseguia encontrar palavras que pudessem ser ditas e que coubessem naquela situação. Meus dedos se fechavam ao redor do volante, com tanta força que minhas articulações se embranqueceram. Queria que aquele sujeito sofresse. Sabia que se descobríssemos sua identidade, ele acabaria sendo preso, que pagaria

por seus erros, mas eu não ficaria satisfeito. Queria que se arrependesse por cada minuto de sua existência.

Quando chegamos à minha casa, tirei Andreia do carro com a ajuda de Cecília, mas mal tive tempo de carregá-la para dentro, pois meu pai veio correndo em nossa direção e a arrancou dos meus braços, com os olhos marejados de lágrimas. Enquanto a levava para o quarto, ele murmurava palavras que eu demorei para compreender quais poderiam ser. Quando as reconheci, os sentimentos que elas carregavam quase me fizeram perder o ar.

— Minha filhinha, me perdoa. Me perdoa por eu ser esse covarde, por ter te abandonado quando mais precisava que eu fosse um pai.

A voz embargada se confundia com os soluços e a respiração ofegante. Não fazia ideia se sua falta de ar se devia ao choro intenso ou ao esforço de carregar a filha, já que ele mal saía da cama há dois anos. Eu nem sequer ousei pegar minha irmã de seus braços. Sem dúvidas, ele não permitiria, e eu queria lhe conceder aquele momento. Era o seu primeiro de lucidez em muito tempo, e eu tinha esperanças de que, com isso, finalmente voltasse para nós.

Fui sua sombra até chegarmos ao quarto de Andreia, e Cecília também seguia ao meu lado. Ele depositou a filha sobre a cama com todo o cuidado, como se ela tivesse, de repente, se tornado um material de vidro. Ficamos reunidos em torno dela, enquanto meu pai corria à suíte, voltando segundos depois com uma toalha úmida nas mãos. Ainda com os olhos repletos de lágrimas, começou a limpar as sujeiras de seu rosto e seu corpo, além dos pequenos ferimentos que ela apresentava.

— Por que, meu Deus? Por quê? — ele indagava, parecendo assustado, quase entorpecido. Não o culpava. Também estava me sentindo assim.

— Eu não sei, pai, mas a pessoa que fez isso é perigosa. Tivemos sorte de ele ter escolhido não machucar Andreia. — Tentei alertá-lo da gravidade do perigo, mas o fiz com toda a cautela, porque temia que ele se trancasse novamente em sua melancolia. Assim que terminou de me ouvir, virou-se para mim de forma súbita, consternado pela minha afirmação.

— Será que... ele teria coragem de matá-la? — Sua expressão era de puro terror, e eu cheguei a me penalizar, embora ainda guardasse certa mágoa.

Minha resposta foi pegar a mão de Cecília, com o curativo, e mostrar a ele.

— Está vendo isso aqui? Cecília foi machucada a mando desse filho da puta.

Meu pai suspirou, finalmente olhando para Cecília. Provavelmente era a primeira vez que percebia a presença dela ali. Na verdade, eu sentia como se ele estivesse despertando de um sono profundo. Seus pensamentos eram como desertos de paisagens adormecidas, e seus olhos pareciam fechados para tudo ao redor, mas eu sentia que sua sanidade estava retornando aos poucos. O que me deixava preocupado. Não estava disposto a viver com esperanças emprestadas, passageiras. Ele estava ali, naquele instante, pronto para agir como um pai e dividir as responsabilidades comigo, porém, quanto tempo duraria aquele retorno?

— Vai acreditar em mim, pai, se eu disser que tentaram matar minha irmã no dia daquele maldito acidente? — falei por entredentes, sem saber exatamente de *quem* sentia raiva. Se de meu pai ou de mim mesmo, além do assassino, é claro.

— Você tem certeza?

A pergunta me deixou enfurecido.

— Certeza? Quantas provas mais você precisa? Andreia foi sequestrada, Cecília foi atacada e Solange foi morta. O que...

— A Solange morreu? — ele perguntou outra vez, muito atordoado, e eu me dei conta de que, em sua bolha de solidão, ele não tinha acesso às notícias mais recentes.

— Infelizmente, sim. Fizeram com que parecesse um suicídio, mas sabemos que não é a verdade.

Daquela vez, ele nem sequer contestou. Melhor assim. Novamente, o quarto ficou em total silêncio. Meu pai já tinha terminado de limpar Andreia, mas ainda velava seu sono. Eu conseguia ler em seus olhos todo o arrependimento por aqueles anos de negação. Sabia, portanto, que era hora de termos a conversa que já estava atrasada há muito tempo.

— Cecília, você pode ficar cuidando da Andreia por alguns minutos? Preciso falar com meu pai em particular. — Dirigi-me a ela, sem tirar os olhos daquele que era o verdadeiro alvo da minha fala.

— Claro — ela respondeu. Levantei-me e fiquei na porta do quarto da minha irmã, esperando que ele me seguisse.

Pensei que seria ignorado, mas, depois de alguns segundos, meu pai me seguiu, e acabamos parados no corredor. Poderíamos buscar um lugar mais reservado, mas eu sabia que nenhum de nós dois estava muito inclinado a afastar-se demais de Andreia.

— Já sei que sou o culpado de tudo isso, Rodrigo. Não precisa me passar um sermão. — Ele foi logo se colocando na defensiva, com um tom de voz repleto de culpa. E, puta merda, por mais que eu quisesse me manter indiferente à sua dor e focar no que realmente importava, que era fazê-lo enxergar o quanto eu precisava de sua ajuda, estava completamente penalizado. Tudo o que queria era dar um belo abraço no meu velho pai e dizer que o compreendia. Porém, precisei me controlar. Não era hora de passar a mão na cabeça de ninguém.

— Não vou te dar um sermão. Vou fazer uma pergunta. Como vai ser daqui para frente? Será que finalmente percebeu que preciso de você?

— Bem, se isso não é um sermão...

— Não, não é. Se fosse um, eu estaria dizendo que...

— Estaria dizendo que Andreia não teria desaparecido hoje se eu cuidasse mais dela. Sei disso! — alterou o tom de voz, mas eu sabia que não estava com raiva. Ao menos não de mim. Estava decepcionado consigo mesmo. — Sei muito bem, aliás! Sei que há dois anos você não vive por minha causa, que tomou todas as responsabilidades para si e que eu sou um imprestável.

— Eu não disse nada disso. — Cruzei os braços e dei de ombros, tentando não me sensibilizar.

— Mas era o que deveria dizer. — Meu pai levou uma mão à cabeça. — Meu Deus! O que poderia ter acontecido?

— Não sei. A verdade é que eu estava em casa, com Cecília, e também não a protegi.

— Enquanto você estava com a sua garota, eu poderia ter ficado com a minha filha.

— Pai, eu nem sei que horas aquele cara levou Andreia. E me sinto culpado por isso também. Quando cheguei em casa, dispensei a enfermeira e nem sequer fui dar um alô para a minha irmã. Ela poderia já ter desaparecido desde que cheguei.

— Então a enfermeira pode saber de alguma coisa...

— Se soubesse, teria me falado quando eu cheguei. Estava tirando um cochilo na sala, e o sequestro deve ter acontecido em um curto espaço de tempo. Tudo planejado. Netuno chegou a latir, mas ele sempre late. Ela com certeza não se deu conta.

— Isso pode dizer muita coisa sobre esse cara. Ele pode estar nos vigiando.

— Acredito que sim. Ele andou observando Cecília. E isso me deixa puto. Estive tão perto dele e simplesmente não fiz nada. — Cerrei os punhos com tanta força que me sentia pronto para socar qualquer coisa.

— Quem tem que fazer algo é a polícia.

Eu queria dizer a ele que não, que eu mesmo resolveria aquele assunto, porque já tinha chegado ao meu limite. Além do mais, a polícia chamaria muita atenção, o que poderia colocar ainda mais Andreia e Cecília em perigo.

— Não importa *como* essa história vai acabar, o que quero saber é se vou poder contar com você para proteger a minha irmã.

— É claro que sim. Estou aqui agora, filho. Não vou mais te decepcionar.

A vontade de abraçá-lo chegou a doer como um soco no estômago, contudo, nenhum de nós dois deu o primeiro passo. O que era uma pena e fazia com que eu me sentisse um covarde. Nunca tive dificuldade em lidar com sentimentos, principalmente com meu pai, já que sempre fomos os melhores amigos possíveis, mas há muito tempo ele tinha se tornado um estranho para mim. Sentia que ainda existia uma chance de recuperar nosso relacionamento, de voltarmos a sermos tão próximos quanto antes, mesmo que fosse um longo processo. Não seria algo que aconteceria de uma hora para outra.

— Posso contar que vai cuidar de Andreia enquanto eu levo Cecília em casa? Ela também já passou por muita coisa hoje e precisa descansar.

— Vá tranquilo. — Depositando toda a minha confiança naquela promessa, virei-me para percorrer o pequeno caminho até o quarto de Andreia, porém, ele me chamou novamente. — Fico feliz que esteja com alguém. Gosta mesmo dela?

— Gosto. É uma garota e tanto.

— Deve ser mesmo. — Balançou a cabeça, com um sorriso desanimado nos lábios e um ar sonhador nos olhos. — Você fez um trabalho incrível com Andreia até hoje. Não sei de onde tirou forças para isso.

— Ela precisava de mim. Foi *dela* que tirei a coragem para me levantar todos os dias.

Meu pai balançou a cabeça, daquela vez com uma expressão bem mais triste no rosto, o que me deixou arrependido pelo tom acusador que usei para responder à sua pergunta. Sentindo-me um babaca, fiz menção de dizer alguma coisa, mas ele me impediu.

— Não precisa se desculpar, você só falou o que eu merecia ouvir.

Respirei fundo e me virei para entrar no quarto. Antes de abrir a porta, voltei-me para ele novamente.

— Posso fazer outra pergunta? Uma que tenho desejado fazer desde que tudo aconteceu...

— Claro que pode.

— Por que se isolou? O que aconteceu com você? Sempre foi o cara mais forte que conheci.

Ele hesitou. Com o cenho franzido, percebi que lutava contra as lágrimas.

— Vocês eram a minha força. Vocês dois e sua mãe. Quando perdi duas partes dela, percebi que não restava nada de mim.

— Você não perdeu Andreia.

— Não, não perdi, mas pensava que sim. Sempre achei que era ainda mais doloroso olhar para ela dessa forma e lembrar de seu sorriso, de sua voz, de como era carinhosa. Além disso, eu simplesmente não encontrava forças para sair da cama. Tudo o que eu queria era dormir, porque nos meus sonhos ainda éramos a família perfeita.

Eu sabia tudo sobre aquele tipo de sonho. Conhecia-os muito bem porque também os tinha. Eram traiçoeiros, cruéis e nos iludiam. Aprisionavam nosso cérebro de tal forma que nos víamos reféns da esperança. E era exatamente o que tanto doía. Acordar e perceber que a realidade era completamente diferente me deixava em pedaços. Levantar era um tormento e sobreviver a mais um dia era como participar de uma guerra onde nunca saía como vencedor. Foi por causa dessa explicação que eu me aproximei dele e coloquei a mão em seu ombro.

— Eu te entendo, pai. Mais do que imagina. Só que estamos aqui e temos que lidar com a vida do jeito que ela é. E Andreia sente a sua falta.

— Você ainda fala com ela? — Pouco depois de minha irmã voltar para casa, depois do acidente, contei ao meu pai que nossa comunicação telepática, que ele já conhecia, ainda estava funcionando. Na época, aquilo pareceu animá-lo, mas não o suficiente para que aliviasse sua terrível depressão.

— Sempre.

Ele assentiu e pousou a mão sobre a minha, apertando-a de leve.

— Estou de volta, filho. Não vou mais deixá-lo sozinho.

Eu esperava que ele estivesse falando a verdade. Esperava de todo o coração.



CECÍLIA

No momento em que a porta se fechou e que Rodrigo e seu pai saíram do quarto, eu soube o que precisava fazer. E também era primordial que não levasse muito tempo hesitando. Era pegar ou largar; uma chance que provavelmente não teria tão cedo.

Sentia-me uma verdadeira filha da puta por trair a confiança de todos daquela casa, mas tratava-se da minha segurança e da de Andreia também. Depois do que tinha nos acontecido naquele dia, depois do ataque que sofri e do sequestro dela, não podia haver limite. Qualquer coisa valeria a pena para descobrirmos quem estava por trás de toda aquela história.

Aproveitei que estava sozinha para vasculhar o quarto onde estava. Ou melhor, nem tão sozinha assim, pois acariciava o pelo macio e castanho de Netuno, que havia montado guarda ao lado da cama da dona e não a abandonava. A cena era comovente.

Enquanto me levantava da cadeira e vagava pelo quarto, ainda sem rumo, me lembrava do que Rodrigo me dissera sobre ela ser capaz de ver, ouvir e perceber tudo ao seu redor, mesmo em seu estado delicado. Por um momento, pensei em desistir, porque poderia contar tudo ao irmão — se é que era mesmo verdade que conseguiam se comunicar —, mas decidi ir em frente.

Comecei pela escrivaninha, logo em frente à cama, abrindo gavetas em busca de diários, agendas, retratos, bilhetes ou qualquer coisa que pudesse me contar um pouco mais sobre aquela garota que passara a fazer parte da minha vida de forma tão intensa, e que eu sequer conhecia. Também chequei o criado-mudo com a maior rapidez que consegui, temendo que eles voltassem e me pegassem no flagra. O quarto era grande, assim como os armários, e eu sabia que não podia perder muito tempo em cada gaveta.

Para a minha sorte, bem ao lado de sua cama, sobre a cabeceira, havia uma caixinha.

Apressei-me em abri-la sem cerimônias, esperando encontrar algo que me fornecesse respostas. A primeira coisa que encontrei foram muitos retratos. Todos de Andreia com amigos, de sua festa de quinze anos, dos tempos de escola. Pareciam escolhidos a dedo para ficarem sempre ao seu lado, o que fez com que eu sentisse uma nota de tristeza no meu coração. Eram imagens

que evidenciavam momentos alegres, cheios de vida e energia, coisas que aquela moça inerte sobre a cama, ao meu lado, nunca mais poderia fazer. Meu coração doía por ela, e isso tornava minha atitude ainda mais desprezível, porém, precisava continuar.

Olhei uma por uma até chegar a um envelope. Guardado em meio a todas aquelas fotografias, me deu a impressão de que estava escondido, camuflado. O que, é claro, chamou a minha atenção.

Não havia nada escrito nele, mas encontrei uma única folha ali dentro. Não me deixei levar pela ética e simplesmente abri o papel, acreditando que fosse uma carta. E não estava errada. Só não esperava encontrar uma mensagem de Karine. Muitos já haviam me dito que elas andavam não se bicando nos últimos tempos, e eu não fazia ideia do quão problemática era a relação das duas até ler o início daquela carta — se é que poderia ser chamada assim.

Tencionava lê-la por inteiro ali mesmo, mas logo ouvi um barulho de alguém mexendo na maçaneta. Em uma atitude impulsiva, guardei o papel dentro do bolso do meu jeans, recolocando o envelope em meio aos retratos, para disfarçar. A melhor ideia seria terminar a busca, e eu até estava disposta a isso, mas quando devolvi as fotografias para dentro da caixinha, algumas escaparam da minha mão e foram ao chão.

Inclinei-me para pegá-las com muita pressa, temendo que Rodrigo retornasse e me visse remexendo as coisas de sua irmã. No entanto, uma das fotografias me chamou a atenção. Tratava-se de um retrato minimalista de duas mãos. Uma feminina, e outra, masculina, entrelaçadas sobre uma marcha de carro.

Poderia ser apenas uma foto adorável de um casal apaixonado, mas levei em consideração o que descobri sobre haver um homem no barco com Karine e Andreia, então, decidi que era algo a ser analisado. Enfiei, portanto, o retrato também no bolso, junto à carta, e finalmente fechei a caixinha, agradecendo por ninguém ter me pego no flagra. Por outro lado, me sentia uma pessoa horrível pelo que tinha acabado de fazer.

Quando Rodrigo entrou, alguns poucos minutos depois, eu estava sentada ao lado de Andreia, observando-a e velando-a, exatamente como antes. Por dentro, contudo, a culpa e a vergonha me consumiam, mas precisava seguir em frente e agir. Antes que fosse tarde demais.



XII

AMALDIÇOANDO ESTRELAS



RODRIGO

Aquela noite não acabava nunca mais. Sentia como se estivesse ligado no automático, realizando cada movimento simplesmente porque meu corpo sabia que precisava continuar funcionando. Não apenas por mim, mas pelas pessoas ao meu redor. Cecília era uma delas. Durante todo o caminho até a casa de Zuleika, eu a senti calada, um pouco reflexiva, e me preocupei com o que poderia estar pensando.

Quando chegamos, estacionei em frente à entrada e desliguei o motor, mas não saltei de primeira. Ela permaneceu sentada também. Talvez não estivesse pronta para se despedir depois de tudo o que tinha acontecido. Respeitei seu silêncio, tendo consciência de que ele falava muito mais do que qualquer palavra que pudesse sair de sua boca. A verdade era que ficar calado ao lado de uma pessoa a quem se tinha tanto a dizer era um grande desafio e podia ser também um pouco intimidador.

O rádio estava desligado, e a rua, deserta — principalmente àquela hora, quase duas da manhã. O único ruído que nos rondava era o som de nossas respirações, embora eu quase pudesse escutar as engrenagens da cabeça de Cecília funcionando sem parar. Abri a janela na intenção de permitir que entrasse um pouco de ar puro, já que me sentia quase sufocado ali dentro. Entretanto, nem mesmo aquele movimento pareceu chamar a atenção da garota, que permanecia calada, olhando fixamente para um ponto aleatório no vidro da frente.

Ainda calado, voltei meus olhos para o céu e suspirei. Tudo o que me restava era apenas amaldiçoar as estrelas, uma vez que não tinha mais ninguém para culpar. Ao menos aqueles pequenos corpos celestes não podiam me contestar, o que era uma puta covardia da minha parte.

Tudo bem que naqueles últimos dias eu andava me superando e fazendo babaquices atrás de babaquices, mas queria compensar meus erros de alguma maneira.

Deixei as estrelas de lado e me virei para a linda e silenciosa Cecília. Levei a mão àquele lindo cabelo ruivo, que eu tanto adorava. Coloquei uma mecha rebelde atrás de sua orelha, o que finalmente a fez olhar para mim. E

eu poderia jurar que meu coração começou a dançar samba dentro do meu peito no momento em que ela sorriu.

— O que está olhando? — perguntou com um tom de voz doce.

— Você. É difícil ficar fazendo cara de paisagem quando tenho uma garota tão linda do meu lado.

Seu sorriso se alargou com uma leve nota de constrangimento.

— Mas por que você estaria fazendo cara de paisagem?

— Estava respeitando seu silêncio.

— Obrigada por isso e me desculpe. É que tem tanta coisa na minha cabeça que acho que se eu começasse a falar não pararia nunca mais.

— Você pode tentar. Estou aqui para te ouvir.

Ela balançou a cabeça em afirmativa, concordando, e eu esperei que dissesse mais alguma coisa.

— Posso fazer uma pergunta, Rodrigo?

— Claro.

— Aquela história de você ainda conseguir falar com Andreia... Me desculpa insistir nesse assunto, mas acho que não é difícil imaginar que...

— Que você ficou atordoada com essa bizarrice? — brinquei, sabendo que precisava descontraí-la, já que o assunto era pesado.

— Eu não usaria essas palavras, mas o contexto é basicamente esse.

Ela deu de ombros, e eu sorri.

— É a mais pura verdade. Temos essa estranha conexão desde sempre.

— E como descobriram?

— Éramos muito pequenos. Caímos juntos na piscina e fomos fazer uma daquelas brincadeiras de falar algo debaixo d'água para que o outro pudesse adivinhar. Foi quando descobrimos. Depois fomos percebendo que não funcionava apenas quando os dois estavam submersos, mas que também dava certo quando apenas um de nós mergulhava. Então, quando minha irmã saiu do hospital, eu tentei falar com ela. E consegui.

— Nem sei o que dizer...

— Não precisa falar nada, mas eu adoraria que dissesse que acredita em mim.

Ela riu, divertida.

— Eu acredito. A história é absurda demais para ter sido inventada.

— Pois é. Não tenho tanta criatividade assim.

Cecília se remexeu no banco do carro, sentando-se de lado para ficar de frente para mim.

— E ela nunca falou nada sobre o acidente?

— Não. Todas as vezes que começo a fazer perguntas, ela se esquivava ou, literalmente, surta. Fico completamente... perdido.

— Mas isso é uma prova de que tem algum segredo muito grande que ela não quer que ninguém saiba. Você não acha? — Havia um tom de interrogatório na pergunta de Cecília, como se ela quisesse ler nas entrelinhas de minha provável resposta e encontrar algo que eu ainda não tinha lhe revelado. Talvez ela pudesse, sem dúvidas, encontrar alguma suspeita, pois eu também estava muito desconfiado do comportamento da minha irmã. Por isso, fui o mais sincero possível.

— Antes eu fazia o maior esforço para acreditar que tinha a ver com o trauma, mas agora entendo que estava tampando o sol com a peneira. Não posso proteger Andreia para sempre. — Dei de ombros e talvez tenha expressado toda a minha tristeza em relação àquele assunto, porque Cecília levou a mão ao meu rosto carinhosamente.

— Deve ser muito difícil para você. Poder falar com ela, ser seu confidente e saber tudo o que passa por sua cabeça.

Difícil era, sem dúvidas, um eufemismo para explicar a gravidade da situação. Era foda. Uma merda. Uma porra de um carma. Era como viver no inferno, dia após dia, depois de cair na porrada com o diabo, perder e ser condenado para a eternidade. Muitas vezes, principalmente nos primeiros dias, eu me perguntei se Deus tinha esquecido da nossa família; se tinha jogado cara ou coroa com o destino, apostando a felicidade de todos os que eu amava só para se divertir manipulando-nos como marionetes amaldiçoadas.

De todos nós, eu sabia que Andreia era a que mais sofria, mas nem por isso era mais fácil para mim. Eu era o mundo inteiro dela — algo que ela sempre fazia questão de repetir. Quando conversávamos, minha irmã se libertava de sua prisão de gelo e colocava sua mente enferrujada para trabalhar, estimulando-a. Eu era o portador de notícias, fossem boas ou ruins; era eu que lhe contava sobre o que estava acontecendo ao redor, com pessoas de quem ela gostava, e que lhe dizia coisas bobas só para fazê-la rir. Eu lhe falava sobre as estrelas, sobre a lua, sobre o mar... principalmente sobre o mar. Contava o que via pelas ruas e esquinas da vida real, em um mundo que também era o dela, mas que não mais lhe pertencia.

Apesar de tudo, todas as vezes em que nossas conversas terminavam, eu sentia um vazio imenso. Além de uma terrível culpa. Que direito eu tinha de viver, ser feliz, sair com amigos e manter minha rotina normal, enquanto ela ficava ali, presa em sua jaula particular, vivendo pela metade ou até bem menos do que isso?

Sim, era difícil. Difícil para caralho. Todos os dias. Tanto que só de pensar no quão bosta era a situação, às vezes eu ficava sem ar. Logo eu, o cara que podia prender a respiração debaixo d'água por tanto tempo.

— É mais difícil do que você pode imaginar, mas cada um de nós tem seus próprios demônios para lidar, não é? — Claro que eu não queria trazer o passado de Cecília à tona, apenas demonstrar que sabia que ela era uma sobrevivente de uma tragédia das piores.

Cecília não respondeu nada, apenas balançou a cabeça. E, novamente, nos vimos em silêncio. Aquele silêncio que era, ao mesmo tempo, tão apavorante e confortador. Recostei minha cabeça no banco, com o rosto virado em sua direção, e, mais uma vez, um sorriso bobo brincou em meus lábios, conforme uma única certeza criava morada em meu coração.

Eu não fazia ideia de por qual estrada seguiríamos em um futuro próximo, nem se caminharíamos juntos. Não sabia se ela seria mesmo *a* garota, aquela por quem eu me apaixonaria perdidamente, como nunca havia me apaixonado, ou se seria apenas uma boa lembrança, daquelas que provocam um suspiro satisfeito quando acionadas e recuperadas de cantos esquecidos da memória. Mas, naquele momento, quando minha vida parecia bagunçada e de pernas para o ar, eu a via como uma brisa delicada e gentil, que acariciava

meu rosto; como uma resposta às minhas preces, para todas as vezes em que duvidei que coisas boas ainda poderiam acontecer em minha existência.

Ela podia até ser passageira como uma primavera ou uma chuva de verão. Poderia até — quem sabe — partir meu coração em mil pedaços, mas eu jamais a esqueceria, sempre seria, para mim, como uma flor perdida em um jardim obscuro, colorindo o cinza dos meus dias.

— Queria poder não te deixar sair desse carro. Não quero ir embora ainda, mas você deve estar cansada, não está?

— Não para você. Vem, entra comigo.

Ela não precisava nem pedir duas vezes. Saímos do carro em sincronia, e eu esperei que ela abrisse o portão da casa. Logo percebemos que a luz do terraço estava acesa, o que significava que não estaríamos sozinhos. Não tinha problema, eu estava feliz em passar mais algum tempo com ela antes de voltar para casa. Planejava dar apenas uma ligada para meu pai, para saber se estava tudo bem por lá. Ainda tinha muito medo de confiar nele para cuidar de Andreia, mas precisávamos reestabelecer aquela confiança.

Entramos e logo fomos em direção ao cômodo iluminado, guiados, principalmente, pelos sons de risada e da televisão. Assim que chegamos ao terraço, encontramos Pauline e Juan em uma confortável salinha de visitas, deitados sobre um tapete, entrelaçados, assistindo a um filme da Netflix. Sorri ao me deparar com a cena e, inesperadamente, senti uma imensa vontade de viver algo parecido. Queria também ficar assim com Cecília, sem nada a nos perturbar, compartilhando aquela intimidade tão simples.

Pauline foi a primeira a nos ver. Voltou os olhos para nós com um amplo sorriso, mas logo sua expressão se transfigurou em um profundo espanto quando olhou para a mão de Cecília, coberta pela atadura.

— Mas que merda você fez com ela? — berrou olhando para mim. Ela estava *me* acusando?

Pauline deu um pulo de onde estava sentada e correu na direção da prima, de forma extremamente protetora, sem sequer me dar tempo de explicar. Juan também se levantou, com o cenho franzido. Ambos pareciam prestes a me levarem preso.

— Ele não fez nada. — Cecília foi em minha defesa. — Eu fui atacada na praia.

— Atacada? Como? Foi uma tentativa de assalto? — Juan indagou.

Cecília olhou para mim, provavelmente buscando orientação sobre o que deveria dizer ou não. Só que eu jamais iria proibi-la de contar qualquer coisa que quisesse à sua família. Quanto mais pessoas para protegê-la, melhor. O problema era que ela parecia não ter coragem. Sendo assim, decidi me adiantar e explicar a eles o que vinha acontecendo.

— Cecília e eu estamos investigando o que aconteceu com a minha irmã. A verdade é que descobrimos que não se tratou apenas de um acidente, mas de uma tentativa de assassinato.

Pauline e Juan se entreolharam, ambos parecendo confusos, como se eu tivesse falado a maior bizarria do ano.

— Ele está dizendo a verdade — Cecília intercedeu. — O cara me atacou como um aviso de que eu deveria desistir dessa busca.

— Então você vai desistir, não vai? — alterada, Pauline indagou. Eu podia compreendê-la. Na verdade, me sentia um pouco como ela, desesperado por pensar em Cecília correndo tanto perigo.

Contudo, ela não respondeu à prima, dando a entender que insistiria na teimosia de se manter na linha de frente.

— Eu quero ajudar. — Cecília ergueu a cabeça em uma atitude desafiadora.

— Será que você é tão louco que vai permitir que ela caia nessa roubada? Eu avisei a Cecília que você a machucaria, só não achei que acabasse fazendo isso no sentido literal. — Pauline era boa em discussões. Suas palavras eram mais eficazes do que um gancho de direita bem dado.

— Pauline, a decisão é minha. — Cecília se colocou entre nós, como se estivesse apartando uma briga. — Rodrigo tentou me impedir, mas eu é que estou insistindo em fazer coisas imprudentes.

— Olha só, gente, vocês estão gastando energia com as coisas erradas — Juan também se intrometeu, passando a mão pelo rosto em um sinal de

apreensão e impaciência. — Cecília foi atacada, é com isso que precisamos nos preocupar.

— E quem disse que não me preocupo? — Quem era ele para afirmar que eu não me importava com a segurança da minha garota? Sentindo-me puto da vida, cheguei a alterar um pouco o tom de voz.

— Não estou dizendo que não se preocupa, mas vocês precisam procurar a polícia. Podemos falar com o meu irmão, aproveitar que ele está de plantão hoje e encontrar esse cara que a atacou. Não podemos deixá-lo impune. Se for só um pau mandando, pode ser que tenha alguma informação para nós.

Minha primeira reação foi olhar para Cecília.

— Ele está certo — concordei. Não que Juan fosse a minha pessoa preferida naquele momento, depois de tudo o que tinha acontecido após o acidente de Andreia, mas quando se tratava da segurança de quem eu gostava, não podia deixar meu orgulho falar mais alto. — Você precisa prestar queixa.

— Eu não quero ir à delegacia. Não acho que seja uma boa ideia. — Cecília estava sendo teimosa, o que me deixou ainda mais preocupado.

— Ah, você vai, sim. Nem que seja à força. — Ela arregalou os olhos, completamente atordoada pelo meu rompante de impaciência. Fiquei arrependido imediatamente, mas não recuei. — Se quiser agir como uma menina teimosa, vai ser tratada como uma. Odeio fazer isso. Odeio mais ainda que brinque com a sua segurança dessa forma. Já deixamos muito tempo passar.

Cecília cruzou os braços e bufou. Sabia que eu estava certo, mas não parecia disposta a me deixar vencer a briga. Provavelmente eu relutaria muito antes de agir como um homem das cavernas com ela, só que se fosse a solução para protegê-la, eu arriscaria.

— Vamos lá, então, Rodrigo. Você venceu. — Não muito satisfeita, ela caiu em si. Ainda bem.

Assenti, e Juan se preparou para ir conosco. Também vimos Pauline pegar a sua bolsa, que estava jogada sobre o sofá. Seu noivo a impediu.

— Você não precisa ir, amor. Está cansada e amanhã precisa acordar cedo. Eu vou cuidar de tudo, ok?

Ela não contestou. Por seu semblante, era realmente fácil dizer que estava exausta, por isso, nos deixou seguir apenas os três.

Eu sabia que a noite ainda seria bem longa.



CECÍLIA

Nunca fui uma mulher de extremos. Contudo, naquele momento, sentia como se sofresse de bipolaridade, pois fui da paixão ao ódio em dois segundos. Sim, eu estava com uma baita raiva de Rodrigo e, ao mesmo tempo, o compreendia. Até o perdoava, uma vez que ele não fazia ideia do quanto seria difícil para mim pisar em uma delegacia.

Ele não sabia que aquilo despertaria memórias muito amargas em minha mente, nem que fora em um lugar como aquele que acusei deliberadamente o homem que tornou minha vida um inferno. Claro que também não fazia ideia de que a justiça simplesmente não pôde me proteger. Não daquela vez, e eu duvidava que me protegeria novamente. Precisei contar comigo mesma para sobreviver. E sobrevivi. E sobreviveria quantas vezes fosse necessário.

Enquanto saíamos da casa da minha avó e entrávamos no carro de Rodrigo, apressei-me em enfiar minhas mãos dentro do bolso do casaco que usava, na intenção de esconder o quanto tremiam. A escuridão do interior do carro também fez bem o seu papel em preservar minhas reações amedrontadas. Eu sabia que seria apenas uma questão de tempo para que Rodrigo percebesse o quanto eu estava perturbada, especialmente porque ele não parava de olhar para mim de soslaio.

Tentei não encará-lo, virando a cabeça na direção da janela, disposta a concentrar-me em qualquer outra coisa que não fosse o nosso destino, mas eu estava em uma cidade pequena, afinal, e a viagem não demorou muito. Pelo menos não o suficiente para me acalmar.

Os dois rapazes saltaram do carro, e apenas eu permaneci lá dentro, onde era verdadeiramente seguro. Não que houvesse qualquer perigo dentro das paredes daquele prédio à minha frente. Eu só sabia que, no momento em que as lembranças me atingissem, seria uma verdadeira tortura.

Percebendo minha hesitação, Rodrigo deu algumas batidinhas no vidro da minha janela. Quando olhei para ele, vi que gesticulava, indicando que eu a abrisse. Respirei fundo e fiz o que pediu.

— Acho que só agora me dei conta do quanto isso deve ser difícil para você. Já estive em uma delegacia antes, não é? — ele indagou, e eu pude ver

em seu rosto que estava realmente pesaroso. Juan já tinha entrado, provavelmente na intenção de adiantar o assunto com o irmão.

— Já — foi tudo o que consegui responder. A única pequena palavra que minha garganta libertou, embora houvesse um conjunto de outras aprisionadas bem no fundo dela.

Ele esticou a mão por dentro da janela e segurou a minha. Não consegui encará-lo. Não conseguia sequer encarar a mim mesma naquele momento de covardia.

— Me desculpa por te pressionar a vir aqui. Na hora, eu nem pensei...

— Você fez a coisa certa — a resposta foi seca e direta, embora eu não quisesse soar tão indiferente. Só estava cansada e muito, muito assustada.

— Eu vou estar com você. Vamos passar por isso juntos.

Era significativo, sem dúvidas. Da primeira vez em que estive em uma delegacia, me vi sozinha. Não apenas fisicamente só, mas também vazia, perdida. Com o coração em pedaços, como se houvesse uma alma desconhecida dentro do meu corpo. Naquela época, alívio e uma terrível tormenta batalhavam dentro de mim, porque eu sabia a gravidade do que tinha feito. Havia luz e trevas em um perfeito equilíbrio dentro da minha mente. E eu lidava com as duas, dia após dia.

— Estou bem. Não vai ser fácil, mas tem que ser feito. — Saltei do carro e tomei a dianteira, caminhando em direção à delegacia sem nem esperá-lo. Não porque estava magoada com ele, mas porque não podia encará-lo por muito tempo sem sentir vontade de desabar em seus braços e pedir que me levasse embora dali.

Assim que ultrapassei a porta, dando um passo decidido, me deparei com a familiaridade do local. Estava em uma cidade completamente diferente, mas não havia muitas diferenças no ambiente padrão de delegacia.

Juan veio ao meu encontro logo que me viu e, com uma mão gentil em minhas costas, me conduziu à sala de Luís, que provavelmente já conhecia nossas intenções. Este também se levantou ao me ver entrar e me indicou uma cadeira para que eu me sentasse. Rodrigo veio logo em seguida, fechando a porta atrás de si.

Luís sentou-se à minha frente, sobre a mesa, enquanto os outros dois rapazes se mantinham de pé, um em cada canto. Não era difícil compreender que havia uma atmosfera um pouco pesada entre eles, como se não fossem exatamente bons amigos.

— Cecília, não é? Sou Luís Magalhães, delegado daqui. Meu irmão me contou mais ou menos o que aconteceu com você. — Estendeu a mão na minha direção, e eu a cumprimentei, hesitante, tentando demonstrar um pouco de confiança. — Ele me disse que você foi atacada ontem à noite. — Demorei a processar um pouco a linha do tempo e quase lhe corrigi afirmando que o ataque tinha acontecido ainda naquele dia, mas me lembrei de que já era de madrugada.

— Sim.

— Pode relatar como aconteceu?

Depois de entregarmos o Boletim de Atendimento Médico que fora feito no hospital, contei-lhe tudo o que se passara na praia naquela noite, depois de eu fazer minha visita cheia de segundas intenções à loja de barcos, concorrente da de Rodrigo — algo que não mencionei ao delegado. Falei sobre meu revide, em legítima defesa, e a forma como o garoto empunhou a faca, pronto para me machucar seriamente, se fosse necessário. Mantive minha voz firme pelo máximo de tempo que pude e, quando ela ameaçou vacilar, a mão de Rodrigo pousou em meu ombro para me dar força. Luís me ouvia, enquanto um escrivão registrava todo o meu relato no computador, preparando o Registro de Ocorrência.

— Você poderia também nos fornecer uma descrição do atacante? Preciso registrar para que possamos buscá-lo.

— Claro... — Tentei ser o mais detalhista possível ao descrever o corpo esguio, quase esquelético, a cabeça raspada, a pele clara, as sobrancelhas juntas, o colar do Flamengo que usava no pescoço e, principalmente, a cicatriz no queixo, um traço pequeno, como de um corte.

Durante toda a minha fala, Luís ouviu com atenção e balançou a cabeça, assentindo.

— Bom trabalho, Cecília. Foram informações muito úteis.

Em seguida, depois de ele digitar tudo, duas vias do documento foram impressas. Precisei assinar as duas, e uma das laudas me foi entregue. Pensei que seria só isso, que estaria liberada para ir para casa, mas Luís ainda tinha algo a dizer.

— Você vai precisar fazer um Corpo de Delito, no IML. Vou preparar um encaminhamento também.

— Podemos fazer amanhã de manhã? — minha voz saiu em tom de súplica.

— Sim, mas o quanto antes, por favor.

Involuntariamente, olhei para Rodrigo, não porque buscasse sua aprovação, mas porque ele era meu porto seguro naquela sala, meu ponto de apoio. No momento em que ele assentiu, eu fiz o mesmo, e todos nós estávamos prestes a sair quando Luís nos chamou:

— Quase já ia me esquecendo... Rodrigo, seu avô veio aqui mais cedo e me deixou uma placa de carro para ser analisada. De um Meriva, certo?

Rodrigo virou-se na direção de Luís, largando a maçaneta que estivera segurando e entrando novamente na sala.

— Sim, o que descobriram? — Não é o tipo de notícia que eu te daria assim, mas acho que não estamos com tempo para rodeios. O caso me parece bem sério.

Rodrigo aquiesceu.

— Pode falar, Luís. É importante.

O delegado assentiu e, em seguida, ergueu a mão até a cabeça, coçando-a, como se buscasse a melhor forma de dizer o que precisava. Eu também estava começando a ficar tensa.

— Bem, Rodrigo, pegamos a informação com o Detran e descobrimos que o carro com a placa que seu avô nos forneceu pertencia a Andreia. Sua irmã.



XIII

MAR REVOLTO



RODRIGO

Dizer que aquela informação me pegou de surpresa era um puta eufemismo. A sensação que tive foi que tinham me dado um belo chute no saco sem qualquer aviso prévio. E, sem dúvidas, minha cara de panaca demonstrava isso, pois meu queixo caiu imediatamente, e eu não conseguia fechar a boca, que permaneceu escancarada, assim como meus olhos.

Mas que porra era aquela? Minha irmã nunca teve carro! Andreia sequer sabia dirigir. Nunca gostou, tinha medo e preferia usar a bicicleta como meio de transporte. Só poderia ser um engano.

— Luís, isso não faz sentido.

Bufando, mas não parecendo nem um pouco impaciente, ele pegou um papel sobre a mesa e veio em minha direção, entregando-me. Seu semblante era de puro desconforto, e eu podia entendê-lo muito bem. Sentiria-me da mesma forma se tivesse que dar uma notícia daquela magnitude.

Chequei o papel que ele me entregou e constatei que todos os dados estavam ali. O carro era realmente da minha irmã. A grande piada daquela situação era que o automóvel fora comprado algumas semanas antes de ela sofrer o acidente.

Ainda estava um pouco perdido, apenas olhando para aquele papel como se ele fosse me fornecer as respostas das quais precisava. Luís sentou-se à minha frente, e eu percebi que queria falar comigo.

— Olha, eu não sei o que está acontecendo aqui, mas não tentem me fazer de idiota. — Apontou para Cecília. — Essa menina foi atacada na praia, um carro estranho e suspeito estava parado na porta da casa dela e vocês encontraram o corpo de Solange. Tudo em uma distância de pouquíssimos dias. Podem até tentar me enganar dizendo que são meras coincidências, mas a farsa não vai durar muito tempo. Se me contarem o problema, posso ajudar na solução.

— Se contarmos, você promete nos dar um voto de confiança? Vai realmente nos ouvir sem julgar nossas conclusões? — indaguei com a cabeça erguida. Estava decidido a contar a ele. Não queria mais pôr Cecília em

perigo, e a polícia com certeza poderia acelerar as coisas. No entanto, havia uma grande chance de ele simplesmente cagar e andar para nossas teorias e continuar afirmando que eram apenas acidentes. Tudo bem que ele não era o delegado da época do acidente, porém, isso poderia não mudar nada.

— Vou te ouvir, Rodrigo. Conte tudo o que tem em mente, mas também me dê o direito de acreditar ou não — Luís recostou-se ainda mais na cadeira. Parecia se esforçar muito para encontrar uma posição relaxada, e não era para menos. O assunto, sem dúvidas, requeria uma certa dose de tensão.

E eu falei. Conteí tudo o que vinha acontecendo desde que Cecília surgira na cidade. Era estranho que sua chegada coincidisse com tantos acontecimentos significativos, mas a verdade era que fora ela que acendera a luz da dúvida em nossos corações. Fora aquele simples e-mail o responsável por desencadear tantas mudanças. Remexer no lixo acumulava ainda mais imundície, só que eu não tinha medo de me sujar.

Queria justiça, não importava o preço que custaria, contanto que as consequências afetassem apenas a mim. Uma vez que Cecília e Andreia também estavam sofrendo, eu teria que engolir meu orgulho a seco, como se fosse a porra de um caroço de pêssego entalado na garganta, e jogar a responsabilidade nas costas da polícia. Resolver tudo sozinho parecia a coisa certa, já que nada fora feito até ali pelas autoridades, porém, bancar o herói, definitivamente, não seria algo inteligente, e eu não era o tipo de cara que fazia coisas imprudentes.

Luís me ouviu, exatamente como lhe pedi que fizesse. Quando terminei de falar, ele ficou em completo silêncio, olhando para mim com o cenho franzido. Não sabia se estava me avaliando, intrigado com o que lhe falei ou apenas me considerando um completo lunático. Eu lhe concedi aquele momento, esperando com toda a paciência do mundo, embora minhas entranhas estivessem se revirando de pura ansiedade.

— Por que demorou tanto a contar tudo isso à polícia? — foi a primeira coisa que ele perguntou quando finalmente abriu a boca.

— Achei que vocês não me dariam atenção, como não deram a Solange Vieira. Até onde eu sei, ela estava certa o tempo todo.

— Solange sofria de um desequilíbrio emocional. Muitos afirmavam que era um caso de paranoia — Luís falou com convicção. — Além do mais, eu não estava aqui quando tudo aconteceu. Vocês sabem que eu era da 132ª DP, em Arraial. O responsável era o Cardoso, que nem mora mais em Solário. — Fez uma pausa. — Seja como for, algumas das coisas que me contou são muito graves. Se tudo for verdade, temos um assassino à solta.

— Algumas coisas, não, Luís. Todas são *muito* graves. Tanto minha irmã quanto Cecília têm marcas no corpo para provar o que estou dizendo.

— Será necessário um Corpo de Delito em Andreia também. Vou preparar o encaminhamento — ele disse, já começando a preencher o documento no computador.

— Não esta noite, que já está longa demais. Preciso levar Cecília para casa, para que ela possa descansar, e eu quero ficar com Andreia.

Luís balançou a cabeça em concordância.

— De qualquer forma, vou precisar que prestem um depoimento formal sobre tudo o que me contou, para que eu possa ajudá-los.

— Então ao menos acredita em nós?

— Acredito. Por mais absurda que pareça a história, eu acredito.

— Já é um bom começo. — Cumprimentei o delegado com um meneio de cabeça, e tanto eu quanto Cecília fomos guiados a sair da sala.

Encontramos Juan do lado de fora, e ele nos acompanhou até o carro, onde partimos para a casa de Zuleika. Já estava mais do que na hora de aquela noite terminar.

Deixei Cecília na porta, onde trocamos um beijo rápido. Não por falta de paixão, mas por falta de energia. Estávamos destruídos, tanto emocional quanto fisicamente, então, por mais que tivéssemos tanto a dizer, não queríamos prolongar ainda mais aquelas horas.

Depois de combinarmos que eu a buscaria cedo para levá-la ao IML, entrei no meu carro e voltei para casa, certo de que aquela história ainda estava longe de terminar.



CECÍLIA

Acordei com minha mão latejando e ardendo. A verdade era que nem queria dormir mais. Apesar de não ter tido nenhum pesadelo, meu sono foi agitado, com sonhos estranhos. Não era uma sensação nova. Conhecia os sintomas e sabia que algo estava começando a dar muito errado dentro de mim, como um mal funcionamento, um curto circuito ou algo semelhante. Nada bom.

Levantei-me da cama e logo fui até o banheiro refazer o curativo. Também aproveitei para tomar um banho e me vestir para ir ao IML com Rodrigo — uma perspectiva que não me animava em nada. Também não seria a primeira vez, é claro.

Quando ainda estava secando os cabelos, ouvi uma batida na porta. Já sabia que era Pauline sem nem precisar abrir. Imaginava que queria conversar sobre o que tinha acontecido na noite anterior, principalmente porque, quando cheguei, apenas fugi dela e me tranquei no meu quarto.

Mas não dava mais para escapar.

— Bom dia. Desculpa vir te procurar tão cedo, mas ouvi o barulho do chuveiro.

— Não, tudo bem. Já estou acordada há algum tempo. Precisa de alguma coisa?

— Queria conversar antes de sair. Tudo bem?

Eu hesitei. A verdade era que gostaria muito de dizer que não e me esquivar daquela conversa que, sem dúvidas, teria ares de sermão, mas não podia fazer aquilo com Pauline. Não quando ela fora tão legal comigo desde que cheguei.

— Claro. — Abri espaço para ela passar e entrar. Em seguida, sentou-se em minha cama, virada para mim.

— Como você está? — Foi a forma como ela decidiu iniciar a conversa. Era fácil ver a preocupação em seus olhos e sentir que estava dizendo a verdade.

— Estou bem. — Deveria ter acrescentado um “na medida do possível”, mas preferi não alimentar ainda mais o problema.

— Não tenho tanta certeza. Você acordou bem mais cedo do que o normal, o que me faz acreditar que mal dormiu. Pode continuar tentando me enganar, Cecília, mas mentir para si mesma é burrice.

Balancei a cabeça em concordância, quase ligada no automático, como uma marionete obediente. Não tinha a menor ideia do que estava fazendo.

— Não acha que o que aconteceu com você ontem é prova suficiente de que está seguindo por um caminho muito, muito errado? Agora está ferida, assustada e tem uma pessoa perigosa na sua cola. — Ela era direta. E, por mais que fosse duro, às vezes, ouvir as verdades, eu também preferia lidar com a honestidade. Não havia máscaras nem meias verdades com Pauline. Ou você a amava ou a odiava.

— Já fomos à polícia ontem. Agora, está nas mãos deles.

— Você sabe muito bem que não é exatamente assim. Que muitas vezes esses assassinos loucos são ainda mais espertos do que a polícia. Ainda mais um que conseguiu enganar a todos por tanto tempo, fazendo o acidente das meninas parecer uma obra do acaso. — Não respondi nada. Ela estava certa, sem sombra de dúvidas, mas não mudaria meus planos. Não quando fiz uma promessa a Solange.

Percebendo que não conseguiria arrancar mais nada de mim, Pauline agarrou uma das almofadas sobre a minha cama, abraçando-a contra o corpo, e soltou um suspiro bem do fundo da garganta. Logo compreendi que mudaria de assunto.

— Sua mãe tem telefonado.

E lá estava mais um assunto que eu não tinha a menor vontade de transformar em uma conversa.

— Pauline, não quero... — comecei, mas ela estendeu a mão me impedindo de continuar a falar.

— Eu sei. Só precisava passar o recado. Ontem ela parecia bem aflita.

— Ela está sempre assim. Isso se chama remorso — respondi com desdém.

— É a única mãe que você tem.

— Infelizmente. — Revirei os olhos. Sabia que estava agindo como uma criança pirracenta, mas quando o assunto era aquela mulher, eu simplesmente não conseguia agir de outra forma.

— Não fale assim. É melhor ter uma mãe como a Dulce do que não ter nenhuma. Digo por experiência própria.

Aquele foi um dos piores socos que recebi em toda a minha existência. Pauline perdera a mãe muito nova, e seu relacionamento com o pai era tão bom quanto o meu com D. Dulce. Ah, e por falar em progenitor, eu provavelmente devia ter um por aí, mas não fazia ideia de quem era. Minha mãe, quando jovem, saía com mais homens ao mesmo tempo do que eu poderia contar usando os dedos das mãos, e um deles era o sortudo que havia colocado uma filha no mundo.

A minha mãe e a de Pauline não eram exatamente boas amigas, então suas filhas foram proibidas de conviver. Eu sempre quis entender o motivo, embora ele nunca me tenha sido explicado. Talvez fosse hora de entender.

— Olha, Pauline, me desculpe de verdade pelo que falei. Não tive a intenção de...

— Não, tudo bem. Eu sei. — Pauline me interrompeu com um sorriso discreto no rosto.

— Agora... me conta uma coisa... Por que nossas mães não se davam bem? Pauline se remexeu sobre a cama, parecendo desconfortável.

— Não sei se eu seria a pessoa certa para te contar isso. Por que não pergunta à Dulce?

— Porque ela me contaria a versão *dela* da história. E eu quero a verdade.

Minha prima permaneceu em silêncio, apenas me observando, parecendo ponderar se deveria ou não me contar o que eu havia perguntado.

— Eu não quero causar mais atrito entre você e sua mãe.

— Não vai. Sei que ela queria me abortar e que nunca me desejou. Sei que me deixou aqui em Solário por vários anos, morando com vovó, porque não queria o fardo de uma filha para atrapalhar sua vida. Ela se formou, arrumou um emprego e só depois veio me buscar, mas eu preferia que tivesse me deixado aqui. Nosso relacionamento nunca foi bom. Me largava com

qualquer um para poder sair à noite, e eu apanhei muito das amigas loucas dela, de vizinhos e babás que ela contratava. Depois, conforme fui crescendo, as coisas ficaram cada vez piores. Ela nunca teve paciência e sempre me julgou, me humilhou e deixava bem claro que eu era um estorvo. A melhor fase foi quando arrumei um emprego. O salário não era grande coisa, mas pude dividir um aluguel com uma amiga.

Não fazia a menor ideia do porquê de eu ter derramado todas aquelas merdas sobre Pauline. Foi um desabafo completamente inconsciente, algo que escapou por entre meus lábios como em um exorcismo. Não planejava falar tanto, porque não queria parecer a vítima, mas abri meu coração sem pensar nas consequências.

Por mais que eu acreditasse que aquelas coisas não poderiam mais me ferir, as lembranças chegaram arrombando a porta, erguendo-se do túmulo que criei para elas dentro do cemitério da minha mente. Esperava que permanecessem enterradas junto com outras — até piores do que aquelas —, mas só era preciso cavar um pouco a sepultura para que os fantasmas se erguessem e escapassem, prontos para me assombrar. Uma vez livres, eles simplesmente se espalhavam e se recusavam a retornar para onde nunca deveriam ter saído.

Quando voltei meus olhos para minha prima, ela estava chorando. Sem dizer nada, me puxou para seus braços, me apertando entre eles. Por mais que estivesse precisando muito daquele contato, praguejei mentalmente, porque sabia que me enfraqueceria, evidenciaria minhas vulnerabilidades. Também derramei algumas lágrimas, segurando a onda como pude.

Depois que nos afastamos, eu disse:

— Agora você compreende que nada do que possa dizer a respeito de minha mãe vai piorar a imagem que tenho dela?

Pauline fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem, eu vou contar. — Ela fez uma pausa para enxugar as lágrimas. — Sua mãe foi a causa da separação dos meus pais.

— Como assim? — Arregalei os olhos. E nem sei por que fiquei tão surpresa, já que era bem típico dela fazer aquele tipo de coisa.

— Ela seduziu meu pai. A verdade é que Dulce sempre quis todos os homens aos seus pés. Ao menos era o que minha mãe sempre dizia.

— Com certeza isso é verdade — falei, sem a menor dúvida.

— Não posso dizer que meu pai foi santo, porque ele caiu na rede, mas ela agiu tão baixo que fez de tudo para minha mãe descobrir.

— Meu Deus, que coisa horrível! — Levei uma das mãos à boca para conter meu espanto. — E foi isso que afetou o relacionamento entre você e o seu pai?

— Mais ou menos. Minha mãe acabou nos afastando, e ele também não fez muita questão de lutar por mim. Mora na Europa e tem outra família. Ainda bem que vovó me amparou depois do câncer da mamãe. — Ela respirou profundamente, tentando recuperar o fôlego. — Temos duas histórias de vida que dariam uma bela novela mexicana, você não acha? — Pauline tentou amenizar o clima, e eu não pude deixar de rir. Ainda bem que ela sabia lidar com aquele tipo de coisa com bom humor.

— Você entende agora o porquê de eu não querer falar com ela?

— Entendo, mas ainda acho que pode se arrepender.

— Acho que eu me arrependeria muito mais se a aceitasse outra vez na minha vida.

— Talvez ela esteja buscando uma reconciliação. Nunca se sabe. As pessoas podem mudar. — Deu de ombros.

— Podem, mas o passado continua lá, marcado. Tenho certeza de que estou errada, que guardar rancor não é a melhor opção, mas ainda não estou pronta para perdoar.

Pauline respirou fundo, olhando fixamente para mim. Não parecia me julgar nem condenar, apenas balançava a cabeça, respeitando minha decisão. Antes que pudéssemos dizer qualquer outra coisa, ouvi uma buzina e soube que era Rodrigo. Pauline também entendeu e se levantou.

— Vou deixar que você termine de se arrumar. — Ela começou a se dirigir à porta para sair do quarto, porém deteve-se e voltou-se para mim. — Olha, eu estou aqui, tá? Para qualquer coisa que precisar. Sei que ainda tem muita

coisa presa nesse seu coração que você ainda não libertou. Quero que sejamos amigas.

— Já somos.

Com um sorriso no rosto, ela finalmente se retirou.

Sozinha, e também me sentindo mais leve depois daquela conversa, terminei de me arrumar. Desci e me encontrei com Rodrigo, feliz por ele estar comigo em mais um momento difícil.

Chegamos ao pequeno IML de Solário, e eu fui encaminhada a um dos legistas. Já conhecia os procedimentos, porque não era a primeira vez que fazia um exame daquele tipo. Sabia que o médico precisava avaliar a gravidade dos danos físicos e psicológicos que o rapaz na praia havia me causado. Era algo invasivo, mas necessário.

O médico avaliou meu ferimento, chegando a apontar o tipo de arma utilizada, perguntando se fora um canivete suíço. Como eu não tinha muita noção, acabei respondendo que sim, balançando a cabeça. Ele também avaliou a extensão do corte e me perguntou como fora feito. Expliquei que tentei me defender, porque o bandido ameaçou cortar meu rosto, mas acabou acertando minha mão. Ele analisou outras partes do meu corpo e encontrou mais alguns ferimentos leves no joelho, cotovelos e braços, de quando o agressor me derrubou na areia.

Claro que encontrou marcas mais antigas, que teimavam em não desaparecer, e chegou a perguntar sobre elas, mas fui evasiva e respondi que não tinham nada a ver com a noite passada. Depois de mais algumas anotações, ele me liberou, com o laudo pronto para ser entregue à polícia, algo que Rodrigo faria, já que prestaria seu depoimento formal sobre tudo o que conversaram.

Na porta da loja da minha avó, Rodrigo desligou o motor do carro, se recostou ainda mais no banco e virou-se na minha direção, dando a entender que queria dizer alguma coisa antes que eu saltasse. Deixei, então, que falasse.

— Ontem não tivemos a oportunidade de conversar com calma, mas sei que nada disso tem sido fácil. Como você está? — Seus dedos se enroscavam preguiçosamente nos meus cabelos, acariciando-os.

— Estou bem. Quando cheguei aqui em Solário, minha ideia era ficar o mais longe possível de encrencas e tentar me curar com um pouco de paz. Acho que não estou atingindo meu objetivo. — Por mais que fosse um desabafo, tentei com todas as forças não transparecer que estava triste ou preocupada, porque não queria que Rodrigo se sentisse culpado. Porém, por mais que tenha falado em um tom divertido, pude perceber que ele murchou. Exatamente o que eu não queria.

— Eu não deveria ter te puxado para tudo isso... — Antes que pudesse terminar a frase, peguei sua mão na minha e o impedi de falar algo mais.

— Não diga besteiras. Eu entrei nessa porque quis. Porque me senti envolvida, já que Karine decidiu me enviar um e-mail antes de morrer. Ninguém procura uma amiga de infância, com quem não tem mais nenhum contato, se não estiver precisando muito. Acho, sinceramente, que ela tinha mais a dizer, mas não teve tempo.

— Talvez, se tivesse conseguido falar mais alguma coisa, você acabasse chegando ao nome de quem a matou.

— Talvez... — respondi, quase divagando, e apenas respirei bem fundo. — Preciso entrar agora. — Dei-lhe um beijo rápido e cheguei a saltar do carro, mas antes que pudesse entrar na loja, Rodrigo veio em minha direção, meu braço foi agarrado, e eu fui puxada contra o corpo dele. Minha cintura foi enlaçada por um braço musculoso e possessivo, que decidiu me manter bem próxima. Rapidamente perdi o fôlego e não parecia nem perto de recuperá-lo, uma vez que nossos lábios estavam tão próximos.

— Não vou deixar que se afaste de mim dessa forma, baby. Não sem um beijo realmente decente.

Não tive tempo de responder coisa alguma, porque ele me beijou antes que minha cabeça conseguisse processar qualquer ideia coerente. E foi um *daqueles* beijos... aqueles que apenas Rodrigo era capaz de dar. Aqueles que faziam meu corpo gritar e minhas pernas virarem massinha de modelar. Era o tipo de coisa que fazia tudo valer a pena. Era como se a vida inteira existisse para vivermos momentos assim. Uma prova de que toda a tristeza seria devidamente compensada no final das contas.

Quando nos afastamos, embora os problemas ainda existissem, eu me sentia renovada. Um dia após o outro. Sempre.



RODRIGO

Depois de passar na delegacia para prestar depoimento e deixar o laudo do Corpo de Delito feito por Cecília, fui trabalhar. Luís me perguntou pelo exame de Andreia, e eu precisei sair pela tangente, porque não poderia lhe contar a verdade. Como explicar ao delegado que eu não queria levar minha irmã ao IML sem pedir sua autorização, sendo que ninguém sabia que eu podia falar com ela? E como explicar, também, que tentei falar com ela naquela manhã, mas não obtive resposta? Que havia me ignorado exatamente quando mais precisava lhe fazer algumas perguntas? Cada vez mais tinha a certeza de que estava me escondendo algo.

Tentando não pensar nisso, fui à loja, decidido a cair dentro do trabalho para entorpecer meus pensamentos. Não esperava, porém, que daria de cara com Juan por lá. Assim que me viu, levantou-se do sofá de espera, demonstrando que era comigo que queria falar.

Cumprimentei as pessoas da loja e só depois me dirigi a ele. Poderia ter lhe dado um chá de cadeira maior, mas algo me dizia que estava ali para um assunto do meu interesse.

— Podemos conversar? — ele perguntou assim me aproximei, e eu fiquei satisfeito em perceber que também não estava disposto a perder tempo com rodeios.

Balancei a cabeça em resposta, apontando os fundos da loja, indicando onde poderíamos encontrar mais privacidade. Fomos, então, os dois até lá. Assim que fechei a porta atrás de mim e nos vimos sozinhos, tentei apressar as coisas.

— Pode falar, Juan. Qual é o problema?

— Cara... antes de te dizer o que tenho para falar, quero que prometa que não vai fazer nada estúpido.

— Como assim? — Dei um passo à frente, preocupado com o que ele estava prestes a me contar. — Não posso prometer nada sem saber o que é.

— Só me diga que não vai perder a calma.

— Vou tentar, mas dá para falar logo? Estou começando a ficar puto.

Juan se jogou sobre uma cadeira, como se a notícia fosse realmente bombástica demais e ele sequer conseguisse se manter de pé.

— Eu sei quem é o cara que atacou Cecília — afirmou com cuidado, sabendo que a informação me afetaria.

— Como é que é?

— Eu sei quem ele é. Se chama Wesley Souza e é filho da moça que trabalhava para os meus pais. Essa mulher morreu tem uns três anos, e eu fiquei sabendo que ele caiu no mundo do crime.

— E como Luís não o conhece?

— O Luís estava estudando no Rio na época em que essa mulher trabalhou para nós. Foi um desencontro. — Fez uma pausa e acrescentou: — E tem mais. Acho que sei como encontrá-lo. Conheço alguns de seus hábitos, pelo que a mãe dele nos contava. Se não mudou, acho que não vai ser difícil pegá-lo.

— Então vamos falar com Luís. Vamos colocar esse cara atrás das grades — sugeri com entusiasmo.

— Eu ainda não falei com meu irmão, porque queria te consultar primeiro. Se quiser, podemos pegá-lo e ter uma conversa particular com ele antes de levá-lo à polícia.

Claro que eu compreendi o que ele queria dizer. Juan pretendia pegar o cara e levá-lo para algum lugar para cuidarmos dele como bem entendêssemos. Puta merda, aquela era uma ideia que me seduzia e *muito*. Eu adoraria colocar minhas mãos naquele filho da puta e enchê-lo de porrada pelo que tinha feito com Cecília. Queria mais do que tudo. Só que era perigoso.

— Como tem certeza de que é o mesmo cara? — insisti, preocupado.

— A cicatriz. Ele sempre teve. Na época, me explicou que caiu de bicicleta e teve que levar cinco pontos no queixo. Não sei se a história é verdadeira, mas esse detalhe valeu para que eu o reconhecesse. — Ainda assim, eu não parecia convencido.

— Se pegarmos o cara errado, estamos fodidos.

— Sei que é ele, Rodrigo. A descrição que Cecília deu bate. E acho que te devo isso por tudo o que aconteceu entre nós.

A violência nunca foi o meu forte. Embora eu soubesse muito bem usar meus punhos e fosse bom de briga, principalmente por causa do meu tamanho, eu evitava ao máximo. Porém, não era mais a mesma pessoa. Havia muito pouco dentro de mim que lembrasse o velho Rodrigo. Naquele momento, eu era uma pessoa completamente diferente. Era alguém que desejava justiça e que precisava fazer o que fosse para defender as pessoas que amava. Aquele verme tinha ferido minha garota. Eu não poderia permitir que apenas fosse levado à prisão. Merecia sofrer um pouco mais.

— O que me diz, Rodrigo? O que quer fazer? — Juan me tirou do devaneio.

— Quero ter uma conversinha pessoal com esse cara. Devo isso a Cecília.

— Hoje à noite, então?

— Hoje à noite.



XIV

ROCHEDOS



CECÍLIA

Estava prestes a fazer algo muito feio. A verdade era que tudo o que eu queria era fugir de Rodrigo. Não que não desejasse sua companhia, mas não queria testemunhas. Muito menos ele. Saí para almoçar mais cedo, exatamente para não correr o risco de encontrá-lo. Sendo assim, sentei-me na areia, bem de frente para o mar — exatamente como naquela vez em que comemos juntos —, e tirei do meu bolso a carta de Karine que encontrei em meio às coisas de Andreia.

Antes de abri-la, me peguei brincando com o papel por entre os dedos, ainda dobrado, simplesmente porque não sabia se seria uma boa ideia ler o que continha ali. Era uma mensagem privada, algo que não me pertencia, e eu sabia que era um crime. Apesar de tudo, aquele simples ato poderia significar minha segurança. E, afinal, o que valia mais? Minha integridade física ou minha consciência limpa?

Permiti a mim mesma mais alguns instantes de hesitação. Era a minha hora de almoço, mas não sentia fome, estava com o estômago embrulhado por causa do nervosismo. Voltei meus olhos para o mar, como tinha feito tantas vezes desde que chegara a Solário, buscando orientação e consolo. O dia estava nublado, cheio de nuvens carregadas, que muito combinavam com as emoções que preenchiam meu coração. As ondas dançavam em seu vai e vem sem fim, um movimento que quase sempre me acalmava, mas não daquela vez. A dúvida doía em meu peito muito mais do que o ferimento em minha mão, e nada, nem mesmo a beleza daquela praia, poderia mudar isso.

Contudo, não havia mais tempo para hesitações, eu precisava fazer uma escolha o quanto antes. E, se pensasse por mais tempo, acabaria desistindo, o que não era uma opção.

Finalmente abri o papel e me deparei com as palavras de Karine, a mesma menina que conheci na mais tenra infância e que me pediu ajuda pouco antes de morrer. De alguma forma, ela queria que eu conhecesse toda a história, portanto, eu lhe devia isso.

A carta datava de dezembro de 2014, sendo que ela havia morrido pouquíssimo tempo depois. Além disso, suas palavras explicavam muitas

coisas.

Andreia,

Queria poder iniciar esta carta com um “querida”, mas acho que não combinaria com o resto das coisas que tenho para dizer. E para começar, acho que te devo uma explicação do porquê de estar me dando ao trabalho de te escrever a mão, quando temos tantos outros recursos disponíveis, muito mais práticos. A verdade é que essa carta tem um teor de desabafo, e eu precisava redigi-la, vomitar essas frases em papel e caneta, caligrafadas, pois tenho a impressão de que só assim poderei arrancar toda a mágoa que levo no peito.

Você enganou e ainda engana a todos, todos os dias. Assumiu o papel da garota perfeita da cidade, mas as pessoas deveriam conhecer sua verdadeira façanha. Acreditei em você e só tive decepções. Acreditei nessa imagem de boa moça, cheia de virtudes, mas o que fez comigo não tem perdão.

Você roubou tudo de mim. Desde o cara que eu amava até os amigos aos quais te apresentei. Havia um vazio em meu coração que foi preenchido quando você chegou a Solário. Eu tinha perdido uma amiga querida, ainda na infância, e nossas afinidades foram instantâneas. Tanto que acreditei que nos tornaríamos inseparáveis.

Se eu for muito sincera, vou te confessar que sempre fui muito boba com amizades. Sempre me deixei levar pelo meu coração, esquecendo a razão de lado. Não foi diferente no nosso caso. Acabei perdendo todos os deslizes, todas as vezes em que falhou comigo, só que o perdão é um bem perecível, e cada vez que relevamos um deslize, entramos em uma contagem regressiva. Quando a cota acaba, nem sempre o amor se extingue junto. Eu ainda te amo, mas não posso mais te perdoar. Não quando você me traiu da pior forma.

Não estou aqui para lembrar tudo o que aconteceu, porque você sabe exatamente do que estou falando. E também não espero tocar seu coração com o que escrevo aqui, porque finalmente aprendi que você não é esse tipo de pessoa. Talvez tenha sido algum dia, mas as coisas mudaram. Sendo assim, minha intenção é apenas ter a certeza de que nunca te faltei com a verdade e dizer tudo o que sinto, afinal, guardar esse tipo de mágoa é como andar com uma bomba relógio pendurada no pescoço. Em algum momento ela irá explodir, e a prejudicada serei apenas eu.

Não pense que o que vou dizer agora é hipocrisia: eu realmente quero que seja feliz. Mesmo que tenha escolhido este caminho e decidido encontrar sua felicidade à custa da minha, espero que consiga a paz que sempre buscou. Eu também vou lutar pelo mesmo, porém, sem duas das pessoas que eu mais amava no mundo.

Karine se despediu logo em seguida, mas sem nenhuma palavra de carinho. Era uma carta realmente cheia de mágoa, que respondia a algumas poucas perguntas, embora não possuísse nenhum nome ou detalhes da verdadeira briga entre as duas. Realmente houvera um pivô, um homem que as separara. Alguém que, sem dúvidas, estava por trás de todas aquelas ameaças, ataques, sequestros e medo. Não pude deixar de imaginar se a amiga que ela havia perdido na infância seria eu. Era bem provável que fosse, o que só me deixava com ainda mais remorso.

Na carta ficava bem claro que Karine era uma garota carente, que se apegava demais às pessoas. Exatamente por isso, ela sentira muito mais a minha ausência. Não que não tivesse me feito falta. Claro que fizera, contudo, eu rapidamente encontrei novos amigos, ainda mais em uma cidade grande e em uma nova escola. Saber o quanto ela sofreu fazia com que eu me sentisse uma pessoa horrível.

Uma outra dúvida que me consumia era: por que raios Andreia havia guardado uma carta tão cheia de rancor? Por que não a jogara no lixo? Quais outros segredos estavam costurados às entrelinhas daquela história?

Compreendi que precisava afastar aquele pensamento e me focar no outro elemento que tinha roubado do quarto de Andreia. A fotografia. Por mais que odiasse usar a palavra “roubar”, infelizmente era a mais apropriada para o que eu tinha feito. E esse pensamento me levava a outro: Rodrigo me odiaria quando descobrisse. Ele poderia nunca descobrir, é claro, no entanto, seria eu capaz de continuar um relacionamento com ele ocultando uma verdade tão significativa?

Não era mais hora para lamentos e arrependimentos. O mal já fora feito, não havia como voltar atrás. Peguei a foto nas minhas mãos e tentei analisá-la com mais cuidado do que na primeira vez em que a olhei na casa de Rodrigo, quando podia ser pega. Como já havia visto antes, tratavam-se de duas mãos, uma masculina e outra feminina, entrelaçadas, numa cena bem romântica. Prestei bastante atenção em todos os detalhes, e o único que me chamou a atenção foi um sinal bem discreto de nascença no pulso do rapaz. Uma pinta escura, que contrastava com sua pele branca, e que tinha um formato de gota, embora um pouco deformada.

Precisava encontrar uma forma de contar a Rodrigo sobre aquele detalhe tão pequeno, mas que poderia fazer toda a diferença.

Só precisava criar coragem. Talvez naquela noite, quando nos encontrássemos. Talvez...



CECÍLIA

Voltei para a loja um pouco depois, embora não tenha almoçado. Fiquei apenas sentada na areia observando o mar e tentando colocar meus pensamentos no lugar, como se eles fossem simples peças de um jogo de tetrís. Encontrei minha avó sozinha na loja, e não saberia dizer se fiquei satisfeita ou preocupada pelo fato de termos a oportunidade de conversarmos.

Quando saí de casa, depois de minha conversa com Pauline, antes de fazer o exame no IML, nós não chegamos a nos esbarrar. Assim, quando ela viu o curativo na minha mão, arregalou os olhos, mas não pôde fazer perguntas porque havia muitos clientes. E como eles não pararam de aparecer até a hora do almoço, ela mal teve tempo de falar comigo. Naquele instante, não haveria mais escapatória.

No exato momento em que passei pela porta, fazendo o mensageiro dos ventos soar anunciando minha chegada, D. Zuleika ergueu os olhos e, imediatamente, parou tudo o que estava fazendo para focar sua total atenção em mim. Pela forma como franziu o cenho e pelas rugas que se formaram em sua testa, não havia dúvidas de qual assunto estava prestes a abordar. Principalmente porque seus olhos se dirigiram para a minha mão na mesma hora.

— Vai me explicar o que aconteceu, mocinha? E nem adianta tentar me convencer de que teve algo a ver com ser desastrada, ou algum acidente na cozinha.

— Mas e se essa for a verdade? — Ergui uma sobrancelha desafiadora apenas para tentar fazer com que o clima não ficasse pesado demais.

— Nós duas sabemos que não é — falou como se eu fosse uma criança malcriada, passando um daqueles sermões que apenas avós pacientes são capazes de dar. Colocou até a mão na cintura. Em qualquer outra situação, eu teria achado graça. — Omar comentou comigo que você e Rodrigo estão se envolvendo em coisas que não deveriam, coisas perigosas que têm a ver com a polícia.

— Não sabia que Omar tinha tendência a fazer fofocas — brinquei, tentando desconstrair, enquanto arrumava algumas mercadorias que estavam sobre o balcão, sem dar muita importância ao assunto para não gerar ainda

mais alarde. Contudo, D. Zuleika não pareceu gostar nada do meu comentário, que deveria ter sido espirituoso.

— Não falte ao respeito com ele, garota. Omar está querendo me alertar, porque se depender de você, eu vou ser sempre a última a saber de tudo — falou em um tom severo, mas logo pareceu se arrepender, porque o abrandou sem demora. — Querida — ela se aproximou de mim com calma, pegando a minha mão —, você realmente acha prudente se envolver assim em tantos problemas? Ainda mais depois do que passou?

— Está tudo bem, vó.

D. Zuleika suspirou, dando-se por vencida.

— Sei que você é maior de idade e que não posso me meter na sua vida, principalmente porque não sou sua mãe.

— Mãe? Ah, vó, fala sério! Você tem muito mais direito de me dar conselhos do que a minha mãe. Aliás, não quero, de forma alguma, trazê-la para esta conversa.

— Não seja rancorosa, Cecília. Deus nos ensinou a perdoar.

— Deus também deve ter ensinado os pais a respeitarem e amarem os filhos. — Eu não queria ser grosseira com a minha avó, mas não conseguia evitar ficar alterada quando minha mãe era o assunto principal. — Além do mais, Pauline já veio com um papo desses hoje mais cedo. Não quero falar mais sobre isso.

— E sobre Rodrigo, você quer falar? — Daquela vez, eu não soube interpretar quais eram suas intenções.

— O que tem ele?

— Nada, querida. Só quero saber se é sério ou apenas diversão. Porque acho, sinceramente, que nenhum de vocês dois merece ter um coração partido.

— Gostamos de estar um com o outro, só isso — simplifiquei.

— Então, se você pensa assim, acho que já tem algo errado. Pelo que Omar me falou, Rodrigo está bem envolvido.

Quase abri um sorriso ao ouvir aquela constatação, mas me controlei, afinal, não era a garota boba e apaixonada; era madura e racional, alguém que

estava reaprendendo a viver, experimentando um relacionamento despretenso com um cara muito lindo, que beijava como um profissional e que me queria bem. Só isso.

— Fique tranquila, vó. Rodrigo e eu estamos na mesma sintonia. Ele não vai me magoar — falei com convicção.

— Por mais que também esteja preocupada com você, pois sei que já passou por coisas bem ruins, conheço a neta que tenho. Você é forte, menina, já sobreviveu a coisas piores, saberia lidar com um coração partido, mas aquele garoto já perdeu pessoas demais na vida. Sei que sofre até hoje por cada uma das perdas, porque o conheço muito bem, embora, é claro, você tenha mais *intimidade* com ele.

Era difícil não entender a conotação sexual na frase, principalmente com a ênfase dada à palavra “intimidade”. Onde estavam as avós fofinhas, que faziam tricô e tortas de maçã, que tinham cabelos brancos e falavam sobre a novela ou sobre histórias da família? A minha não se encaixava nesse estereótipo pré-fabricado e antiquado. D. Zuleika usava seus cabelos pintados de vermelho berrante, quase como se quisesse enfatizar suas origens irlandesas — que me proporcionaram minhas madeixas ruivas. Não era exatamente hábil ao pilotar um fogão, apesar de fazer uns biscoitos deliciosos, e, aparentemente, conversava sobre sexo abertamente. Eu a amava mais do que poderia expressar.

Coloquei os dois braços ao redor dos ombros dela e lhe lancei um olhar desafiador.

— E quem foi que disse que eu já tive intimidades com Rodrigo?

Imediatamente, D. Zuleika corou, e seu rosto adquiriu um gracioso tom rosado.

— Ah, minha filha... Se eu fosse uns cinquenta anos mais moça e um rapaz bonito como Rodrigo aparecesse na minha vida, eu com certeza aproveitaria muito aquele corpão.

— D. Zuleika! — exclamei em um tom de falsa repreensão, fazendo minha avó ficar ainda mais constrangida. — Não sei se estou preparada para falar sobre sexo com você.

— Por que não? Saiba que eu também faço, viu? Ou acha que só porque estou velha estou morta para essas coisas?

— De forma alguma. Ainda mais se o talento for de família, sem dúvidas estamos muito bem servidas!

Ela gargalhou com o comentário, mas logo ficou um pouco mais séria.

— Querida, você sempre pode falar de tudo comigo, não importa o assunto. Sei que você ainda é muito fechada a respeito de algumas coisas, mas estou aqui. Sempre estarei.

Engoli em seco e franzi o cenho em uma expressão de desolação que não queria transparecer.

— Me desculpe por trazer isso à tona, mas quero que nunca se esqueça de que há pessoas ao seu lado. Que jamais estará sozinha.

— Sei disso — respondi bem baixinho, como se minhas palavras estivessem presas e eu precisasse lutar para desgrudá-las das lágrimas que tentava reprimir.

Ela se aproximou ainda mais e depositou um beijo carinhoso no meu rosto, afastando-se em seguida para atender a um cliente que acabara de chegar. Enquanto isso, eu tentava com todas as forças não demonstrar o quanto minhas emoções estavam destruídas.



RODRIGO

Era como se eu pudesse ouvir o som dos milhares de trovões que ressoavam em minha cabeça. Meus nervos estavam em frangalhos, estraçalhados, em guerra. Passei praticamente o dia inteiro trancado no escritório administrativo da loja, porque não conseguiria, de jeito algum, atender ao público da forma como me encontrava. Meus pés não paravam de me carregar de um lado para o outro, inquietos, enfeitiçados e condenados a se movimentarem em círculos sem parar.

Eu não fazia ideia do motivo pelo qual não conseguia me aquietar. Na verdade eu até sabia, mas não compreendia se o problema era a minha ansiedade para dar umas belas porradas no filho da puta que machucou Cecília ou se toda essa inquietude vinha da minha consciência pesada. Considerava-me um merda por estar tão animado com a possibilidade de ferir alguém, de agir com tamanha violência. Aquela não era a minha natureza, era algo que não fazia parte da minha filosofia.

Contei cada minuto até que a loja foi fechada e eu fui deixado sozinho. Sabia que Juan não demoraria a chegar, então, esperei, sentindo a demora quase como um incômodo físico.

Quando ele me ligou, avisando de forma discreta que estava do lado de fora me aguardando, eu saí, ainda com a dúvida em meu coração. Fizemos tudo com o máximo de silêncio possível, como se qualquer pessoa ao nosso redor fosse capaz de presumir quais eram nossos planos e nossas atitudes nos denunciassessem. Até mesmo no refúgio e na escuridão do carro ficamos calados, enquanto Juan dirigia.

Eu não fazia ideia de para onde estávamos indo, mas ele parecia saber exatamente o local onde encontraríamos a pessoa por quem procurávamos. Não conhecia aquele caminho, mas tinha plena certeza de que íamos sair de Solário, ou ao menos cruzar a fronteira com a cidade vizinha. Demoramos pelo menos meia hora, ou mais, para chegarmos ao nosso destino.

Ao alcançarmos o local, Juan abriu o bagageiro do carro, tirando de lá uma bolsa preta e jogando-a no ombro. Sem dizer nada, tomou a dianteira, guiando-me por uma rua estreita e escura, onde nem uma viva alma passava. Conforme caminhava, virou-se na minha direção e gesticulou para que eu

ficasse em silêncio. Tudo aquilo me parecia muito estranho, só que não estava mais em tempo de desistir.

Chegamos a um ponto da rua onde dava para ver que alguém nos esperava. Senti meu sangue gelar imediatamente, pois não tive dúvidas de que tudo aquilo ainda estava prestes a piorar. Juan virou-se para mim, sinalizando que eu deveria ficar bem quieto. Apesar de não concordar, acatei o pedido — ou ordem, não sei — e apenas observei o que ele fazia. Meu companheiro também pediu que esperasse onde estava, então, presumi que tomaria a dianteira.

Só não esperava ver o que vi.

Juan e eu costumávamos ter um bom relacionamento. Costumava até pensar que éramos amigos, mas aquela impressão logo passou depois que Andreia se acidentou e eu percebi que não possuía amizades de verdade. Exatamente por isso, não poderia dizer que o conhecia, pois aprendi a duras penas que confiança é um presente raro que devemos dar apenas àqueles que realmente merecem.

Contudo, o rapaz calmo e pacato que eu conhecia não combinava em nada com a cena que via à minha frente. Testemunhei Juan dar uma porrada na cabeça de alguém com muita força, a ponto fazê-lo desmaiar. Sem qualquer cerimônia, como se fosse algo absurdamente corriqueiro, ele se abaixou, pousou a mochila no chão, abriu-a e tirou de lá alguns pedaços de corda, que usou para amarrar a criatura inconsciente.

— Mas o que é isso? — indaguei, atônito.

— Esse aqui é o nosso cara. Vou precisar da sua ajuda para levá-lo até o carro.

Continuei parado, imóvel, porque simplesmente não conseguia me mexer.

— Porra, Rodrigo! Não fica aí parado e vem me ajudar! Ninguém pode nos ver!

— Cara, eu não estou gostando nada disso. Como você sabia que esse garoto estaria aqui?

— Marquei um encontro aqui. Eu o encontrei em um dos lugares que sempre frequentou. Dei a entender que precisava de um servicinho, e ele veio — Juan ainda mexia no cara desmaiado.

— Puta que pariu, cara! Isso foi podre.

— Podre foi o que ele fez com Cecília. Você não acha, não?

Claro que eu achava. E com certeza ele tinha razão, ao menos em partes. Deveria ser eu a estar alucinado de raiva, desesperado para dar uma lição naquele merdinha, mas ainda achava tudo aquilo muito, muito errado.

Apesar de estar agindo totalmente contra a minha consciência, saí da inércia e ajudei Juan em sua tarefa. Peguei os pés do garoto, enquanto ele o segurou por debaixo dos braços, e juntos o levantamos, carregando-o até o carro.

Juan largou sua carga no chão, por tempo suficiente para abrir o portamalas, e depois jogou o rapaz lá dentro, sem nenhum cuidado. Ainda sem dizer nada, meu companheiro daquela noite se encaminhou para o lado do motorista e entrou no veículo, preparando-se para sair dali. Fiz o mesmo, seguindo até a porta do passageiro.

— Será que podemos usar os fundos da sua loja para conversarmos com esse cara? — Juan perguntou sem me encarar. Parecia envergonhado pelo que tinha acabado de fazer, mas não demonstrava disposição para desistir.

— Juan, eu não sei...

— Mas que merda, Rodrigo! Você também concordou com isso. Por que agora está com essa cara de espanto? Queria que fizéssemos o quê? Convidássemos o merdinha para jantar? Parece que eu que sou o monstro aqui!

Sim, ele estava certo. A ideia podia não ter sido minha, assim como a execução, mas eu não havia chegado até ali sem saber o que aconteceria. Não deveria ser uma surpresa. Além disso, havia Cecília naquela história e tudo pelo que ela tinha passado. Pensar naquilo permitiu que eu me esquecesse de minhas convicções e me entregasse à escuridão que se formava dentro de mim.

— Tudo bem, Juan. Vamos levá-lo para a loja.

Eu não fazia ideia do motivo, mas algo me dizia que aquela frase me traria mais problemas do que eu poderia imaginar.



RODRIGO

O moleque era jovem. Jovem *demais*. Devia ter pouco mais de dezoito, dezenove anos. Isso me inspirava certa pena, além de um grande senso de responsabilidade. Se eu perdesse o controle, não sei o que aconteceria. Era franzino e parecia muito pacífico e indefeso, preso à cadeira, bem no meio do estoque da loja, onde acendemos apenas uma luz de luminária bem baixa e precária, que mal iluminava o que precisávamos ver.

Eu simplesmente não conseguia me sentar. Se decidisse relaxar ou descansar, com certeza acabaria me arrependendo e desistindo. Precisava me manter pilhado e com a cena de Cecília ferida em minha mente. Aquele pivete, por mais jovem que pudesse ser, não *podia* ficar em liberdade. Não quando o assassino também estava. Era uma escolha bem óbvia, embora houvesse uma opção muito melhor: entregar o bandido à polícia.

Levou umas duas horas, desde que chegamos, para ele se remexer na cadeira e emitir alguns sons de grunhidos por trás da mordaça. Tudo era surreal demais. Eu quase me sentia como se estivesse em um mundo paralelo, um universo que não me pertencia. Naquele momento, entretanto, eu precisaria ir até o fim.

O rapaz demorou a despertar por completo, mas, quando o fez, começou a se debater furiosamente e a soltar gritos abafados. Ao perceber tal movimentação, Juan levantou-se e foi até ele. Sua expressão era amedrontadora, algo que eu nunca havia visto.

— Você nem sabe por que está aqui, não é? Já fez tantas merdas na vida que mal deve se lembrar. — Deu um tapa bem violento no garoto, assumindo o espetáculo. O prisioneiro murmurou alguma coisa, com olhos assustados, e Juan se aproximou um pouco mais. — Se eu tirar a mordaça, você promete ficar quieto?

A resposta foi um balançar de cabeça quase frenético, enquanto olhos arregalados se voltaram para mim, como se eu pudesse ser um salvador naquele momento.

Juan fez o que prometera e desamarrou o tecido que mantinha o rapaz calado.

— O que *tá* acontecendo? — ele perguntou, muito apavorado.

— Você deve achar que pode fazer as coisas e simplesmente sair impune, não é? Acha que vai se safar sempre, sem consequências? Tenho certeza de que sabe muito bem que não é inocente — Juan continuou, e eu apenas me aproximei.

— Foi você que machucou minha namorada — falei, finalmente. — Na praia, na noite passada. Você a cortou.

— Não. Não fui eu...

Juan deu outro tapa no moleque. Um que ressoou por todo o ambiente.

— Se mentir vai ser pior. Não estamos aqui para conversar como amigos. Queremos a verdade.

— Mas... mas... você me conhece, Juan — argumentou, reconhecendo meu parceiro.

— Exatamente por isso sei muito bem com quem estou lidando. O problema é que você deixou nós dois bem putos machucando a garota, Wesley. Acho que deveria começar a falar a verdade ou vai sair daqui bem machucado.

Juan parecia um profissional naquele jogo. Eu mal o reconhecia. Ou talvez ele nunca tenha sido o cara pacífico que um dia imaginei que fosse.

— Olha — o tal de Wesley se voltou para mim —, eu não queria *machucá* a garota. Eu só tinha que *dá* uma ameaçada. Só isso. Mas ela reagiu...

— E você a feriu — completei, começando a ficar com raiva novamente.

— Eu não tinha o que *fazê*... ela...

Daquela vez, não consegui me conter, deixei o ódio falar mais alto e dei um gancho de direita certo no bandidinho.

— Não ouse falar qualquer coisa sobre ela com essa sua boca suja. Você a ameaçou e atacou. E nós dois sabemos que alguém te mandou fazer isso. Queremos que nos conte quem foi. — Naquele momento, eu me perdi de vez. Tudo em que pensava era em Cecília e no quanto queria que ele sofresse só por ter ousado encostar um único dedo nela. Não havia mais pena em meu coração, só a raiva e um desejo de fazer justiça.

— Eu... eu... não sei. — Gaguejou ele.

— Conta outra, moleque! Tá achando que nós dois somos otários? — Juan também se intrometeu.

— Eu tô falando a verdade! — A não ser que Wesley fosse um excelente ator, o que eu não acreditava, ele realmente não sabia quem o tinha contratado, mas como?

— Acho melhor se explicar, porque essa sua história não está colando — acrescentei.

— A gente só se *falô* por telefone. Eu juro.

Voltei meus olhos na direção de Juan, tentando buscar sua opinião, contudo, ele parecia tão confuso quanto eu.

— Então você quer que eu acredite que o cara nunca falou com você pessoalmente, nem mesmo na primeira vez? — insisti.

— Não, eu nunca vi o cara. Foi outra pessoa que me indicou pra ele uns anos atrás. Agora ele *precisô* de mim.

— Outra pessoa? — Aquilo, subitamente, me interessou. — Quem?

— Uma moça, mas, cara, por favor, isso já tem tempo à beça. Não me faz falar. Vai dar muita merda...

— *Vai* dar merda? Amigo, você ainda não entendeu que já *deu* merda para o seu lado? — vociferei. — Não vamos te poupar nem te dar o direito de escolher o que responder ou não. Ou joga nosso jogo ou sofre as consequências.

Novamente, ele fez aquela cara de pobre coitado apavorado que já não me comovia mais.

— Mas já faz uns dois anos.

— Foda-se! — explodi, chegando bem perto do garoto, que se sobressaltou com minha atitude. Ergui o dedo, colocando-o bem na cara dele. — Não importa se faz uma década. Queremos saber de tudo. E você *vai* nos contar.

— Cara, eu não lembro do nome dela.

Daquela vez, eu sabia que era mentira. E eu não estava nem um pouco a fim de aturar aquele tipo de coisa. Sendo assim, mais uma vez perdi

totalmente a postura e lhe dei um belo soco no maxilar, que o fez chorar.

— Tá, eu lembro... Era Andreia.

Meu mundo, mais uma vez, parou. Só que parou de tal forma, com um solavanco tão forte, que eu quase me desequilibrei, chegando a cambalear, como se as palavras e, principalmente, o nome da pessoa doessem como uma punhalada.

Quantas vezes mais eu ouviria o nome da minha irmã em situações como aquela? Claro que existiam outras Andreias no mundo, e provavelmente algumas até mesmo em Solário, mas eu não acreditava em coincidências. De forma alguma. E eu tinha certeza de que aquela não era uma dessas.

Outra pergunta também começava a se formar em minha cabeça — quem era a pessoa que julgava conhecer melhor do que a mim mesmo? Há alguns dias eu seria capaz de colocar minha mão no fogo por Andreia, acreditava em seu caráter, em sua índole, afinal, éramos gêmeos, fomos criados pelas mesmas pessoas, recebemos os mesmos valores. Isso apenas provava que os seres humanos sempre poderiam nos surpreender, principalmente para o mal. Até mesmo aqueles que seríamos capazes de proteger com nossas vidas.

Percebendo o quanto eu estava atordoado, Juan assumiu o posto.

— Qual foi o serviço que você fez para essa mulher?

— Ela... ela... — Ele ainda choramingava. — Ela quis que eu ferrasse com outra garota que *tava* competindo na natação com ela.

— Ferrasse? Como?

— Eu coloquei drogas na mochila dela e fiz com que a organização do campeonato encontrasse.

Claro que era da minha irmã que ele estava falando. Não que eu ainda tivesse alguma esperança. Além disso, eu me lembrava muito bem de qual competição ele estava falando.

Apesar de ser invencível em campeonatos de apneia, exatamente por conta de nosso estranho poder, ela não tinha o mesmo talento na natação, que era algo que amava. Naquela disputa, em específico, Andreia se empenhou mais do que o normal e estava confiante de que ganharia, até que outra jovem surgiu com tempos bem melhores do que os dela.

Contudo, como em um passe de mágica, no dia da apresentação encontraram pacotes de maconha e cocaína dentro da bolsa dessa oponente, além de ter sido pega no *antidopping*. Sempre imaginei que fora uma coincidência, além de uma questão de justiça, porque minha irmã merecia ganhar o primeiro lugar por seu esforço. Naquele instante, eu soube a verdade: Andreia não passava de uma trapaceira, alguém capaz de prejudicar a vida de outra pessoa só para vencer.

Sentia-me destruído por dentro, mas precisava me manter firme. Aquele interrogatório nada convencional ainda não tinha acabado.

— Então foi ela que te indicou ao cara que tem te pagado para fazer mais servicinhos sujos? — Eu já havia entendido aquilo, mas estava tão fora de mim que nem sabia mais o que perguntar.

— Isso. Não sei como ele *arrumô* meu telefone, mas me ligou e encomendou o serviço.

— E como foi feito o pagamento?

Wesley suspirou, parecendo muito nervoso. Não que não estivesse assim o tempo todo, mas dava para perceber claramente que aquele tema em específico o incomodava bastante. Apesar de tudo, sabia que precisava falar, porque não pretendíamos deixá-lo em paz.

— Ele nunca me pagou. Nem Andreia. Ela me escolheu para fazer aquele serviço pra ela porque me pegou... — Ele hesitou.

— Te pegou em quê? — Juan insistiu.

— Ela me pegou roubando. Fez um vídeo e usou pra me chantegear, falando que ia mostrar pra polícia se eu não fizesse o que ela *tava* mandando.

Não era possível que estivéssemos falando da mesma pessoa. Além de trapaceira, ela também era chantagista?

— Depois, o cara fez a mesma coisa. Disse que o vídeo estava com ele e continuou com a chantagem. — O rapaz começou a chorar. — Eu não sou uma má pessoa, juro. E você sabe disso, Juan. Eu *tava* tentando conseguir dinheiro pra *estudá*. Desde que minha mãe morreu, a vida virou uma merda. Na primeira vez que decidi *fazê* besteira, aquela garota me viu e *ferrô* com tudo. Agora tô aqui. Vocês dois vão foder comigo, não vão?

— Cara, fica difícil te defender. Por mais que a gente até acredite que você fez tudo coagido, a menina saiu machucada — Juan tentava manter a paciência.

— Mas eu não queria *machucá* ninguém. Só me defendi.

— Ela me falou que você queria marcá-la no rosto — afirmei.

— Era só uma ameaça!

— Aquela garota não merece ameaças. Além do mais, ela também falou que você poderia tê-la matado, se não tivesse se defendido. Acha que isso faz de você uma boa pessoa? — gritei a pergunta.

— Não! — Wesley arregalou os olhos. — Eu não sô de matar ninguém, não. Pelo amor de Deus, acredita!

— Acho que alguém que usa uma faca para ferir outra pessoa não tem muita credibilidade com Deus para usar o nome Dele — Juan falou de forma sarcástica. — Você sabe que a gente vai ter que te levar para a delegacia, não sabe? Vai ter que contar tudo o que nos disse para eles. — Juan olhou para mim porque sabia que Andreia poderia sair igualmente prejudicada depois daquele depoimento, mas eu não iria acobertar seus erros só por causa de sua situação delicada.

O garoto não falou nada, apenas abaixou a cabeça, demonstrando que simplesmente aceitava seu destino, o que, sem dúvidas, me causou certa compaixão. Talvez ele não fosse má pessoa e tivesse caído em uma armadilha do acaso.

Depois, sem dizer nada, Juan e eu o levamos para a delegacia, ainda amarrado. A alegação para os machucados que infringimos seria legítima defesa. Era uma mentira da pior espécie, contudo, a única saída para que eu não fosse indiciado por agressão. O que Wesleyalaria poderia desmentir nossa explicação, contudo, seria nossa palavra contra a dele, que já era fichado.

Entrei para prestar depoimento. Luís não estava presente, mas Juan conhecia quase todos os outros policiais, o que facilitou e muito o processo. Enquanto aguardava nossa liberação, fiquei olhando para as minhas mãos, mal conseguindo parar de observar as marcas de sangue entre os nós dos

dedos. Um sangue que não era meu. Sangue que eu tinha arrancado de alguém em um rompante de raiva.

Quando saímos da delegacia, acabava de passar das onze, mas eu já me sentia cansado como se fosse madrugada. Era como se toda a raiva tivesse finalmente me abandonado e não me restasse mais nada, porque aquele sentimento tão obscuro sugara tudo de mim.

Enquanto caminhávamos em direção ao carro, eu imaginava que todas as pessoas ao redor nos enxergavam como dois homens saídos de uma batalha: ombros caídos, olhos desfocados e silêncio. Talvez eles estivessem certos. Ao menos a respeito do que *eu* sentia. Não apenas pelas coisas que fizera, como também pelo que havia descoberto. Mais informações terríveis sobre uma das pessoas que eu mais amava na vida.

Não sentia apenas arrependimento naquele momento. Sentia medo. Sempre me considerei um cara corajoso, que gostava de explorar meus limites, mas estava apavorado pelo que poderia ainda acontecer e pelo que ainda seria revelado até que tudo tivesse fim.



XV

AURORA BOREAL



RODRIGO

Quantos sons cabiam no vazio de um silêncio?

Enquanto permanecia calado, com o mar à minha frente, e meu cúmplice daquela noite ao meu lado, tentava prestar atenção nos ruídos ensurdecedores que minhas emoções faziam ao serem jogadas no chão e se despedaçarem.

Nenhum de nós queria ir para a casa de Zuleika, embora tenhamos combinado de encontrar nossas garotas. Juan não havia me falado nada, mas eu imaginava que seus sentimentos naquele momento não eram muito diferentes dos meus. Ambos odiávamos a ideia de ver as meninas daquele jeito, depois de tudo o que tínhamos feito. Por mais que já tivesse lavado minhas mãos e que não houvesse nenhum resquício do sangue que as marcara antes, ainda as sentia sujas.

— Achei que faria com que se sentisse melhor se te desse a oportunidade de fazer justiça, mas acabei piorando as coisas — Juan quebrou o silêncio depois de passarmos alguns bons minutos calados.

— O que eu fiz esta noite não teve nada a ver com justiça. Me pareceu muito mais com vingança.

— Em alguns casos, uma complementa a outra. O cara machucou Cecília, Rodrigo. Poderia não ser a última vez. Qualquer um no seu lugar, que tivesse a mesma oportunidade, faria a mesma coisa.

— Não importa. O fato de todo mundo fazer não minimiza o erro — respondi, ainda olhando para frente, observando o horizonte como se ele fosse capaz de me trazer alguma resposta, embora eu não tivesse feito nenhuma pergunta.

— Cara, você é humano. — Juan usou um tom de voz que fazia com que sua frase parecesse algo lógico e bem óbvio.

Eu sabia que estava apenas tentando ser legal e me confortar. Esforçava-se para agir como o amigo que há muito tempo eu não tinha. Exatamente por saber disso, virei meus olhos na direção dele pela primeira vez desde que começamos aquela conversa.

— Minha condição de ser humano não pode ser uma desculpa para todos os meus deslizes. Minha consciência não vai ficar menos pesada, ela vai me punir da mesma forma. Não vai permitir que eu me sinta melhor — fiz uma pausa e respirei pesada e profundamente —, mas talvez eu só esteja agindo como um chato. Não estou encucado só pelo que fiz com o garoto.

— Está falando da Andreia?

— Sim. Estou falando da Andreia. Não só por todas essas coisas que venho descobrindo, mas por ter deixado chegar tão longe. Como não enxerguei tudo o que estava acontecendo? Como não percebi que a pessoa em quem eu confiava plenamente guardava tantos segredos? Quando foi que nossa relação desandou dessa forma?

Deixei que as palavras escapassem pela minha boca e fossem se agrupando em fila indiana até fazerem algum sentido. Eu não deveria tê-las libertado, pois me sentia muito mais seguro enquanto eram mantidas engaioladas dentro de mim. Naquele momento, foram jogadas no mundo e pertenciam a ele. Involuntariamente, senti meus olhos arderem. Esforcei-me para segurar as lágrimas. Não que tivesse vergonha de chorar, mas não queria fazê-lo ao lado de Juan, com quem não tinha mais nenhuma intimidade.

— Nós te abandonamos... — ele falou algo que eu não esperava que dissesse.

— Acho que não é o momento certo para falarmos sobre esse assunto — respondi, categórico.

— É um momento tão bom quanto qualquer outro. E acho que isso já vem me consumindo por tempo suficiente. Está na hora de colocar para fora. — Percebendo que não havia outro jeito, e que ele acabaria falando com ou sem a minha permissão, fiquei calado, esperando que se manifestasse. — Todos nós viramos as costas para você quando mais precisou. Desaparecemos, não atendemos às suas ligações e te tiramos do nosso convívio. Fizemos isso por sermos egoístas, porque não queríamos fazer parte da tragédia. Não queríamos que ela nos afetasse também. Só nos esquecemos de nos colocarmos no seu lugar. Não posso nem imaginar o quanto deve ter sido difícil suportar tudo sozinho.

— Não, você não faz ideia. — Eu odiava demonstrar o quão miserável me senti e ainda sentia. Deveria ter orgulho e ficar calado, mas não conseguia.

— Pensamos só nas nossas vidas e nem percebemos que estávamos negligenciando um amigo, mas acho que de todos eu fui o que agi pior. Você me pediu ajuda e...

— Você era um dos meus melhores amigos, Juan... — Eu poderia ter evitado o comentário, mas ele estava entalado na minha garganta.

— Sim, eu era. — Sua expressão se encheu de dor. — E, ainda assim, esqueci completamente de te ajudar a buscar Andreia no hospital, no dia em que ela recebeu alta, para ir a um churrasco e encher a cara.

Engoli em seco ao ouvi-lo falar. A lembrança chegava a arder em meu peito, porque eu me recordava muito bem de ele ter prometido que iria comigo, alguns dias antes, mas, quando chegou a hora, não atendeu ao telefone. Meu pai já estava perdido em sua depressão, e meu avô estava em Bela Aurora, visitando minhas primas Elisa e Érica. Ele teria voltado a Solário na mesma hora, mas eu afirmei que um amigo me ajudaria e que não precisava dele. Só que, no final das contas, não tive ninguém comigo em um dos dias mais difíceis da minha vida.

— Acha que um dia vai conseguir me perdoar? — ele indagou em um sussurro.

A pergunta foi feita, mas a resposta não era assim tão simples. Claro que eu sabia que poderia perdoá-lo. Apesar de ainda doer, ele estava ali comigo, não estava? Era minha companhia naquela noite de merda, e eu deveria estar grato. Talvez perdoar não fosse algo tão difícil. Esquecer era completamente diferente.

Não diria a Juan, mas a verdade era que nossa amizade, provavelmente, jamais seria a mesma.

— Já está perdoado — respondi, finalmente.

— Você nunca foi um cara rancoroso.

— Tento não ser. — Ensaiei um sorriso, mesmo não sendo um dos melhores.

Ficamos por mais alguns minutos em silêncio, até que Juan se manifestou.

— A gente vai sair no sábado. Vamos a um barzinho novo. Sei que você não anda muito a fim de confraternizar com o pessoal, mas garanto que todo mundo vai gostar de te ver por lá.

— Eu já não teria tanta certeza — falei em tom de zombaria.

— É sério. Todo mundo sente a sua falta.

— Bem, se você diz... — Não que eu acreditasse, só não era hora para discutir. — Vou ver com Cecília. Se ela quiser ir...

— Legal. — Ele abriu um sorriso genuíno.

— Agora vamos lá ver nossas garotas — emendei, querendo mudar de assunto e sair dali.

— Vamos. — Ele também sorriu. Depois de dizer aquilo, levantou-se, e eu o imitei. Enquanto limpava a areia da minha calça jeans para entrar no carro, Juan se virou novamente para mim. — São boas garotas, não são?

Aquela era uma pergunta *muito* mais fácil de responder.

— São. As melhores.



CECÍLIA

Tudo o que eu queria naquela noite era paz. E eu realmente tinha esperanças de que teria. A casa inteira cheirava a lasanha à bolonhesa, Bruno Mars tocava no Spotify de Pauline e vovó nos fazia rir com suas histórias da juventude. Os rapazes estavam prestes a chegar para jantar, então, eu queria que tudo saísse perfeito.

Assim que terminamos, deixamos a lasanha dentro do forno, e eu fui tomar um banho. Ainda dentro do box, deixei que a água gelada caísse sobre o meu machucado, que ainda ardia muito. Soltei um gemido fraco quando o fluxo pesado da água atingiu um ponto mais sensível, mas a maior dor vinha da lembrança de como aquele ferimento tinha sido feito. Pela forma como me senti vulnerável. Mais uma vez.

Não era hora de pensar naquilo. Só precisava colocar uma roupa confortável e bonita, pentear muito bem meus cabelos, passar um pouco de maquiagem e perfume. E foi o que fiz. Quando estava prestes a sair do quarto, me deparei com as coisas de Andreia que havia roubado. Eu as deixei em cima da minha mesinha de cabeceira, exatamente para não me acovardar e contar logo para Rodrigo o que tinha feito, mas parecia não estar dando certo. Não contaria para ele naquela noite. Depois de tantas emoções conturbadas, eu realmente precisava de harmonia e tranquilidade.

Desci, então, para a sala e vi que Rodrigo e Juan já estavam lá. Eu não deveria me permitir ter sensações como aquela, mas era impossível não sentir o coração palpitar ao olhá-lo.

Aproximei-me dele e o beijei com carinho. Aquele simples contato foi mais do que suficiente para me fazer deseja-lo mais. Eu sabia que ele se sentia da mesma forma, pela maneira como correspondeu, mas nos controlamos. O melhor poderia vir depois.

Quando me afastei, olhei-o bem nos olhos e percebi que nem tudo estava bem. Seu semblante parecia melancólico e cansado.

— Aconteceu algo? — perguntei a ele.

— Aconteceu. Depois conversamos. — Imediatamente, me preocupei. Percebendo minha reação, ele acrescentou: — Está tudo bem. Não precisa

ficar nervosa. É só uma coisa que preciso te contar. — Depositou um beijo no topo da minha cabeça.

Tentei ignorar a tensão e a curiosidade, decidida a lhe dar o tempo que precisava. Os rapazes não quiseram jantar por já ser tarde, então, decidimos ficar um pouco na varanda da casa, conversando. Pauline sentada no colo de Juan, eu abraçada a Rodrigo e minha avó sozinha. Seria legal se Omar pudesse estar conosco, mas Rodrigo me explicou que o avô tinha ficado com o filho, ajudando a cuidar de Andreia.

Enquanto conversávamos, senti meu coração se aquecer dentro do peito. Queria poder paralisar aquela cena para sempre. Ali estavam as pessoas que deixaram meus dias cinzentos bem mais coloridos. Eu poderia dizer, com toda a segurança do mundo, que eles tinham me salvado. Cada um à sua maneira.

Apesar disso, conforme as horas passavam, minha ansiedade para ficar sozinha com Rodrigo aumentava. Estava extremamente curiosa a respeito do que ele tinha para me falar. Contudo, já era quase duas da manhã quando Pauline, Juan e minha avó decidiram se deitar, deixando um convite para que Rodrigo também ficasse por ali, por ser tão tarde.

Assim que os outros se retiraram, uma brisa fria acariciou minha pele, e eu me senti estremecer. Percebendo minha reação, Rodrigo me abraçou com mais força, quase me cobrindo com seu corpo enorme.

— Quer entrar? — perguntou, e eu ponderei antes de responder.

A noite estava gelada, e o casquinho que escolhi para esquentar meus braços não parecia cumprir sua função muito bem. Porém, eu tinha a sensação de que não iria querer sair dali tão cedo.

Encontrava-me sentada no balanço da varanda da casa da minha avó, que era provavelmente o lugar que eu mais amava no mundo, aconchegada nos braços do homem mais sexy que conheci nos últimos tempos. As estrelas no céu pareciam pequenos diamantes brilhando apenas para nós. O cenário era perfeito, e a companhia mais ainda, então, por que eu iria querer entrar?

— Não. Estou bem aqui. Aliás, mais do que bem — soltei um suspiro profundo e ouvi a risadinha de Rodrigo logo atrás de mim. Não foi difícil sentir uma nota de desânimo em sua reação, o que me incentivou a abordar o

assunto pelo qual estava tão ansiosa. — O que aconteceu? Você falou que tinha alguma coisa para me contar.

— Sim, tenho mesmo... — Rodrigo hesitou. Por mais aflita que eu pudesse estar, deixei que ele tomasse o tempo necessário. Quando finalmente falou, havia uma emoção muito pesada em sua fala. — Hoje eu fiz uma coisa da qual não me orgulho, mas foi para te proteger. Isso é o que me consola.

— Me proteger? — Virei a cabeça na direção dele, confusa, com o cenho franzido. — Devo me sentir culpada?

— Não, baby, nada disso. Por favor, não pense assim. Pode ter sido para te proteger, mas também porque eu *quis*.

— Tudo bem. Eu não estava falando sério. Só estou ficando preocupada.

— Juan e eu pegamos o cara que te atacou — ele falou de uma vez, como quem arranca um band-aid.

— Pegaram? Como vocês sabiam onde encontrá-lo?

— Juan o reconheceu pela descrição que você deu, principalmente pela cicatriz. A mãe do garoto trabalhou para a família dele. — Balancei a cabeça, concordando, e deixei que continuasse a explicação. — Nós o levamos à delegacia.

— Bem, então foi uma coisa boa, não foi? Por que você parece tão deprimido?

— Não estou deprimido, estou envergonhado. — Rodrigo abaixou a cabeça e ficou calado por alguns segundos. — Juan e eu demos uma surra no cara. — Ele riu com sarcasmo. — Na verdade, eu deveria estar pouco me lixando para isso, pois ele mereceu, mas não sou assim. Além do mais, ele foi chantageado. — Rodrigo abaixou a cabeça novamente.

— E...? — incentivei.

— E pelo visto minha irmã também estava envolvida, mas, por favor, Cecília, não quero falar sobre isso agora. Só quero ficar aqui com você. — Ele me abraçou com ainda mais força, quase como se quisesse se fundir a mim.

— Você não precisa falar sobre nada que não queira. — Remexi-me no balanço, me aconchegando mais a ele, e também fiquei em silêncio.

Eu poderia ficar daquele jeito por horas, dias... Tanto que cheguei até a fechar os olhos. Ouvindo a melodia da noite bem baixinha, ousei pegar no sono, enquanto o balanço rangia e se movimentava para frente e para trás, quase no ritmo do meu coração.

Deixei-me cair no conforto da inconsciência por alguns minutos, embora não estivesse com sono. No entanto, me arrependi amargamente, pois logo me lembrei do homem que me atacou e o imaginei todo machucado, implorando por clemência. Na confusão do meu sonho, não era Rodrigo quem o espancava, mas eu mesma. Minhas mãos todas ensanguentadas tremiam e logo surgiu um caco de vidro sobre elas, também manchado de sangue.

Um caco que havia salvado a minha vida meses atrás.

Despertei sobressaltada. Sei que cochilei por apenas uns dez minutos, mas o sonho terrível pareceu durar por uma eternidade. O suficiente para me deixar abalada.

— O que foi, baby? — Rodrigo perguntou, provavelmente me sentindo tensa.

Não respondi. Não conseguia. Se começasse a falar naquele exato instante, minha boca começaria a vomitar palavras sem parar, e eu acabaria contando tudo sobre o meu passado.

Mas eu *queria* contar, não queria? Mais do que querer, eu *precisava*. As duas únicas pessoas para quem eu tinha contado a história eram minha psicóloga e minha mãe. A primeira me ajudara muito. A segunda... bem... ela não conseguia sequer ajudar a si mesma, menos ainda a filha traumatizada.

Sempre acreditei que no dia em que contasse para alguém que realmente se importasse comigo, o resultado poderia ser libertador ou catastrófico. Talvez eu exorcizasse todos os demônios que existiam dentro de mim ou traria todas as lembranças à tona de vez, o que me levaria ao fundo do poço.

Não que alguma vez tivesse conseguido esquecer. Queria pagar para ver. E precisava ser naquele momento, antes que desistisse.

— Rodrigo... — chamei, quase em um gemido. Já estava começando mal. *Muito* mal. Algumas lembranças nos destroem, mas a decisão de colocá-las para fora, o ato de externá-las, deveria servir para nos reconstruir e não para

nos ferir ainda mais. Tudo o que eu precisava fazer era respirar bem fundo e me distanciar das emoções. Precisava fingir que estava contando a história de outra pessoa.

— Diga, baby. Você cochilou — Rodrigo sussurrava. A voz dele conseguiu me acalmar um pouco. Apenas um pouco. — Quer que eu te coloque na cama?

— Não. — Nem sei se ele ouviu a minha resposta, porque falei bem baixinho, envergonhada. — Quero falar com você. Está pronto para me ouvir?

Minha voz falhou, e talvez tenha sido isso, além do tom que utilizei, que fez com que Rodrigo percebesse que o assunto era sério. Provavelmente, ele até imaginava do que se tratava, porque se empertigou atrás de mim, como se precisasse de uma posição mais confortável para absorver a porrada.

— Você tem certeza? — Não respondi de primeira. Principalmente porque ainda estava insegura.

Fazia pouco mais de seis meses que tudo tinha acontecido, mas eu vinha guardando a dor, esperando que ela se enterrasse tão fundo em meu peito que acabaria sendo esquecida. Só que isso não funcionava.

Eu não fazia ideia do que aconteceria quando deixasse aquelas palavras escaparem. Havia uma grande chance de eu ruir em mil pedaços bem ali, nos braços dele, e de que emoções das mais variadas espécies se derramassem por meus olhos, declarando guerra uma contra a outra.

Apesar disso, respondi com o máximo de certeza que consegui encontrar:

— Tenho.

— Você não precisa me contar se não quiser.

— Sei disso, mas quero. A não ser que você não queira me ouvir.

Rodrigo me segurou pelos braços e me afastou de seu peito para que pudesse olhar em seus olhos. Depositou um beijo carinhoso em meus lábios e passou a mão pelo meu rosto, enquanto seus olhos se enchiam de ternura.

— Você pode me falar tudo o que quiser, baby. Sempre.

Tentei sorrir, mas podia jurar que, se houvesse um espelho na minha frente eu veria um rosto contorcido em uma careta que não tinha nada a ver com

uma expressão de alegria.

A situação não pedia um sorriso. Pedia uma decisão. E eu já tinha uma.

— Conheci Flávio há dois anos, na faculdade. Éramos de cursos diferentes. Eu fazia história, e ele, design gráfico. O cara costumava ficar com a minha melhor amiga, Emily, e acabamos nos conhecendo em um barzinho. Nos tornamos amigos também, porque ele parecia um cara muito legal. — Fiz uma pausa, necessitando me recompor. — Emily estava gostando muito dele, mas acabaram terminando. Na época, não compreendi as razões, mas depois entendi. Ele estava gostando de mim. Aos poucos, começou a demonstrar seus sentimentos de uma forma muito inconveniente e insistente.

Rodrigo se remexeu atrás de mim outra vez, parecendo incomodado, mas a podridão ainda não tinha sequer começado.

— A primeira vez que comecei a sentir medo foi em uma festa, do meu próprio curso, onde ele apareceu. Já estava completamente bêbado quando chegou e me agarrou. Tentei me soltar dele e fui agredida. Alguns rapazes me ajudaram e o levaram para a delegacia, onde abri um B.O..

Eu estava de frente para Rodrigo. A julgar por sua expressão de compaixão, ele deveria estar se lembrando de nossa ida à delegacia de Solário para denunciar meu agressor.

— Mas ele não parou. Aonde quer que eu fosse, aquele louco ia atrás. Me *stalkeava* o tempo todo, fazia inúmeros perfis fakes e, sempre que eu bloqueava, aparecia com outro.

— A polícia não fez nada? — Rodrigo perguntou, e eu me surpreendi, porque achei que ficaria apenas me ouvindo.

— Não, não fez. Ele era muito esperto. — Precisei de outra pausa. Estava começando a ficar cada vez mais difícil. — Cheguei a deletar todas as minhas contas em mídias sociais e até tranquei a faculdade. Durante todo esse tempo, só contei com Emily, que me apoiou em todos os momentos. — Falar da minha melhor amiga era a parte mais difícil de todas. Comecei a chorar copiosamente. Rodrigo tentou me puxar para seus braços, mas eu o impedi. Precisava falar tudo de uma vez. — O fato de eu ter me afastado ao máximo culminou nos piores momentos da minha vida.

— O que ele fez?

— Invadiu nosso apartamento uma noite. Eu estava dormindo... — Comecei a tremer desesperadamente. Quase não conseguia mais falar, porém, continuei, reunindo todas as minhas forças. — Ouvi um barulho e me levantei. A luz do banheiro do apartamento onde eu morava com Emily estava acesa, com a porta aberta. Então, eu entrei. A primeira coisa que vi foi minha amiga morta no chão.

Naquele exato instante, eu simplesmente desabei. Não consegui nem sequer rejeitar o abraço de Rodrigo, porque precisava dele.

— Baby, você não precisa falar mais sobre isso. Está te fazendo muito mal — ele disse, com os lábios contra meu cabelo, me beijando.

— Não! Eu *preciso* falar. — As palavras de Rodrigo me fizeram voltar a mim, e eu me afastei. — Naquele dia, não pude nem lamentar a morte da minha amiga, porque Flávio apareceu e me apagou. Não lembro de mais nada até acordar na casa dele, amarrada a uma cadeira, enquanto ele fazia essa tatuagem em mim. — Apontei para meu ombro, onde a tatuagem parecia se destacar em neon em minha pele.

— Ah, meu Deus! — Rodrigo sussurrou.

Afastei o casaco e abaixei a alça do meu vestido para que pudesse ver a tatuagem melhor.

— É uma letra japonesa que significa *eternidade*. Ele fez uma exatamente igual em si mesmo — voltei a chorar como uma criança. — Eu estava com tanto medo. Não sabia o que faria comigo.

— Calma, baby. Já passou. Está segura agora. — Rodrigo me apertou ainda mais em seus braços, e eu senti que estava assustado, meio que sem saber como reagir. Talvez nem ponderasse as próprias palavras, pois pedir que eu tivesse calma naquele momento não era exatamente necessário. Eu não poderia me acalmar. Nem se tentasse.

— Só tinha certeza de uma coisa: minha única chance de sair daquela casa seria se o matasse. Porque ele queria me manter ali, presa. — Limpei minhas lágrimas. — Quando acabou a tatuagem, eu fingi que tinha desmaiado de tanto desespero. Jurava que ele nem iria acreditar, mas deve ter pensado que foi por medo ou dor, não sei... Ele me soltou e me levou para a cama. Sei que

iria me amarrar, mas não deixei. Dei um chute no meio de suas pernas e saí correndo, mas tudo o que consegui foi sair pelo corredor do prédio, gritando como uma louca, sem que ninguém me ajudasse. Aí Flávio me pegou de novo. Só que ficou tão atordoado que me jogou no apartamento sem me prender, trancando a porta. Então, eu corri para o banheiro e me fechei lá dentro. Sabia que não conseguiria me proteger ali, mas queria ganhar tempo. Estava apavorada, porque ele não parava de gritar, furioso.

Novamente me concedi alguns segundos para respirar, mas, daquela vez, Rodrigo não teceu nenhum comentário, apenas aguardou. Em meio ao silêncio, eu estremeci, e ele tirou sua própria jaqueta para colocá-la ao redor dos meus ombros. Agradei, porque o frio estava começando a me paralisar.

— Não demorou muito para que começasse a tentar arrombar a porta. Eu precisava encontrar uma forma de me defender, então, enrolei uma toalha no braço e quebrei o espelho. Peguei dois cacos bem afiados e segurei comigo com tanta força que eu cheguei a ferir minhas mãos. Quando Flávio conseguiu entrar no banheiro, ataquei sem nem pensar e nem dar tempo de ele tentar qualquer coisa. Enfiei um caco de vidro bem em sua jugular. Depois fiz o mesmo do outro lado, praticamente degolando-o.

Rodrigo fechou os olhos, e eu não consegui interpretar aquela reação.

— Nem sei dizer o que aconteceu depois, porque agi no automático. Consegui fugir e saí correndo pela rua. Vestia apenas uma calça jeans e um sutiã, mas nem me importei. Só queria chegar a um policial. Quando encontrei um, foi ele que me ajudou e me seguiu até o apartamento, onde encontramos Flávio morto. — A dor era tanta que o que disse a seguir soou embargado, abafado: — Eu cometi um assassinato, Rodrigo. Matei uma pessoa.

— Foi legítima defesa, Cecília. O cara era louco, quem sabe o que poderia ter feito com você se não tivesse se defendido.

Apenas balancei a cabeça em concordância, porque sabia que ele estava certo. Não me arrependia do que tinha feito, mas não me sentia melhor por causa disso.

Também havia um pouco de culpa. E esta não parecia disposta a me abandonar tão cedo. Por mais ódio que pudesse nutrir por um ser humano, a

certeza de que eu havia tirado uma vida jamais me libertava. Não importava quanto tempo passaria, ainda sentiria aquele sangue em minhas mãos, escorrendo e rasgando tanto minha pele quanto minha paz.

O fato de eu ter matado alguém — por mais podre que esse alguém fosse — fazia com que me visse como uma pessoa completamente diferente. Era como se não tivesse mais o direito de conversar com Deus, porque ele simplesmente fechava os ouvidos para criminosos. Ele se calava e fechava os olhos para minhas aflições de pecadora do mais alto grau.

Sempre que pensava em Flávio, naqueles meses que se seguiram à sua morte, não conseguia mensurar qual de nós era mais monstruoso. No fundo, é claro, eu sabia muito bem que tinha agido de forma desesperada, sem escolhas. Lutara para sobreviver, como em uma guerra. No entanto, jamais esqueceria o som de seus gritos, que roubavam meu sono à noite. Nem a sensação daquele caco de vidro penetrando a carne de seu pescoço. Ou a textura quente do sangue em contato com minha pele gelada de medo. Menos ainda o ruído de seu último suspiro, aquele antes da morte e que anuncia o fim.

Mas nada daquilo se comparava ao sentimento que preencheu meu coração logo depois. Um mórbido prazer. Um puro deleite. Não pelo assassinato que cometi, mas pelo fato de que aquele verme não mais me perseguiria. Flávio era pura maldademas, em algum grau, em alguma camada, não éramos assim tão distintos.

Apesar disso, minha consciência me eximia da culpa. Então, tudo o que me restava era chorar. E, daquela vez, não estava sozinha. Assim que me joguei nos braços de Rodrigo, ele me envolveu com seu carinho, exatamente como prometeu que faria. Eu estava desespencando, mas ele não me deixaria desabar no chão.

— Estou aqui, baby. Pode chorar o quanto quiser. Não vou te deixar sozinha.

Eu queria agradecer. Queria expressar o quanto aquilo significava para mim, porém, não havia palavras de gratidão suficientes. Aquele homem que passara a fazer parte da minha vida há tão pouco tempo, mas que se intrometera em minha rotina de forma tão intensa, estava ali por mim e *para*

mim, com a alma aberta, sem julgamentos, sem cobrar nada em troca. Éramos dois grãos de areia, presos em uma ampulheta em meio a tantos outros.

Quantas almas partidas não perambulam por esse mundo, tal como nós, com suas dores, seus sofrimentos, dúvidas e arrependimentos? Quantas buscam alento, companhia e um ombro amigo? Quais são as chances de, no meio de um deserto, dois grãos desses, dois pequenos pontinhos solitários, se unirem em meio à peneira da vida e sentirem seus corações batendo em compasso, ambos feridos e aparentemente derrotados, mas ávidos por redenção?

Lá estávamos nós, unidos por um propósito e pelas cicatrizes de nossas almas.

Perdi totalmente a noção de tempo enquanto a noite vagava pelas horas, pintando o céu de cobalto e tornando tudo muito mais sombrio. Em algum lugar, pela rua, sob as estrelas, meus demônios corriam soltos, depois de serem libertados da prisão do meu peito, esperando o momento certo para voltarem a me assombrar. Mas não ainda. Ao menos por algumas horas, enquanto Rodrigo continuasse me abraçando daquele jeito, eu estava livre. Era como se nada mais pudesse me ferir.



XVI

REVOADA



CECÍLIA

Perdemos a noção das horas. Ou talvez tenha sido o tempo que nos esqueceu, deixando-nos naquela varanda, vigiados por constelações e embalados pela melodia da madrugada. Quando acordei, já havia amanhecido, mas eu estava deitada na minha cama. Não fazia ideia de como tinha ido parar ali, apenas imaginava que, em algum momento no meio da noite, Rodrigo deveria ter me levado.

Aliás, ele estava ao meu lado, entrelaçado a mim, ainda adormecido. Seu braço pesava sobre a minha cintura, e eu precisei me remexer para sair da cama e checar a hora. Eram seis da manhã, então, decidi voltar a deitar. Com certeza não conseguiria dormir mais, porém, ainda me sentia exausta. Depois de consecutivas noites desgastantes, a anterior não ficara muito atrás. No entanto, para a minha surpresa, ao menos tive um sono tranquilo, sem pesadelos. Era algo a se comemorar.

Virei-me para encontrar uma posição mais confortável, o que fez Rodrigo acordar. Estávamos frente a frente, então, a primeira coisa que ele viu ao abrir os olhos foram os meus. Não dissemos nada por algum tempo, mas permanecemos observando-nos, sem nos importarmos com o que havia ao redor. O som de nossas respirações me acalmava e me dava a sensação de que estávamos conectados, em sintonia. Nossos corações batiam em uníssono, como uma melodia perfeita, composta pelos ouvidos mais talentosos. Havia algo entre nós... algo especial que parecia pulsar e cintilar como uma estrela solitária, excluída de sua constelação. Algo que provavelmente não teria explicação, mesmo que buscássemos por anos.

Ele abriu um sorriso discreto, com os olhos ainda sonolentos, e finalmente falou alguma coisa:

— Bom dia, linda. — Sua voz rouca matinal era sexy, assim como ele por inteiro, e eu senti meu estômago revirar. Como aquilo era possível? Como ele conseguia despertar aquele tipo de sensação em mim, mesmo depois de eu ter relembrado de todos os piores momentos da minha vida?

— Bom dia. — saudei também, sorrindo. Apesar de tudo, eu me sentia bem. Meu coração ainda estava partido, minha cabeça doía, mas havia uma

estranha calma dentro de mim.

Rodrigo não falou nada, apenas ergueu a mão e a levou até o meu rosto, retirando uma mecha de cabelo que tinha acabado de cair sobre meus olhos.

— Como você está?

— Estou bem. *Você* me faz bem.

O sorriso de Rodrigo se alargou. Ele se aproximou um pouco mais de mim e depositou um beijo cálido em meus lábios. Em seguida, me estreitou em seus braços, me transmitindo uma imensa sensação de segurança. Era uma forma maravilhosa de despertar depois de uma noite conturbada. Então, comigo ainda aconchegada em seus braços, ele perguntou:

— O Juan me chamou para sair com o pessoal amanhã. Você quer ir?

— Não sei se tenho coragem de olhar na cara de Kiko depois do que aconteceu. — Levei a mão ao rosto para esconder minha vergonha.

Rodrigo gargalhou.

— Apesar dos pesares, Kiko é um cara legal. Pode apostar que não vai fazer nada para te deixar constrangida. Além disso, acho que estamos precisando de um pouco de diversão.

— Sim, estamos — respondi sorrindo. — Podemos ir, é claro.

— Vou gostar de ter você como companhia. Não é todos os dias que a gente sai com uma garota tão bonita. — Ele veio para cima de mim, a fim de me beijar, e eu novamente me perdi e me encontrei naqueles lábios, com a certeza de que ele era a escolha mais certa que fiz nos últimos tempos.



CECÍLIA

Depois de me aprontar, Rodrigo me levou à loja da minha avó, onde me deixou e seguiu para seu trabalho também.

Antes de ir morar em Solário, eu costumava odiar o marasmo das rotinas. Nada me deixava mais entediada do que acordar com o dia inteiro programado exatamente igual ao anterior. Porém, depois de tudo o aconteceu, passei a apreciar até mesmo as coisas mais simples.

Uma semana se passou em total calma. Trabalhava com minha avó na loja e, depois, à noite, me encontrava com Rodrigo, fosse na praia, na casa dele ou na minha, e fazíamos amor, namorávamos sob as estrelas — enquanto ele tocava seu violão —, ou apenas conversávamos, tentando nos aproximarmos cada vez mais. Tínhamos algumas notícias de Luís e da investigação, mas esta parecia andar a passos de lesma. Optamos, então, por deixá-lo fazer seu serviço, enquanto aproveitávamos nosso tempo juntos.

Apesar de me sentir sempre pronta para ficar com Rodrigo, também gostava de me reunir com minha avó e minha prima na sala de estar da casa, enroladas em cobertores, assistindo a comédias românticas clichês. Naquela noite em específico, havia pipoca, guaraná e brigadeiro de panela esfriando na geladeira, o que tornava tudo muito mais agradável. E aquelas duas estavam me fazendo gargalhar como há muito não acontecia.

Eu tinha me esquecido completamente da sensação de rir das coisas mais bobas, sentindo o coração leve e pleno. Talvez o desabafo com Rodrigo, dias atrás, tivesse me feito bem, porque estava realmente feliz.

Ou quase. Algo ainda me incomodava — principalmente o fato de haver um assassino que tinha sérios problemas comigo à solta —, mas os principais problemas eram uma carta e um retrato que não me pertenciam, e que estavam em meu poder. Dois papéis que poderiam criar um verdadeiro caos, destruindo minha relação com Rodrigo. Já deveria ter falado a verdade, mas vinha adiando e adiando, perdendo mais a coragem conforme os dias passavam.

— Ei, Cecília, ficou calada de repente. Algum problema? — muito observadora, Pauline indagou.

Eu poderia negar e inventar que era cansaço ou qualquer coisa parecida, mas acho que estava em uma vibe de desabafar, porque decidi abrir meu coração. Conselhos e ombros amigos nunca eram demais.

— É que eu fiz uma coisa muito feia e ainda não decidi se estou arrependida ou não.

— Quer falar sobre isso, querida? — minha avó perguntou, enquanto fazia uma linda pintura de morangos em uma caixinha de madeira para sua loja.

— Acho que sim, mas já sei que foi errado. Estou até com vergonha de contar.

— Não precisa ter. Não vamos te julgar.

Eu sabia disso. Sendo assim, fui em frente.

— Peguei uma coisa na casa do Rodrigo, mais precisamente no quarto de Andreia, sem autorização. E por acaso essa coisa está agora guardada no criado-mudo do meu quarto, porque simplesmente ainda não tive coragem de devolver.

— O quê? — Minha avó parou de fazer sua pintura subitamente, virando a cabeça na minha direção em um estalo. — Que história é essa, garota?

— É que estamos desconfiados de que Andreia sabe de alguma coisa que não está nos contando.

— Claro que não está. Como poderia contar se não fala há dois anos? — Pauline se intrometeu, arregalando os olhos.

— Não! — exclamei sobressaltada. Aquele era um segredo que eu não poderia compartilhar, uma vez que não pertencia apenas a mim. — Acho que me expressei mal. A verdade é que Rodrigo andou descobrindo informações sobre Andreia que podem ter influenciado no acidente. Como ela não pode mais falar, peguei duas coisas que achei que poderiam nos trazer respostas.

— E você conseguiu descobrir alguma coisa? — vovó indagou, com uma sobrancelha erguida. Sem dúvidas estava me repreendendo internamente.

— Consegui. Algumas coisas até relevantes, mas nada compensa minha consciência pesada.

— Ah, imagino que não compense mesmo. Rodrigo não vai ficar nada feliz quando souber. — D. Zuleika voltou a fazer seu trabalho, tentando

parecer indiferente à situação, mas eu sabia muito bem que deveria estar doida para dar mais alguma opinião.

— Você precisa contar para o Rodrigo antes que ele descubra por outros meios — Pauline também se manifestou. Concordava plenamente com suas palavras, mas não era tão fácil quanto ela fazia parecer.

— Vou contar. Só estou esperando o momento certo.

— Não existe momento certo para isso, Cecília. Sempre vai ser complicado. Quanto mais tempo demorar, mais difícil vai ser.

As duas tinham total razão, e eu era uma boba por adiar tanto aquela confissão. No dia seguinte eu contaria tudo para ele assim que voltássemos do barzinho.

Estava prestes a anunciar minha decisão às duas companheiras daquela noite quando meu celular tocou. Certa de que era Rodrigo, peguei o aparelho e nem sequer chequei o visor. Algo que me fez amaldiçoar minha própria atitude.

— Cecília, minha filha! Ah, meu Deus! Nem acredito que você atendeu finalmente!

Sim, era a minha mãe. A última pessoa com quem eu gostaria de falar naquele momento. Ou melhor... eu não queria ter qualquer contato com ela em hipótese alguma, em nenhum lugar, em nenhum momento. Se tivesse muita, muita sorte, nunca mais precisaria suportá-la em minha vida, mas eu não era assim tão afortunada, porque lá estava aquela mulher me assombrando como um fantasma amaldiçoado.

Sem nem pensar duas vezes, encerrei a ligação. Minha avó percebeu que havia algo de errado.

— Nem adianta inventar que era engano, porque sei muito bem que era a sua mãe — ela falou com seu tom mais severo.

— Era telemarketing. — Péssima mentira.

— Não minta para mim, Cecília! Falei com sua mãe mais cedo, e ela disse que iria te ligar à noite.

— Vó, eu não quero falar com ela. Não agora.

— Na minha casa você não vai desligar o telefone na cara da sua mãe. Não importa o que aconteceu, não vou permitir que a ignore. Ligue para ela agora.

Jamais ouvi minha avó usar um tom de voz tão incisivo quanto aquele. Olhei para Pauline e a vi balançando a cabeça em negativa, dando a entender que eu não deveria contrariá-la. Rendida e sem dizer nada, peguei o telefone e fiz a chamada, totalmente contrariada.

Mas, afinal de contas, queria até ouvir o que ela tinha a dizer.

— Cecília! Por que desligou o telefone na minha cara? Sou sua mãe! — ela cacarejou.

— Nem sempre você se lembra desse fato, mas é o seu nome que consta na minha certidão de nascimento, então... — usei de todo o meu sarcasmo e nem me virei na direção de minha avó para não ver sua expressão de desaprovação. Pauline, por sua vez, apenas sorria. Seus sentimentos em relação à minha mãe eram muito parecidos com os meus.

— Garota insolente! Estou há dias tentando falar com você para saber como está, mas só me ignora. E sabe o quanto eu odeio ser ignorada. Perdi várias horas de trabalho com essa sua baboseira.

— Baboseira? — Ri. Até porque não me restava muito mais a fazer. Não quando seu discurso chegava a ser patético.

— Claro. Uma filha que não quer falar com a mãe? Como mais poderia chamar?

Engoli em seco, tentando fazer com que a raiva passasse pela minha garganta, mesmo afiada como estava.

— E como se chama a atitude de uma mãe que prefere transar com o novo amante ao invés de ficar com a filha depois de ela ser sequestrada por um *stalker* e tê-lo matado em legítima defesa? — Olhei para a minha avó e para Pauline, e as duas pareciam completamente chocadas. Não era a melhor forma de fazê-las saberem pelo que passei, mas não consegui me conter. — Eu precisava de apoio, mãe, mas na sua opinião não era importante interromper seu final de semana romântico para ficar comigo. Estava sozinha, assustada... enquanto você pouco se fodia para mim — elevei a voz para dizer as últimas palavras. Do outro lado da linha, apenas o silêncio.

Não que o fato de ela ter ficado calada me surpreendesse. Provavelmente, não fazia ideia do que dizer, uma vez que sabia que estava errada. Apesar disso, eu duvidava muito que mulheres como ela tivessem algum tipo de consciência.

— Cecília, eu...

— Não. Não vou deixar que peça desculpas. Não existem palavras que possam justificar sua atitude. Não posso te perdoar. Não ainda. Talvez um dia.

Desliguei novamente. Daquela vez, porém, minha avó não falou nada. Tanto ela quanto Pauline olhavam para mim com aquela expressão de compaixão que eu tanto odiava. Elas também pareciam não saber o que dizer.

— Falem. Podem falar. Sei que estão especulando várias coisas — comecei, esperando que aquele silêncio sufocante terminasse logo.

— Querida, eu... — com a mesma expressão penalizada, minha avó se dirigiu a mim enquanto pegava a minha mão.

— Vovó, eu estou bem. — Não era inteiramente verdade, mas era a primeira vez que *quase* conseguia ser sincera.

— Espero que esteja mesmo, minha filha. Espero, de coração, que esteja. — Ah, merda! Minha avó estava chorando. Aquilo era o pior que poderia me acontecer naquela noite. — O que falou para sua mãe é verdade? Tudo isso aconteceu com você?

Não adiantava negar, adiantava? Ela saberia.

— Sim, vó. É verdade, mas ficou tudo bem. Só não me peça para falar com a minha mãe. Não tenho estrutura para isso agora.

Levantei-me, deposei um beijo no alto da cabeça da minha avó e sorri para Pauline, saindo da sala e me dirigindo ao quarto. Ainda era cedo, mas para mim o dia tinha terminado ali.

Quando ainda estava entrando no cômodo, meu celular tocou novamente. Eu deveria ignorar, mas estava irritada o suficiente para vociferar por horas. Descontar na minha mãe poderia ser uma boa ideia.

— Porra, não é possível que você ainda não tenha entendido que...

— Cecília? — A voz do outro lado da linha me interrompeu, principalmente porque não era a da minha mãe. Era a de um homem. Não uma voz de verdade, mas uma metálica, computadorizada. Alguém estava usando um *software* para falar comigo. Não tive dúvidas de quem se tratava. — Foi uma péssima ideia envolver a polícia no caso. Eles estão remexendo em coisas que não deveriam. Estava pensando em te deixar em paz, mas acho que vou ter que te dar uma lição, no final das contas. Não queria te machucar, só que você vai me obrigar a isso.

A ligação foi interrompida de súbito, e eu me vi completamente catatônica, sem saber como reagir. Ele tivera a audácia de ligar para mim, de falar comigo, me ameaçar. Falava como se estivesse coberto de razão. Era um inimigo com o qual eu não estava preparada para lidar.

Sim, eu era uma sobrevivente, mas será que conseguiria enganar a morte duas vezes?



RODRIGO

Eram dez horas da noite quando desliguei o telefone com Cecília. Sentia-me tão transtornado pelo que ela havia me dito que tudo o que eu queria era me despencar até a casa de Zuleika só para vê-la, tocá-la e me certificar de que estava bem depois de mais aquele susto. Eu sabia que ela não contaria para a avó sobre o telefonema, iria lidar com tudo sozinha.

Estava tão puto que minha vontade era socar alguma coisa. Porém, já tinha dado socos demais em muito pouco tempo e não adiantara de nada. O que eu *realmente* precisava fazer era ter uma boa conversa com alguém que, sem dúvidas, poderia trazer esclarecimentos. Fui até o quarto dela e parei bem à soleira da porta, observando-a. A enfermeira tinha acabado de ir embora, e meu pai tomava banho na suíte. Desde que voltara a lidar com a realidade de sua vida, vinha fazendo um bom trabalho, não saindo de perto da filha em hipótese alguma.

Chegava a ser doloroso olhar para Andreia daquela forma, tão indefesa, e saber que escondia tantos segredos. Sempre pensei nela como minha irmãzinha, com quem compartilhava tantas similaridades e que parecia tanto comigo que chegava a me assustar. Porém, vinha aos poucos descobrindo que ela era alguém que eu simplesmente não conhecia.

No entanto, nada que tivesse feito em seu passado poderia mudar o fato de que eu a amava, porque aquela era a maldição do sangue. Era mais espesso do que água e jamais permitia que deixássemos um de nós para trás. Família era para sempre. Eu não pretendia desistir de Andreia.

Ainda a observava, em silêncio, quando meu pai saiu do banheiro, secando os cabelos. Ele os tinha cortado — já não estavam mais longos e desgrehados —, a barba fora feita, e só aquelas pequenas mudanças já o deixavam muito mais parecido com o homem que fora antes das tragédias de nossa família. O homem que eu tanto admirava.

— Ah, filho, não sabia que estava aí. Tudo bem? — ele perguntou assim que me viu.

— Está.

— Não parece. Estou te achando muito apreensivo.

— Estou cansado, só isso. Tenho dormido pouco.

Meu pai balançou a cabeça e colocou a mão em meu ombro.

— Sei que vivi dias muito obscuros, mas essa fase passou. Quero compensar meus erros, principalmente com você. Se quiser compartilhar o que te aflige, não se esqueça de que estou aqui.

Esperei por muito tempo para ouvir uma frase como aquela, então, mesmo com meu coração cheio de dúvidas, por conta dos segredos que Andreia guardava, não pude deixar de sorrir.

— Obrigado, pai. Está tudo bem. Só sinto saudades de Andreia. Acho que vou chamá-la na piscina antes que durma.

Fiz menção de me virar para sair do quarto, mas parei quando o ouvi começar a falar.

— Essa conexão de vocês... — não completou a frase de imediato, parecia buscar as palavras corretas. — Nunca compreendi muito bem. Sua mãe sempre dizia que era algum tipo de dádiva divina, e acho que ela estava certa. Agora você pode levar um pouco de alegria à sua irmã.

— Não é exatamente um poder de super-herói — brinquei, com um sorriso no rosto. — Não posso salvar o mundo, nem mesmo uma única pessoa. — Inconscientemente, meus olhos se voltaram na direção de Andreia. Afinal, se eu tivesse o poder de salvar alguém, seria ela, sem dúvidas. Enquanto pensava a respeito, abaixei-me para coçar a cabeça de Netuno que, com uma cara de sono das mais amassadas, surgia e roçava em minhas pernas.

Meu pai também sorriu. Fazia tanto tempo que não via uma expressão de satisfação como aquela em seu rosto que chegou a me parecer quase estranha.

— Você já é um herói para ela, Rodrigo. Tudo que fez e faz por sua irmã devem deixá-la muito agradecida. — Assenti, mais para não contrariar do que por realmente concordar com o que ele tinha acabado de falar. Contudo, meu pai parecia ter mais a dizer. — Andreia comenta com você sobre o que sente? Ela... ela... sofre?

Claro que ele sabia a resposta. Era o tipo de pergunta que se fazia apenas por fazer. Imaginava que, muito provavelmente, deveria preferir uma mentira, mas, ao mesmo tempo, queria a verdade. Uma verdade que ele já conhecia.

— Sofre. Ela odeia cada minuto da vida que leva. — Havia mais a dizer. Eram vinte e quatro meses de confissões, embora Andreia evitasse ao máximo mencionar suas dores, mas eu sabia. A cada dia que passava, ela ia perdendo o brilho, conforme a espera também ia desaparecendo. Se é que alguma vez existiu. A cada dia se tornava mais silenciosa. No entanto, jamais ficara completamente calada por tanto tempo, como andava acontecendo. Estava mais do que na hora de resolver aquele problema.

Sem deixar que meu pai fizesse outras perguntas, saí do quarto apenas com um meneio de cabeça e segui direto para a piscina, com Netuno a me seguir animadamente. Tirei a blusa, deixando apenas o short, e me joguei na água. Não estava com pressa, embora o assunto fosse urgente. Sendo assim, dei algumas braçadas vigorosas de um lado para o outro, mais para adiar a conversa do que por qualquer outro motivo. Não estava ansioso pela verdade. Muito menos pela falta dela, caso Andreia decidisse me deixar no vácuo novamente.

Nadei, nadei e nadei até sentir os braços dormentes. A água estava fria, e a sensação de estar dentro dela sempre era gratificante. Renovadora. Naquela noite, contudo, a única emoção que habitava minha alma era um terrível incômodo e uma amarga melancolia por tudo o que já havia passado e pelo que sabia que ainda aconteceria.

— *Andreia?* — chamei, sentindo o nome dela pesar em minha língua como chumbo.

Eu sabia que ela não responderia de primeira. Era possível que chegasse a me ignorar por completo, uma vez que tinha tantas explicações a dar, mas eu não estava disposto a desistir tão fácil.

— *Andreia, sei que está me ouvindo. Tenho a noite inteira para ficar te perturbando. Não vou te deixar dormir.*

Nada ainda.

Emergi por alguns segundos, não porque precisasse recuperar o fôlego, mas porque um pensamento muito preocupante passou pela minha cabeça bem rapidamente. E se ela nunca mais falasse comigo? E se nossa conexão tivesse sido cortada para sempre? Era possível, não era? A paralisia de

Andreia poderia, enfim, ter atingido sua capacidade telepática, afastando-a de mim em definitivo.

Entrei em pânico imediatamente. Seria um destino cruel demais para ela, e eu não podia permitir que meus pensamentos buscassem aquela explicação.

— *Andreia!* — novamente submerso, chamei seu nome outra vez, com um pouco mais de autoridade. — *Se você não responder, vou ter que fazer algo que não quero. A polícia está me obrigando a te levar para fazer corpo de delito por conta do sequestro. Se não me responder, vou ser obrigado a obedecer.*

— *Não, Rodrigo. Por favor.*

Ah, então ela ainda estava ali. Mal pude conter o meu alívio.

Ela ainda estava ali...

Ela ainda estava ali...

Mesmo que repetisse aquela frase muitas vezes, ainda assim não seria suficiente. Senti a necessidade de erguer minha cabeça da água por alguns segundos, embora temesse que ela pudesse desaparecer de novo.

Depois de me recompor, voltei a mergulhar, ansioso para tentar falar com ela.

— *Andreia? Por favor, fale comigo.*

— *Estou aqui, Rodrigo. Só peço que não me leve para fazer aquele maldito exame. Já me bastam todos os médicos aos quais sempre me levam.*

— *Tudo bem. Tudo bem* — concordei. Na verdade, seria capaz de dizer qualquer coisa naquele instante só para mantê-la comigo. — *Andreia, precisamos conversar. Fiquei sabendo de tantas coisas estranhas sobre você que estou até atordoado. Um aluguel de carro, uma chantagem para que uma competição fosse boicotada... Além disso, descobri que havia outra pessoa no barco com você e Karine. O que tudo isso quer dizer, Andreia? O que aconteceu? Você precisa me explicar, porque está em perigo. E Cecília também. Se está acobertando alguém...*

— Rodrigo, sinto muito. Sei que vai ficar desapontado, mas não posso responder às suas perguntas. Só tenho uma única coisa a dizer.

— *Diga, pelo amor de Deus.*

Ela não falou nada em um primeiro momento. Esperei em silêncio, pois sabia que não poderia pressioná-la, embora temesse que desistisse. Sobre as perguntas que fiz, teria que tentar convencê-la depois a me dizer o que eu tanto queria saber. Felizmente, ela não tardou a retornar o contato.

— *Não deveria confiar tanto na sua namorada.*

— *Mas do que está falando, Andreia?* — indaguei, contrariado.

— *Talvez ela também esteja escondendo alguma coisa e não seja a mocinha inocente que você pensa que é.*

— *Não fale em enigmas!* — Não fazia ideia de onde ela queria chegar, mas não estava gostando do caminho que começava a seguir.

— *Não são enigmas, mas acho que você deveria descobrir tudo por si mesmo.*

Aquelas foram suas palavras finais, pois nossa conexão foi quebrada. Era como um clique. Como quando um telefone é desligado na nossa cara. Eu ouvia e sentia em minha mente.

Andreia não me diria mais nada. Não adiantava fazer novas perguntas nem repetir as anteriores. Eu a tinha perdido de novo e não fazia ideia de por quanto tempo manteria o silêncio daquela vez. Atendera ao meu chamado apenas para dar o recado. Um recado sobre Cecília...

O que Andreia poderia saber sobre ela, estando presa naquele quarto, sem acesso a pessoas que pudessem lhe contar fofocas?

O que será que havia de tão grave que eu tanto precisava saber?



CECÍLIA

Havia algo de muito mágico nas manhãs de Solário. Além da beleza da aurora, do cheiro leve de maresia, que eu conseguia sentir mesmo à distância de uma rua, havia Rodrigo. E ele não cansava de me surpreender. Fui acordada por uma mensagem de celular, que dizia: *Estou na sua varanda. Apresse-se ou serei obrigado a entrar e te raptar.*

Mal me dei conta, mas logo o sorriso mais bobo da história dos sorrisos surgiu em meus lábios. Fiz exatamente o que pediu e fui encontrá-lo. Se tinha qualquer intenção de lhe dar bom dia, esta foi totalmente frustrada, pois meu braço foi agarrado antes que eu pudesse terminar de proferir a primeira palavra e fui derrubada em seu colo. Ele me segurou com firmeza, enquanto colava os lábios aos meus.

Tive tempo apenas de passar meus braços ao redor de seus ombros antes que sua língua invadisse minha boca, sedenta e exigente. Possessiva. Beijava-me como se não me visse há dias, como se sua sobrevivência dependesse daquilo.

Quando ele terminou o beijo, seus braços ainda me prendiam, me mantendo em seu colo.

— Bom dia — consegui dizer, mesmo com a respiração ofegante.

— Bom dia, baby. É assim que você merece ser acordada todos os dias.

— Acho que posso me acostumar com isso — brinquei, adquirindo uma expressão blasè, que o fez rir.

— Conversei com sua avó, e ela decidiu lhe dar o dia de folga para que possa ficar comigo.

— Ah, *ela* decidiu? — indaguei, cheia de ironia.

— Talvez eu tinha sido um pouco persuasivo, mas já disse que D. Zuleika é uma mulher santa.

— Sem dúvidas, ela é. — Sorri.

— Então, vamos à praia?

— Não estou de biquini.

— Está frio. Embora sempre seja um prazer ter a chance de contemplar esse seu corpo maravilhoso. — Rodrigo estreitou os braços ao meu redor, me apertando com mais força. — Ainda mais levando em consideração tudo o que eu gostaria de estar fazendo com ele... — traçou uma linha de beijos pelo meu pescoço, enquanto falava. — Pensei em apenas caminharmos um pouco, tomarmos água de coco, te beijar de frente para o mar...

— Adorei a ideia. Principalmente a do beijo...

Sem nem esperar outra deixa, Rodrigo me beijou outra vez, mas de forma um pouco mais lenta, menos desesperada. E, assim que se afastou, me pôs no chão e seguimos rumo à praia. Caminhamos de mãos dadas, sentindo o sol em nossas cabeças ainda morno e o ventinho gelado da manhã arrepiando meus braços. Rodrigo segurava seu violão na mão livre, parecendo relaxado como eu jamais o tinha visto.

No exato momento em que chegamos à areia, Rodrigo exerceu seu cavalheirismo, tirando a blusa e fazendo-a de canga para que eu pudesse me sentar. Aquele gesto sempre me deixava sem fôlego, pois a visão de seu torso musculoso era sempre um deleite.

Ficamos sentados, enquanto Rodrigo dedilhava em seu violão por algum tempo, contemplando o mar, até que ele deixou o instrumento de lado e me puxou para seu colo. Beijou-me outra vez, me segurando com força. Suas mãos passeavam pelas minhas coxas, como se quisesse aprender cada uma das curvas do meu corpo e sem nem se importar com as pessoas que passavam. Era como se ele guardasse uma centena de beijos naqueles lábios, porque me fazia sentir um milhão de sensações diferentes por segundo. Fazia com que minha mente dissertasse em mil idiomas.

Rodrigo era capaz de fazer um mundo inteiro explodir ou virar o céu do avesso quando me tomava em seus braços daquela forma. Sentia que cada toque de suas mãos possessivas poderiam fazer com que eu me desintegrasse, não em cinzas, mas em pétalas, que seriam jogadas ao vento só para retornarem ao meu coração.

Quando nossos lábios se afastaram, eu podia jurar que me sentia completamente zozza.

— Você é muito bom nisso.

Ele abriu um sorrisinho malicioso, de canto.

— Ainda nem comecei a te mostrar as coisas que *realmente* sei fazer.

— Estou à disposição, seja lá para o que for — sussurrei, com a voz rouca e cheia de desejo.

— Claro que está. Neste exato momento, você é toda minha. Vai ficar aqui nos meus braços até que eu decida te soltar.

Fui contemplada por outro beijo, que aumentou ainda mais a minha certeza de que eu não pretendia sair de onde estava tão cedo.

O tempo passou por nós de forma gentil. Permanecemos ali até sentirmos fome. Almoçamos em um quiosque e partimos para a casa da minha avó.

Na varanda, Rodrigo novamente pegou o violão e começou a dedilhar uma música que eu não conhecia, que parecia improvisada na hora.

— Você toca bem... — Cruzei as pernas sobre o balanço.

— Gosto de tocar, mas o violão era de Andreia. Ela tocava bem melhor do que eu.

A menção do nome de Andreia me deixou um pouco inquieta e incomodada. Respirei fundo e desviei o olhar, esperando que ele não percebesse, mas, observador como era, não demorou a tecer um comentário.

— Você tem algo a me dizer? — ele perguntou, com o cenho franzido. A expressão que ele trazia no rosto provava que estava perguntando só por perguntar, mas já sabia a resposta.

Mentir não era uma opção. E nem era o que eu queria. Talvez fosse melhor falar logo e exorcizar aquele problema.

— Eu peguei duas coisas no quarto de Andreia. — Soltei de uma vez.

Rodrigo pareceu confuso e voltou os olhos em minha direção, ainda com o cenho franzido.

— O que você pegou? — ele perguntou, finalmente, depois de alguns segundos que pareceram uma eternidade.

— Uma carta de Karine para ela e um retrato que mostra duas mãos entrelaçadas. Acredito que uma delas seja do homem que estamos procurando.

Mais alguns segundos de silêncio. Total silêncio, aliás, porque até meu coração se calou diante da espera. Meus pensamentos sussurravam desesperados, mas tentei me controlar e deixar que ele absorvesse a informação aos poucos.

— Você não deveria ter feito isso. — Não foi a frase que me deixou mais preocupada, mas o tom usado para dizê-la. Rodrigo não mais me observava. Seus olhos estavam fixos no chão, e em sua voz era perceptível toda a decepção que sentia.

— Não, não deveria. — Também abaixei a cabeça, quase desolada, totalmente sem defesa. — E me envergonho. Me desculpe. — Algumas lágrimas começaram a cair de meus olhos, porque eu realmente sentia muito.

— Não é a mim que você precisa pedir desculpa. É a Andreia. Foi a privacidade dela que você invadiu.

A vergonha se empoleirou em meu ombro e se costurou à minha sombra, e eu sabia que não me libertaria tão cedo dela. Naquele instante, tudo o que parecia verão tornou-se um inverno glacial; tudo o que era belo tornou-se estranho, disforme, como uma ferida exposta. Na verdade, era exatamente assim que me sentia, machucada de forma profunda, porque sabia o quanto aquilo nos afetaria. E o maior problema era que eu só podia culpar a mim mesma.

Apesar de parecer visivelmente contrariado, Rodrigo permanecia calmo e imóvel. Seus olhos já tinham mudado de direção e agora estavam fixos na rua à nossa frente.

— Não sei o que dizer... Não quis causar problemas, mas estava com medo. Queria tentar descobrir alguma coisa. — Tropecei nas palavras, atrapalhada, enquanto ele continuava a não me responder. Tinha a impressão de que estava se controlando para não dizer algo que pudesse me magoar. Contudo, eu duvidava muito que conseguisse me ferir mais do que eu já tinha ferido a mim mesma.

— Você é capaz de imaginar como deve ser a vida de Andreia? Consegue pensar como ela pode ter forças para continuar, dia após dia? — Não, não conseguia imaginar, mas Rodrigo não queria uma resposta, queria apenas que eu refletisse. — Agora, você tem noção de como deve ter sido para ela ver

uma completa estranha mexendo em suas coisas? Revirando suas gavetas na calada da noite?

— Ela viu? — indaguei, ainda mais envergonhada.

— Viu ou ouviu, não importa. Pelo que me parece, você não fez a menor questão de ser discreta. Nem se importou se isso iria ou não ferir seus sentimentos. Consegue visualizar o quão impotente ela deve ter se sentido?

— Você fala como se eu tivesse feito por mal. E não foi.

— Sei que teve seus motivos, e até consigo compreendê-los, mas as consequências do seu ato foram maldosas.

Engoli em seco e senti o gosto amargo do meu próprio arrependimento descendo pela garganta, mas ele estava certo. Nada de bom poderia resultar de uma atitude como a minha. Se eu fosse bem sincera comigo mesma, chegaria à conclusão de que tive outros motivos para fazer o que fiz. Um deles, e talvez um dos mais fortes, fora que senti uma imensa raiva de Andreia por esconder tantos segredos e colocar outras pessoas em perigo, mesmo inconscientemente. E ainda sentia, embora a compaixão fosse mais forte que qualquer outro sentimento.

— Sei que isso não justifica o que eu fiz, mas Andreia guarda segredos perigosos demais.

— Tem razão, não justifica, principalmente porque eu disse que não queria mexer nas coisas dela. — Ele ficou um pouco irritado, embora ainda não se alterasse. — Todos nós temos segredos e razões para mantê-los.

— Mas o segredo dela envolve um assassinato.

— O seu também, não é?

Não esperava por aquilo. Nem em meus sonhos mais sombrios poderia pensar que Rodrigo teria coragem de cravar um punhal tão profundamente em meu coração. Nada no mundo teria tanto poder de me desconcertar quanto o fato de ele usar o que eu tinha lhe contado, a tanto custo, contra mim.

Não tive sequer coragem de tentar falar alguma coisa, porque havia uma grande chance de as palavras ficarem entaladas na minha garganta junto com toda a amargura que explodia dentro de mim. Em um rompante de dignidade, levantei-me e comecei a me afastar dele. Claro que eu estava errada. Claro

que provavelmente não tinha o direito de me sentir ofendida, mas não pude evitar.

— Cecília! — ele me chamou enquanto eu ainda caminhava. Talvez devesse ter parado, mas simplesmente não tinha a menor vontade de olhar em seus olhos. — Cecília, pare, me desculpe...

Continuei andando, decidida. Podia sentir Rodrigo apressando o passo atrás de mim, enquanto eu entrava na casa, então, fiz o mesmo. Esperava chegar ao meu quarto antes de ele me alcançar, para poder me fechar lá dentro, mas estava tão nervosa que meu pé falhou ao alcançar o degrau de cima, e eu caí exatamente onde não queria: nos braços de Rodrigo.

Sem demora, ele me começou a subir comigo em seu colo.

— O que está fazendo?

— Vamos conversar.

Eu nem tive tempo de responder, pois chegamos ao meu quarto, e Rodrigo me jogou na cama. Apressado, me deixou ali e foi trancar a porta.

— Rodrigo, não faça isso — pedi em tom de súplica, levantando-me. — Só vai piorar as coisas.

— Não vou deixar que saia daqui até que me escute. Eu não quis dizer o que você interpretou.

— Quis, sim. Tudo bem, foi merecido. Ou talvez não, mas você falou a verdade. Eu realmente tenho meus segredos, e eles também não são nada bonitos. — Tentei forçar a porta, mas ele ainda não estava disposto a me liberar.

Rodrigo soltou um suspiro.

— Talvez você esteja certa. Talvez seja melhor esfriar a cabeça e nos falarmos mais tarde.

Apenas assenti em resposta, concordando. Não era o que eu queria também. Sem dúvidas, queria que nos entendêssemos logo ali, mas temia que um de nós piorasse ainda mais a situação.

Sendo assim, ele finalmente abriu a porta e saiu, me deixando dentro do quarto. Naquele momento, eu não saberia dizer qual das duas era mais claustrofóbica — se sua companhia ou a solidão que restou.



RODRIGO

Naquele momento, eu a odiava.

E... merda! Ao mesmo tempo, a entendia. Por mais que jamais pudesse agir como ela, invadindo a privacidade de alguém — principalmente alguém tão indefeso quanto Andreia —, não éramos pessoas iguais, tínhamos passados completamente distintos. As feridas de Cecília eram muito mais profundas, e não era a primeira vez que a violência batia à sua porta. Mesmo assim, fiz-me de juiz e me pus a julgá-la. Tudo o que me restava era remoer pelo erro.

Não me sentia errado por ficar magoado, é claro. Contudo, não me dava o direito de falhar com ela também. Ainda assim, precisei preencher os restos do dia me afundando em trabalho.

Mas o destino não estava muito disposto a me liberar da culpa.

Claro que não. Por que estaria, se ele sabia muito bem ser um belo filho da puta?

Já passava das seis da tarde quando Pauline bateu na porta do meu escritório. Deixei que ela entrasse, mesmo já sabendo que aquela visita me estressaria ainda mais, a julgar pela forma como olhava para mim.

— Você foi rápida — afirmei, convidando-a a se sentar, mas ela preferiu ficar de pé.

— E você também em magoá-la. O que foi que aconteceu? — ela perguntou enquanto se sentava.

— Pensei que Cecília já tinha te falado.

— Não. Passei em casa para pegar uns papéis e a encontrei chorando. Não acho que essa seja uma reação muito comum para alguém que voltou de um passeio romântico. — Balancei a cabeça em concordância, simplesmente porque não podia negar o óbvio. Apesar disso, saber que Cecília estava chorando fazia meu coração se retorcer. — Olha, Zero...

— Por favor, não me chame assim.

— Tudo bem, foi mal, mas eu sei que Cecília fez uma coisa bem feia.

— Ah, ela te contou? — Tentei parecer indiferente. — Não contou para mim, mas eu percebi que havia algo de errado. Então, quando perguntei, ela não pôde negar.

Pauline assentiu e respirou bem fundo.

— Seja como for, sei que Cecília pisou na bola. E compreendo que você tenha ficado muito puto ao saber, só que ela não fez por mal. Depois de tudo pelo que passou...

— Pauline, eu sei. Não posso negar que fiquei muito magoado, mas seria capaz de perdoá-la ali mesmo, assim que tomasse um tempinho para respirar e pensar com calma. Só que não sei quanto tempo *ela* vai precisar para *me* desculpar.

— *Te* desculpar? Por quê?

— Porque eu sou muito bom em agir como um babaca de vez em quando. Falei algo que não devia e acho que a magoei muito.

— Você acha? — Ela foi bem sarcástica. — Eu tenho plena certeza, pela forma como a encontrei quando cheguei em casa. — Fez uma pausa, respirou fundo e balançou a cabeça em negativa, parecendo bastante chateada com aquela situação. — Tudo bem, Rodrigo, fico feliz que tenha entendido o lado dela, mas isso precisa ser consertado. Vocês dois merecem ser felizes. Como vai resolver a situação?

— Não sei. — Levei a mão à cabeça, sentindo-a doer. — Realmente não sei, mas acho que, por ora, ela não vai querer falar comigo.

— Talvez não, mas podemos dar um empurrãozinho — Pauline ergueu uma sobrancelha, e eu entendi que tinha algo em mente. — Vou tentar fazer com que ela saia conosco hoje à noite, para que possam se encontrar.

— Acho difícil ela topa.

— Isso você deixa comigo. — Pauline deu uma piscadinha e se levantou, pronta para ir embora. Não precisamos dizer mais nada, e eu tinha certeza de que ela cumpriria a promessa.



XVII

ÁGUAS TURVAS



CECÍLIA

Eu não queria diversão. Também não estava no clima para sair da cama, mas Pauline sabia ser muito insistente. Seria capaz de ficar me atazanando por horas e horas, o que, sem dúvidas, seria muito pior do que concordar com o que me pedia. E claro que ela também me ajudou a escolher a roupa, porque teve certeza de que eu acabaria com uma calça jeans e uma camiseta de tão desanimada que estava. No final das contas, encontrou um vestido preto de mangas compridas, colado ao corpo, que achou ideal.

Tudo aconteceu enquanto eu estava em modo automático e, quando menos percebi, já encontrava-me no barzinho, ao redor de todas aquelas pessoas que conheci no luau, com um copo de cerveja na mão. Mas, daquela vez, meu discernimento permanecia intacto, e por mais que estivesse triste não planejava ficar bêbada.

O local era bem charmoso, inspirado nos pubs irlandeses, com um aspecto mais rústico, paredes de madeira com quadros de caça, mesa de sinuca e uma banda de rock ao vivo, muito boa. A cerveja era artesanal e deliciosa, e o bar estava apinhado de gente. Seria uma senhora noite, mas eu não conseguia me animar. Estaria bem melhor se Rodrigo fosse minha companhia.

— Vocês viram que o pessoal está planejando um concurso de apneia e natação para o verão? — Kiko perguntou para todo o grupo.

— Já estava mais do que na hora. Desde o acidente de Karine e Andreia nunca mais teve nada disso em Solário. Está fazendo falta. — Ruth falou.

— Ah, mas dá para entender, né? A cidade meio que ficou de luto pelo que aconteceu. — Júnior também se manifestou, e eu quase fugi de perto do grupo. Não era possível que aquele assunto do acidente me perseguisse por toda a parte.

— E vocês viram o que andam dizendo? Que a prefeitura vai patrocinar e que o prêmio vai ser de cinco mil reais por categoria. Acho que até eu vou participar — Kiko brincou.

— Fala sério, Kiko. Você não sabe nadar nem em banheira — Ísis zombou.

— Porra, gata, você só maltrata o meu coração. Tô achando que isso tudo é amor. — Kiko puxou Ísis e colou um beijo estalado em sua bochecha.

Enquanto os dois se resolviam, Júnior virou para mim, perguntando despretensiosamente:

— Você sabe se o Zero vai participar? Pensei em me inscrever, mas contra ele eu não tenho a menor chance.

— Não faço ideia — respondi bem séria. Não era a minha intenção soar rude, mas também não estava nem um pouco a fim de falar sobre Rodrigo. Só que aquelas pessoas teimavam em mencionar os piores assuntos possíveis. Assim ficava difícil tentar me divertir. Meu humor só piorava a cada minuto.

— Aliás, falando em Zero...

Depois de ouvirem Ruth, todos se viraram na direção do bar. Imediatamente, eu entendi por que Pauline insistira tanto para que eu fosse àquela festa, ela queria que nos encontrássemos. Filha da mãe!

A partir do momento em que o vi, parei de prestar atenção em todo o resto. Certa vez eu o comparei ao sol, por toda a luz que irradiava e pela paz que me proporcionava. Daquela, porém, ele me parecia diferente. Tinha muito mais a ver com escuridão, com a noite, algo sombrio e predatório, quase selvagem, todo vestido de preto, dos pés à cabeça, usando uma jaqueta de couro que lhe caía perfeitamente no corpo. Havia também um semblante muito sério no rosto másculo e bonito. Caminhava pelo salão do bar, com certeza procurando pela nossa mesa, mas seus olhos pararam em mim, com aquele jeito intenso que eu já conhecia tão bem e que fazia minhas entranhas se revirarem.

— Ei, Cecília, está prestando atenção? — uma das garotas falou, mas eu nem soube quem era, porque estava focada em Rodrigo. Apenas nele.

Para ser sincera, estava pouco me lixando para qualquer outra coisa. Não me importava o que diziam, o que pensavam, tanto que me levantei da mesa, certa de que ainda não me sentia preparada para falar com ele. Fugir era uma atitude covarde, mas fui obrigada a fazê-lo por minha vulnerabilidade.

Passei por entre as pessoas sem nem compreender que rumo tomava, mas aquele plano de escapar com certeza não deu muito certo. Claro que ele me

alcançou e agarrou meu braço sem dizer nada, começando a me arrastar pelo salão do pub.

— Rodrigo... o que está fazendo?

Ele não respondeu, apenas continuou seguindo seu caminho e me levando junto. Quando me dei conta de que estava me levando para o banheiro, tentei me desvencilhar, o que foi impossível, contudo, pelo menos, consegui fazê-lo olhar para mim.

Só não esperava ouvir o que acabei ouvindo.

— Você não vai querer entrar nesse banheiro carregada nos meus ombros, vai?

Cruzei os braços, em uma atitude de teimosia, o que o fez bufar impaciente.

— Tá, me desculpa, isso foi ridículo. Não vou te obrigar a nada, mas precisamos conversar.

— Será que a melhor ideia para isso seria em um banheiro de um bar?

Rodrigo ergueu a chave na altura de meus olhos, para que eu a contemplasse.

— Teremos privacidade e menos barulho.

Eu não sabia se estava pronta para aquela conversa, mas Rodrigo parecia decidido a insistir.

— Vamos lá, Cecília, me dê esse voto de confiança. Não precisa falar nada. Tudo o que tem que fazer é me ouvir. — Como não respondi de imediato, ele passou a mão pelo cabelo e respirou bem fundo. — Estou um pouco desesperado aqui. Se puder adiantar a resposta...

Desesperado? Era uma novidade para um cara que sempre parecia saber o que dizer e fazer. Além disso, toda a escuridão que enxerguei em seus olhos tinha desaparecido. Naquele instante, só havia pesar.

— Tudo bem, Rodrigo. Vamos conversar.

Sem hesitar, ele pegou minha mão e me conduziu para dentro do banheiro, trancando a porta.

A princípio, apenas andou de um lado para o outro naquele pequeno espaço, passando a mão pelos cabelos e pela barba, desesperadamente.

— Cecília, antes de começar a falar, quero que saiba que você é a garota mais especial que conheci. Mal sei expressar o quanto significa ter você na minha vida, o quanto tenho sorte por você ter me escolhido. — Fez uma pausa e, novamente, coçou a cabeça com nervosismo. — Só que tudo o que tenho feito nesse pouco tempo de relacionamento é te magoar e falar merdas. — Depois de dizer isso, ele se aproximou e colocou as duas mãos em meus braços.

— Rodrigo, não... — Eu não podia permitir que ele me tocasse. Seria o suficiente para que me deixasse completamente frágil outra vez, então tentei me desvencilhar, mas ele estava disposto a controlar a situação.

— Cecília, por favor, me desculpe.

— Provavelmente o que fiz é bem pior do que o que você fez, mas estou com medo, Rodrigo. Eu me abri para você, te contei tudo o que aconteceu comigo, ainda assim, sabendo o quanto esse assunto me faz sofrer, você jogou na minha cara na primeira oportunidade.

— Eu sei. Me desculpe. Não vai acontecer de novo. Prometo.

Ele não precisava prometer. Apesar de tudo, eu já conhecia a índole e o coração de Rodrigo. Ao menos achava que conhecia, por todas as provas de caráter que tinha me dado. Eu também havia falhado. Era o preço de ser humano. E se ele conseguira me perdoar, por que eu não poderia fazer o mesmo e acreditar que não me magoaria outra vez?

Como resposta a seu pedido de perdão, eu me aproximei ainda mais e o beijei. Porque não havia nada que eu quisesse fazer mais do que beijá-lo. Pela forma desesperada como me tomou em seus braços, eu podia jurar que se sentia da mesma forma.

Em segundos, fui jogada contra a parede mais próxima e minhas mãos foram parar sobre minha cabeça, presas pelas de Rodrigo. Ele se ocupou de meu pescoço, beijando-o, roubando meu fôlego, minha sanidade e meus sentidos. Ansioso, em um ato de puro impulso, subiu um pouco a saia do meu vestido preto e me ergueu do chão, entrelaçando minhas pernas em sua

cintura. Mal senti quando ele me levou até a bancada da pia e me sentou lá, sem sequer se importar com o fato de que estávamos em um local público.

Quando Rodrigo me penetrou, foi completamente diferente das outras vezes em que fizemos amor placidamente, quase como uma melodia cadenciada. Naquele instante, éramos como onda e mar, em uma luta desesperada para reencontrarem-se. Rugíamos e despedaçávamo-nos um sobre o outro, ávidos por nos tocarmos. O tempo não estava mais ao nosso favor, porque ele parecia passar em câmera lenta, não acompanhando o ritmo de nossos corações. Nem o de nosso desejo.

Rodrigo me tomava de forma selvagem, me segurando com força e investindo cheio de ímpeto. Eu tentava me manter em silêncio, para que ninguém descobrisse nossa pequena aventura, mas era quase impossível dadas as circunstâncias.

Chegamos ao clímax juntos, alcançando algum ponto nas estrelas ou muito próximo delas. Era assim que eu me sentia — plena, elétrica, em chamas. A sensação era realmente celestial.

— Puta que pariu, Cecília! Meu Deus! — Rodrigo enterrou a cabeça em meu peito, quase desfalecido, enquanto sua mão ainda agarrava a minha coxa, como se não conseguisse parar de me tocar.

Não pude lhe responder, porque tinha me esquecido de como falar, de tão desconcertada que estava. Também não soube precisar por quanto tempo ficamos ali, recuperando nossos fôlegos, até que recobrei os sentidos.

— Você pode me dar um minuto sozinha? Preciso me recompor. — Sorri, e Rodrigo balançou a cabeça, me beijando antes de sair.

Completamente zonza, desci da pia e comecei a ajeitar meu vestido. Lavei as mãos e, depois de secá-las, passei-as pelos cabelos desgrenhados. Não pude deixar de rir ao contemplar meu estado. Levei mais um tempo para terminar de me arrumar e logo saí do banheiro.

Porém, no exato momento em que pisei fora daquele pequeno ambiente, fui agarrada, e uma mão enorme cobriu minha boca. Para completar, um objeto pontiagudo foi encostado na minha cintura, por cima do vestido.

— Fique quieta e venha comigo.

Não pude fazer nada, pois sabia que poderia ser morta caso reagisse. Tudo o que me restou foi obedecer e segui-lo pela porta dos fundos, para onde decidisse me levar.



RODRIGO

Quando cheguei à mesa dos meus antigos amigos, percebi que apenas Pauline e Juan estavam por lá.

— Cadê os outros? — indaguei enquanto me sentava.

— Estão por aí. Alguns foram jogar sinuca e outros foram tentar a sorte com garotas — Juan explicou.

— E Cecília? — Pauline perguntou.

— Banheiro. — Percebendo que ela queria mas informações, acrescentei: — Estamos bem. — A notícia a fez sorrir satisfeita. Gostava de ver que estava torcendo por nós, mesmo sabendo que não era minha maior fã.

Tentei relaxar e até pedi uma cerveja, contudo, o tempo começou a passar e nada de Cecília aparecer, me deixando incomodado com a demora.

Quando a apreensão tornou-se insuportável, decidi consultar Pauline.

— Você não acha que ela está demorando demais?

— Talvez... — ela respondeu, também ficando nervosa.

Não esperei que mais nada fosse dito, apenas comecei a procurá-la. Porém, antes que pudesse me mexer, fui impedido por Juan, que parecia mais calmo e racional.

— Rodrigo, espere. Antes de sair procurando, vamos ligar para ela.

Realmente era uma ideia bem mais inteligente, até porque eu precisava acreditar que não havia motivos para pânico. Ela, com certeza, estava em algum lugar, conversando com alguém, distraída. Era naquilo que eu *precisava* acreditar. Peguei o celular no bolso de trás da calça e tentei ligar para o dela. Chamou, chamou e nada. Cecília não atendeu.

— Nada. Acho que agora está na hora de procurar.

Sem esperar que o casal repondesse qualquer coisa, afastei-me deles, disposto a vasculhar aquele estabelecimento inteiro em busca de Cecília. Decidi começar pelo local onde a havia visto pela última vez, no entanto, o banheiro estava vazio. Quando estava prestes a continuar a busca com o celular, que ainda estava na minha mão, o aparelho vibrou. Apressei-me em

verificar a tela e constatei que era uma mensagem de Whatsapp da própria Cecília, mais precisamente um vídeo.

Por algum motivo obscuro, aquilo não me animou nem um pouco. Abri o arquivo e logo tive a certeza de que minhas suspeitas não era infundadas. A primeira coisa que vi foi a imagem do carro preto, um Meriva, cuja placa eu já conhecia. O veículo que estranhamente pertencia à minha irmã. Em seguida, a câmera entrava no automóvel e focava no banco do carona. Havia uma pessoa lá dentro. Eu nem precisava ver seu rosto para saber de quem se tratava. Aqueles cabelos escarlate que eu tanto adorava eram bastante reconhecíveis, mesmo à distância e no escuro.

Ela estava inconsciente, amarrada e amordaçada. Indefesa. E eu não podia fazer nada para protegê-la. Não havia som, somente aquelas imagens, e ele tinha duração de apenas dois minutos, mas foi o suficiente para me deixar louco.

Mal o vídeo acabou, e eu já liguei para Cecília. Claro que ela não atenderia, mas talvez eu conseguisse descobrir alguma coisa. *Qualquer* coisa serviria.

— Alô? — Saudei quando ouvi o clique de alguém atendendo. Por alguns segundos, ninguém respondeu nada, mas eu insisti com um pouco mais de veemência. — ALÔ!!!

— Ah, Rodrigo! Que bom falar com você. Já deve ter entendido que eu estou com Cecília — uma voz muito séria e abafada respondeu, finalmente, do outro lado da linha. Era familiar, embora eu não me lembrasse de onde a conhecia.

— Seu filho da puta, o que vai fazer com ela?

— Por enquanto, nada. Ela é minha moeda de troca.

— E o que você quer? — Não que eu estivesse disposto a colaborar, mas precisava saber o que teria que fazer para salvar Cecília. Dependendo de como fosse, poderia traçar um plano.

— Andreia.

Quase não acreditei, tanto que demorei para reagir. Ele realmente queria que eu entregasse minha irmã para um assassino? Que tipo de jogo macabro

era aquele onde me obrigariam a escolher entre duas pessoas tão importantes para mim?

— Você é realmente louco. Como pode achar que vou abrir mão de uma ou de outra? — vociferei, mas mantive um tom de voz baixo para que as pessoas ao meu redor não me ouvissem.

— Porque é uma escolha simples. Sua irmã não tem mais vida. É uma existência terrível, e eu vou acabar com esse sofrimento dela. Já Cecília... Você não vai querer perder uma coisinha linda dessas. — Ele fez uma pausa, deixando subentendido.

— Seu filho da puta! — gritei, enquanto socava a parede que estava à minha frente.

— Olha, Rodrigo, eu vou te dar um dia para pensar. Amanhã à noite te ligo para combinarmos o local de troca.

— Você não está pensando que eu vou te deixar passar esse tempo todo com Cecília...

— Como se tivesse escolha... Acho melhor ficar mansinho e esperar por minhas intruções.

Por mais que não estivesse disposto a nenhum tipo de troca, era melhor fazê-lo pensar que estava jogando seu jogo. Precisava permitir que marcasse o encontro para que eu pudesse salvar Cecília.

— Vou esperar sua ligação — falei, em um ato desesperado.

— Não pretendo machucar Cecília, a não ser que você fale com a polícia. Sei que é um cara sensato e que não vai fazer isso. Vai perceber que a escolha não é tão difícil assim. É melhor para todos.

— Posso ser sensato, mas também sei perder a cabeça quando preciso. Se você encostar um único dedo em Cecília, eu vou te matar. Sem nem pensar duas vezes.

— Eu já estou morto, Rodrigo. Vai me fazer um favor se cumprir sua promessa, mas vou levar Andreia comigo. Não posso deixá-la sozinha, sofrendo do jeito que eu imagino que sofra. Alguém tem que ter essa coragem. Eu mesmo não tive até agora, nem mesmo quando a levei da sua casa. Só que nunca é tarde.

Deixando a frase no ar, ele desligou. Permiti a mim mesmo alguns instantes de catatonia, uma vez que mal conseguia acreditar em tudo o que tinha acabado de ouvir. No entanto, acreditava menos ainda nos truques que minha mente começava a pregar. De alguma forma muito bizarra, o que aquele louco tinha acabado de falar fazia sentido. Não que eu concordasse com ele, afinal, jamais poderia corroborar com a hipótese de assassinato da minha irmã, mas, sem dúvida, a morte seria um alívio, uma libertação. Para uma garota tão cheia de energia como Andreia, aquela estrada por onde ela vinha seguindo era pavimentada em uma profunda tristeza, além de uma solidão sem fim.

Entretanto, não era hora de pensar naquelas coisas. Era hora de agir.

Não demorei a reencontrar Juan e Pauline, que também estavam procurando por Cecília. O desespero era totalmente visível nos olhos da moça, e eu odiava ter que dar a notícia de que sua prima fora sequestrada.

— Você a encontrou, Rodrigo? — Pauline já chegou perguntando, colocando as mãos trêmulas em meus ombros.

— Não, Line. E nem vamos encontrá-la aqui. Ela foi sequestrada.

— O quê? — Pauline voou para cima de mim, agarrando a gola da minha jaqueta.

Juan se prontificou a afastá-la, mas não tive coragem de responder, principalmente ao ver que ela já estava muito abalada, mesmo sem receber a notícia completa. Preferi, então, mostrar o vídeo. Não sabia se seria a melhor escolha, porque a imagem, sem dúvidas, era bem mais terrível do que palavras resumidas.

Com olhos esbugalhados, tomados por um brilho de total pavor, ela assistiu ao vídeo até o final e me devolveu o celular. Abaixou a cabeça por alguns segundos, a fim de respirar, mas logo partiu novamente para cima de mim, socando meu peito e chorando copiosamente.

— Você disse que iria protegê-la, que não deixaria que nada de mal acontecesse a ela! — Pauline continuou a brigar comigo, me atingindo, e eu teria deixado que prosseguisse, mas temia que acabasse se machucando, por isso, resolvi segurá-la.

— Eu nunca vou me perdoar por isso, Pauline, mas agora precisamos trazê-la de volta. Depois você pode me culpar o quanto quiser — falei com toda a paciência, com uma voz serena, apesar de toda a minha apreensão.

— Meu Deus, minha avó! Como vou contar para ela? — Pauline levou a mão à cabeça e despencou em uma cadeira, incapaz de permanecer de pé. — Meu Deus! Meu Deus!

Sem ter o que fazer para confortá-la, voltei-me para Juan que, mais controlado, poderia me dar uma luz de como agir.

— O cara quer Andreia em troca de Cecília.

— O quê? — Juan arregalou os olhos, exatamente como Pauline tinha feito. — Você já sabe quem é?

— Não, mas tenho certeza de que é alguém que conheço. A voz estava abafada, só que não me é estranha.

— O que mais ele falou? — Ainda se recuperando do choque, Pauline também entrou na conversa.

— Que vai marcar um dia para que façamos a troca.

— Troca? De seres humanos? Que coisa horrível! — Ela choramingou.

— O que você vai fazer, Rodrigo? Sua escolha não é nada fácil — Juan indagou.

— Ainda não sei, eu...

— Como não sabe? — Pauline me interrompeu aos gritos, levantando-se e novamente partindo para cima de mim. — Como pode não saber? Você não ouse deixar minha prima desamparada. Não vai deixar Cecília nas mãos daquele louco, não é?

— É claro que não! — Agarrei-a pelos braços mais uma vez. — Pauline, eu não pretendo deixar nenhuma das duas nas mãos dele. O que eu ainda não sei é o que vou fazer para salvar Cecília sem precisar entregar Andreia. As duas são muito importantes para mim.

Pauline pareceu se acalmar um pouco, mas acabou se sentando outra vez.

— E então, Rodrigo. O que fazemos agora? — Juan perguntou.

— Agora, só nos resta esperar.



RODRIGO

A noite tinha acabado para mim, é claro. Ou melhor, nem sequer começara, já que só fui até lá por causa de Cecília. E ela fora arrancada de mim. Dirigi para casa, percorrendo as ruas de Solário sob a escuridão e sentindo-me mais sozinho do que nunca. Todas as vezes em que olhava para o banco do carona, culpava-me por Cecília não estar lá comigo, sentada ao meu lado, voltando para casa.

Pauline, Juan e eu, em consenso, decidimos que não seria uma boa ideia sair perguntando para as pessoas se elas tinham visto algo suspeito, porque poderia contrariar o sequestrador e não adiantaria de nada. O que me interessava era para *onde* ele a tinha levado, o que, provavelmente, ninguém saberia dizer.

Mas, talvez, alguém tivesse algumas respostas para dar.

Cheguei à minha casa e me dirigi automaticamente para o quintal, me jogando na piscina de roupa e tudo, tirando apenas a jaqueta. Sabia que estava tarde, que ela poderia não responder, mas precisava tentar.

— *Andreia!* — já comecei gritando, porque toda a paciência que vinha guardando tinha se extinguido. — *Não me ignore, não faça isso. Cecília foi sequestrada pelo mesmo homem que provocou o seu acidente. Não continue acobertando esse filho da puta.* — Ela ficou calada, o que foi me deixando mais e mais estressado. — *Porra, Andreia, o que está acontecendo com você?*

— *Eu não sou mais a mesma Andreia de antes, caso ainda não tenha percebido. Você não pode nem me cobrar que eu seja* — respondeu com sarcasmo, o que era bastante inesperado.

— *Claro que percebi. Você também é uma criminosa por manter o silêncio. Deve saber para onde ele levou Cecília, não é?*

Ela não respondeu nada.

— *Sabe o que ele quer? Que eu te entregue em troca de Cecília. Ele quer te matar.*

Eu a ouvi deixar escapar um gemido antes de responder:

— *Por favor, Rodrigo! Me leve para ele! Você vai ter sua Cecília de volta, e eu vou poder escapar dessa vida horrível. Todos vamos sair ganhando. Por*

favor, maninho, te imploro.

Aquele apelo era demais para mim, insuportável. Se não achasse completamente errado, com certeza cogitaria a hipótese de fazer o que ela estava pedindo, mas a escolha não cabia a mim, só a Deus e ao destino. Se entregasse minha irmã nas mãos da morte, jamais seria capaz de me perdoar.

— *Quem é ele, Andreia? Responda.*

Foi então que a perdi. Ela tinha, mais uma vez, escapado, levando consigo todas as verdades que poderiam salvar Cecília.

— *Andreia?* — chamei seu nome algumas vezes, mas eu sabia que era uma perda de tempo.

Saí da água e, conseqüentemente, da piscina. Andei de um lado para o outro como um leão enjaulado, sentindo-me tão perdido quanto se estivesse preso em um labirinto, desprovido dos cinco sentidos.

Eu deveria tomar um banho e vestir uma roupa limpa, mas a raiva dentro de mim não dava espaço para mais nada. Foi exatamente aquela raiva que colocou meus pés em movimento, me levando até o quarto de Andreia. Abri a porta bem devagar e me dirigi à cama, onde ela parecia dormir serena, embora eu soubesse que deveria estar um caos por dentro.

Mas eu também estava. Então, levado pelo meu descontrole, parti para cima dela, erguendo-a da cama e colocando-a sentada, começando a sacudi-la.

— Você vai mesmo ficar calada? Vai esconder o nome daquele louco? Como pode ser leal a ele?

Meus gritos devem ter acordado meu pai, porque ele surgiu rapidamente e me segurou, me tirando de cima de Andreia.

— O que deu em você, Rodrigo? — Ele me virou em sua direção, fazendo-me olhar em seus olhos. Não havia um espelho na minha frente, mas eu podia jurar que minhas faces estavam vermelhas a julgar pela forma como queimavam. — O que está fazendo com sua irmã?

Nem eu mesmo sabia. Aquela reação não ajudaria em nada, serviria apenas para machucá-la. Envergonhado pela minha própria fraqueza, saí do quarto cambaleante e com um choro copioso entalado na minha garganta.

Segui batendo pelas paredes como um bêbado, passando pelos cômodos que eu conhecia de cor como se estivesse em um ambiente totalmente desconhecido.

Não sei nem dizer como cheguei até a porta sem causar um acidente ou quebrar alguma coisa. Apesar do meu desequilíbrio, a casa permaneceu intacta. Infelizmente, não podia dizer o mesmo da minha alma, que estava tão espatifada por dentro quanto teriam ficado aqueles vasos se tivessem caído no chão.

Caminhei pelas ruas sem rumo, embora soubesse exatamente onde queria chegar. Precisava do meu refúgio, do único lugar onde meus pensamentos pareciam se estabelecer de forma coerente. A presença do mar me proporcionava lógica e serenidade, mesmo que daquela vez as ondas não tivessem respostas para meus questionamentos.

Cada minuto que passava era mais tempo que Cecília permanecia com aquele louco. Ele tinha garantido que não a feriria, mas como acreditar? Mesmo se nem sequer a tocasse, quão assustada ela não deveria estar? Já fora vítima de um sequestro, que por muito pouco não destruía sua mente, e agora estava passando por um pesadelo bastante similar.

Precisava salvá-la, mas como?

Eu tinha uma escolha a fazer. Uma porra de uma escolha cruel e injusta. Decidir entre minha irmã e a garota de quem gostava. Duas sobreviventes — uma que queria viver, e outra que implorava pelo direito de morrer. Na teoria, poderia ser uma decisão simples, mas não era. Por mais que soubesse que Andreia sofria a cada dia, seria um crime.

Eu sabia que a morte nem sempre era uma maldição. Às vezes era tão milagrosa quanto o nascimento, pois também fornecia algum tipo de luz, de alento. Não que deixasse um gosto doce na boca de quem era deixado para trás, porque era sempre amarga, espinhosa, principalmente porque todos somos um pouco egoístas e queremos manter nossos entes queridos ao nosso lado, mesmo quando não há esperança.

Quantas vezes eu mesmo não pensei em ajudá-la a livrar-se de sua terrível existência, especialmente quando falava da morte de forma quase reverente. Porém, eu não tinha a coragem necessária, porque também era covarde.

Mas será que Andreia tinha mais direito de viver do que Cecília? E quem era eu para responder àquela pergunta ou para julgar? Era uma dúvida que me perseguiria por horas e horas. Uma que seria capaz de me consumir. A consequência, de uma forma ou de outra, seria a morte.



ESCOLHAS



CECÍLIA

Mantive meus olhos fechados por mais tempo do que o necessário, porque não queria abri-los. Não quando, apesar da terrível dor cabeça que sentia, tinha plena noção do que estava acontecendo. E o maior problema era que aquela situação me proporcionava lembranças muito assustadoras.

Enquanto me escondia covardemente atrás da escuridão tão bem vinda dos meus olhos fechados, tentava encontrar algum tipo de controle para enfrentar o que estava por vir. Não fazia ideia do que encontraria, mas queria estar preparada para as surpresas.

Eu estava presa a uma cadeira desconfortável, com punhos fortemente amarrados, e havia uma mordaca em minha boca. Sem chance de escapar. Sabia disso, porque, apesar de ter sobrevivido na última vez em que me vi em uma situação como aquela, fora por pura sorte. Não era exatamente uma lutadora, teria que contar com alguma inteligência se quisesse ganhar tempo.

Alguns sons chamavam a minha atenção em meio ao silêncio. Primeiro, água escorrendo por uma torneira, depois talheres tilintando e cadeiras sendo arrastadas. Eu não estava sozinha e também conseguia ouvir outra respiração, não deixando de perceber que meu companheiro no cativeiro estava um pouco nervoso.

Tentei abrir os olhos bem devagar, na esperança de que quem quer que tivesse me levado para aquele lugar não me visse, mas, naquele exato instante, ele estava bem diante de mim, me observando, sentado a poucos centímetros, uma distância assustadora. Sufoquei um grito no fundo da minha garganta quando me deparei com a horripilante máscara de bate-bola que ele usava.

— Calma, Cecília, não tenha medo. Não pretendo te machucar.

Ele falava de forma serena, quase como se cantasse uma canção de ninar para me acalmar. Aquilo me assustou mais do que se tivesse berrado, principalmente porque, pela forma como se ocultava, eu me sentia conversando com um daqueles monstros de filmes de terror baratos dos anos cinquenta.

Percebendo que eu estava olhando fixamente para a máscara, ele levou a mão a ela, tecendo uma explicação:

— Me desculpe por aparecer assim na sua frente, mas eu não tinha nada melhor. — Soltou uma risadinha. — Horrível, eu sei, mas é uma garantia para que eu possa te devolver para Rodrigo sem problemas, sem me comprometer.

Deveria ser um bom sinal, não deveria? Eu teria chances de sobreviver e sair dali intacta. Ainda assim, isso não me reconfortava. Por algum motivo, sentia-me apreensiva, tanto que cheguei a me sobressaltar quando ele se levantou e deu um passo à frente, em minha direção.

Tentando me acalmar, ele ergueu as mãos em rendição, enquanto se aproximava ainda mais. Com uma gentileza que chegou a me deixar confusa, retirou a mordaca.

— Me desculpe por isso também, mas não sabia como você reagiria. — Eu poderia gritar, mas de quê iria adiantar? Seria uma atitude muito inteligente não deixá-lo nervoso, já que parecia realmente tão disposto a não me ferir.

— Onde estou? — Tentei engolir em seco, sentindo ainda o gosto do pano, embora limpo, na minha boca.

— Eu não posso dizer, mas garanto que está segura aqui.

— É fácil dizer isso quando não é você que está amarrado a uma cadeira — falei baixinho e me condenei por minha voz soar tão frágil, tão nervosa.

— Não é a minha situação favorita também, mas não posso soltá-la. Se tudo correr como o planejado, você só precisará ficar aqui por um dia.

Todo aquele controle me fazia chegar mais e mais à conclusão de que ele não era um louco. Era um homem equilibrado, capaz de chegar ao máximo extremo por um propósito.

— Por que um dia? — indaguei, na intenção de mantê-lo falando.

— Tudo vai depender de Rodrigo. Propus uma troca. Você pela irmã dele. Se ele decidir me entregar Andreia, você está livre.

Comecei a acreditar que ele era mesmo um louco.

— E se ele não fizer isso?

Daquela vez, senti uma pequena mudança em seu humor. Algo muito leve, mas que não passou despercebido por mim. *Nada* me passaria despercebido. Minha atenção estava completamente focada em tudo.

— Se ele não vier te buscar, vou precisar de um plano B. — O fato de ele não ter planejado nenhuma outra alternativa era prova suficiente de que realmente acreditava que Rodrigo entregaria Andreia de mão beijada. Eu não tinha a mesma certeza.

Não que duvidasse de que Rodrigo faria de tudo para me salvar. Reconhecia minha importância para ele, mas sabia que não poderia competir com Andreia. E nem queria. Só que a perspectiva de que tudo desse errado começou a me assustar. Seria uma ironia ter sobrevivido meses atrás para morrer tão pouco tempo depois. Porque eu sabia que aquela história de que não pretendia me ferir cairia por terra, afinal, o que ele faria comigo quando não fosse mais valiosa para aquela troca?

Quem precisava de um plano B era eu. Tinha que buscar uma solução para que Rodrigo não precisasse resolver tudo sozinho. Podia cuidar de mim mesma.

— Preciso ir ao banheiro — anunciei em um rompante. Poderia ser uma chance. — Por favor. Prometo não demorar.

Ele hesitou por alguns segundos, mas acabou me desamarrando.

Enquanto ele me soltava, olhei de um lado para o outro, para tentar encontrar algum objeto que pudesse me ajudar a me defender. A opção era aquela cadeira, pesada o suficiente para machucá-lo de verdade, mas eu não fazia ideia se teria força suficiente para isso. Além de tudo, poderia ser perigoso. Caso não tivesse sucesso, sem dúvidas seria castigada.

Eu precisava tentar.

Ele ainda estava terminando de desamarrar meu punho direito quando ergui a cadeira, daquelas de escritório, de metal, com dificuldade, acertando-lhe a cabeça com toda a força que encontrei dentro de mim. Meu coração acelerou ao perceber que tinha dado certo, que o havia feito desabar no chão, apagado.

Corri em direção à porta da casa, na esperança de conseguir sair, mas estava trancada. Não sabia por quanto tempo ele permaneceria apagado,

então, comecei a buscar um telefone. E queria o *meu*. Precisava encontrá-lo.

Por sorte, achei meu celular sobre a bancada, ao lado da pia. Agarrei-o como se fosse a última salvação da minha existência e corri para o banheiro, que seria meu refúgio, no exato momento em que o mascarado se remexeu, embora ainda parecesse inconsciente. O ideal seria que eu tivesse tempo para retirar a máscara, mas não queria me atrever ainda mais.

Enfiei-me dentro do pequeno espaço, e a primeira coisa que percebi foi que não tinha janelas. Ou seja, estava completamente presa. Mais um motivo para ir em frente com minha atitude desesperada.

Tinha pouco tempo. Então, precisava agir com estratégia. Pauline seria minha melhor opção. Esperava que ela não demorasse para atender.



RODRIGO

O mar murmurava e rugia, enquanto o sol nascia, sangrando no horizonte. Uma chuva forte se aproximava, lançando raios sobre a areia, que se revolia ao vento, jogando-se violentamente contra o meu rosto. O alvorecer parecia cinzento, rabugento, contrariado, fazendo com que eu me identificasse com aquele tipo de humor. Nada em mim combinava com céus azuis e calor. Eu também tinha um pouco de tempestade dentro de mim. E ela perduraria até que tivesse Cecília comigo outra vez.

Sentia-me impotente. Incapaz de olhar minha família nos olhos. A vergonha era por vários motivos: por não ter protegido Cecília como deveria, por ter fugido da minha casa como um covarde, mas, principalmente, por ter tratado Andreia da forma como tratei. Por mais que ela estivesse acobertando um assassino, quem era eu para julgá-la? Ninguém poderia, na verdade, já que não sabíamos como se sentia.

Estava deitado sobre a areia quando senti o celular vibrar dentro do bolso da minha calça. Atrapalhado, apressei-me em pegá-lo e quase o derrubei quando vi que se tratava de Pauline. Com certeza tinha alguma notícia.

— Rodrigo? — Ela parecia afobada. — Cecília me ligou.

— O que ela disse? — Levantei-me imediatamente, desesperado.

— Ela me fez acessar um software no notebook que rastreou o iPhone. Estou com o endereço do cativo.

— Meu Deus, como ela fez isso?

— Não sei, mas pelo que entendi, ela estava presa em um banheiro, tentando se esconder.

— Preciso falar com ela — afirmei e, sem nem pensar no que fazia, encerrei a ligação com Pauline para chamar o celular de Cecília. Sabia que depois viria a me condenar por meu gesto, porque poderia colocá-la em perigo, mas precisava ouvir a voz dela. Precisava dizer que iria buscá-la, não importavam as consequências.

— Cecília? — chamei quando ouvi o clique do telefone sendo atendido.

— Rodrigo? — ela praticamente gemeu meu nome, demonstrando seu medo. O fato de estar viva e bem era uma grande coisa. — Não posso falar

muito, ele está vindo atrás de mim. Já acordou.

— Quem é *ele*, Cecília?

— Não sei, está de máscara. Tentei sair da casa, mas a porta está trancada, e eu não sei onde está a chave. Estou com medo...

Ela foi interrompida pelo som de uma batida pesada na porta e soltou um grito.

— Cecília, você está bem?

— Ele vai arrombar a porta e deve estar furioso, porque eu bati nele com uma cadeira — choramingou.

— Você é uma garota e tanto, é uma sobrevivente. Preciso que fique firme, porque eu vou te buscar, baby. Em breve estaremos juntos. Você sabe disso, não sabe?

Ela não teve tempo sequer de responder, porque a ligação foi cortada. Era um sinal de que — seja lá quem fosse *ele* — a tinha encontrado. Não queria nem pensar no que poderia estar fazendo. Mais um motivo para que eu me apressasse o máximo possível. Cecília estava me esperando, e eu não a decepcionaria mais uma vez.



RODRIGO

Havia uma terrível nuvem negra pairando sobre nossas cabeças, muito mais pesada do que aquela que se rompia lá fora, fazendo o céu despencar já tão cedo. Sentia como se a chuva fosse um mau presságio, um aviso de que estávamos comentendo vários equívocos, mas o que poderia ser considerado certo ou errado em uma situação como aquela?

A casa de Zuleika parecia chorar conosco, lamentando as mesmas mágoas. As paredes também sussurravam suas preces, demonstrando compaixão, conforme eu era recebido por Pauline, pouquíssimo tempo depois de ter falado com Cecília. A primeira coisa que percebi quando entrei foi Zuleika apagada sobre o sofá, enquanto meu avô velava seu sono.

— Precisamos lhe dar um calmante bem forte, porque ela ficou agitada demais — Pauline explicou. Assim que ouviu a voz dela falando comigo, meu avô se virou em nossa direção e se levantou.

A primeira coisa que fez foi me dar um abraço bem forte, tentando me confortar. Em seguida, assim que se afastou, me olhou bem nos olhos, ainda com as mãos nos meus ombros, e disse:

— Eu avisei para não colocá-la em perigo, Rodrigo. — Apesar de ser uma repreensão, seu tom de voz era calmo, cheio de compaixão.

— A culpa é toda minha, vô, eu sei disso. — Abaixei a cabeça, desolado.

— Não, não é. O único culpado é o homem que a sequestrou, mas você é a única chance que ela tem. — Ele fez uma pausa. — Pauline falou que não podemos envolver a polícia.

— Se fizermos isso, ele vai machucá-la.

Meu avô balançou a cabeça, demonstrando que compreendia.

— Ele quer Andreia em troca — anunciei, mas ele já parecia saber.

— Vamos resolver isso, filho. Não vamos sacrificar nenhuma delas.

Eu esperava que ele estivesse certo.

— Rodrigo! — Pauline chamou com autoridade, interrompendo meus pensamentos. — Não podemos perder tempo. — Ela já estava na porta da casa, com Juan a tiracolo.

— Pauline, pare de ser teimosa, você não vai a lugar algum! — Juan alterou-se.

— Mas...

— Sem “mas”. Se não desistir dessa ideia absurda vou te dar um calmante como fizemos com a sua avó.

— Pauline, por que não fica cuidando de Zuleika enquanto eu acompanho Rodrigo e Juan? — meu avô sugeriu, e ela pareceu concordar.

Cheia de pesar no rosto e com lágrimas começando a aparecer nos cantos de seus olhos, ela veio até mim, entregando-me um papel e um retrato.

— Aqui está o endereço. E este — ela apontou para a fotografia, para uma marca de nascença que parecia em destaque na imagem — é o homem que está com ela. Reconhece?

— Não. Não consigo me lembrar deste sinal.

— É Júnior, Rodrigo — Juan revelou, e eu virei meus olhos na direção dele, surpreso, quase por reflexo.

Claro que em uma situação como aquela, o certo era não confiar em ninguém, mas eu podia jurar que, de todas as hipóteses que levantei, Júnior sequer passou pela minha cabeça. Era um cara tranquilo, pacato, educado, mas ele tinha namorado Karine por algum tempo e terminado pouco antes do acidente. Infelizmente, a história batia.

— Não temos tempo a perder com isso. Vamos! — Meu avô tomou a dianteira, e tanto eu quanto Juan o seguimos, entrando no meu carro, onde me pus a dirigir rumo ao endereço que Pauline me entregara.

Enquanto o propósito nos unia, a incerteza nos mantinha calados. Não fazíamos ideia do que encontraríamos quando chegássemos. Poderíamos estar em vantagem de números, mas quem garantia que Cecília estaria viva? Se Júnior tivesse conseguido entrar naquele banheiro, o que poderia ter feito com ela? O mais provável era que a mantivesse viva, porque ainda tinha esperanças de que aquela troca estúpida aconteceria. Ao menos era naquilo que eu queria acreditar.

Eu não conhecia a casa para onde o endereço havia nos levado, mas a família de Júnior, assim como a de Kiko, tinha posses, então, provavelmente

pertencia a eles. Era uma propriedade relativamente pequena, mas afastada do centro da cidade. Havia outras casas ao redor, porém, tratava-se de uma rua residencial pacata. Talvez não fosse o local ideal para um cativo, o que demonstrava que Júnior não devia ter planejado nada daquilo e que estava agindo por impulso.

Estávamos desarmados, por isso, recolhi um pedaço de ferro que encontrei jogado no chão, próximo ao local onde estacionamos, enquanto atravessávamos a rua, em direção à casa. Havia um portão não muito alto, que Juan e eu escalamos com facilidade. Meu avô estava disposto a fazer o mesmo, mas eu o impedi.

— Fique aí fora, vigiando. Qualquer problema, chame a polícia.

Ele apenas assentiu, sendo assim, Juan e eu seguimos. A primeira coisa que reparei foi uma mancha de sangue sobre os degraus de mármore da entrada. Não era um bom sinal. Alguém tinha saído da casa. Se fosse Cecília que conseguira fugir — o que era uma hipótese menos plausível —, poderia estar ferida. Se o sangue fosse de Júnior, havia uma grande chance de ele tê-la levado para outro lugar.

Restava-me apenas torcer para que houvesse uma terceira possibilidade — de ele ter deixado Cecília sozinha, mas não parecia plausível. A porta estava fechada, mas destrancada, facilitando *demais* a nossa entrada. Como se fôssemos bem-vindos.

Entramos e logo nos deparamos com a cena que Cecília havia me descrito: uma cadeira tombada no chão e mais manchas de sangue. Pouco mais à frente, uma porta de banheiro arrombada. Aquelas eram as únicas anormalidades; de resto, tratava-se de uma casa comum e até bastante organizada.

— Acho que não tem ninguém aqui. — Juan deduziu, depois de verificar o único quarto.

Não havia mais onde procurar. A casa estava vazia.

No exato momento em que me dei conta disso, ouvi o toque de um celular, vindo da direção da cozinha. Aproximei-me e o peguei, constatando que era o da própria Cecília. A chamada era restrita. Atendi, já sabendo que falaria com Júnior.

— Seu filho da puta, para onde a levou? — berrei assim que aceitei a chamada.

— Sua namorada é uma vadiazinha. Eu não queria machucá-la, mas ela estragou tudo. Tudo! — ele também gritou.

— Já sabemos que é você, Júnior, não precisa mais abafar a voz. Vamos te achar.

Ele ficou calado por um segundo, e eu esperava que o fato de conhecermos sua identidade o tivesse abalado um pouco.

— Claro que vão me achar. Esqueceu que temos um encontro? Apesar de tudo, eu ainda fui legal e não matei sua namorada, mas só porque ainda quero Andreia. Você já decidiu? — ele fez exatamente a pergunta que eu não sabia e não queria responder. Claro que poderia mentir e dizer que faria a troca, mas o segundo de hesitação que tive foi suficiente para que tirasse suas próprias conclusões. — Bem, já vi que ainda está em dúvida, mas tudo bem, vou te dar mais algumas horas para pensar. Estarei na Praia dos Navios, às duas da manhã, te esperando. Se você não aparecer ou não trouxer Andreia, Cecília vai morrer. Espero que tenha entendido desta vez.

E desligou.

Sim, eu tinha entendido. Estava bem claro que não havia saída, eu teria que fazer uma escolha. A não ser que... A não ser que pudesse enganá-lo. Seria arriscado, mas poderia dar certo.

— Juan, tive uma ideia, mas vou precisar de você.



RODRIGO

Havia algo de muito fascinante na noite. Na forma como a lua lançava seu olhar abandonado na nossa direção e em como as estrelas, adormecidas, brilhavam, sonhando em desespero apenas para se libertarem da maldição da escuridão. Naquele dia, porém, elas zombavam de mim. Quase podia ouvir seu riso e a forma como menosprezavam meu sofrimento.

Sentia um gosto amargo na boca. Não me considerava uma pessoa controladora no dia a dia, mas odiava o fato de não ter a menor noção do que iria acontecer. Meus dedos tamborilavam no volante, como se seguissem o ritmo da música do meu desespero. Meu corpo balançava para frente e para trás, porque eu simplesmente não conseguia me manter parado, de tão inquieto.

Faltavam exatos cinco minutos para as duas da manhã, e eu apenas esperava. Aquela praia já era normalmente deserta, por ser um pouco mais afastada, quase na divisa com a cidade vizinha, Arraial do Cabo, mas àquela hora estava fantasmagórica. O som do mar se movimentando, acompanhado do leve sibilar do vento, me remetiam aos sussurros dos meus piores pesadelos e ao medo que começava a lutar bravamente com o sentimento que antes parecia mais evidente: a ansiedade. Temia que Júnior simplesmente desaparecesse com Cecília ou que já a tivesse matado, fazendo-me acreditar no contrário apenas para que eu continuasse jogando seu jogo.

Juan estava ao meu lado, observando-me o tempo todo, pronto para agir caso eu me descontrolasse, o que parecia muito perto de acontecer. No banco traseiro, estava Andreia. Não fazia ideia do que poderia estar pensando, se realmente acreditava, em seu íntimo, que eu planejava entregá-la para a morte, mas algo me dizia que seu semblante parecia mais sereno, como há muito tempo não se via.

— Ele já deveria ter chegado — comentei com Juan, chegando ao meu limite ao perceber que o relógio tinha acabado de marcar duas da manhã em ponto.

— Ele vai vir, Rodrigo.

Eu esperava que Juan estivesse certo e que não tivéssemos surpresas pelo caminho.

Mais alguns minutos se passaram, e eu contava cada um deles como um obcecado, olhando fixamente para o píer. Queria que Júnior desse as caras primeiro para não ser pego em uma emboscada. Só que estava começando a achar que ele tivera a mesma ideia.

Contudo, ele não demorou a surgir. Juan foi quem o viu, caminhando pela areia, em direção ao píer, carregando Cecília desacordada e amarrada no ombro.

— Ali está ele, Rodrigo! — Juan exclamou, mas se calou logo em seguida. Seus olhos se arregalaram, e ele pareceu entrar em choque ao ver a cena. Aquela reação me preocupou, pois achei que tivesse algo a ver com Cecília. No entanto, não tardei a perceber o motivo de sua exasperação.

— Aquele ali... — apontei para o homem no momento em que a precária luz que vinha do céu incidira sobre ele, revelando suas feições ao virar em nossa direção. — Mas... — As palavras desapareceram do meu vocabulário, e talvez não houvesse nenhuma que explicasse o que estava acontecendo.

— Aquele não é Júnior. É... o seu pai.

Sim. Era o meu pai.

Por um momento, fiquei aliviado, acreditando que Cecília só poderia estar a salvo com um dos homens em quem eu mais confiava no mundo, mas logo me dei conta da verdade de suas intenções.

Ele jogaria Cecília no mar.



XIX

NAS PROFUNDEZAS



RODRIGO

Não ouvi mais nada ao meu redor. Também não enxerguei nada. Tudo o que fiz foi sair correndo, com toda a força das minhas pernas, na direção do píer. Cambaleei , com meus pés afundando na areia gelada por conta da chuva que caíra durante o dia inteiro. A cada tropeço, eu só pensava em Cecília, em chegar a tempo para que meu pai — meu *próprio* pai — não conseguisse jogá-la ao mar.

Ele caminhava como se estivesse em câmera lenta. A cada passo, parecia querer me torturar mais e mais. Quando já estava quase na beirada do píer, virou para mim, com uma expressão de pesar e disse, em voz bem alta para que eu pudesse ouvir, mesmo à distância e com o barulho do mar ao nosso redor:

— Eu não queria fazer isso, mas sei que você vai conseguir salvá-la. Sempre teve espírito de herói, filho. Agora, você realmente será um.

Ah, merda! Ele estava se virando na direção do oceano. Meus pés se apressaram ainda mais sobre o píer de madeira. Faltava tão pouco. Talvez uns seis metros...

— Pai, não! Por favor!

Mas ele a jogou.

Eu soube, no momento em que fez aquilo, que planejava algo muito maior. Não queria matar Cecília. Queria ganhar tempo. Mesmo ciente disso, pulei. No momento em que toquei a água, um único pensamento preencheu minha cabeça: seria possível que aquele mesmo mar que eu tanto amava, que era minha própria vida, me tiraria mais alguém que era tão importante para mim?



CECÍLIA

Há muito tempo a morte vinha caminhando lado a lado comigo. Já estivera em minhas mãos, quando tive o poder de infligi-la, e também havia me escolhido como brinquedo, divertindo-se com a minha cara e ameaçando me levar consigo, primeiro em meu quase afogamento na infância, depois quando um *stalker* louco me tornou sua obsessão. Mais tarde, surgiu novamente quando fui atacada na praia, e, naquele instante, lá estava eu novamente, frente a frente com ela, tendo o mar como ceifador.

Voltei à consciência no momento em que meu corpo atingiu a água. Também não demorei muito para entender que morreria. E era estranho pensar que ao chegar àquela conclusão, eu nem sequer tentei lutar. Queria viver. *Precisava* viver. Desistir não deveria ser uma opção para alguém que chegou ao extremo tantas vezes para sobreviver, porém, talvez houvesse algo de hipnótico na morte sob o oceano, algo que nos tornava complacentes e resignados. A sensação de paz era inigualável. Pensar que estaria livre de sofrimentos, de dores sem sentido e incertezas, fazia com que qualquer ideia de resistir fosse descartada. Sim, o fim estava chegando, mas com ele também viria o esquecimento. Nenhuma lembrança ruim poderia me ferir.

O balanço das águas do mar me acalmava de tal forma que eu já nem sentia frio, embora, inconscientemente, eu soubesse que ele ainda penetrava minhas entranhas. Também ignorava a sensação de medo que começava a me assaltar — um resquício do instinto de sobrevivência que ainda possuía.

Naquele momento, o medo começou a se tornar pânico. Minha consciência retornou com toda a força, e eu me dei conta de algo que já tinha percebido há alguns segundos. No entanto, pela primeira vez, tive certeza de que, se não fizesse nada, não haveria salvação. Eu nunca mais sairia daquele oceano. Ele seria a minha sepultura.

Mas eu estava amarrada e não sabia nadar. Além de tudo, o desespero facilitava que a água salgada invadissem minhas narinas e, conseqüentemente, meus pulmões. Não havia muito tempo. *Precisava* contar com a sorte.



RODRIGO

Eu conhecia o oceano muito bem. Costumava ter a impressão de que tínhamos nossas similaridades. Comparava suas profundezas a tudo o que havia na minha alma, ao vazio que existia dentro de mim e que de uma forma tão contraditória me preenchia.

Precisava dele naquele momento. Precisava confiar em nossa conexão para que não me desapontasse.

Na verdade, eu precisava de um milagre. E ele surgiu...

— *Rodrigo?*

Subitamente, ouvi a voz de Andreia me chamando, mas estava tão concentrado em minha tarefa que nem a respondi. Só que ela foi insistente.

— *Rodrigo, siga mais à frente.*

— *O quê? Você está vendo Cecília?* — Meu coração começou a vibrar ao pensar na peculiaridade do poder de Andreia, uma que não compartilhava comigo e que seria muito útil naquele momento.

— *Sim, mas não tenho tempo de explicar. Você precisa salvá-la.*

Ela tinha razão. Haveria tempo para explições depois. E havia muitas a serem dadas.

— *Mas que merda, onde ela está?* — vociferei, impaciente.

— *Logo adiante, Rodrigo. Continue nadando e...*

A conexão foi quebrada. Andreia não estava mais ali.

Que diabos poderia ter acontecido?

Não era hora, porém, de pensar a respeito. Cecília precisava de mim. Sem Andreia, poderia ficar mais difícil encontrá-la.

Mas graças a Deus não ficou. Depois de nadar um pouco mais, minhas mãos tocaram uma pele fria, à direita do meu corpo, e eu logo a segurei, na intenção de não perdê-la. Ela estava consciente, tentando se desamarrar. Eu sabia que era questão de pouquíssimos segundos para que apagasse.

Com toda a velocidade das minhas pernas, lutei para emergir o mais rápido possível, esperando que não fosse tarde. Seria impossível subir de

volta ao píer com ela desacordada, porque era muito alto. A solução seria nadar até a areia. E precisava fazer aquilo com o máximo de pressa.

Nadei com força, até meus pulmões arderem com o esforço e os músculos queimarem. Eu era nadador, competia, então, aquele era um fardo menos pesado para mim, mas nem por isso tornava a situação mais fácil. Quando finalmente meus pés alcançaram terra firme, ergui Cecília nos braços e comecei a carregá-la até chegar a areia, onde a deitei. Desamarrei seus punhos, iniciando massagem cardíaca, seguida de respiração boca a boca.

Eu não podia perdê-la. Não apenas porque me sentia responsável pelo que havia acontecido, mas porque...

Porque...

Ah, porra, porque estava apaixonado por ela. De verdade. Porque ela fora responsável por preencher um pouquinho daquele vazio que havia dentro de mim.

Só que parecia que a sorte estava do nosso lado. Ou talvez fosse uma escolha do destino. Cecília começou a tossir e cuspir água, e eu a virei de lado.

Quando ela pareceu se sentir melhor, a primeira coisa que fiz foi puxá-la para meus braços e segurá-la com força contra o peito.

— Graças a Deus! Graças a Deus! — Ofeguei, tanto pelo esforço quanto pela angústia que sentia.

Ela estava gelada, respirando com dificuldade, mas viva.

— Você está bem? Está bem? — Desesperado, coloquei ambas as mãos em seu rosto pálido como a morte.

Em resposta, Cecília balançou a cabeça com vigor e, com os lábios trêmulos e a voz rouca, disse:

— Acho que está mais do que na hora de você me ensinar a nadar.

Nós dois rimos, e eu pude sentir o alívio percorrendo meu corpo como se fosse meu próprio sangue. Desamarrei seus tornozelos e a ajudei a levantar-se.

— Vamos para casa.

— Rodrigo... seu pai. Eu...

— Eu sei, mas não quero pensar nisso por enquanto. O importante agora é te deixar em segurança.

— Não podemos mais confiar em ninguém.

— Confiaremos em nós mesmos. Tudo bem, baby? — Cecília balançou a cabeça em afirmativa, com certeza compreendendo o meu lado.

Eu não queria falar sobre esse assunto. Queria, ao menos pelo tempo que fosse possível, fingir que não tinha visto o que vira e que meu pai não tinha nada a ver com tudo aquilo. Queria pensar nele em casa, esperando que voltássemos com Andreia em segurança. Talvez o melhor a fazer naquele momento fosse apenas levar Cecília para casa e pensar depois. Esperava que não passasse de um mal entendido, pois não podia acreditar que meu pai era um assassino.

Ajudei Cecília a se levantar e a amparei conforme começávamos a caminhar. Ela tremia convulsivamente por causa do frio e do nervosismo, e tudo o que pude fazer foi envolvê-la nos meus braços, embora eu também estivesse igualmente gelado.

Fomos até o carro, e eu planejava sair dali o mais rápido possível. A conversa com meu pai teria que ficar para depois.

Ou talvez, não.

Ao chegarmos perto do veículo, a cena com a qual me deparei não tinha nada a ver com o que esperava encontrar. Juan estava machucado, caído no chão, apenas começando a recuperar os sentidos. E Andreia já não estava mais ali.

— Juan, o que aconteceu? — Cecília perguntou enquanto eu ajudava o ferido a se levantar do chão e a sentar-se no banco do carro.

— Seu pai apareceu. Queria que eu lhe entregasse Andreia, mas quando não cooperei, ele me apagou. — Juan levou uma das mãos à nuca e depois a posicionou na direção dos olhos, observando o sangue que manchava seus dedos. — Cara... é o seu pai! — ele exclamou desorientado. — Como é possível? Por que ele fez isso? Por que levou a própria filha? Ele estava lá o tempo todo, não precisava de tudo isso.

— Não faço ideia. Não mesmo.

E como poderia? Deus! Era tão absurdo, tão fora da casinha, que minha mente não conseguia, de forma alguma, processar a informação. Meu subconsciente ainda trabalhava com a hipótese de que era tudo um mal-entendido dos mais fodidos possíveis, embora a verdade estivesse praticamente se esfregando na minha cara. Estava cansado e apavorado demais para raciocinar, e tudo o que eu queria era minha irmã de volta.

— Rodrigo — Cecília se voltou para mim —, precisamos encontrar Andreia.

Era uma conclusão que beirava o ridículo de tão óbvia, mas Cecília percebeu a minha inércia e apenas quis chamar a minha atenção. Eu mal conseguia me mexer diante da bizarrice da situação.

— Eu sei, mas é melhor que vocês dois fiquem aqui. Vou encontrá-la — afirmei com toda a convicção que encontrei, porque tentava convencer a mim mesmo.

Quando a encontrasse, o que faria? Lutaria com o meu pai? Será que teria coragem de machucá-lo? Será que *ele* teria coragem de me ferir? Jurei desde o princípio que mataria aquele assassino que tanto perturbou nossas vidas quando colocasse as mãos nele, mas, naquele momento, não sabia o que fazer.

Antes que eu pudesse me afastar, Cecília segurou meu braço.

— Você acha que eles ainda estão na praia?

— Algo me diz que, se ele realmente planeja tirar a vida de Andreia, para acabar com seu sofrimento, vai fazer isso no mar.

Eu simplesmente me afastei, esperando que os estivesse deixando em segurança, mas a verdade era que meu pai já tinha o que queria, embora não fizesse sentido, já que ele sempre tivera Andreia por perto. Era exatamente aquele fato que me proporcionava algum tipo de esperança. Algo não se encaixava, não fazia sentido.

Não precisei ir muito longe em minha caminhada. Assim que alcancei a areia, virei meus olhos na direção do píer, de onde tinha acabado de pular para salvar Cecília. Lá estava ele. Meu pai. Com minha irmã. O que deveria ser uma cena reconfortante me deixava apavorado. Outra vez.

Ele a segurava em seus braços, sentado na plataforma, como se refletisse. Aproximei-me com cautela e comecei a perceber que estava chorando.

— Cecília está bem? — ele perguntou, de costas para mim.

— Está. Não graças a você.

Meu pai balançou a cabeça, ainda de costas, parecendo melancólico.

— Sabe, Rodrigo? Ele estava certo o tempo todo...

— *Ele?* Ele quem?

— Júnior. Não concordo com as coisas que fez, mas em relação a Andreia, ele estava certo. Ela não merece essa vida que está levando. É muito sofrimento.

— Afinal, o que Júnior tem a ver com isso? — Eu não estava entendendo nada. Era confuso demais para a minha cabeça.

— Foi Júnior que matou Karine, Solange e que arquitetou tudo isso.

Então meu pai não era um assassino? Mas por que, então, tinha feito Cecília de refém?

— Pai, você vai ter que me explicar o que está acontecendo.

Ele deixou escapar um longo e profundo suspiro, e eu esperava que estivesse se preparando para me contar toda a história. Sendo assim, virou-se para mim, e eu pude enxergar em seus olhos a dor mais profunda que já testemunhei. Segurava Andreia ainda em seus braços, com firmeza. Eu sabia que poderia tirá-la dali se fosse verdadeiramente cauteloso. Porém, precisava saber o que meu pai tinha a contar. Precisava entender o que estava acontecendo, porque nada fazia sentido.

— Pai, por favor, me diga que você não é um assassino. — Implorei. Talvez a melhor escolha fosse deixar para lá, omitir a verdade de mim mesmo e plantar ilusões em minha mente.

Mas ele abaixou a cabeça e nem precisou falar nada, demonstrando todo o constrangimento que sentia no olhar. Sua reação era suficiente para que eu compreendesse qual era a resposta para a minha pergunta. Ele era, sim, um assassino.

— Pai, por favor...

— Eu já disse que não matei Karine e nem Solange. — Ele me interrompeu. — Mas não posso dizer que não matei ninguém. Acabei, há poucas horas, de tirar a vida do homem que causou tudo isso.

— De quem você está falando?

— De Júnior.

Tudo aquilo estava provocando um nó no meu cérebro. Então Júnior era mesmo o culpado, exatamente como suspeitávamos?

— Estou esperando pela explicação.

— E você a terá, mas vai ter que acreditar em mim, sem julgamentos.

Respirei bem fundo, como se precisasse absorver todo o ar para engolir a verdade.

— Vou tentar, pai. Vou tentar, mas você também precisa entender o meu lado. Sinceramente, eu não... — Mal consegui emendar a continuação da minha frase, porque precisei de fôlego. A sensação seria a mesma se alguém estivesse comprimindo o meu peito. A dor era tão sufocante que eu temia que ela roubasse o meu ar para sempre. — Eu não esperava te ver aqui esta noite.

— E eu não queria estar aqui, mas você vai entender. — Ele fez uma pausa, olhou novamente para Andreia e prosseguiu: — Júnior e sua irmã se conheciam há muito tempo, como você sabe, mas acabaram se apaixonando há pouco mais de três anos.

— Ele ainda namorava Karine, não é?

— Sim, mas terminou com ela para ficar com Andreia. Eles não contaram para ninguém, para que não os julgassem. Só que ela contou para mim.

De forma quase infantil, não pude deixar de sentir um aperto no peito ao pensar que Andreia não confiara em mim o suficiente para compartilhar aquele segredo. No entanto, a verdade era que ela e meu pai sempre foram muito próximos, então, fazia todo o sentido que ela o procurasse para revelar sobre um relacionamento que deveria ser mantido em segredo.

— Karine não demorou a descobrir tudo e passou a infernizar a vida dos dois. Andreia, que estava radiante com o namoro, começou a murchar com tanta pressão. Já fazia algum tempo que elas não se davam bem, exatamente por conta do ciúme que Karine tinha de Júnior, mas as coisas começaram a se

tornar insuportáveis. Até ameaças ela fez. Tanto insistiu que os dois terminaram, embora se gostassem de verdade.

— E foi aí que Júnior surtou e decidiu matar Karine? — tentei dar continuidade à conversa, porque queria mantê-lo falando. *Precisava* daquilo. Não apenas para saber o que realmente tinha acontecido, mas também para ganhar tempo. Tentava, desesperadamente, encontrar uma forma de tirar Andreia dos braços dele e levá-la para casa.

Nunca pensei, entretanto, que teria que salvar minha irmã do meu próprio pai.

— Não exatamente. Ele não queria matá-la.

— Não se mata alguém sem querer, pai! — falei com convicção e impaciência. Seria possível que defenderia um assassino? O homem que deixara Andreia naquele estado?

— O encontro das duas no barco foi arquitetado por ele e por Andreia. Sua irmã convidou Karine, alegando que precisavam conversar a sós.

— Mas Júnior foi com elas. Certo?

Meu pai franziu o cenho em uma expressão de desagrado.

— Eu sabia que daria errado, estava pressentindo. Cheguei até a proibir Andreia de ir e de usar qualquer um dos nossos barcos.

— Por isso ela alugou um da concorrência.

— Sim. A versão que tenho do que aconteceu naquele dia veio de Júnior, por isso, não sei até que ponto é verdadeira. O que sei é que Karine surtou ao ver que ele iria com elas, mas acabou concordando em conversar com os dois. Já estavam afastados alguns bons metros do píer quando a garota ficou sabendo que eles realmente se amavam. Sendo assim, ela partiu para cima da sua irmã e lhe deu uma pancada na cabeça, fazendo-a cair no mar. Depois, atacou Júnior, e ele também a atingiu, deixando-a inconsciente.

— E Andreia? — Senti uma profunda angústia em visualizar a cena da tragédia da vida da minha irmã.

— Júnior deixou Karine desmaiada e pulou no mar para salvar Andreia, mas não a encontrou. Quando voltou para o barco, descobriu que tinha matado a ex-namorada.

— Meu Deus! — Levei a mão à cabeça, sentindo-me desnortado. — Mas como foi que a polícia chegou à conclusão de acidente?

— Ele fez com que parecesse um. Estavam próximos a uns rochedos, e ele levou o barco até lá. Depois, jogou Karine na água para que todos pensassem que elas tinham batido e caído no mar. Além do mais, o delegado na época não era Luís, mas um cara preguiçoso e muito corruptível.

— Júnior deu dinheiro para ele?

— Sim, mas de forma anônima. Você sabe que a família do pai dele tem muito dinheiro, teve facilidade em encobrir tudo.

— E por que você não contou isso à polícia? Foi cúmplice de tudo!

— De início, não acreditei em nada do que contou. Cheguei a acusá-lo de ter provocado o acidente da sua irmã, mas ele realmente a amava. Você precisava ver o desespero que demonstrava... — Era difícil demais engolir aquela história, porque eu simplesmente não conseguia enxergar as coisas da mesma forma. Meu pai, provavelmente, percebeu, porque logo se explicou: — Não me olhe desse jeito, Rodrigo. Você acha que eu não teria acabado com ele se tivesse qualquer dúvida? Ela é minha filha, porra! — Alterado, começou a chorar.

Merda! Mil vezes merda! Por que era tão complicado?

— Calma, pai. Continue a falar. Não vou mais te julgar. Me conte sobre Solange. Foi Júnior que a matou também, não foi?

Meu pai apenas balançou a cabeça em afirmativa, parecendo um pouco envergonhado ao fazê-lo.

— Vai dizer que também foi sem querer? — Eu deveria ter ficado calado, mas o sentimento obscuro que crescia dentro de mim não permitia que apenas ouvisse em silêncio.

— Não, é claro que não foi. Ela também estava começando a investigar e incentivando você e Cecília a fazerem o mesmo. Júnior me contou que foi até a casa dela, disfarçado, para lhe dar um susto, mas ela reagiu, tirou a máscara, e ele... a matou.

— E foi novamente uma questão de desespero? — ironizei. — Ninguém planeja um assassinato, fazendo parecer suicídio, quando está tão

desnorteado.

— Ele disse que foi o que aconteceu. Você realmente quer que eu continue a falar ou prefere ficar zombando dos meus julgamentos? Minha reação para ele foi dizer que iria à polícia. E era o que realmente faria, mas ele ameaçou levar Andreia. E chegou a levar, você sabe disso.

Eu sabia muito bem a qual ocasião ele estava se referindo; quando Júnior tirou Andreia da nossa casa apenas para nos assustar, mas acabou por devolvê-la. Pensei, naquele dia, que fora uma estratégia somente para que eu e Cecília desistíssemos de realizar nossa investigação amadora, mas a verdade era que também queria chantagear meu pai e fazê-lo se calar.

Era possível, sim, que houvesse algum resquício de desespero em tudo o que Júnior havia feito, porque, pelo relato do meu pai, a impressão que eu tinha era de que se tratava de uma sucessão de jogadas de azar. Contudo, não justificava suas reações e a forma violenta como decidira lidar com os problemas. Júnior era um assassino e não merecia nossa compaixão. Nem nosso luto. Preferia acreditar que meu pai agira em legítima defesa.

— Como você veio parar aqui com Cecília?

Meu pai suspirou e se remexeu. Provavelmente, o peso de Andreia deveria estar começando a deixar suas pernas dormentes, mas aquele gesto me fez dar um passo à frente e me aproximar mais deles. Estavam muito perto da beirada do píer e qualquer movimento em falso poderia fazer com que Andreia caísse no mar.

— Quando você foi buscar Andreia para trazê-la para cá, para onde deveria ser feita a troca, eu fui até ele.

— Então sabia onde ele estava esse tempo todo? — interrompi sua confissão.

— Eu desconfiava. Aquela casa onde Júnior prendeu Cecília era o local onde se encontrava com Andreia em segredo. Uma vez sua irmã me disse onde ficava e explicou que era uma propriedade que ele ganhou do pai. Contou também que planejavam morar juntos assim que resolvessem a situação com Karine.

Um sentimento de surpresa chegou rasgando meu peito como se fosse uma lâmina afiada. Seria o relacionamento deles tão sério a ponto de estarem

preparados para dividirem uma vida? Tudo bem que se conheciam há muitos anos e já eram amigos, mas tudo me soava absurdo demais.

— Não estou entendendo. Eu fui até lá, com Juan e meu avô, e acredito que tenha feito isso antes de você, mas não havia ninguém.

— Eu sei. Ele ficou escondido no carro, com Cecília no porta-malas, nas redondezas. Voltou assim que vocês saíram. Não tinha para onde ir, levando uma garota como refém.

Ao ouvir aquele absurdo, explodi:

— Então você sabia onde Cecília estava e não me falou? — Senti-me a ponto de perder completamente a cabeça. — Como quer que eu não te julgue? Como pode pedir que eu entenda suas atitudes? Ela poderia ter morrido!

— Não! — ele também alterou o tom de voz. — Não poderia porque eu não deixaria.

— Você quase a matou quando a jogou no mar. Ela estava amarrada! E mesmo se não estivesse, não sabe nadar. Por que a trouxe para cá? Por que manteve o plano de Júnior?

— Porque eu sabia que você não concordaria comigo — novamente, ele demonstrou constrangimento.

— Concordar com o quê?

Claro que ele não respondeu em um primeiro instante. E nem precisava. Pela forma como olhou para Andreia e como começou a mexer em seus cabelos, acariciando-os, com uma calorosa expressão de pesar, eu soube ao quê se referia.

— Você realmente está pensando em tirar a vida dela, não está? Por isso usou Cecília...

— Não quero mais que ela sofra.

Eu mesmo tinha alimentado aquela angústia em meu pai. Sendo o único meio de comunicação com Andreia, fui o responsável por confirmar suas suspeitas de que minha irmã não suportava mais viver. Era hora de lidar com as consequências.

— Isso não é algo que nos caiba julgar. Só Deus pode saber a hora certa de...

— Que Deus é esse, afinal? — ele explodiu. — Que Deus é esse que faz algo assim com uma garota tão jovem? Que tinha a vida inteira pela frente? — Deixou escapar uma risada de escárnio. — Aliás, essa é a maior ironia de todas, não acha? — Olhou mais uma vez para mim. — O fato de ela ter a vida inteira pela frente agora não é mais motivo de comemoração, mas de desespero. Imagine que ainda tenha cinquenta anos para viver. Como acha que vai suportar?

Não podia permitir que ele me convencesse. Aquilo era *errado*. Era *assassinato*. E se ainda houvesse alguma chance de cura, nem que fosse parcial? Como ficaria minha consciência ao saber que ela nem sequer tivera uma oportunidade?

Ao mesmo tempo, eu sabia que era apenas uma desculpa para não encarar a realidade. Não havia cura. A verdade era que minha irmã ficaria daquele jeito para sempre.

Pensando nisso, lancei um olhar em direção a ela e a vi, da mesma forma como estivera minutos atrás e da mesma forma como estaria dali a horas, se permanecêssemos na mesma situação. Contudo — talvez por coincidência, talvez por obra do destino —, seus olhos estavam voltados para o céu, como se orasse.

Uma vez que nenhum de nós dois estava submerso, não podíamos nos comunicar, mas não eram necessárias palavras para que eu conseguisse entendê-la, mesmo com suas expressões inanimadas. Sabia que pedia, em silêncio, que as estrelas lhe concedessem um desejo: sua liberdade. Agora eu tinha a chance de lhe devolver a paz que tanto necessitava, mas meu coração simplesmente ainda não estava pronto para aceitar.

— Pai, nós não podemos... — Àquela altura, eu já estava chorando. Na verdade, ambos estávamos. Era a decisão mais difícil de nossas vidas.

Contudo, o destino parecia ter outros planos para nós. O som de passos lentos, de sapatos batendo na madeira do píer, chamou minha atenção. A de meu pai também, uma vez que voltou seus olhos para algum ponto atrás de mim, parecendo assustado.

— Você? Mas... — ele mal conseguiu terminar de falar. Havia algo de muito errado.

Ceguei a rezear olhar para trás, mas quando o fiz, vi Júnior, de pé, vivo — embora mais parecesse uma assombração —, todo ensanguentado, parecendo ofegante pelo esforço e levemente torto, como se sua perna, provavelmente quebrada, mal suportasse o peso de seu corpo ferido.

No entanto, nada em sua aparência dilacerada se destacava tanto quanto o revólver que empunhava, apontado para nós.



SILÊNCIO



RODRIGO

As reações dos seres humanos podiam ser as mais curiosas possíveis. Alguns minutos atrás, tanto eu quanto meu pai discutimos a respeito da possível morte de Andreia, se seria justo ou não livrá-la daquele fardo, acabando com sua vida. Ele parecera muito convencido de que era o certo a fazer, e eu, por minha vez, cheguei a cogitar concordar com sua ideia aparentemente louca. Só que no momento em que outra pessoa surgiu, como uma ameaça a ela, nós dois nos prontificamos a protegê-la. Meu pai a apertou ainda mais nos braços, e eu me coloquei bem na frente da arma, ambos servindo de escudo.

— O que você está fazendo aqui, Júnior? Abaixa essa arma! — Tentei apaziguar as coisas, uma vez que parecia tão transtornado.

— Por favor, vocês sabem que é o certo a fazer... Não quero machucar ninguém, mas se for preciso vou atirar.

Nenhum de nós sabia o que dizer. Nossa reação foi ficarmos inertes, olhando para Júnior como se ele realmente fosse um fantasma, alguém que havia retornado dos mortos para nos atormentar. Porém, a verdade era muito clara. Ele estava bem vivo na nossa frente.

Enquanto permanecíamos imóveis, quase como se alguém tivesse pausado a cena, tudo o que eu pensava era em uma forma de me aproximar dele e rendê-lo, desarmando-o. Por mais que, talvez, a ideia de acabar com o sofrimento de Andreia me parecesse cada vez mais sensata e justa, eu não queria que Júnior, em seu descontrole, atirasse em um de nós. Ele não tinha nada mais a perder.

— Júnior, abaixe essa arma para podermos conversar. — Repeti, com os dois braços estendidos em rendição. Todos os meus movimentos precisavam ser calculados para que ele não os interpretasse de forma errônea. Caso contrário, tudo poderia ser posto a perder em um segundo.

— Não! Na última vez em que seu pai falou isso, eu acabei assim — apontou para si mesmo, tentando demonstrar o quanto fora ferido. — Vocês não vão me enganar de novo! Não quando é a vida de Andreia que está em jogo.

— Posso te dizer o mesmo. É a vida dela que está em jogo, e eu não vou brincar com isso. Se você não largar essa arma, ela pode acabar machucada. Sei que não é isso que você quer.

— É claro que não! Eu a amo! Tudo que fiz foi por esse amor. — Júnior começou a chorar. — Vocês não podem prendê-la neste mundo. Andreia sempre foi um espírito livre. Será que não veem que ela já está morrendo por dentro, aos poucos? Vocês são muito mais criminosos do que eu.

Se ele não estivesse com uma arma na mão, talvez eu pudesse sentir algum tipo de compaixão, porque no fundo estava certo. Havia muitas escolhas erradas naquela história, tanto feitas por ele — que eram inúmeras —, quando por nós. Manter Andreia conosco só poderia ser um ato de egoísmo.

Contudo, não éramos apenas nós que tomávamos caminhos equivocados. Mais uma vez o destino apresentava surpresas, pois Juan começava a se aproximar bem devagar, por trás de Júnior, pronto para desarmá-lo. Entrei em pânico, porque sabia que seria arriscado. Aquela tentativa poderia ser completamente desastrosa. Apesar disso, procurei não fazer nenhum movimento que denunciasse sua presença. Precisava deixar que ele arriscasse a sorte.

E foi o que fez. Por trás, Juan chegou dando um chute bem forte exatamente na perna com a qual Júnior mancava, fazendo-o cair e urrar de dor. A arma foi lançada para frente, deslizando pela plataforma de madeira, embora não tenha se afastado tanto assim do alcance de seu dono. Aproveitando a oportunidade, apressei-me em recolhê-la para que não fosse capaz de causar mais nenhum acidente.

Apontei-a na direção de Júnior que, mesmo com uma expressão de dor desesperadora, ainda se levantava.

— Você não vai atirar, Rodrigo. Eu te conheço. Não é violento, não vai querer ter sangue nas mãos — Júnior afirmou com toda a segurança.

— Prefiro que o sangue esteja nas minhas mãos do que nas suas. — Naquele instante, eu estava com a vantagem. Ao menos por ora, minha preocupação era outra. — Onde está Cecília? — indaguei a Juan.

— No carro.

— Porra, Juan, você deveria ter ficado cuidando dela! — gritei, alterado.

— Não podia ficar parado sabendo que vocês estavam aqui em perigo.

A tensão era quase palpável. Eu quase podia segurar meu medo nas mãos, da mesma forma como empunhava aquele revólver. Não fazia ideia do que aconteceria dali para frente, mas minha intuição dizia que não seria nada bom.

Tudo que eu queria, na verdade, era me livrar daquela arma. Ela não podia permanecer em minhas mãos para ferir alguém. Pensando nisso, sem hesitar, atirei-a ao mar. Era cada um por si.

No entanto, toda ação tem uma reação e daquela vez não foi diferente. No exato momento em que o revólver atingiu a água, toda a revolta de Júnior ficou evidente em seu semblante e em seus movimentos. Tudo o que aconteceu depois mais me pareceu uma sucessão de acontecimentos na velocidade da luz: Júnior se livrou dos braços de Juan e voou para cima de mim.

Apesar de eu ser maior, sua raiva o tornava um touro. Preparei-me para receber o golpe e consegui esquivar, atingindo-o no estômago. Júnior dobrou o corpo, e eu aproveitei para socá-lo no rosto, fazendo-o cair no chão.

Mas ele estava apostando no tudo ou nada. Gritando de dor, levantou-se e novamente se aproximou de mim, acertando-me no rosto, sem medir forças. Filho da puta!

Ouvi o som da cartilagem do meu nariz se deslocando, enquanto uma dor lancinante entorpecia meus cinco sentidos. Cambaleei e senti uma rápida vertigem, além de uma forte náusea. Júnior não esperou que eu me recompusesse, pois logo se preparou para vir para cima de mim outra vez. Eu desviei, fazendo-o tropeçar nos próprios pés e desabar no chão.

Agarrei-o pela camisa e o fiz levantar, dando-lhe outro um soco no rosto. O golpe seguinte, que veio em questão de segundos depois, foi dele, direto no meu estômago. Assim que me inclinei, ele aproveitou e atingiu uma cotovelada bem na minha costela. Foi tão forte que me fez cair no chão.

Enquanto eu gemia de dor e me contorcia, ele se aproximou de mim outra vez, colocando-se de pé na minha frente.

— Me desculpe, Rodrigo. Eu te admiro demais, você é um cara sensacional, mas não posso mais suportar as coisas como estão. — Ele

ergueu a perna boa, apoiando-se com dificuldade na outra, machucada, e me chutou na boca do estômago.

A bile veio queimando, quase me fazendo vomitar. Perdi um pouco a noção da realidade, e minha vista ficou escura por alguns instantes, mas não o suficiente para não visualizar o que estava acontecendo. Júnior acertava um soco bem no rosto do meu pai e pegava Andreia nos braços. Juan ainda tentou intervir, mas o olhar de nosso adversário em sua direção foi mais do que um aviso. Tratava-se de uma ameaça. Ninguém teria coragem de fazer qualquer coisa enquanto Andreia estivesse em seu poder.

Ele ficou parado algum tempo, na beirada do píer, segurando-a no colo, como se fosse algo precioso. Chorava como um menino, e sua voz embargada dizia:

— Eu te amo, linda. É minha culpa você estar assim, por isso, vou resolver tudo. Nunca mais você vai sofrer... Sei que não vamos nos encontrar do outro lado, porque eu não mereço ir para o céu, mas serei feliz se souber que você está bem. Eu te amo — ele repetiu a última frase em um sussurro e ergueu o braço esquerdo, aproximando o rosto de Andreia do dele, beijando-a.

Eu sabia o que faria em seguida. Sabia quais eram suas intenções. Ele entregaria Andreia ao oceano. Ou talvez a palavra correta fosse *devolver*, já que ela pertencia muito mais ao mar do que a qualquer um de nós.

Sim, eu sabia de tudo como se fosse uma premonição. Também sabia que poderia interferir, impedi-lo e salvar minha irmã, mas... salvar de quê? Se me levantasse naquele momento para arrancá-la dos braços de Júnior, eu a estaria condenando para sempre. Seria como uma corrente a aprisioná-la naquele mundo cinza, de horas letárgicas e dias eternos, de silêncios sufocantes e de lembranças cruéis. Ela não merecia tanto sofrimento.

Antes de realmente pular na água, levando Andreia consigo, Júnior virou-se para mim, sem dizer nada. Com um meneio de cabeça, que funcionou como uma despedida, ele se lançou ao oceano com um sorriso e minha irmã em seus braços.

Nenhum de nós três sequer se movimentou. Meu pai apenas permaneceu jogado no chão e se encolheu em posição fetal para chorar, dando a filha

como perdida. Juan também parecia comovido, observando-nos, esperando alguma instrução a respeito do que fazer.

Eu, por minha vez, sentia-me despedaçado. Cada um dos milhares pedaços de mim estavam sendo rachados pouco a pouco, tornando-se pó, e em breve não restaria nada, nem órgãos, nem músculos, nem células, nem sangue. Ficaria completamente vazio por dentro.

Talvez eu pudesse suportar essa provação. Só não poderia aceitar não me despedir.

Apavorado com a possibilidade de nunca mais vê-la, levantei-me com o máximo de pressa que consegui, tentando ignorar as dores que sentia, e comecei a avançar pelo píer, também na direção do mar. Antes, porém, de conseguir alcançá-lo, senti uma mão segurando meu tornozelo.

— Não, filho. Deixe-a ir. Por favor. — Abaixei a cabeça na direção do meu pai, enquanto ele implorava.

— Só quero dizer adeus.

Jamais falei palavras tão difíceis em toda a minha vida. Também nunca fiz algo que tivesse me ferido mais profundamente. Daquela vez, ao me jogar no mar, não senti nada similar à emoção que geralmente me acometia quando me lançava naquelas águas que tanto amava. Naquele instante, tudo o que me preenchia era dor. Não a física. Essa não me incomodava tanto quanto a emocional. Aquela era a última vez que conversaria com a minha irmã.

— *Andreia?* — chamei assim que me vi submerso, começando a nadar para procurá-la. — *Onde você está?*

— *Por favor, Rodrigo, não venha me buscar.* — Apesar do pedido, fiquei um pouco envergonhado com o que tinha a dizer a seguir, mas se queria encontrá-la, se queria vê-la uma última vez, precisava revelar minhas intenções, por mais difícil que fosse assumir que planejava deixá-la morrer.

— *Não vou fazer isso, Andreia. Quero dizer adeus.*

— *Você não precisava ter pulado no mar para isso. Poderia ter me chamado lá do píer.* — Havia um tom divertido em sua fala, como eu já não ouvia há muito tempo. Apesar das circunstâncias, aquele som chegou a me proporcionar algum tipo de alegria.

— *Eu quero ficar com você. Quero estar ao seu lado.*

Nós dois ficamos em silêncio por alguns segundos, e eu apenas esperei que ela me dissesse o que fazer.

— *Estou te vendo. Vou te guiando. Continue a nadar.*

— *Tudo bem, Dory*². — Era estranho conseguir brincar em uma situação como aquela, mas era a melhor escolha, já que Andreia parecia feliz. Não me restava alternativa a não ser aceitar.

— *Cala a boca, Tubarão!*

Não pude deixar de sorrir, mesmo debaixo d'água, ao ouvir o apelido. Só de ter aquela oportunidade de ouvi-la falando daquela forma, meu coração já ficou um pouco mais aquecido. Ela me guiou por alguns segundos, até que a vi. Inanimada como sempre, com aquela expressão impassível, mesmo pouco antes da morte.

Aproximei-me o suficiente para conseguir tocá-la. Agarrei sua mão e a mantive dentro da minha, planejando não soltá-la até que chegasse a hora. E eu não fazia ideia de quanto tempo demoraria.

— *Você não precisa ficar aqui.*

— *Não, não preciso. Mas você fez sua escolha, e eu fiz a minha.*

Ela não respondeu, e eu concluí que tinha aceitado minha decisão.

Calado, olhei para o lado e me deparei com Júnior. Por um momento, pensei em ajudá-lo, mas ele já estava inconsciente. Debilitado pelos ferimentos, não lhe sobrou muita resistência e nem muito tempo, por isso, infelizmente, minha escolha naquele quesito não era das mais difíceis — salvar o cara que tinha atacado Cecília e matado duas outras pessoas ou ficar com a minha irmã em seus últimos momentos. Além disso, ele também queria morrer.

Percebendo que eu estava olhando para ele, Andreia comentou:

— *Nós realmente nos amamos, Rodrigo. Sei que ele fez muitas coisas erradas, mas...*

— *Ele matou pessoas, Andreia.* — Eu a interrompi. — *Machucou e sequestrou Cecília. Não tem defesa.*

— *Eu sei que ele errou, mas isso não muda meu sentimento. Não apaga todas as coisas maravilhosas que fez para mim.*

Era a primeira vez que conversava com ela por intermédio de nossa conexão telepática, depois do acidente, estando frente a frente. A estranheza era inevitável, uma vez que ouvia sua voz claramente na minha cabeça, mas, ao olhá-la, tudo o que eu via era uma fria estátua de mármore flutuando no fundo do mar.

Queria poder ficar ali, apenas falando de trivialidades e deixando que o tempo passasse, mas havia perguntas a serem feitas, coisas que somente ela poderia explicar.

— *Andreia, posso te perguntar algumas coisas?*

— *Claro. Não temos nada para fazer mesmo...* — ironizou, e eu fingi que não ouvi, porque queria ir direto ao ponto.

— *Que história foi aquela de ter comprado um carro? Você não sabe nem dirigir.*

— *Jura que essa é a sua primeira pergunta? Porque a resposta é a mais idiota possível.* — Ela riu. — *Tantas coisas estranhas nesse caso, e você me pergunta sobre um carro? Isso é realmente relevante?*

— *Não, mas foi uma coisa que me surpreendeu.*

— *A explicação não é tão surpreendente assim. Comprei o carro com um dinheiro que eu tinha guardado, porque Júnior e eu precisávamos sempre sair da cidade para ficarmos juntos. Não queríamos que ninguém nos visse aqui.*

— *Você nunca foi de ligar para o que os outros pensam. Se vocês se amavam, porque a aprovação dos outros era tão importante?*

— *Não era, mas Karine iria nos infernizar, eu sei disso. Quando ela passou a desconfiar, começou a dar indiretas, falar mal de mim para todos, contar mentiras, se fazia de vítima. Sei que não era uma pessoa ruim, mas o ciúme estava mexendo com sua cabeça. E eu odiava magoá-la. Ela chegou a me mandar uma carta cheia de acusações. Fiquei tão chateada com isso que não tive nem coragem de jogar fora, por mais que Júnior tivesse me pedido para fazer isso. Jurava que, quando tudo se resolvesse, um dia iríamos rir da situação e rasgar aqueles desaforos todos, juntas.*

— *Eu sei dessa carta. Foi ela que Cecília pegou no seu quarto daquela vez* — expliquei.

— *Ah, foi isso? Eu deveria ter suspeitado, mas do ângulo em que estava, não pude ver exatamente o que era.* — Andreia riu.

— *Ela ficou muito arrependida.*

— *Não deveria. Fez o que qualquer pessoa assustada faria. Pode dizer a ela que fiquei chateada, mas já passou. Agora compreendo seus motivos.* — Andreia fez uma pausa. — *Você gosta dela, não gosta?*

— *Gosto. E você iria gostar também.*

— *Se ela te faz feliz, eu já gosto. Mas avise que, se te magoar, vou voltar como assombração para puxar o pé dela de noite.*

Era impressionante a naturalidade com que Andreia estava lidando com o fato de que, dentro de algum tempo, ela simplesmente não mais existiria.

— *Pode deixar que vou avisar* — respondi com um tom sorridente.

— *Mas me conte mais uma coisa. Se Karine contou sobre você e Júnior para todo mundo, como que ninguém nunca comentou sobre isso?* — perguntei, curioso.

— *Ela não contou... Nunca admitiria que foi trocada, guardou o segredo a sete chaves. Inventava outras histórias mentirosas sobre mim. E olha que ela nem tinha certeza se estávamos mesmo juntos.*

Assenti e ficamos em silêncio. Por um momento, temi que tivesse me abandonado definitivamente.

— *Andreia?* — chamei outra vez, quase em pânico, mas ela não tardou a responder:

— *Calma. Ainda estou aqui* — assegurou. — *Você tem mais perguntas a fazer?*

— *Tenho.* — Fiz uma pausa antes de continuar: — *Queria saber sobre a competição de natação na qual você trapaceou. Por que fez isso?* — Talvez não tivesse mais importância, ou não devesse ter, mas eu queria a resposta. A Andreia que eu conhecia não prejudicava pessoas em benefício próprio. Precisava descobrir se eu estava idealizando a pessoa errada.

— Fiz porque aquela garota era uma vadia! Ela humilhava as competidoras mais fracas e ainda por cima realmente usava dopping. Fiz um favor à humanidade. Aquela filha da mãe não merecia sequer entrar em uma piscina novamente. Sei que não usei os métodos mais ortodoxos para isso, mas... Ah, droga, eu também sou humana! Já fiz minhas merdas por aí.

Claro que eu preferia que fosse um mal-entendido, um engano, mas aquela explicação me bastava. Ali estava a Andreia que eu conhecia, capaz de defender os mais fracos da melhor forma que podia.

Pena que eu estava prestes a perdê-la.

— Você acha que existe um limite para nós? Para ficarmos debaixo d'água, quero dizer — ela surgiu com a pergunta de forma súbita, sem que eu sequer esperasse.

— É bem provável que exista, já que você acabou com tantas sequelas.

— Sim, mas acho que isso teve muito mais a ver com a pancada na cabeça do que qualquer outra coisa. Eu acabei perdendo a consciência e, conseqüentemente, o controle do poder.

— Talvez faça algum sentido. Acho que nunca saberemos o que aconteceu.

— Provavelmente, não, mas vamos finalmente saber qual de nós é o verdadeiro campeão de apneia — ela usou de sarcasmo para me provocar, mas logo o tom de sua voz pareceu mais sério ao acrescentar: — Rodrigo, se você sentir que está começando a sufocar, por favor, não fique aqui embaixo por minha causa. Não teste seus limites para me fazer companhia.

— Como se você pudesse ganhar de mim, Cara de Formiga — entrei na brincadeira.

— Você sabe que pode ser que fiquemos aqui por horas, não sabe?

— Sei. Ainda está em tempo de você desistir. — Tentei, mas nem eu mesmo sabia se queria que ela mudasse de ideia. No fundo, agora que já tinha aceitado a situação, parecia o certo a fazer.

— Você sabe que eu não vou desistir. Não posso desistir. Mas não vou ser hipócrita e dizer que não estou com medo.

Apertei a mão dela com carinho ao ouvir sua confissão.

— Sei que não é hora de falar uma coisa dessas, mas queria muito que você tivesse confiado em mim. Talvez tudo fosse diferente — lamentei.

— Talvez... Eu queria ter contado, Rodrigo, juro. Mas você é meu ídolo, aquele em quem sempre me espelhei. Não queria que me visse como a amiga traira.

— Eu nunca pensaria isso.

— Bem, seja como for, falei com nosso pai. Ele me aconselhou da melhor forma possível, e eu não lhe dei ouvidos. Provavelmente o mesmo aconteceria com você.

— A teimosia sempre foi sua marca registrada — zombei.

— Parte do meu charme.

Eu não fazia ideia de quanto tempo já tinha passado desde que caímos no mar. Pelas minhas deduções, algo em torno de dez, quinze minutos, não mais do que isso. Se fôssemos normais, se aquela ligação com o mar não existisse, nós dois já estaríamos inconscientes.

— Você acha que Karine já me perdoou? — ela perguntou, quase como se devaneasse.

— Isso te importa tanto assim? Você sabe que não estava errada, não sabe? Não pode se culpar por ter se apaixonado por alguém.

— Tudo seria bem mais fácil se não tivesse me apaixonado — ela afirmou com um tom melancólico.

— O amor nunca é fácil. Ele chega como uma catástrofe em nossas vidas, exigindo o maior pedaço do nosso coração e invadindo nossa mente por inteiro, fazendo todos os outros sentimentos se espremerem em um canto. É meio que uma droga, te entorpece. Você não vê mais nada, não ouve... — Fiz uma pausa. — Algo assim não pode ser bom. E, ao mesmo tempo, é a melhor coisa do mundo.

— Desde quando você filosofa sobre o amor, Rodrigo Fernandes? Aquela garota está mesmo te fazendo bem — ela brincou, embora o som de sua voz ecoando em minha mente parecesse levemente embargado.

— Ela é incrível. Acho que estamos no caminho certo. — Enquanto eu falava, pude sentir um tom de orgulho em minha própria voz, e isso

surpreendeu até a mim. Com certeza deve ter provocado a mesma sensação em Andreia, mas ela preferiu não comentar nada. — *Voltando a Karine, acho que deve ter te desculpado, sim. No lugar onde ela está, todos perdoamos e somos perdoados.*

— *Que bom. Espero encontrá-la por lá para poder dizer que sinto muito pelo que aconteceu.*

Por alguns breves minutos, eu cheguei a esquecer qual era o real motivo de estarmos ali, debaixo daquelas águas, conversando muito mais do que tínhamos feito em dois anos. Estávamos à espera da morte. Aguardávamos sua chegada, não com ansiedade, mas com reverência, como a luz no fim do túnel. O que era um pouco irônico.

— *Espero encontrar nossa mãe também. Algum recado para ela?*

Putá merda, por que será que aquilo tinha que ficar cada vez mais difícil?

— *Só diga a ela que eu a amo e que sinto saudade.* — Eu também estava chorando.

— *Ela deve estar muito orgulhosa do homem que você se tornou, Rodrigo. Eu também estou. Sei que ainda vai fazer grandes coisas na vida, que ainda vai ser muito feliz.*

Se aquilo não soava como uma despedida definitiva, eu não sabia o que mais poderia ser.

— *Andreia... você...* — havia tanto desespero na forma como falei que ela com certeza percebeu.

— *Estou aqui. Ainda não vou a lugar algum. Ao menos por enquanto, mas a hora vai chegar, Rodrigo. Você sabe disso, não sabe?* — ela indagou como se falasse com uma criança de cinco anos.

— *Sei. Estamos aqui para isso, afinal* — falei, com um leve tom de ironia.

— *Eu vou ficar bem, maninho.*

— *Claro que vai. Você é uma guerreira.*

Ela não respondeu nada. Provavelmente, não se considerava tão forte, levando em consideração seu estado, que, de fato, era sua única fragilidade. Aquela garota maravilhosa mantivera sua mente intacta, apesar de tudo.

O tempo foi passando cada vez mais rápido, implacável. Apesar de termos uma resistência quase sobrenatural, conforme os minutos iam passando, eu começava a me sentir muito cansado, como se minhas forças estivessem se esvaindo. Andreia também parecia no mesmo estado, talvez até um pouco mais exausta, pois sua voz soava cada vez mais baixa e trêmula.

Eu sabia que a hora estava chegando. Precisava me afastar e voltar para a praia antes que também fosse levado pela morte, mas era difícil dizer o adeus definitivo. Parecia complicado na mesma medida para Andreia, algo que pude sentir na emoção em sua voz:

— *Você vai cuidar do papai, não vai?* — sua voz não era nada mais do que um sussurro.

— *Claro que vou, querida.*

— *Ele também é forte, só precisa de ajuda.*

— *Eu sei.*

Talvez fosse a hora. Se eu tinha que me despedir para sempre, não poderia partir sem dizer a coisa mais importante de todas.

— *Eu te amo, Cara de Formiga.* — Merda! Era cruel demais. — *Vou sentir tanto a sua falta.* — Esperava que ela não sentisse, por meio daquela comunicação especial, o quanto eu estava destruído por dentro.

— *Eu também te amo, Tubarão.* — Mesmo em minha mente, eu conseguia sentir o quanto estava fraco, proferindo cada palavra com muita dificuldade. — *Promete que vai ser feliz? Promete que...*

Mas ela não conseguiu concluir a frase. Simplesmente partiu.

— *Eu prometo, querida. Eu prometo* — respondi, embora ela já não me ouvisse mais. Na verdade, nem estava mais ali, naquele corpo que fora sua prisão por dois anos.

Soltar a mão de Andreia foi a coisa mais difícil que precisei fazer na vida. Sentia como se a estivesse abandonando, embora não tivesse nenhuma intenção de deixá-la. Pretendia levá-la comigo para lhe dar um fim digno, o que ela merecia.

Estava exausto, quase perdendo os sentidos, mas agarrei o corpo de Andreia, tentando buscar algum sinal de vida antes de tirá-la do mar. Nada.

Minha irmã realmente partira. Foi então que uma estranha combinação de alívio e pura tristeza se apossou de mim. Ela finalmente estava livre e em paz, mas eu precisaria descobrir como conseguiria viver dali para frente sem uma parte de mim.

No final das contas, tínhamos nossa resposta: eu suportava mais tempo na apneia do que ela. Mas aquela era a única competição que eu não fazia a menor questão de ganhar.

Com ela em meus braços, busquei meus últimos resquícios de energia e comecei a nadar para emergir.



CECÍLIA

Já fazia mais de uma hora e meia que Rodrigo pulara no mar atrás da irmã e não havia retornado. A cada minuto que passava, eu entrava mais e mais em pânico. Embora soubesse que sua resistência debaixo d'água era algo completamente alheio à lógica, começava a perder as esperanças de que o veria com vida novamente. Nenhum de nós se atrevera a lançar-se no oceano, porque sabíamos que não teríamos condições de encontrá-los.

Eu já tinha saído do carro e me encontrava no píer, jogada no chão e abraçada ao pai de Rodrigo. Não me importava que ele fosse praticamente um estranho para mim ou que tivesse me feito de refém. Depois poderíamos acertar nossas contas. Naquele momento, éramos duas almas desesperadas, buscando conforto uma na outra. Alguém que era muito importante para nós estava perdido naquele mar obscuro à nossa frente. Era tudo o que importava.

Quando minhas esperanças pareciam prestes a se esvaír, fechei os olhos bem apertados e comecei uma oração. Já fazia um bom tempo que não tinha uma boa conversa com Deus, e eu nem sabia se Ele me escutaria, mas precisava tentar. Pedi que protegesse Rodrigo e que o trouxesse de volta para mim. Pedi também que recebesse Andreia de braços abertos e que a confortasse depois de dois anos de tristeza.

Talvez minhas preces tivessem sido atendidas, porque Juan me cutucou, me fazendo abrir os olhos. Assim que segui a direção para onde seus dedos apontavam, enxerguei Rodrigo saindo do mar, carregando Andreia. Ele parecia exausto, como se fosse desabar na areia a qualquer momento.

Não esperei nem um segundo para me levantar e sair correndo na direção deles dois a toda velocidade. Meu coração martelava contra o peito como se fossem punhaladas certeiras, com certeza tanto pelo esforço da corrida quanto pela ansiedade em tocá-lo e senti-lo vivo.

No exato momento em que cheguei perto dele, Rodrigo desabou, depositando Andreia na areia com todo o cuidado. Estava pálido, respirando com dificuldade, e só isso já seria suficiente para que eu percebesse que tinha exigido demais de si mesmo.

Em segundos, Juan e o pai de Rodrigo também chegaram do nosso lado, e o pai de Rodrigo se abaixou para medir a pulsação da filha.

— Ela se foi, pai — Rodrigo anunciou, quase sem voz, fazendo um esforço imenso para falar.

A constatação o fez jogar-se na areia, sentado, puxando a filha para os braços. Ainda ofegante, mas parecendo se recuperar aos poucos, Rodrigo virou-se para mim, com olhos tristes, e eu soube que estava completamente destruído por dentro. Não que houvesse qualquer dúvida antes.

Sentei-me ao seu lado, pronta para ouvi-lo, porque sabia que tinha algo a dizer.

— Nunca passei por uma situação tão difícil. — Apesar de ainda estar debilitado, Rodrigo parecia falar com um pouco mais de facilidade. — Deixar minha irmã morrer... Olhar para ela enquanto ia perdendo a vida... Por várias vezes pensei em desistir e trazê-la de volta.

— Você sabe que fez a coisa certa, não sabe? — perguntei, e ele balançou a cabeça em concordância. — Ela está melhor agora.

— Sei disso, mas o fato de saber não torna as coisas mais fáceis.

— É claro que não, mas vai melhorar. Tudo vai ficar bem. — Era difícil encontrar as palavras certas a dizer. E talvez o melhor fosse ficar em silêncio e apenas permanecer ao lado dele. Na verdade, foi exatamente o que me pediu logo em seguida:

— Fica comigo, baby. Me abraça, por favor.

Ele nem precisava pedir duas vezes. Envolvi seu corpo molhado e gelado nos meus braços, apertando-o bem forte contra mim, deixando que chorasse todas as lágrimas que precisava chorar, embora eu soubesse que, mesmo assim, não seria suficiente.

O mar também parecia de luto, atormentado, rugindo atrás de nós, embalando a cena triste que havia se formado.

Éramos almas partidas, cada uma a seu modo, fechadas em nossa sociedade secreta, esperando que a alvorada nos proporcionasse algum tipo de esperança.



CECÍLIA

Não havia nada mais cinzento do que o céu de Solário naquela tarde. A cidade também estava de luto por Andreia. Dois dias depois de sua morte, após seu corpo ser levado para o IML para análises — já que a verdade sobre Júnior tê-la jogado no mar foi contada à polícia —, nós a enterramos.

Muitas pessoas foram prestar suas condolências à moça, e todos pareciam visivelmente emocionados, enquanto cumprimentavam os três homens da família Fernandes, oferecendo seus sentimentos e todo o tipo de ajuda que pudessem precisar.

Apesar de devastados, os três pareciam verdadeiras rochas, de pé, aguentando firme. Volta e meia, Rodrigo olhava para mim, tentando esboçar um sorriso, mas tudo o que conseguia era parecer ainda mais triste. Queria poder abraçá-lo e tirá-lo dali para que não continuasse testemunhando cenas tão horríveis, mas eu sabia que ele queria carregar o caixão da irmã.

Eu já tinha visitado os túmulos de Karine e Solange, levado-lhes algumas flores e feito uma promessa de que jamais as esqueceria. Isso pareceu tirar um peso da minha alma.

Vovó e Pauline estavam ao meu lado, com seus braços entrelaçados aos meus e os olhos marejados. Não tive a chance de conhecer Andreia antes do acidente, mas elas, sim, e o sofrimento era genuíno.

Além das pessoas que já conhecia — Ruth, Ísis, Kiko e Juan —, também estavam presentes outros familiares de Rodrigo que me eram desconhecidos. Uma tia, ex-esposa do irmão de seu pai, com quem eles não pareciam ter muito contato, e duas primas bem jovens, Elisa e Érica, que moravam em Bela Aurora, uma cidadezinha vizinha a Valença, no Rio. Todas as três também eram a própria imagem da tristeza, sofrendo pela parente perdida.

Depois do velório, do cortejo fúnebre e do sepultamento, Rodrigo aproximou-se de mim, passando o braço ao meu redor. Também enlacei sua cintura e encostei a cabeça em seu ombro.

— Você pode ir para a minha casa comigo?

— Claro. Foi o que combinamos, não foi? — Uma vez que o pai de Rodrigo estava completamente devastado, passaria alguns dias com Omar.

Para que Rodrigo não ficasse sozinho, eu lhe faria companhia. — Só preciso arrumar minhas coisas.

— Mas era sobre isso que eu estava falando. Vai para lá comigo, eu te empresto alguma coisa. Amanhã resolvemos o resto.

— Tudo bem — respondi. Em retribuição, Rodrigo beijou o topo da minha cabeça.

Continuamos andando, com nossas famílias logo à frente.

Rodrigo me guiou até seu carro para partirmos. Assim que o alcançamos, nos deparamos com Luís nos esperando. Era a última coisa que precisávamos, mais um problema que teríamos que enfrentar.

— Meus pêsames, Rodrigo — ele falou, com uma expressão e um tom respeitosos. Rodrigo não disse nada, apenas balançou a cabeça em agradecimento. — Sei que não é o momento certo para pedir que me esclareça algumas coisas, mas...

— Tem razão, Luís. Não é o momento. E que bom que você compreende isso — com toda a sua ironia, Rodrigo respondeu. Sua expressão também parecia impassível, muito séria. Involuntariamente, o braço que ele mantinha ao redor da minha cintura apertou-me um pouco mais, como se estivesse bastante incomodado.

— Vou precisar que tanto você quanto Cecília, além do seu pai, apareçam na delegacia para prestarem depoimentos oficiais.

— Acho que Juan já contou tudo o que aconteceu, não foi? — Rodrigo indagou outra vez, porém, Luís apenas bufou, não impaciente, mas quase pesaroso por ter que insistir diante da situação.

— Você sabe que não é suficiente. Não torne as coisas mais difíceis do que já são. Trata-se de um incidente onde duas pessoas morreram, uma foi sequestrada e outras três saíram feridas. Meu irmão falou que Júnior foi o responsável por tudo, e eu estou disposto a acreditar na versão dele e fechar o caso, mas é uma questão de formalidades. Estou respeitando o luto de vocês, só que ainda precisaremos conversar.

Nenhum de nós falou nada, apenas balançamos a cabeça, concordando. Na verdade, acho que teríamos dito e feito qualquer coisa para que ele saísse dali e nos deixasse em paz.

— Outra coisa, só a nível de informação: o corpo de Júnior foi encontrado esta manhã. Foi levado ao IML, e os pais dele estão esperando liberação para que possam enterrá-lo.

— Assim que tiver a oportunidade, vou visitá-los para demonstrar meu pesar. Eles não têm culpa pelo que aconteceu. Só que, por enquanto, as coisas estão muito difíceis, e eu preciso dar força à minha família.

Luís também assentiu e, com um meneio de cabeça, afastou-se de nós. Finalmente.

— Ele não vai desistir, não é? — perguntei, enquanto Rodrigo abria a porta para que eu entrasse no carro.

Rodrigo deu a volta e também entrou, colocando-se de frente para o volante.

— Não, não vai, mas é o trabalho dele. Tem sido paciente até demais.

— Sim, é verdade — respondi, dando de ombros. — Vamos para casa agora?

Antes de responder, Rodrigo olhou pela última vez para o exato ponto onde Andreia tinha sido enterrada, como se lhe enviasse um último adeus. Ao voltar-se para mim, abriu um sorriso. Não era dos mais alegres, porque a situação não permitia, mas, ao menos, estava tentando.

— Vamos.



RODRIGO

A minha roupa cheirava a morte. Então, assim que cheguei em minha casa, a primeira coisa que fiz foi me despir e entrar no chuveiro. Esperava que a água que caía em meu corpo lavasse toda a tristeza impregnada em mim.

Mas, quando saí do boxe, continuava me sentindo da mesma forma.

Enquanto esperava que Cecília também terminasse de tomar banho, tentei ficar sentado no sofá, mas havia uma imensa inquietude dentro de mim que não me deixava ficar parado. Mal me dei conta de que estava caminhando pela casa, de tão entorpecido que me sentia, até chegar ao quarto de Andreia, com Netuno atrás de mim. Ele também parecia um pouco deprimido, como se soubesse exatamente o que estava acontecendo.

Era estranho vê-lo completamente vazio, sabendo que ela nunca mais voltaria. Aquela sensação de definitivo me assustava desesperadamente. O tempo é um inimigo muito cruel quando seu adversário é a saudade de quem amamos. Eu sabia que um dia nos veríamos de novo, mas os anos que separavam nosso reencontro seriam longos demais, quase uma eternidade. Pensar nisso era doloroso, principalmente porque jamais tínhamos nos afastado. Nem mesmo durante aqueles dois anos posteriores ao acidente ela me abandonara.

Já com lágrimas nos olhos, estendi a mão para tocar suas várias medalhas, que ela costumava exibir acima da cama com orgulho, assim como eu. Aquelas eram as maiores provas de que era daquela forma que eu deveria me lembrar dela, como uma garota incrível, talentosa, gentil e muito feliz.

Apesar da certeza, me permiti lamentar por aquela perda uma última vez. Depois daquele dia, eu cumpriria a promessa que havia feito e tentaria ser feliz.

Cecília não demorou a aparecer, e eu estava tão absorto em minha tristeza que apenas tomei consciência de sua presença quando ela se sentou ao meu lado, passando os braços ao redor do meu ombro e me puxando ao seu encontro, para que eu pudesse usar seu peito para chorar.

Silenciosamente, agradeci por tê-la ao meu lado. Tornava tudo um pouco menos insuportável. Enquanto Cecília estivesse por perto, eu acreditava que tudo ficaria bem.

2 Personagem da Disney Pixar apresentada na animação Procurando Nemo, famosa por repetir a frase: “Continue a nadar”.



EPÍLOGO



Seis meses depois

CECÍLIA

— E o vencedor é... Rodrigo Fernandes!

O resultado foi ovacionado por toda a plateia, até mesmo pelas torcidas de outros atletas. E não era para menos, afinal, aquela era a primeira competição sediada em Solário desde o acidente. Além disso, ela inaugurava a reforma do Centro Aquático, que passaria a se chamar Andreia Fernandes, uma homenagem mais do que merecida. No fundo, todos os presentes queriam que Rodrigo fosse o vencedor, principalmente porque ele não competia há anos.

Aquele centro também fora reformado para que crianças das comunidades carentes, tanto da cidade quanto das redondezas, pudessem aprender alguns esportes aquáticos, e Rodrigo fora o primeiro a se voluntariar para dar aulas de natação. O projeto, na verdade, era uma das coisas que andava devolvendo sua alegria aos poucos. Não que eu pudesse minimizar minha importância, já que ele fazia questão de dizer todos os dias o quanto me amava e o quanto eu lhe fazia feliz.

Orgulhosa, assisti um Rodrigo sorridente subir ao pódio e receber seus prêmios. Fora primeiro lugar em apneia e natação, as duas únicas categorias das quais participou. Enquanto eu batia palmas, sentada ao lado da minha família e da dele, seus olhos se voltaram na minha direção, dando uma piscadinha sexy.

Era bom vê-lo feliz depois de tempos tão tenebrosos. A morte de Andreia foi devastadora para toda a família Fernandes, mas aos poucos eles começaram a superar, embora a saudade jamais pudesse ser deixada para trás.

Assim que ele foi liberado dos cumprimentos da organização do campeonato, veio diretamente para mim. Passando apenas um braço pela minha cintura, ergueu-me do chão e me deu um beijo para comemorar.

Um baita beijo, diga-se de passagem.

— Vamos torrar boa parte dessa grana na viagem.

O meu sorriso radiante foi a resposta que ele precisava. Naquela mesma tarde, partiríamos para Búzios a fim de passarmos o Reveillon, que caíria em uma segunda. A perspectiva de mudarmos de ares, por mais que fosse uma

cidade muito próxima, nos deixava muito animados. Seria nossa primeira viagem naqueles seis meses juntos.

— Fala sério, Zero! Você não perdeu a forma, hein! — Kiko aproximou-se de nós ao lado de Ísis, Ruth, Juan e Pauline.

— Deixa de ser idiota, Kiko. O Rodrigo não gosta desse apelido — Ísis reclamou, sempre implicando com o rapaz, mesmo depois de terem assumido o namoro há alguns meses.

— Tudo bem. Acho que posso me acostumar com ele. — Rodrigo deu de ombros e surpreendeu a todos, até mesmo a mim, com aquela afirmação. Ele estava tão feliz que justificava sua atitude relaxada.

— Cecília, tem uma pessoa te esperando lá fora. — Pauline se voltou para mim. A expressão preocupada em seu rosto também me deixou apreensiva. — E acho melhor você ir sozinha.

Olhei para Rodrigo, que também estava me olhando, e apenas saí do local, curiosa para saber quem me esperava.

Para a minha surpresa, tratava-se da minha mãe. A última pessoa que queria ver. Eu finalmente conseguira conquistar minha felicidade, não queria que nada me atrapalhasse.

— Você parece bem, Cecília. Fico feliz em te ver assim — ela falou enquanto eu me aproximava, parecendo emocionada. Quase dava para acreditar que sentira a minha falta.

— Obrigada — decidi responder com amabilidade, tentando não me estressar. Talvez estivesse me tornando uma pessoa melhor. — O que está fazendo aqui, mãe?

— Vim ver você. E sua avó, é claro. — Ela parecia desconfortável, ora estalando os dedos, ora remexendo nos cabelos acobreados, aos quais os meus haviam puxado.

— Olha, eu acho que chegou no momento errado. Rodrigo, meu namorado, e eu, vamos sair da cidade no Reveillon.

— Ah, sim. Sua avó me falou. Mas eu estou de férias e pretendo passar alguns dias aqui em Solário.

— Ah... — Minha reação não foi das mais animadas, e eu nem tentei disfarçar.

— Não se preocupe. Vou ficar em uma pousada. Mas gostaria muito de passar algum tempo com você quando voltar.

Negar parecia a escolha mais simples. Com certeza seria o que eu faria algum tempo atrás, mas o que eu teria a perder? Ela não poderia mais me ferir, já que minha vida estava totalmente nos eixos.

— Tudo bem, mãe. Podemos fazer isso, mas não quero que espere nada de mim.

— Justo... — Ela deu um passo à frente e encostou a mão em meu rosto, me fazendo um carinho desajeitado. — Espero que ainda haja esperança para nós. Tenho muito o que me desculpar.

Não respondi nada, mas a verdade era que, secretamente, eu desejava a mesma coisa. Queria ser capaz de perdoá-la e libertar meu coração daquele rancor.

Depois de dar seu recado, ela se afastou. Com seu *timing* perfeito, Rodrigo chegou, abraçando-me pela cintura.

— Tudo bem? — ele perguntou, preocupado.

— Claro. — Na verdade, realmente estava. Era muito estranho, mas a conversa com a minha mãe tinha me feito bem. — Podemos ir? Ou você ainda tem muitas fãs para cumprimentar, senhor campeão?

— Sou todo seu — ele afirmou com uma voz tão sexy que eu poderia tê-lo agarrado ali mesmo. Ainda bem que eu era uma mulher razoavelmente controlada. — Só tem um probleminha.

— Qual?

— Mudei um pouquinho os nossos planos. Vai ter que confiar em mim — afirmou, enquanto me conduzia até a porta, onde um táxi já nos esperava.

— Você sabe que eu confio.

— Ótimo, porque planejo finalmente te ensinar a nadar. Mas em um lugar especial. Suas malas já estão no bagageiro.

— Mas por que um táxi?

— Porque vamos para o aeroporto. Quando chegarmos lá, você saberá para onde vamos. — Rodrigo soltou uma gargalhada quando me viu arregalar os olhos. — E então, confia em mim? — Ele abriu a porta do carro, esperando que eu entrasse.

— Tenho outra escolha?

— Claro que não. *Eu* sou sua escolha, baby, e você é a minha.

Aquela era a melhor possível, aliás. A que me fizera imensamente feliz, mesmo quando acreditei que tudo estava perdido. Naquele momento, enquanto entrava no carro e me acomodava, senti que minha vida estava apenas amanhecendo.

Eu era como uma alvorada, desabrochando e recomeçando, dia após dia.

Fim



AGRADECIMENTOS



“Você não sabe o quanto eu caminhei para chegar até aqui...”

Cada passo, cada conquista, cada derrota... tudo o que vivi nessa carreira serviu para que este livro que vocês têm em mãos fosse lentamente desenhado e se tornasse o que é hoje. Alvorada nasceu em 2013, como uma história que eu sabia que precisava contar, mas que ainda não fazia ideia de como se desenrolaria. Rodrigo e Cecília eram apenas fantasmas em minha mente e foram se materializando aos poucos, ganhando força e meu coração.

Todos os livros que escrevi até hoje são muito especiais para mim. Tenho alguns guardados ainda na gaveta, esperando seu momento, mas há algo em Alvorada que me faz acreditar que eu realmente estou seguindo o caminho certo.

Contudo, como sempre, um caminho nunca é trilhado sozinho. Algumas pessoas fazem também parte dessa história.

Nunca posso deixar de dirigir meus agradecimentos à minha família. Meus pais, avós, minha tia Ana, prima Isabela (e Cupido, é claro). Vocês sempre em primeiro lugar, porque foram e são a minha base, meus pilares, aqueles que me ensinaram tudo o que sei hoje. Sem vocês nada disso seria possível. Tia Vanda, Ana Paula, Cláudia e pequeno Théo, amo demais vocês também.

Minha melhor amiga, Luciane Rangel, que está sempre presente para me atender nas horas mais inusitadas para desabafos, conselhos ou apenas para dar aquelas risadas que a gente tanto gosta. Que São Maracujá continue protegendo a nossa amizade. Te amo.

Renata Frade, minha agente, amiga e parceira; obrigada por acreditar no meu trabalho e vibrar comigo a cada vitória. “Tamu” juntas.

Simone Fraga, minha querida editora, que teve tanto carinho com meu livro e que me recebeu de braços abertos na casa, abraçando Alvorada de forma tão entusiasmada. Você é dez!

À minha família postiça, por todo o apoio de sempre: Sonia, Lorena, Bárbara, Jorge Felipe, Bruno, Fernanda, Alan, Cleide, Martha e Tuca.

A alguns amigos literários, que fizeram a diferença em minha vida: Kamile Girão (minha amorinha), Elimar Souza, todo o pessoal da

CapaComics, às meninas do Entre Linhas e Letras, Patrícia Trigo, Patrícia Barbosa, Priscila Braga, dentre muitos outros. Meus betas tão amados: Cintia Cavalcante, Ana Carolina Marçulo, Camila Moura e Hamilton Kabuna.

Se seu nome não está aqui, não se sinta excluído, o amor é grande do mesmo jeito.

Aos meus queridos leitores, tanto os mais antigos quanto os que estão chegando agora. Sejam bem-vindos. Peguem uma cadeira, sentem-se e aproveitem o café. Vocês são a razão de tudo isso. É por vocês e para vocês que coloco todos os meus sentimentos no papel todos os dias.

Mas, principalmente e sempre, para André, meu melhor amigo, meu companheiro, meu amor... Aquele que veio como um presente, que compreendeu meu sonho desde o princípio e que sonhou comigo, acreditando, incentivando e lutando ao meu lado, sempre me estendendo a mão para que eu me erguesse das quedas e oferecendo o ombro quando precisei chorar. Meu marido, meu príncipe, minha alvorada... Te amo.



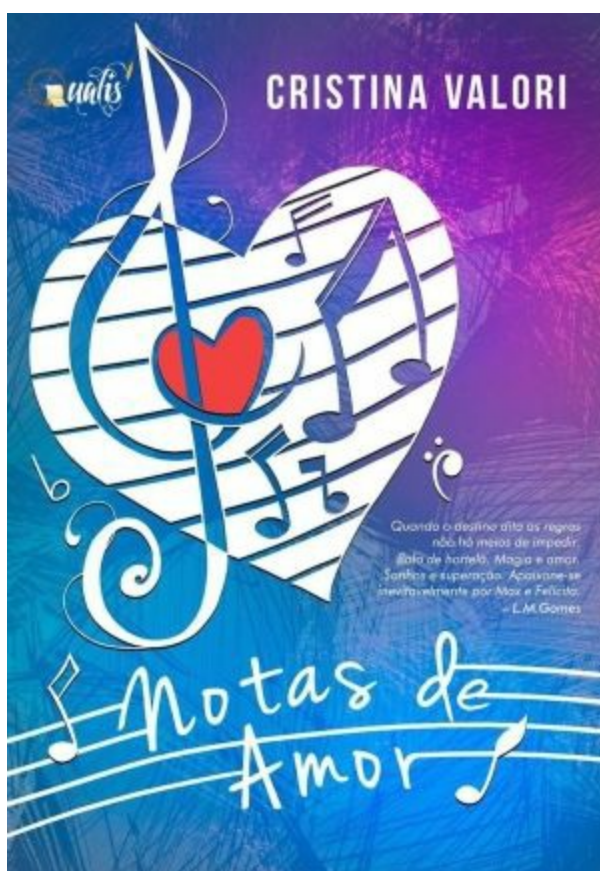
NOTA DA AUTORA



A ONG Paraíso dos Focinhos é real e faz um trabalho maravilhoso com nossos amigos de quatro patas. Eles estão sempre precisando de ajuda e doações. Para mais informações:

<https://paraisodosfocinhos.com.br/>

A cidade de Solário é fictícia. Ela foi criada diante da minha vontade de contar a história de Rodrigo e Cecília em um cantinho que fosse só deles. Vocês podem imaginá-la do jeito que quiserem, com suas praias, cheiro de maresia e a areia fofinha sob seus pés.



CRISTINA VALORI

Quando o destino dita as regras
não há meios de impedir.
Bata de coração. Magia e amor.
Sonhos e superação. Apaixone-se
inevitavelmente por Alex e Felício.
— L.M. Gomes

Notas de
Amor

Notas de amor

Valori, Cristina

9788568839669

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aos 19 anos, Felícita estreou como cantora. A Corriqueira rejeição de sua família e a mistura do álcool naquela noite a aproximou de Maximiano, que, hipnotizado, deixou-se envolver pelas emoções. Ela, pela decepção, ele, pelos acordes do timbre perfeito, ambos encontraram nos braços um do outro o acalento que precisavam. Contudo, as consequências dessa noite marcariam esses dois jovens para sempre. Para Felícita, significaria uma nova trajetória, e para Max, uma longa busca por um par de olhos azuis.

[Compre agora e leia](#)



Três heróis

Oliveira, JF

9788568839706

220 páginas

[Compre agora e leia](#)

Imagine abrir os olhos e perceber que você não sabe nada sobre si próprio, de onde veio, quem você conhece e, nem mesmo, quem você é! Todas suas memórias desaparecendo em um simples piscar de olhos, inclusive sua personalidade se apagou. E adicione isso ao estar em um mundo completamente estranho, com árvores imensas, criaturas que tentam te matar, elfos, espadas e magia... Eu entrei em desespero, não entendia mais o mundo, quase como se naquele breve momento nada existisse e eu estivesse completamente sozinho. Mas onde há escuridão há, também, luz, e eles foram a minha. Me apoiaram e me deram um propósito. Toda história tem um início, mesmo que eu não lembre o meu. Portanto, escolhi aquele momento como meu ponto de partida. Lentamente tomei conhecimento das coisas ao meu redor. Então, resolvi me dedicar a eles. Algumas vezes pegamos os caminhos errados, causando resultados indesejáveis. Foi assim que descobri algo importante: Somente amigos podem nos resgatar da solidão. Mas, quando pensamos que finalmente acabou...

[Compre agora e leia](#)



Me descobrindo sua

Gomes, L.M.

9788568839270

169 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jane era uma jovem tranquila, com seus sonhos e planos, até o destino lhe sorrir com um lindo amor de verão. A certeza do "felizes para sempre" mudou sua vida inteira e viver um conto de fadas parecia o caminho. Mas, e quando na verdade o fim é um recomeço? Ela descobre que nem sempre promessas são cumpridas e, depois de ver seu coração destruído, decide que finais felizes definitivamente não existem. James tinha sua vida toda planejada e centrada, nada o abalava até ver o seu anjo. Alguém jovem, linda e que carregava uma alma ferida e um coração blindado. Naquele momento ele se viu, mesmo sem perceber, em meio à batalha de sua vida: fazer Jane descobrir que, na verdade, o destino queria que ela fosse sua desde sempre.

[Compre agora e leia](#)

TONY FERRAZ
AUTOR DE "O ARTIFICE"



ENTREVISTANDO O
DEMÔNIO



Qualis'

Entrevistando o demônio

Ferraz, Tonny

9788568839621

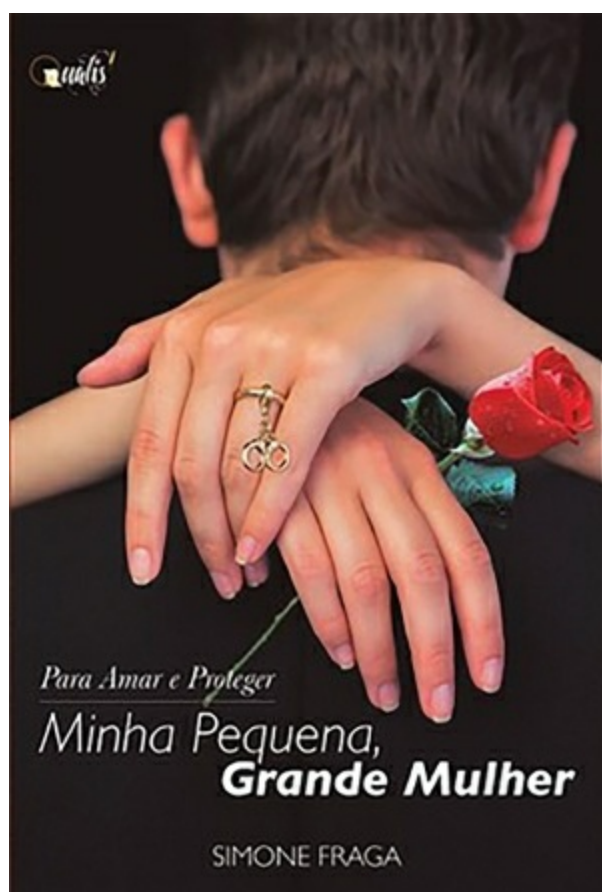
200 páginas

[Compre agora e leia](#)

A filosofia do pensador Eric Russel é destrinchada nesta obra, onde Tony Ferraz se vale de personagens de seu livro anterior para criar metáforas arditamente costuradas. Após ser capturado, um serial killer é enviado para uma prisão de segurança máxima em Thamesmead, Londres. Nicholas Flamme, um psiquiatra inexperiente, é convocado por motivos obscuros para conduzir por vinte e oito dias as entrevistas que serão utilizadas em seu julgamento. Emily é uma atriz que procura fazer carreira no teatro inglês. Estas tramas serão atadas em uma história surpreendente sobre o sentido da vida.

[Compre agora e leia](#)

Quênis



Para Amar e Proteger

Minha Pequena,
Grande Mulher

SIMONE FRAGA

Minha pequena grande mulher

Fraga, Simone

9788568839454

358 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nem mesmo uma infância sofrida e cheia de abusos impediram Júlia de se tornar uma mulher forte e independente, a frente dos negócios da família. Mas o passado retorna e traz com ele a melhor e a pior parte de sua história. Lucas sempre protegeu a amiga de infância e por ela se apaixonou em segredo, um sentimento que só fez crescer durante todos esses anos e que nem mesmo a distância o fez diminuir. Quando o maior pesadelo de Júlia retorna, ele fará de tudo para mantê-la a salvo, de preferência ao seu lado e na sua cama. Mas será que Júlia estará preparada para entregar-se a um novo Lucas e seus desejos e preferências que podem assustá-la? O amor, a confiança, o respeito e a proteção, cujos sentimentos envolvem essa relação, serão fortes o suficiente para resistir e vencer o passado de violência o qual ela ainda tem de enfrentar?

[Compre agora e leia](#)